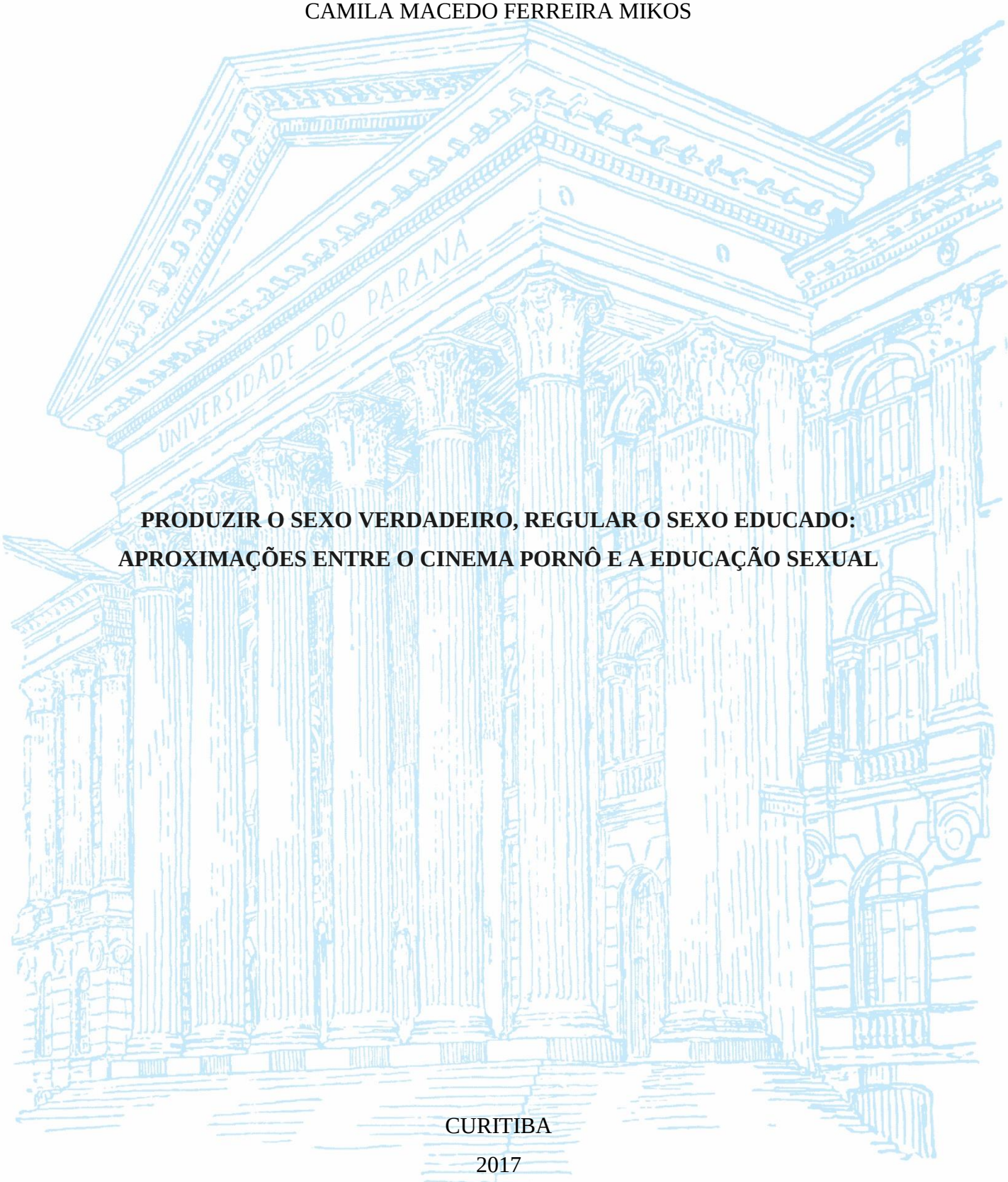
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

CAMILA MACEDO FERREIRA MIKOS



PRODUZIR O SEXO VERDADEIRO, REGULAR O SEXO EDUCADO: APROXIMAÇÕES ENTRE O CINEMA PORNÔ E A EDUCAÇÃO SEXUAL

CURITIBA

2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

CAMILA MACEDO FERREIRA MIKOS

PRODUZIR O SEXO VERDADEIRO, REGULAR O SEXO EDUCADO: APROXIMAÇÕES ENTRE O CINEMA PORNÔ E A EDUCAÇÃO SEXUAL

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Educação, no Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Jamil Cabral Sierra

CURITIBA
2017

Catalogação na publicação
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Mikos, Camila Macedo Ferreira.
Produzir o sexo verdadeiro, regular o sexo educado: aproximações entre o cinema pornô e a educação sexual. – Curitiba, 2017.
156 f.

Orientador: Prof. Dr. Jamil Cabral Sierra
Dissertação (Mestrado em Educação) – Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná.

1. Educação sexual. 2. Pornografia. I.Título.

CDD 372.8

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
Setor de Educação
Programa de Pós-graduação em Educação

PARECER

Defesa de Dissertação de Camila Macedo Ferreira Mikos para obtenção do Título de MESTRA EM EDUCAÇÃO. Os abaixo assinados, Prof. Dr. Fernando Altair Pocahy, Prof.ª Dr.ª Priscila Piazentini Vieira, Prof.ª Dr.ª Juslaine de Fátima Abreu Nogueira, Prof. Dr. Jamil Cabral Sierra, arguiram, nesta data, a candidata acima citada, a qual apresentou a seguinte Dissertação: "PRODUZIR O SEXO VERDADEIRO, REGULAR O SEXO EDUCADO: APROXIMAÇÕES ENTRE O CINEMA PORNÔ E A EDUCAÇÃO SEXUAL".

Procedida a arguição, segundo o Protocolo aprovado pelo Colegiado, a Banca é de Parecer que a candidata está Apta ao Título de MESTRA EM EDUCAÇÃO, tendo merecido as apreciações abaixo:

BANCA	ASSINATURA	APRECIAÇÃO
Prof. Dr. Fernando Altair Pocahy		APROVADA
Prof.ª Dr.ª Priscila Piazentini Vieira		Aprovada
Prof.ª Dr.ª Juslaine de Fátima Abreu Nogueira		APROVADA
Prof. Dr. Jamil Cabral Sierra		APROVADA

Curitiba, 31 de março de 2017.

Prof. Dr. Geraldo Balduíno Horn
Coordenador do PPGE

Prof. Dr. Geraldo Balduino Horn
Coordenador do Programa de
Pós-Graduação em Educação
MPAP 137032 / MSHAPE 2169216

AGRADECIMENTOS

Ao **Jamil Cabral Sierra**, por erotizar a leitura, a escrita, a pesquisa e a orientação acadêmicas. Pelas falas inspiradoras e provocativas, pela escuta sensível e interessada, pelos diálogos intelectualmente excitantes que perpassaram a feitura desta pesquisa – bem como da nossa amizade. Agradeço pela parceria potencialmente criativa, por me acompanhar e orientar nesta trajetória sem desrespeitar minha autonomia, por termos quisto e podido compartilhar e misturar nossas inquietudes e transformá-las nesta dissertação. Agradeço não só pelo orientador, mas também – e com muito bem-querer - pelo amigo que você tem sido.

À **Ligia Durski**, por praticar diariamente a escolha e o exercício de estarmos juntas. Agradeço pela maneira de amar, de desejar, de partilhar prazeres, de acompanhar e de se entregar que forjamos em nós e para nós. Agradeço por envolvermo-nos no corpo, na carne, nas palavras, nos afetos e nas movimentações uma da outra, por experimentarmos e aventurarmo-nos em fluxos e floemas. Por embaralharmos raiz, tronco, copa e flor da pele, arvorecendo-nos na mudança, no desvio e no vir a ser. Eu te agradeço pela possibilidade do encontro entre Eu-Tu.

À **Verônica Macedo**, pelo amor imenso que seguimos tecendo e compartilhando. Por ter sido, esse amor, o meu primeiro convite ao pertencimento, à acolhida, à possibilidade de fazer-me existente na relação com o outro. Eu te agradeço por nos proporcionar a vivência de uma relação que se estende para além da maternidade e da filiação, uma relação arraigada na amizade, no respeito e no cuidado mútuo. Agradeço pela sua dedicação, pelo seu incentivo e pelo seu suporte (emocional, intelectual, material, ético), sem os quais não me teria sido possível construir e percorrer os caminhos por onde tenho me movimentado.

À **Ana Paula Macedo Máttar**, pela existência-irmã. Pela cumplicidade, pelo crescer compartilhado, pela(s) infância(s) e pelo(s) amadurecimento(s) que construímos juntas. Agradeço pela escuta, pelo riso, pela união, pelo amparo, pela amizade, pela força transformadora que você desperta em mim. Eu te agradeço por ter sido – e seguir sendo - um radical aprendizado sobre alteridade. Por ter sido – e continuar fazendo-se – essa mobilizadora experiência de afeto.

Ao **Marco Kramer**, pelas aventuras e companheirismos dessa amizade-irmandade. Agradeço pela dedicação em se fazer presente, mesmo quando geograficamente tão distante. Pela leveza com a qual relativiza minha auto exigência, oferecendo-me a mão para que trilhemos juntos caminhos mais incoerentes, mais *non-sense*, mais flutuantes. Agradeço por

você conseguir me acolher e me desafiar, oferecer conforto sem acomodar, pondo-me em movimento e possibilitando que eu me transforme continuamente em outras de mim mesma.

À **Juslaine Abreu-Nogueira**, por ter me iniciado nas investigações acadêmicas e seguir caminhando comigo nos novos passos que temos ensaiado. Agradeço pela amizade acolhedora, transformadora, instigante e inspiradora. Pela sua presença e seu afeto perpetuarem em mim a vontade de me aventurar em outros pensamentos, em outros modos de fazer ciência, de fazer cinema, de artistar a vida. Agradeço pelos diálogos, trocas e interlocuções que fizemos, fazemos e ainda - assim desejo! – faremos. Agradeço pela sensibilidade e pelo entusiasmo com os quais você mobiliza e compartilha inquietações, fazendo-nos vibrantes e agigantadas em cada novo encontro.

Ao **Fernando Pocahy** e à **Priscila Vieira**, por terem participado de maneira tão generosa, disponível e atenta na banca de qualificação, contribuindo muito com a realização deste trabalho. Agradeço também por aceitarem, com a mesma entrega às trocas, participar da banca final.

À **Lucimar Rosa Dias**, por aceitar fazer parte da banca de defesa como suplente.

Às professoras, aos professores, às funcionárias e aos funcionários do **PPGE-UFPR**. Em especial à **Maria Rita César**, ao **André Duarte** e à **Tânia Braga**, cujas aulas reverberaram na realização desta pesquisa.

Às e aos participantes dos grupos de pesquisa **LABIN** – Laboratório de Investigação em Corpo, Gênero e Subjetividade na Educação (UFPR) e **CINECRIARE** – Cinema: Criação e Reflexão (Unespar), pelos estudos partilhados.

À **Andreia Lais Cantelli**, amiga e parceira desse percurso no mestrado, por ter me ensinado muito sobre a educação, sobre a militância e sobre a potência do deboche. Agradeço também às demais amizades e encontros oriundos da minha passagem pelo mestrado, em especial à **Thais Vieira**, à **Carolina Langnor**, à **Megg Rayara**, à **Dayana Brunetto**, à **Jasmine Moreira**, à **Tamires Tolomeotti** e à **Marcielly Moresco**, pelas provocações e reflexões realizadas em conjunto.

À **Jessica Candal**, **Janaina da Veiga**, **Felipe-Shak**, **Jeff Grochovski**, **João Miguel Santana**, **Amanda Moleta** e **Larissa Sant'Anna**, pelas trocas afetivas, políticas e profissionais (as quais, apesar das vírgulas, estabelecem-se sem fronteiras). Agradeço por nos inquietarmos coletivamente e por estabelecermos parcerias, criando brechas para a discussão de gênero e sexualidade no campo do audiovisual.

À **Capes**, pela concessão da bolsa que viabilizou o desenvolvimento desta pesquisa.

Os controles da masturbação praticamente só começaram na Europa durante o século XVIII. Repentinamente, surge um pânico: os jovens se masturbam. Em nome deste medo foi instaurado sobre o corpo das crianças − através das famílias, mas sem que elas fossem a sua origem − um controle, uma vigilância, uma objetivação da sexualidade com uma perseguição dos corpos. Mas a sexualidade, tornando−se assim um objeto de preocupação e de análise, como alvo de vigilância e de controle, produzia ao mesmo tempo a intensificação dos desejos de cada um por seu próprio corpo... O corpo se tornou aquilo que está em jogo numa luta entre os filhos e os pais, entre a criança e as instâncias de controle. A revolta do corpo sexual é o contra−efeito desta ofensiva. Como é que o poder responde? Através de uma exploração econômica (e talvez ideológica) da erotização, desde os produtos para bronzear até os filmes pornográficos... Como resposta à revolta do corpo, encontramos um novo investimento que não tem mais a forma de controle−repressão, mas de controle−estimulação [...].

Michel Foucault[2]

[2] Microfísica do Poder. Rio de Janeiro: Graal, 2004, p. 104.

RESUMO

O que os filmes pornográficos ensinam sobre o sexo? As pedagogias da sexualidade exercidas pelo cinema pornô são incompatíveis com as exercidas por outras instâncias – reconhecidas e legitimadas - de educação sexual? Ou estariam, esses múltiplos discursos, sob a égide de uma mesma norma - tanto constituídos por ela, quanto (re)constituintes da mesma? A proposta desta pesquisa, enviesada pelos estudos de gênero e sexualidade de aporte teórico pós-estruturalista, é se aproximar dessas questões, tomando como objetos de análise o filme *Garganta Profunda* (1972) e os cinco volumes que compõem a *Enciclopédia da Vida Sexual: da Fisiologia à Psicologia* (1973). A partir da noção foucaultiana de *dispositivo de sexualidade*, busco entender as tramas de poder-saber que possibilitaram que os discursos produzidos por essas duas instâncias pedagógicas tenham sido tomados como verdadeiros acerca do sexo, do gênero, do desejo e das práticas que dessa cadeia decorrem, bem como identificar os saberes que estariam sendo (re)produzidos pelo filme e pela enciclopédia - sendo esses saberes, consequentemente, também condicionantes de outras emergências discursivas. Em um movimento de acercamento de artefatos culturais entendidos, habitualmente, como discordantes (filme e enciclopédia), e mediante a apresentação de elementos da história da educação sexual escolar brasileira, extraídos do período compreendido entre os anos 1920 e 1990, este trabalho intenciona traçar uma espécie de genealogia da educação sexual, mostrando as continuidades e descontinuidades históricas que possibilitam um encontro, nos anos 1970, entre pornografia e educação sexual.

Palavras-chave: Educação sexual. Pornografia. Dispositivo de sexualidade. Garganta Profunda. Enciclopédia da Vida Sexual.

ABSTRACT

What does pornographic movies teach about sex? Are pornographic pedagogies of sexuality incompatible with those pedagogies exercised by other instances – recognized and legitimized – of sex education? Or these multiple discourses would be under the aegis of the same norm – constituted by it as well as (re)constituents of it? Instrumented by the studies of gender and sexuality with post-structuralist theoretical perspective, the proposal of this research is to approach these questions taking the film *Deep Throat* (1972) and the five volumes of *Enciclopédia da Vida Sexual: da Fisiologia à Psicologia* (1973) as objects of analysis. From the foucaultian notion of *dispositive of sexuality*, I try to understand the interlacings of power-knowledge that enabled that the discourses produced by these two pedagogical instances have been taken as true about sex, gender, desire and the practices that result from this chain, as well as to identify the knowledges that would be (re)produced by the film and the encyclopedia - being these knowledge, therefore, also conditioners of other discursive emergencies. In an approachment movement of cultural artifacts usually understood as discordant (film and encyclopedia), and through the presentation of elements of the history of brazilian school sex education, extracted from the period between 1920 and 1990, this work intends to essay a kind of genealogy of sex education, showing the historical continuities and discontinuities that make possible a meeting between pornography and sex education in the 1970s.

Keywords: Sex education. Pornography. Dispositive of sexuality. Deep Throat. Enciclopédia da Vida Sexual.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - *PRINT SCREEN* DE MATÉRIA PUBLICADA *ONLINE* 13
FIGURA 2 - *PRINT SCREEN* DE MATÉRIA PUBLICADA *ONLINE* 14
FIGURA 3 - *PRINT SCREEN* DE MATÉRIA PUBLICADA *ONLINE* 14
FIGURA 4 - *PRINT SCREEN* DE MATÉRIA PUBLICADA *ONLINE* 15
FIGURA 5 - *PRINT SCREEN* DE MATÉRIA PUBLICADA *ONLINE* 15
FIGURA 6 - *PRINT SCREEN* DE MATÉRIA PUBLICADA *ONLINE* 16
FIGURA 7 - FRAMES DO *STAG A FREE RIDE* (1915) 21
FIGURA 8 - *THE HORSE IN MOTION* (MUYBRIDGE, 1878) …… 34
FIGURA 9 - *CHEVAL BLANC MONTÉ* (MAREY, 1886) ……... 34
FIGURA 10 - *NUDE WOMAN DESCENDING STAIRS* (MUYBRIDGE, 1887) …. 36
FIGURA 11 - *NUDE MAN DESCENDING STAIRS* (MUYBRIDGE, 1887) ……... 36
FIGURA 12 - FOTOGRAFIA DO FILME *VÍCIO E BELEZA* (1926) 41
FIGURA 13 - CARTAZES DO *EXPLOITATION "MOM AND DAD" (1945)* 42
FIGURA 14 - COMPARAÇÃO ENTRE CARTAZ DO *NUDIE* "*GARDEN OF ÉDEN"* (1954) E ILUSTRAÇÃO DA *ENCICLOPÉDIA DA VIDA SEXUAL* (COHEN, J. ET AL., 1975B, PG. 76-77) 43
FIGURA 15 - CARTAZ DE DIVULGAÇÃO DO DOCUMENTÁRIO *SEXUAL FREEDOM IN DENMARK* (1970) 44
FIGURA 16 - *FRAMES* DA SEQUÊNCIA INICIAL DO DOCUMENTÁRIO *SEXUAL FREEDOM IN DENMARK* (1970) 44
FIGURA 17 - PÔSTER DO FILME *GARGANTA PROFUNDA* 46
FIGURA 18 - *FRAMES* DO FILME *MONA: THE VIRGIN NYMPH* (1970) 48
FIGURA 19 - FASCÍCULOS DA COLEÇÃO *AMAR* 57
FIGURA 20 - VOLUMES ENCADERNADOS DA COLEÇÃO AMAR 57
FIGURA 21 - CARTAZ DO FILME *A SUPER FÊMEA* (1973) 60
FIGURA 22 - *FRAMES* DE SEQUÊNCIA DE AÇÃO SEXUAL DO FILME *A NOITE DAS TARAS* (1980) 60
FIGURA 23 - *FRAMES* DE *CLOSES* USADOS EM SEQUÊNCIA DE AÇÃO SEXUAL DO FILME *A NOITE DAS TARAS* (1980) 61
FIGURA 24 - *FRAMES* DE *COISAS ERÓTICAS* (1981) 61

FIGURA 25 - COMPARAÇÃO ENTRE *FRAMES* DE PLANOS UTILIZADOS PARA FILMAR AÇÕES DE SEXO ORAL NOS FILMES *COISAS ERÓTICAS* (1981) E *GARGANTA PROFUNDA* (1972) 62
FIGURA 26 - EXEMPLO DE *TRANSCRIÇÃO ILUSTRADA* DO FILME *GARGANTA PROFUNDA* 68
FIGURA 27 - EXEMPLO DE *TRANSCRIÇÃO ILUSTRADA* DE SEQUÊNCIA DE AÇÃO SEXUAL DO FILME *GARGANTA PROFUNDA* 69
FIGURA 28 - *FRAME* DO FILME *GARGANTA PROFUNDA* (GARGANTA..., 1972, 24MIN) 86
FIGURA 29 - *FRAME* DO FILME *GARGANTA PROFUNDA* (GARGANTA..., 1972, 13MIN) 91
FIGURA 30 - ILUSTRAÇÃO DA ENCICLOPÉDIA (COHEN, J. ET AL., 1975A, P. 16-17) 92
FIGURA 31 - ILUSTRAÇÃO DA ENCICLOPÉDIA (COHEN, J. ET AL., 1975A, P. 14-15) 92
FIGURA 32 - ILUSTRAÇÃO DA ENCICLOPÉDIA (COHEN, J. ET AL., 1977B, P.29) 93
FIGURA 33 - ILUSTRAÇÃO DA ENCICLOPÉDIA (COHEN, J. ET AL., 1977C, P. 70/71) 93
FIGURA 34 - ILUSTRAÇÃO DA ENCICLOPÉDIA (COHEN, J. ET AL., 1977C, P. 25) 93
FIGURA 35 - ILUSTRAÇÃO DA ENCICLOPÉDIA (COHEN, J. ET AL., 1977A, P. 34) 94
FIGURA 36 - *FRAME* DO FILME *GARGANTA PROFUNDA* (GARGANTA..., 1972, 37MIN) 94
FIGURA 37 - ILUSTRAÇÃO DA ENCICLOPÉDIA (COHEN, J. ET AL., 1977A, P. 71) 94
FIGURA 38 - *FRAME* DO FILME *GARGANTA PROFUNDA* (GARGANTA..., 1972, 20MIN) 94
FIGURA 39 - *FRAME* DO FILME *GARGANTA PROFUNDA* (GARGANTA..., 1972, 45MIN) 95
FIGURA 40 - SOBREPOSIÇÃO DAS FIGURAS 37 E 38 95
FIGURA 41 - SOBREPOSIÇÃO DAS FIGURAS 37 E 39 95

FIGURA 42 - ILUSTRAÇÃO DA ENCICLOPÉDIA (COHEN, J. ET AL., 1977A, PG. 18) 96
FIGURA 43 - ILUSTRAÇÃO DA ENCICLOPÉDIA (COHEN, J. ET AL., 1975B, P. 52-53) 96
FIGURA 44 - ILUSTRAÇÃO DA ENCICLOPÉDIA (COHEN, J. ET AL., 1975A, P. 41) 97
FIGURA 45 - *FRAME* DO FILME *GARGANTA PROFUNDA* (GARGANTA..., 1972, 39MIN) 97
FIGURA 46 - ILUSTRAÇÃO DA ENCICLOPÉDIA (COHEN, J. ET AL., 1975A, PG. 37) 98
FIGURA 47 - *FRAME* DO FILME *GARGANTA PROFUNDA* (GARGANTA..., 1972, 25MIN) 99
FIGURA 48 - *FRAME* DO FILME *GARGANTA PROFUNDA* (GARGANTA..., 1972, 22MIN) 100
FIGURA 49 - *FRAME* DO FILME *GARGANTA PROFUNDA* (GARGANTA..., 1972, 26MIN) 101
FIGURA 50 - *FRAME* DO FILME *GARGANTA PROFUNDA* (GARGANTA..., 1972, 41MIN) 103
FIGURA 51 - *FRAMES* DO FILME *GARGANTA PROFUNDA* (GARGANTA..., 1972, 20MIN) 112
FIGURA 52 - UNIVERSO PORNÔ X MUNDO REAL – O CLITÓRIS E O ORGASMO DAS MULHERES 116
FIGURA 53 - *FRAME* DO FILME *GARGANTA PROFUNDA* (GARGANTA..., 1972, 6MIN) 123
FIGURA 54 - *FRAME* DO FILME *GARGANTA PROFUNDA* (GARGANTA..., 1972, 17MIN) 123
FIGURA 55 - *FRAME* DO FILME *GARGANTA PROFUNDA* (GARGANTA..., 1972, 19MIN) 123
FIGURA 56 - *FRAME* DO FILME *GARGANTA PROFUNDA* (GARGANTA..., 1972, 44MIN) 124
FIGURA 57 - *FRAME* DO FILME *GARGANTA PROFUNDA* (GARGANTA..., 1972, 47MIN) 124

FIGURA 58 - *FRAME* DO FILME *GARGANTA PROFUNDA* (GARGANTA..., 1972, 45MIN) 124
FIGURA 59 - *FRAME* DO FILME *GARGANTA PROFUNDA* (GARGANTA..., 1972, 18MIN) 125
FIGURA 60 - ILUSTRAÇÃO DA ENCICLOPÉDIA (COHEN, J. ET AL., 1977C, P.47) 125
FIGURA 61 - ILUSTRAÇÃO DA ENCICLOPÉDIA (COHEN, J. ET AL.,1977B, P. 68) 125
FIGURA 62 - ILUSTRAÇÃO DA ENCICLOPÉDIA (COHEN, J. ET. AL.,1977C, P. 84) 125
FIGURA 63 - ILUSTRAÇÃO DA ENCICLOPÉDIA (COHEN, J. ET. AL.,1977C, P. 78) 126
FIGURA 64 - ILUSTRAÇÃO DA ENCICLOPÉDIA (COHEN, J. ET. AL.,1977C, P. 83) 126
FIGURA 65 - ILUSTRAÇÃO DA ENCICLOPÉDIA (COHEN, J. ET. AL.,1977C, P. 252) 127
FIGURA 66 - SEQUÊNCIA DE *FRAMES* DO FILME *GARGANTA PROFUNDA* (GARGANTA..., 1972, 55MIN) 128
FIGURA 67 - FOTO DA PERFORMANCE *A PUBLIC CERVIX ANNOUNCEMENT* DE ANNIE SPRINKLE 136
FIGURA 68 - FOTO DA PERFORMANCE *A PUBLIC CERVIX ANNOUNCEMENT* DE ANNIE SPRINKLE 136

SUMÁRIO

PRIMEIRO ATO ◆ Set Up **12**

1.1 História Pregressa: narrativa de uma pesquisa(dora) 16

1.2 Preliminares: construindo o problema de pesquisa 20

1.3 Introduzindo (n)o(s) *corpus* de pesquisa 39

1.4 Tramas e enredos teórico-metodológicos: estranhando o modo de pesquisar 62

Primeiro Plot Point ◆ Penetrando o segundo ato **72**

As noções de sexo, gênero e sexualidade 73

SEGUNDO ATO ◆ Oh yeah! I'm coming **84**

2.1 *Go straight to the throat*: goela abaixo, a cadeia sexo – gênero - desejo 86

2.2 *Come straight from the throat*: goela afora, a sexualidade 99

2.3 *Inside, outside, inside, outside:* para dentro e para fora, o ato sexual 115

Segundo Plot Point ◆ Difrações para o terceiro ato **134**

As políticas pós-pornográficas 137

TERCEIRO ATO ◆ Pornoemesia **141**

Experimento pornoemésico ou um porno-experimento iconoclasta 145

THE END IS NOT A COME SHOT **146**

REFERÊNCIAS **148**

Primeiro
Ato

SET UP'

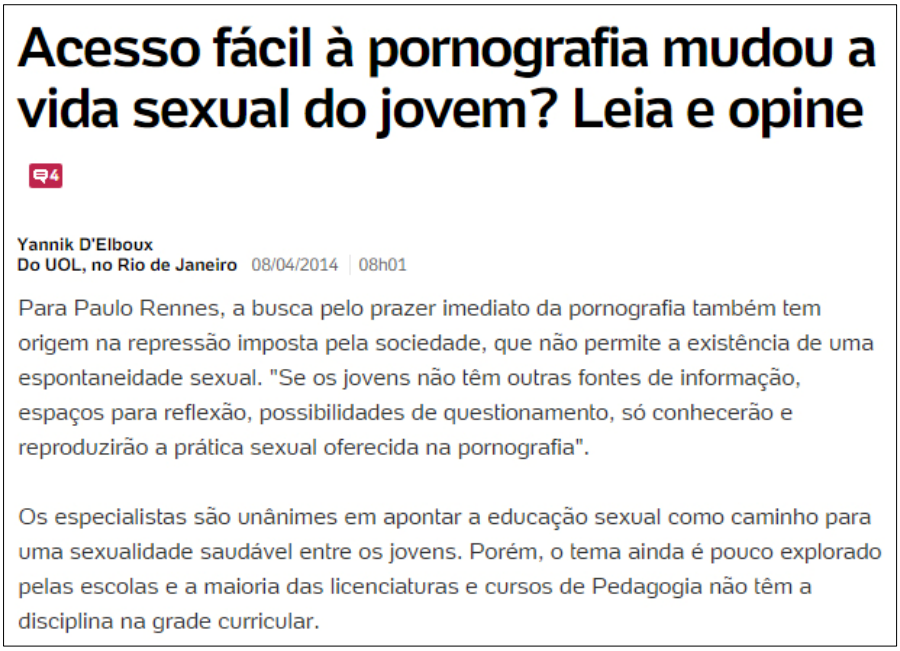
CENA 1 – INT. CASA DA PESQUISADORA – DIA

A PESQUISADORA está sentada em frente ao computador, seus dedos digitam algo. Vemos a tela do computador, o navegador de internet está na página da ferramenta de busca *Google*. Na barra de procura, vemos surgirem, letra a letra, as palavras: "pornografia e educação sexual". Lemos o indicativo do aparecimento de aproximadamente 280.000 resultados. O cursor do *mouse* para sobre alguns títulos de matérias. Clica. Páginas de portais de notícias são abertas em novas guias do navegador. Vemos algumas delas:

FIGURA 1 – *print screen* de matéria publicada *online*[3]

[1] Em *Manual do Roteiro* (1982), o produtor e roteirista estadunidense Syd Field propôs o que seria o *paradigma do roteiro* cinematográfico. O modelo estrutural apresentado por ele é dividido em três atos, sendo que: o primeiro, nomeado em inglês "*Set Up*", seria destinado à apresentação da história, das personagens e da premissa dramática do filme; o segundo – e mais extenso - ato seria destinado à *confrontação*, ao conflito/às dificuldades enfrentadas pela personagem principal para alcançar seus objetivos e/ou necessidades dramáticas; e, por fim, o terceiro ato, que seria destinado à *resolução* da trama. A passagem entre os atos se daria, então, pelo o que o autor intitula de *plot points* (ou "pontos de virada"), isto é, incidentes que promovam uma mudança na direção da ação dramática. O paradigma sydfieldiano é inspirado no modelo dramático clássico proposto pela Poética de Aristóteles e, não só foi, como ainda é, possível de reconhecermos em uma ampla quantidade de filmes, especialmente nas produções cinematográficas *hollywoodianas,* essa estruturação narrativa. Para fazer menção ao universo do Cinema, tanto em função do meu *corpus* de pesquisa quanto da minha formação profissional, na organização deste texto e em alguns títulos de capítulos, utilizarei elementos (como o cabeçalho de uma cena) e/ou termos (como "*set up"* e "história pregressa"*)* relacionados à realização cinematográfica.

[3] Disponível em: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/09/130921_educacao_sexual_pornografia_rw Acesso em: 07/04/2016.



Acesso fácil à pornografia mudou a vida sexual do jovem? Leia e opine

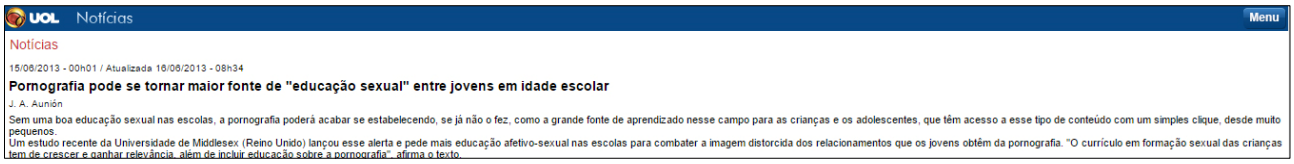
4

Yannik D'Elboux
Do UOL, no Rio de Janeiro 08/04/2014 | 08h01

Para Paulo Rennes, a busca pelo prazer imediato da pornografia também tem origem na repressão imposta pela sociedade, que não permite a existência de uma espontaneidade sexual. "Se os jovens não têm outras fontes de informação, espaços para reflexão, possibilidades de questionamento, só conhecerão e reproduzirão a prática sexual oferecida na pornografia".

Os especialistas são unânimes em apontar a educação sexual como caminho para uma sexualidade saudável entre os jovens. Porém, o tema ainda é pouco explorado pelas escolas e a maioria das licenciaturas e cursos de Pedagogia não têm a disciplina na grade curricular.

FIGURA 2 – *print screen* de matéria publicada *online*[4]



UOL Notícias Menu

Notícias

15/06/2013 - 00h01 / Atualizada 16/06/2013 - 08h34

Pornografia pode se tornar maior fonte de "educação sexual" entre jovens em idade escolar

J. A. Aunión

Sem uma boa educação sexual nas escolas, a pornografia poderá acabar se estabelecendo, se já não o fez, como a grande fonte de aprendizado nesse campo para as crianças e os adolescentes, que têm acesso a esse tipo de conteúdo com um simples clique, desde muito pequenos.
Um estudo recente da Universidade de Middlesex (Reino Unido) lançou esse alerta e pede mais educação afetivo-sexual nas escolas para combater a imagem distorcida dos relacionamentos que os jovens obtêm da pornografia. "O currículo em formação sexual das crianças tem de crescer e ganhar relevância, além de incluir educação sobre a pornografia", afirma o texto.

FIGURA 3 – *print screen* de matéria publicada *online*[5]

[4] Disponível em: http://mulher.uol.com.br/comportamento/noticias/redacao/2014/04/08/acesso-facil-a-pornografia-mudou-a-vida-sexual-do-jovem-leia-e-opine.htm Acesso em: 07/04/2016.
[5] Disponível em: http://m.noticias.uol.com.br/midiaglobal/elpais/2013/06/15/pornografia-pode-se-tornar-maior-fonte-de-educacao-sexual-entre-jovens-em-idade-escolar.htm Acesso em: 07/04/2016.

FIGURA 4 – *print screen* de matéria publicada *online*[6]

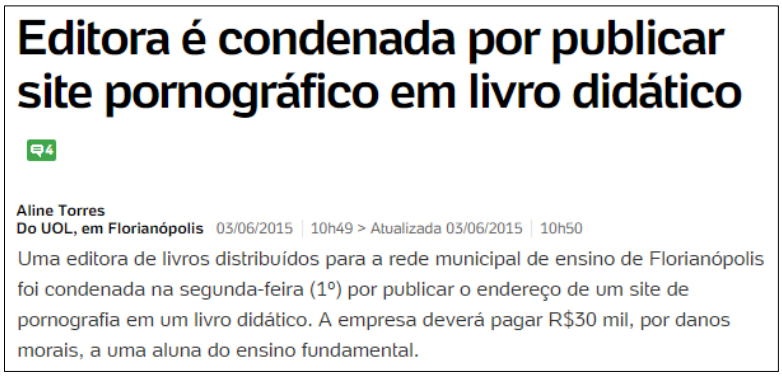


FIGURA 5 – *print screen* de matéria publicada *online*[7]

[6] Disponível em: http://g1.globo.com/mundo/noticia/2012/11/como-ensinar-adolescentes-diferenca-entre-sexo-real-e-pornografico.html Acesso em: 07/04/2016.
[7] Disponível em: http://educacao.uol.com.br/noticias/2015/06/03/editora-e-condenada-por-publicar-site-pornografico-em-livro-didatico-comente.htm Acesso em: 07/04/2016.

Ator pornô quer ensinar educação sexual nas escolas 57

AFP

Em Roma 23/12/2015 | 20h22

O italiano Rocco Siffredi, lenda do cinema pornográfico, iniciou uma campanha na internet para exigir o ensino de educação sexual nas escolas, e se oferece para compartilhar sua experiência com os alunos.

"A pornografia deveria ser considerada um entretenimento, mas por falta de alternativas se tornou a única forma de aprendizado para os jovens", disse o ator e diretor do cinema pornô, de 51 anos.

FIGURA 6 – *print screen* de matéria publicada *online*[8]

1.1 História Pregressa: narrativa de uma pesquisa(dora)

"Parece que aprendeu a fazer sexo com filme pornô".

Reescrevo essa frase, assim, logo de início, porque foi ela – casualmente proferida por uma colega da faculdade de Cinema – que, ao inscrever-se em mim, levou-me à escrita do projeto de pesquisa desta dissertação.

Em meados do ano de 2013, eu e mais algumas amigas, todas alunas da graduação em Cinema e Vídeo da Universidade Estadual do Paraná/Faculdade de Artes do Paraná, conversávamos sobre experiências sexuais. Uma delas, que até então só havia se relacionado com garotas, relatava suas recentes tentativas de envolver-se com rapazes. A fala "parece que aprendeu a fazer sexo com filme pornô" veio, pois, em tom de reclamação sobre a performance do parceiro: "ele só queria meter, meter". Na queixa, havia a proposição de um deslocamento: o sexo que minha colega supunha ter sido aprendido através dos filmes pornôs – talvez, então, o sexo que ela mesma conhecia a partir da pornografia - não contemplava o que ela desejava e nem as práticas que lhe eram, até ali, prazerosas.

Mas, bem, dentre as potências da pornografia, estaria também a de **ensinar**?

A frase que inicia este capítulo é, ademais, o princípio de uma inquietação. Os questionamentos que persigo nesta trajetória de pesquisa – sem ambição alguma de esgotá-los ou resolvê-los – são oriundos da constatação da minha colega de faculdade: a pornografia educa. Como estudante de cinema e aspirante a realizadora, dar-me conta dessa potência me ocupou, em um primeiro momento, no sentido de confabular sobre maneiras de fazer filmes

[8] Disponível em: http://educacao.uol.com.br/noticias/2015/12/23/ator-porno-quer-ensinar-educacao-sexual-nas-escolas.htm Acesso em: 07/04/2016.

pornôs que pudessem operar na desconstrução do que, parecia-me, a pornografia ensina sobre gênero e sexualidade.

Foi, então, pesquisando sobre pornografia feminista e, depois, pós-pornografia, que me deparei com Paul (na época, Beatriz) Preciado e seu *Manifesto Contrassexual* (2002); que acabou me levando à Judith Butler e ao *Problemas de Gênero* (1990); que, por sua vez, levou-me ao Michel Foucault e sua *História da Sexualidade* (1976 a 1984). Um percurso, no que se refere à cronologia das publicações, bastante às avessas, mas que, de certa maneira, relaciona-se ao gesto genealógico foucaultiano que inspira esta pesquisa. Para entender melhor Preciado e também os coletivos ligados às experimentações pósporno, eu precisei descamar a pintura de parede que essas obras realizam e me encontrar com algumas das tinturas que ali, nesta mesma parede, já haviam sido depositadas antes – e a partir das quais essas novas colorações puderam se formar.

Fazendo, mais uma vez, um movimento reverso, minhas investidas em ensaiar outros pornôs levaram-me a pensar sobre questionamentos "anteriores": o que, afinal, a pornografia (e qual é *a* pornografia?) ensina? De que maneira a linguagem cinematográfica é utilizada para que se produzam esses (e não outros) efeitos pedagógicos?

O envolvimento com tais perguntas incitou-me a tentar melhor traçar as relações entre pornografia[9] e educação. Nesta direção, minha primeira investida foi lançar ao *Google* os termos "pornografia" e "educação sexual". Percebendo que os resultados da busca, em sua maioria, conduziam ao entendimento de que se deve investir na educação sexual escolar tendo em vista o combate ao consumo de materiais pornô, lancei-me em uma nova trama – a que tentarei enredar, junto a algumas das perguntas anteriores, na escrita desta dissertação: O que é que se entende por "educação sexual escolar"? Os saberes sobre os sexos, sobre os gêneros, sobre os desejos e sobre as práticas sexuais que são produzidos pela educação sexual escolar - e/ou produtores da mesma - estariam assim tão afastados dos saberes produzidos - e/ou produtores - da educação sexual realizada pela pornografia? Ou estariam essas duas instâncias pedagógicas aliadas na reprodução de uma mesma norma?

[9] Mesmo compreendendo que "pornografia" é um conceito muito mais espraiado do que "pornografia audiovisual", bem como muito menos estável do que a redução da pornografia ao que há nela de hegemônico ou *mainstream* – afinal, "onde há poder há resistência" (FOUCAULT, 1999, p. 91) – no primeiro e no segundo ato desta dissertação, deixarei que o centro das minhas investigações siga sendo ocupado pela pornografia não-marginal: o pornô heterossexual, o pornô comercial, o pornô da indústria. Não se trata, no entanto, de uma tentativa de negligenciar as experiências dissidentes (nem tampouco as descontinuidades históricas) e consolidar a hegemonia, reduzindo e universalizando toda e qualquer experiência "pornográfica" às de cunho normativo. O que procuro, com esse movimento, é torcer as investidas em prol da perquirição e da categorização do "anormal" e lançar-me na interrogação da/do norma(l). Busco, para isso, voltar-me ao jogo entre o cinema pornô industrial e a educação sexual médico-científica, em seus encontros e desencontros, a fim de colocar sob suspeita a produção e naturalização de verdades do sexo que emergem das relações de poder-saber-prazer.

Meu intento, portanto, parte tanto da consideração de que a pornografia desempenha uma alçada pedagógica, quanto da desconfiança disto o que me foi apresentado como certo: a educação sexual escolar e a educação sexual realizada pela pornografia nas qualidades de instâncias pedagógicas heterogêneas e cujos saberes são incompatíveis.

Não se trata, no entanto, de uma defesa, a partir da aproximação entre elas, da pornografia como um instrumento pedagógico equivalente, em todos os seus aspectos, ao dos evocados pela educação sexual escolar. Também não se trata, por outro lado, de embutir na educação sexual escolar, pejorativamente, o rótulo de "pornográfica". O movimento ao qual me lanço direciona-se mais no sentido de perguntar o que há da educação sexual no *modus operandi* pornográfico e de pornográfico no *modus operandi* da educação sexual.

O que tentarei articular, nesta pesquisa, dá-se a partir de um recorte temporal específico: tomarei como "educação sexual escolar" as discussões e iniciativas que se desenvolveram no contexto brasileiro no período compreendido entre os anos 1920 e 1990 – processo que resultou na formulação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), que atribuem à "Orientação Sexual" (nomenclatura questionável utilizada para se referir à educação sexual) o status de Tema Transversal[10] - e, como cinema pornográfico, as produções oriundas da década de 1970, que inauguram a indústria do cinema pornô[11] – tendo sido escolhido, especificamente, o filme *Garganta Profunda* (*Deep Throat,* 1972)[12]. Teriam, a educação sexual e o cinema pornô, operado sob as mesmas condições de emergência?

Para tentar tecer as fiações e amarrações que configuram esta pergunta, além do filme pornográfico, somarei, à minha análise, uma enciclopédia de educação sexual, datada da mesma década. Segura de que existiriam outras muitas instâncias pedagógicas constituintes deste emaranhado discursivo ao redor do sexo e da sexualidade, a escolha deste segundo artefato cultural – precisamente, a *Enciclopedia da Vida Sexual: da fisiologia à psicologia*

[10] Os Parâmetros Curriculares Nacionais são uma política nacional de educação. A primeira edição, lançada em 1997, configura-se como diretrizes curriculares para o Ensino Fundamental (os Parâmetros para o Ensino Médio foram lançados posteriormente). Os volumes que compunham os PCNs eram organizados de acordo com as áreas do conhecimento (sendo: Língua Portuguesa; Matemática; Ciências Naturais; História; Geografia; Arte; e Educação Física, para os primeiros e segundos ciclos do Ensino Fundamental. Língua Portuguesa; Matemática; Ciências Naturais; História; Geografia; Arte; Educação Física; e Língua Estrangeira, para os terceiros e quartos ciclos do Ensino Fundamental) e por Temas Transversais (sendo: Ética; Meio Ambiente; Saúde; Pluralidade Cultural; e Orientação Sexual, para o primeiro ciclo. Ética; Meio Ambiente; Saúde; Pluralidade Cultural; Trabalho e Consumo; e Orientação Sexual, para o segundo ciclo). Os Temas Transversais seriam, então, temas pertinentes a questões sociais que não corresponderiam unicamente a uma área do conhecimento/disciplina, devendo ser incorporadas ao currículo de maneira transversal.

[11] Ainda que eu não os tome como *corpus* nesta pesquisa, além de *Garganta Profunda*, outros dois filmes também marcam este momento: *O Diabo na Carne de Miss Jones* (*The Devil in Miss Jones*), dirigido por Gerard Damiano, e *Atrás da Porta Verde* (*Behind The Green Door*), dirigido por Artie e Jim Mitchell, respectivamente lançados em 1973 e 1972.

[12] Mais adiante, destinarei um subcapítulo à apresentação detalhada do *corpus* de pesquisa.

(*Encyclopédie de La Vie Sexuelle: de la physiologie à la psychologie,*1973) – deve-se ao seu encontro com os pressupostos científicos e médicos que, como veremos mais para frente, embasaram as motivações e levaram os projetos de educação sexual para dentro das escolas brasileiras.

Esse objeto de pesquisa não estava posto, *a priori*, como um dado da realidade ao qual, como pesquisadora, seria-me possível acessar e objetivar a partir da investigação científica. O olhar que deposito sobre esse objeto é, não só uma maneira de o analisar, mas mesmo de instituí-lo e contorná-lo como tal. Esta pesquisa, situada nos territórios dos estudos de gênero e sexualidade de aporte teórico pós-estruturalista, "[...] nasce precisamente da insatisfação com o já-sabido" (CORAZZA, 2002, p.111) e, afastando-se do modelo científico moderno, não visa estabelecer uma perspectiva de análise que seja ela mesma (e só ela, em estado "puro") um ponto de ancoragem fixo e estável.

Ensaio, enviesada e acompanhada por autoras e autores deste campo do pós-estruturalismo, um "[...] abandono da esperança de haver um lugar privilegiado a partir do qual se possa olhar e compreender definitivamente as relações que circulam no mundo" (VEIGA NETO, 2002, p.35). Não me cabe, assim, descrever e analisar os documentos que pesquiso como provenientes de uma entidade "[...] individual, autônoma, coerente e passível de ser acessada e classificada por meio de suas manifestações" (REIS, 2012, p. 254). Entendo-os – meu objeto e meu *corpus* de pesquisa - como constituídos no e pelo campo discursivo, encarando a minha própria escrita como fundada em e por redes de saber e poder, logo, também constituinte daquilo que por mim está sendo pesquisado.

> O que dizemos sobre as coisas nem são as próprias coisas (como imagina o pensamento mágico), nem são uma representação das coisas (como imagina o pensamento moderno); ao falarmos sobre as coisas nós as constituímos. Em outras palavras, os enunciados fazem mais do que uma representação do mundo; eles produzem o mundo. (VEIGA-NETO, 2002, p.31)

Afastar-me de epistemologias e maneiras de fazer pesquisa que se pretendem neutras e objetivas, instrumentos de acesso e representação da realidade, significa recorrer às dimensões discursivas e históricas que produziram o que entendemos como realidade (ou como objetos que, dessa realidade, foram fisgados e apreendidos). Aproximo-me, então, da crítica genealógica de Foucault: para inquirir meu próprio tempo e compreender a atualidade, lanço-me na investigação de como o que tomamos como Verdade pôde tornar-se nossa verdade - ou, em outras palavras, quais foram as condições de sua produção e emergência.

Está marcado, pois, que ao indagar se as verdades sobre o sexo, sobre o gênero, sobre

o desejo - e sobre as práticas que daí decorrem - acionadas e reproduzidas pela educação sexual escolar tiveram, como conjunção de aparecimento, dentre outras instâncias discursivas e pedagógicas, a da pornografia e a das enciclopédias de educação sexual, não busco desvelar uma outra verdade, uma "verdadeira Verdade", que estaria encoberta por essa verdade forjada histórica e discursivamente.

Todavia, o empreendimento de assinalar como ficções - sob as quais não há um substrato irrevogável, uma Verdade - estes sexos, estes gêneros, estas sexualidades e estes atos sexuais aos quais/ pelos quais os corpos são educados, não se configura como uma tarefa niilista e inócua. Tenho, aqui, uma intenção política premente: permitirmo-nos - através do desmantelamento da crença de que haveria qualquer coisa que nos destinasse fatalmente a vivenciar nossos corpos da maneira como os vivenciamos - produzir, experiênciar e gozar maneiras outras de viver. Maneiras estas que, sim, também seriam ficções tramadas por saberes e poderes, porém, maneiras, talvez, capazes de tensionar as normas e os limites que hierarquizam, classificam, ordenam e violentam os corpos do agora.

1.2 Preliminares: construindo o problema de pesquisa

> *Estou convencida de que os filmes exerceram e exercem (com grande poder de sedução e autoridade) pedagogias da sexualidade sobre suas plateias.*
>
> Guacira Lopes Louro (2008, p. 82)

Nas pesquisas brasileiras, o entrecruzamento entre Cinema, Educação, Gênero e Sexualidade já não é novidade. Se houve um tempo em que assim não foi, não me parece que, atualmente, alguém duvidaria de que haja, no Cinema, uma instância potencialmente pedagógica. São vários os trabalhos que, nas últimas décadas, debruçaram-se tanto em ensaiar olhares da Educação para o Cinema (DUARTE, 2002; ALEGRIA; DUARTE, 2008; FABRIS, 2008; FISCHER; MARCELLO, 2011) quanto em investigar as pedagogias da sexualidade exercidas por filmes (LOURO, 2000 e 2008).

Antes disso, no entanto, ao que tudo indica, "[...] o reconhecimento de que o cinema tem uma vocação intrinsecamente pedagógica, no que diz respeito à difusão cultural e à formação do espectador, teve origem no próprio meio cinematográfico" (ALEGRIA; DUARTE, 2008, p. 61). Em 1909, por exemplo, – momento em que os filmes ainda estavam começando a

"[...] utilizar convenções narrativas especificamente cinematográficas [...]" (COSTA, 2006, p. 27) – a *Motion Picture Patent Company,* associação estadunidense de produtoras e distribuidoras de filmes, já utilizava o rótulo de "educativos" para publicizar a venda de seus produtos.

Outros movimentos, ao longo da história do cinema, também reconheceram nos filmes uma ferramenta de educação. Na década de 1920, o Construtivismo Russo, que tem como expoentes nomes como o de Eisenstein e Vertov, utilizava-se do cinema para disseminar os ideais da Revolução de Outubro. Na Itália, após a Segunda Guerra Mundial, havia um Centro Católico Cinematográfico, regulador de cerca de 90% do circuito exibidor do país, que só autorizava a exibição de filmes que respondessem aos princípios morais e educativos da Igreja (FABRIS, 2006, p. 192). Na França, André Bazin, crítico que foi grande influência para a *Nouvelle Vague* - movimento que surge nos anos 1950 -, afirmava ser o cinema um potente e democrático meio de formação para a população (MANEVY, 2006, p. 231).

A história do cinema pornográfico também parece estar intimamente ligada ao desejo de educar. Os *stag films*, *dirty movies* ou, ainda, *blue movies*, definidos por Nuno Cesar Abreu como "[...] os legítimos ancestrais dos filmes de sexo explícito [...]" (1996, p. 45), eram filmes curtos, mudos e em preto & branco, realizados nas primeiras décadas dos anos 1900, na Europa e nos Estados Unidos. A exibição desses filmes, que acontecia em bordéis e casas de prostituição apenas para o público masculino, tinha como intuito não só estimular os clientes a desfrutarem dos serviços ofertados pelas mulheres que lá trabalhavam, como também os instruir sobre os corpos e as práticas sexuais.

FIGURA 7 – Frames do *stag A Free Ride* (1915)[13]

[13] *A Free Ride,* também conhecido como *A Grass Sandwich*, é um *stag* de 1915, realizado nos Estados Unidos, cujo diretor utilizou o pseudônimo de *A Wise Guy* ("um cara sábio") para assiná-lo. Atualmente, uma cópia do filme está no *The Kinsey Institute for Research in Sex, Gender and Reproduction*. O filme pode ser assistido pelo *link:* <http://www.pornhub.com/view_video.php?viewkey=945562457>. Acesso em: 01/09/2016.

Se o uso que era feito dos *stag* já apontava para o caráter pedagógico da pornografia, com a internet e a consequente facilitação do acesso de crianças e adolescentes aos conteúdos entendidos como pornográficos, as relações entre educação sexual e materiais pornôs têm despertado mais interesse e movimentado acirradas discussões.

O conteúdo das manchetes e matérias que aparecem no início deste texto reforçam – e atualizam – o reconhecimento da instância pedagógica da pornografia:

Pornografia pode se tornar maior fonte de "educação sexual" entre jovens em idade escolar
Sem uma boa educação sexual nas escolas, a pornografia poderá acabar se estabelecendo, se já não o fez, como a grande fonte de aprendizado nesse campo para crianças e adolescentes, que têm acesso a esse tipo de conteúdo com apenas um simples clique, desde muito pequenos.

UOL Notícias, 15/06/2013

Ator pornô quer ensinar educação sexual nas escolas
"A pornografia deveria ser considerada um entretenimento, mas por falta de alternativas se tornou a única forma de aprendizado para os jovens", disse o ator e diretor do cinema pornô, de 51 anos.

UOL Educação, 23/12/2015

Todavia, outros movimentos, para além desse reconhecimento, fazem-se também notáveis.

1º – A polarização entre a "educação pornográfica" e a "educação sexual escolar", apoiada na ideia de que é por haver um silenciamento institucional – que compreende, principalmente, a escola e a família - em torno do sexo que crianças e adolescentes recorrem à pornografia:

Especialistas defendem educação sexual contra pornografia
No que se refere às atitudes dos adolescentes diante da pornografia online, a educação sexual na escola seria a chave para afastá-los do risco?
A especialista Miranda Horvarth, professora de psicologia da Universidade de Middlesex, na Grã-Bretanha, e autora de um recente estudo sobre o tema, acredita que sim.
Para ela, a educação sexual nas escolas seria um primeiro passo fundamental para fazer com que as crianças falem mais sobre sexo e relacionamentos, o que poderia reduzir o apetite delas por materiais sexualmente explícitos.

BBC, 21/09/2013

Como ensinar adolescentes diferença entre sexo real e pornográfico?
Gallop, que em 2009 fez uma palestra para uma série de conferências sobre o tema, disse que a "presença por toda parte e a liberdade de acesso à pornografia na internet, aliada a uma sociedade que reluta em falar sobre sexo" resultou no seguinte: "Pornografia tornou-se a educação sexual padrão, por falta de uma outra opção".

G1, 07/11/2012

Editora é condenada por publicar site pornográfico em livro didático
Uma editora de livros distribuídos para a rede municipal de ensino de Florianópolis foi condenada na segunda-feira (1°) por publicar o endereço de um site de pornografia em um livro didático.

UOL Educação, 03/06/2015

E 2º – A relação do sexo com uma ideia de saúde:

Acesso fácil à pornografia mudou a vida sexual do jovem? Leia e opine
"Se os jovens não têm outras fontes de informação, espaços para reflexão, possibilidades de questionamento, só conhecerão e reproduzirão a prática sexual oferecida na pornografia".
Os especialistas são unânimes em apontar a educação sexual como caminho para uma sexualidade saudável entre os jovens.

UOL Mulher, 08/04/2014

As perguntas que, significativamente, vem sendo feitas – não só pela imprensa, mas também por educadoras e educadores, mães e pais, pelas escolas e por muitas e muitos pesquisadoras e pesquisadores -, parecem comumente dirigirem-se à busca por respostas sobre o quão prejudicial pode ser a exposição de jovens à pornografia, seguidas do questionamento sobre quais medidas devem ser tomadas para evitar o consumo de tais produtos pelo determinado público. Assim, ouve-se que, exatamente como aparece nas matérias supracitadas, como estratégia para garantir que adolescentes iniciem suas vidas sexuais de maneira saudável, há que se investir em uma educação sexual escolar que forneça informações e propicie um espaço de diálogo sobre o tema, afastando estudantes da curiosidade pela pornografia.

Vigora, nos cadernos de *Orientação Sexual* dos Parâmetros Curriculares Nacionais, lógica semelhante.

1º - Polarização entre a educação sexual realizada na escola, com fundamentos científicos, e a realizada por outros meios – com destaque para a mídia:

Assim, propõe-se que a Orientação Sexual oferecida pela escola aborde as repercussões de todas as mensagens transmitidas pela mídia, pela família e pela sociedade, com as crianças e os jovens. Trata-se de preencher lacunas nas informações que a criança já possui e, principalmente, criar a possibilidade de formar opinião a respeito do que lhe é ou foi apresentado. A escola, ao propiciar informações atualizadas do ponto de vista científico e explicitar os diversos valores associados à sexualidade e aos comportamentos sexuais existentes na sociedade, possibilita ao aluno desenvolver atitudes coerentes com os valores que ele próprio elegeu como seus.

(BRASIL, 1997, p.83)

Os conceitos relacionados à sexualidade e aquilo que se valoriza são também produções socioculturais. Como nos demais Temas Transversais, diferentes códigos de valores se contrapõem e disputam espaço. A exploração comercial, a propaganda e a mídia em geral têm feito uso abusivo da sexualidade, impondo valores discutíveis e transformando-a em objeto de consumo.
Assim, como indicam inúmeras experiências pedagógicas, a abordagem da sexualidade no âmbito da educação precisa ser clara, para que seja tratada de forma simples e direta; ampla, para não reduzir sua complexidade;

> flexível, para permitir o atendimento a conteúdos e situações diversas; e sistemática, para possibilitar aprendizagem e desenvolvimento crescentes.

(BRASIL, 1998, p.307)

E 2º - O compromisso com a promoção de uma ideia de saúde:

> Se a escola que se deseja deve ter uma visão integrada das experiências vividas pelos alunos, buscando desenvolver o prazer pelo conhecimento, é necessário que ela reconheça que desempenha um papel importante na educação para uma sexualidade ligada à vida, à saúde, ao prazer e ao bem-estar, que integra as diversas dimensões do ser humano envolvidas nesse aspecto.
> O trabalho sistemático e sistematizado de Orientação Sexual dentro da escola articula-se, portanto, com a promoção da saúde das crianças e dos adolescentes.

(BRASIL, 1997, p.78)

> Ao questionar tabus e preconceitos ligados à sexualidade e trabalhar com conhecimentos e informações que visam à promoção do bem-estar e da saúde, o trabalho de Orientação Sexual se entrelaça com objetivos e conteúdos contemplados também nos outros temas transversais (Ética, Saúde, Trabalho e Consumo, Pluralidade Cultural e Meio Ambiente).

(BRASIL, 1998, p.309)

Essa relação entre educação sexual e saúde – que aponta para o imbricamento entre educação sexual e saberes médicos – funcionou, no Brasil, como uma espécie de porta-de-entrada para a temática do sexo e da sexualidade no ambiente escolar. As primeiras investidas em direção à implementação de uma educação sexual nas escolas se iniciam nas décadas de 1920 e 1930, motivadas, especialmente, por interesses higienistas e eugênicos decorrentes da expansão de uma ideia de "regeneração social" – para a qual a noção de "salubridade" dizia respeito não só à saúde física e mental da população, mas também à moralidade de seus costumes[14]. De acordo com Helena Altmann (2001, p.579), a educação sexual escolar é acionada como maneira de combate aos "desvios sexuais" – que teriam deixado de ser considerados crimes para, então, serem considerados doenças – e em reação à epidemia de sífilis.

Em 1927, na I Conferência Nacional de Educação, educadoras e educadores "[...] consideravam que a necessidade da educação sexual era gerada pelo avanço dos conhecimentos científicos [...] e pela urgência em gerar indivíduos mais saudáveis [...]" (BASSALO, 2010,

[14] Em sua dissertação, intitulada "A moralização do sexo: os debates sobre a educação sexual para o Projeto de Nação Brasileira na I Conferência Nacional de Educação, 1927" (2012), Leandro Alves Felicio traça as relações entre iniciativas de educação sexual e outros movimentos científicos no cenário brasileiro do início do século XX – como os projetos eugênicos, psiquiátricos, sanitaristas, higiênicos e psicanalíticos. Felicio mostra-os, ainda que com suas diferenças e disputas, como aliados na busca pelo desenvolvimento de um projeto nacional moderno pautado na moralização de práticas e valores sociais.

p.3), defendendo-a como necessária no ambiente escolar. No evento, o primeiro documento a abordar diretamente o assunto da educação sexual foi a tese n° 74, da professora Celena Padilha, intitulada *Sobre a Educação Sexual*[15]. No texto, a conferencista diz:

> A verdade é que muitos pais, por ignorância, são incapazes de dirigir a educação sexual de seus filhos.
> Preparar os de boa-fé, os progressistas, educá-los para que se tornem educadores, não é impossível; mas a cegueira moral sobre o assunto, as opiniões errôneas formadas a respeito e as idéias já muito arraigadas nos espíritos são entraves, e quase impossível se torna esperar-se do maior número que se libertem das peias de preconceitos seculares.
> Mas, por outro lado, **não se deve cruzar os braços e assistir as gerações se sucederem umas as outras nos erros e na ignorância de problemas dos mais sérios para a moral e para a eugenia**. Esperar também que os livros e as diversas publicações instruam e convençam? Mas como será moroso, se grande número de pessoas, premidas pelos afazeres de todos os dias, nem lêem, e das que o fazem, a maioria procura assuntos mui diversos.
> No entanto, o trabalho deve ser começado e sem perda de tempo. Compete, pois, a escola iniciá-lo e preparar as crianças de hoje para que os pais de amanhã sejam também educadores de seus filhos.
> **Nunca se prescindirá, porém, da escola, pois são os mestres os mais capazes de administrar quaisquer conhecimentos, pelo seu preparo científico**, pela sua especialização para ensinar.
> (1997, p. 430, grifo meu)

Ao final da tese, constam como deliberações:

> O Congresso de Educação do Paraná resolve:
> 1) **Que se deve fazer a educação sexual nas escolas**.
> 2) Interessar os pais neste assunto, para que se tornem auxiliares dos mestres.
> 3) Satisfazer, **dizendo a verdade**, a curiosidade da criança, seja de que idade for.
> 4) **Preparado o estudo pela reprodução das plantas e de alguns animais, iniciá-lo sistematicamente aos 11 anos como parte do programa de anatomia e fisiologia humanas.**
> 5) Fazer-se a educação sexual em conjunto para meninos e meninas.
> (PADILHA, 1997, p. 433, grifo meu)

Anos depois, em 1933, o médico José de Oliveira Pereira de Albuquerque funda o Círculo Brasileiro de Educação Sexual (CBES), no Rio de Janeiro. Visando desempenhar um papel instrutivo sobre a educação e a higiene sexual, o projeto era composto por profissionais de diversas áreas – estavam presentes, na reunião de criação da entidade, pessoas ligadas à área médica, ao campo jurídico, à imprensa, à educação escolar, ao mercado editorial, dentre outros. Ainda que não tenha se formado e mantido a partir de iniciativa pública – caracterizando-se, a propósito, como entidade de características filantrópicas -, o CBES desempenhou um forte papel político, pois sua propaganda se expandia pelo território nacional a partir da organização

[15] As teses da I Conferência Nacional de Educação foram organizadas e publicadas em livro no ano de 1997 pelo Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais (INEP) e estão disponíveis em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me001825.pdf>. Acesso em: 13/12/2016. Além da tese n°74, também a tese n°75 – "*O Problema da Educação Sexual: Importância Eugênica, Falsa Compreensão e Preconceitos – Como, Quando e Por Quem Deve Ser Ela Ministrada"*, de Renato Kehl – versa sobre a temática da educação sexual. Em outras teses, ainda que a educação sexual não ganhe centralidade, o tema é também mencionado, especialmente nas que abordam a educação higiênica e a noção de raça brasileira.

de eventos, de publicações, a produção de filmes e a veiculação de suas campanhas nos meios de comunicação (FELICIO, 2011).

O CBES fundou ainda seu próprio periódico, editado do ano de 1933 ao de 1939, cujo nome era *Boletim de educação sexual.* Com tiragem de cerca de cem mil exemplares por edição, o tabloide chegou a circular não só por todo o território brasileiro, mas também por outros países da América do Sul, América do Norte e Europa.

O fundador José de Albuquerque, no que concerne à educação sexual e também à sua presença nas escolas, escreveu em seu livro *Quatro letras, cinco lustros* (1958):

> [...] 1 - Não há educação completa sem educação sexual; 2 - **A função sexual não é imoral, entretanto, como todas as demais, pode ser imoralizada, quando desviada de suas verdadeiras finalidades**; 3 – **A educação sexual não atenta contra a moral de religião alguma, porque se funda na verdade dos fatos científicos**, que as próprias religiões ensinam cultuar com a sua advertência: "não mentir"; 4 – **A educação sexual deve ser iniciada pelos pais, continuada pelos mestres, e terminada pelos médicos**; 5 – A educação sexual das crianças deve obedecer exclusivamente ao fator "oportunidade", quer no lar, quer na escola; 6 – responder veridicamente a altura da mentalidade infantil, as perguntas que os filhos formularem sobre as coisas do sexo, eis em que consiste a educação sexual das crianças pelos pais; 7 – Nas escolas, não há necessidade de uma cadeira de educação sexual, o que cumpre, é que os mestres não criem na mentalidade infantil, o conceito de que a função sexual é imoral, envolvendo-a num halo de mistério, nas disciplinas em que o assunto naturalmente se apresenta; 8 – Encobrir-se as verdades aos filhos e aos discípulos, é dar-se azo a que estas lhe sejam reveladas, deturpada, viciosa ou pervertidamente, pelo primeiro companheiro ou criado que encontrarem; 9 – Revelar-se as verdades sexuais, somente a partir da puberdade, depois de se as haver deturpado na infância, é tão inglória tarefa, quanto o se pretender desentortar o tronco de uma árvore, que propositalmente se entortou; 10 – **Depois do indivíduo atingir a puberdade, o que lhe convêm são iniciações claras e completas, ministradas por médicos e médicas, sobretudo que diga respeito a sua sexualidade, para que não se venha a tornar vítima inconsciente das perversões sexuais e doenças venéreas**.
> (ALBUQUERQUE, 1958, p.183 *apud* FELICIO, 2011, p. 4, grifo meu).

Os posicionamentos da professora Padilha e do médico Albuquerque ilustram o entendimento da educação para o sexo, na primeira metade do século XX, como um "[...] novo campo, fronteiriço da medicina com a pedagogia e a psicologia [...]" (OLIVEIRA, 2012, p.508), para o qual estavam postas preocupações pertinentes à nação e ao processo civilizatório e modernizador, abarcando a saúde e a moral tanto sociais quanto individuais. Em ambos os argumentos, o processo de "moralização" da conduta sexual parece dependente de uma compreensão cientificizada do sexo, sendo a anatomia, a fisiologia e as próprias ciências médicas localizadas como vias da *verdade* e pelas quais a população - especialmente as crianças e adolescentes - deveriam ser educadas.

Na segunda metade do século, especificamente no início dos anos 1960, os debates em torno da educação sexual voltam a se acalorar – decorrentes, principalmente, da formulação de críticas aos sistemas educacionais - e algumas escolas chegam a implementar projetos pedagógicos voltados ao tema, mas que logo são suspensos devido à ditadura militar instaurada em 1964. Durante este período, as disputas entre interesses militares e interesses de educadoras

e educadores chegam às instâncias políticas dos poderes executivo e legislativo, tendo destaque um decreto do Secretário de Estado dos Negócios da Educação do Estado de São Paulo – no qual se proibia a abordagem de temas da sexualidade e da contracepção nas aulas de Biologia e Sociologia – e um projeto de lei apresentado à Câmara Federal pela deputada Júlia Steimbruck – no qual se propunha que a educação sexual fosse obrigatória nas escolas primárias e secundárias (CÉSAR, 2009).

Nos anos de 1970, após um pronunciamento da Comissão Nacional de Moral e Civismo, as escolas abandonam as iniciativas formais ligadas à educação sexual, ficando, a partir de 1976, por posicionamento oficial do país, "[...] a família a principal responsável pela educação sexual, podendo as escolas, porém, inserir ou não a educação sexual em programas de saúde [...]" (ALTMANN, 2001, p.579). Em parecer de 1974, do Conselho Federal de Educação, nas orientações estipuladas para a disciplina *Programas de Saúde* – incluída nos currículos obrigatórios do 1° e do 2° grau no ano de 1971, pela Lei n°5.692 – sugeria-se, apenas para o currículo do 2° grau, a abordagem da educação sexual enviesada pelas temáticas da puberdade, da gestação e da higiene (PINHEIRO, 1997).

Os anos 1980 são marcados pela abertura política e pelo fim da ditadura militar. Segundo Yara Sayão,

> [...] o período inicial dos anos 80 foi pródigo na veiculação e divulgação de questões ligadas à sexualidade. Surgiram serviços telefônicos, programas de rádio, o programa da Marta Suplicy na televisão (que gerou grandes polêmicas), e também enciclopédias e fascículos vendidos em banca de jornal, todos destinados a responder questões sobre sexo. Congressos e encontros profissionais foram realizados com a participação de educadores, médicos e cientistas sociais. Tudo isso contribuiu para intensificar o debate sobre a inclusão da educação/orientação sexual nas escolas. (1997, p. 110)

Em algumas escolas, as gravidezes indesejadas de adolescentes e a proliferação de doenças sexualmente transmissíveis geraram experiências com projetos de educação sexual, em sua maioria de caráter preventivo e desenvolvidos por professoras e professores de biologia junto a orientadoras e orientadores educacionais. No final dos anos 1980, o surgimento do HIV/AIDS[16] é tratado como uma questão de saúde pública e o Governo Federal passa a centralizar as ações de combate à transmissão do vírus. "Entendida como epidemia, a síndrome vai engendrar todo um saber que se debruça no esforço de escancarar nossas sexualidades em

[16] Apesar de os primeiros casos de AIDS no Brasil terem sido identificados em 1982, e tendo sido, a princípio, a doença tratada como "epidemia gay", as campanhas e programas de combate à proliferação do vírus se deram a partir do surgimento de ONGs e de iniciativas públicas nos níveis municipais e estaduais. É só na segunda metade da década, já com centenas de casos detectados, que o Governo Federal passa a reconhecer e responder à epidemia, criando o Programa Nacional de Aids.

busca das causas e efeitos do vírus. Estes saberes – visando o corpo, o uso deste corpo, os prazeres deste corpo – institucionaliza medidas preventivas de higiene sexual e toda uma campanha é armada para convencer as pessoas a se prevenirem" (SIERRA, 2013a, p. 120), a escola torna-se, então, um ponto estratégico para a implementação de medidas de controle da sexualidade e, em 14 de maio de 1991, o Ministério da Educação e Desporto lança a portaria n°678, amparando legalmente o envolvimento do campo da educação, no âmbito escolar, nas ações de combate à AIDS. As duas primeiras resoluções do documento dizem:

> 1.Os sistemas de ensino em todas as instâncias, níveis e modalidades, contemplem, nos seus respectivos currículos, entre outros, os seguintes temas ou conteúdos referentes à: a) prevenção do uso indevido de substâncias psicoativas; b) educação ambiental; c) educação no trânsito; d) educação do consumidor; e) prevenção das doenças sexualmente transmissíveis/AIDS; f) prevenção de acidente no trabalho; g) defesa civil; h) relação contribuinte-Estado; e i) educação em saúde.
> 2.O aprofundamento e a exploração desses temas/conteúdos não significam a inclusão de matérias ou disciplinas específicas, mas permearão todo o currículo nos diferentes níveis e modalidades de ensino, ajustando-se por isso, à idade do estudante e ao nível de aprendizado.
>
> (BRASIL, 1991, p. 12)

Dois anos mais tarde, em 1° de março de 1993, através da Portaria n°122, o MEC cria o Comitê Nacional de Educação Preventiva Integral (CONEPI). No dia 31 do mesmo mês, a partir da Lei n°8.642, institui também o Programa Nacional de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente (PRONAICA). Destas duas iniciativas, resultam as *Diretrizes para uma Política Educacional em Sexualidade*, volume publicado em 1994 como componente da série *Educação Preventiva Integral*. Na apresentação do documento, justifica-se:

> A Educação Sexual está voltada para a melhoria da qualidade de vida do indivíduo e da coletividade. Ela utiliza os grandes ensinamentos da Educação Preventiva Integral e, através da expressão de um comportamento sexual sadio, procura combater, de modo efetivo, a gravidez indesejável a transmissão das DSTs/AIDS, ao mesmo tempo em que fortalece o indivíduo contra a ilusão do uso das drogas, estimulando a criação de valores positivos de convivência. A família, a escola e a sociedade são as instituições básicas para o desenvolvimento das ações educativas.
>
> (BRASIL, 1994, p.8)

Assim, quando o assunto reaparece no currículo escolar, nos anos 1990, parece vir em resposta, novamente, a uma epidemia - se em 1920/30 era a sífilis, em 1990 foi a proliferação do HIV/AIDS – e à ideia de "tornar saudável" a conduta sexual. A incorporação, como tema transversal, da Orientação Sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais, que começa a ser elaborado em 1995, advém dessa esteira e marca a intensificação e formalização de uma abordagem escolar sobre o sexo e a sexualidade. O que se propõe com a educação sexual dos PCNs é, de acordo com o próprio documento, uma escola integrada aos serviços públicos de saúde (BRASIL, 1997, p.97).

> [...] a epidemia de HIV/AIDS terá um grande impacto na educação, na medida em que crescia o paradigma da informação como "arma" contra a epidemia. Assim, a escola no início dos anos 90 foi tomada como um lugar fundamental para a propagação de informações sobre o "sexo seguro", as quais incluíam, além do contágio do HIV/AIDS e outras DSTs, a "gravidez na adolescência", que para os especialistas começou a ser tomada como um "problema pedagógico" importante. A partir desse momento, o discurso da sexualidade nas escolas brasileiras foi definitivamente colonizado pela ideia de saúde e prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e da gravidez na adolescência, tomadas como sinônimo de problema de saúde física e social. (CÉSAR, 2009, p.42)

Esse compromisso com a promoção de uma vida sexual saudável, quando evocado pelas matérias jornalísticas contemporâneas anteriormente apresentadas, aparece não só para reforçar o sexo e a sexualidade como campo de inscrição da saúde e da doença, mas também para reiterar a tese de que, em nossa sociedade, o sexo se constitui como um campo de interdição: é por não poderem abordar a temática sexual em outros espaços e por outros vieses, que crianças e jovens buscam a pornografia, comprometendo o desenvolvimento de uma vida sexual saudável. Os PCNs, assim como as matérias, apontam para a escola como ambiente ideal de promoção educativa da fala e da escuta sobre os assuntos que permeiam o sexo e a sexualidade:

> Com a inclusão da Orientação Sexual nas escolas, a discussão de questões polêmicas e delicadas, como masturbação, iniciação sexual, o "ficar" e o namoro, homossexualidade, aborto, disfunções sexuais, prostituição e pornografia, dentro de uma perspectiva democrática e pluralista, em muito contribui para o bem-estar das crianças, dos adolescentes e dos jovens na vivência de sua sexualidade atual e futura.
> (BRASIL, 1998, p.293)

Na ordem dessa correspondência, a relação que se traça entre sexualidade e poder é a de repressão: o poder entendido como uma força exterior, estática e homogênea, que incide sobre o sexo apenas negativamente (censurando, aniquilando, banindo). A aproximação de jovens à pornografia – compreendida, então, como um espaço de transgressão, de escape aos "nãos" – seria combatida à medida que uma "liberação sexual" operasse na escola: transcender o poder proibitivo equivaleria a dar lugar, no ambiente escolar, ao falar sobre o sexo.

Discursos acerca da repressão sexual, todavia, proliferam-se intensamente pelas sociedades ocidentais desde a passagem do século XVIII para o XIX e aparecem apenas reatualizados nas discussões sobre pornografia e educação dos séculos XX e XXI.

"Muito se diz sobre o que não se pode dizer". Foi no encalço dessa constatação que a hipótese repressiva foi posta em questão - e desconstruída - por Michel Foucault no primeiro volume de *História da Sexualidade*, nomeado *A Vontade de Saber* (1976). Destramá-la, no entanto, "[...] não se trata de dizer: a sexualidade, longe de ter sido reprimida nas sociedades

capitalistas e burguesas, se beneficiou, ao contrário, de um regime de liberdade constante [...]" (FOUCAULT, 1999, p. 16), de negar que o sexo tenha sido "[...] proibido, bloqueado, mascarado ou desconhecido [...]" (FOUCAULT, 1999, p. 17), mas de deslocar da fulcralidade as instâncias de interdição e entendê-las, não como um mecanismo primário, mas como uma aparelhagem tática que, ao invés de minguá-los, funciona incitando discursos regulados, entrecruzados e polimorfos.

A arguição de Foucault, com efeito, desenvolve-se a fim de mostrar a capacidade positiva/produtiva das *relações de poder,* "[...] as instâncias de produção discursiva (que, evidentemente, também organizam silêncios), de produção de poder (que, algumas vezes, têm a função de interditar), das produções de saber (as quais, frequentemente, fazem circular erros ou desconhecimentos sistemáticos)" (FOUCAULT, 1999, p.17) – o que significa, por fim, abandonar o conceito d'*O poder* presente nas argumentações ligadas à hipótese repressiva: aquele ao qual se poderia possuir, transgredir ou dele se libertar; aquele que está sempre ligado à rarefação, à censura, e nunca à inventividade. Como aponta Jamil Cabral Sierra:

> [...] sem negar totalmente o pressuposto de que houve a partir do século XVII um certo silenciamento sobre sexo, Foucault vai dizer que o que se iniciou neste período foi justamente o contrário, houve um alargamento, um majoramento das práticas discursivas sobre o sexo, isto é, o poder que se começa a exercer aí não é necessariamente de tipo repressivo, mas sim são relações de poder tramadas longe da polarização dominador x dominado e, por isso, dispersas em diferentes saberes/tecnologias que se ocupam do indivíduo, de seu corpo, de seus comportamentos [...]. Aqui, talvez, esteja a distinção muito pertinente que o escritor insiste em frisar: se houve um certo mutismo em relação ao sexo a partir do século XVII, esta interdição se deu no campo das falas cotidianas, dos dizeres familiares, das recomendações escolares que, através de uma espécie de profilaxia linguística, determinavam onde, como e com/entre quem se poderiam codificar certos enunciados, mas não no campo discursivo. Aliás, no nível dos discursos o que ocorre é o inverso disto, ou seja, houve em diferentes práticas discursivas uma multiplicação, um inchaço de discursos sobre sexo colocado no campo e a serviço do exercício do poder, via dilatação institucionalizada de diferentes esferas do saber (medicina, psiquiatria, justiça, pedagogia). (2013a, p. 113)

Assim, sobre o policiamento da discursivização do sexo no ambiente escolar, afirma Foucault:

> Seria inexato dizer que a instituição pedagógica impôs um silêncio geral ao sexo das crianças e dos adolescentes. Pelo contrário, desde o século XVIII ela concentrou as formas do discurso neste tema; estabeleceu pontos de implantação diferentes; codificou os conteúdos e qualificou os locutores. Falar do sexo das crianças, fazer com que falem dele os educadores, os médicos, os administradores e os pais. Ou então, falar de sexo com as crianças, fazer falarem elas mesmas, encerrá-las numa teia de discurso que ora se dirigem a elas, ora falam delas, impondo-lhes conhecimentos canônicos ou formando, a partir delas, um saber que lhes escapa – tudo isso permite vincular a intensificação dos poderes à multiplicação do discurso. A partir do século

> XVIII, o sexo das crianças e dos adolescentes passou a ser um importante foco em torno do qual se dispuseram inúmeros dispositivos institucionais e estratégias discursivas. É possível que se tenha escamoteado, aos próprios adultos e crianças, uma certa maneira de falar do sexo, desqualificada como sendo direta, crua, grosseira. Mas, isso não passou da contrapartida e, talvez da condição para funcionarem outros discursos, múltiplos, entrecruzados, sutilmente hierarquizados e todos estreitamente articulados em torno de um feixe de relações de poder. (FOUCAULT, 1999, p. 31)

Talvez possamos entender a pornografia como parte daquilo ao qual Foucault chamou de "[...] maneira desqualificada como sendo direta, crua, grosseira [...]" de falar de sexo e que, por isso, a educação sexual escolar, dela, tente tão ostensivamente se afastar – incitando discursos, inclusive, sobre a necessidade do afastamento. Mas, neste trabalho, proponho que, para além das diferenças na "maneira de falar", olhemos com desconfiança para o que se impõe como a certeza de que não há correspondência entre o que é dito sobre o sexo pela pornografia e o que é dito pela (ou autorizado a ser dito na) escola.

Seguindo o pensamento foucaultiano a respeito da multiplicação de discursos sobre o sexo, o procedimento da confissão – anteriormente vinculado rigidamente ao da penitência, depois difundido e utilizado "[...] em toda uma série de relações: crianças e pais, alunos e pedagogos, delinquentes e peritos [...]" (FOUCAULT, 1999, p. 62) para, não sem dificuldade, ser colocado e aplicado em conformidade com os esquemas de regularidade científica - instrumentaliza a produção de uma verdade sobre o sexo, consolidando a *scientia sexualis:* uma forma de poder que se insere tanto em uma economia de prazer, quanto em um regime ordenado de saber. Dentre outras, a "medicalização dos efeitos de confissão" é listada por Foucault como uma das maneiras de se extrair a confissão sexual em congruência com a Ciência

> [...] a obtenção da confissão e seus efeitos são recodificados na forma de operações terapêuticas. O que significa, inicialmente, que o domínio do sexo não será mais colocado, exclusivamente, sob o registro da culpa e do pecado, do excesso ou da transgressão e sim no regime (que, aliás, nada mais é do que sua transposição) do normal e do patológico; define-se, pela primeira vez, uma morbidez própria do sexual; o sexo aparece como um campo de alta fragilidade patológica: superfície de repercussão para outras doenças, mas também centro de uma nosografia própria, a do instinto, das tendências, das imagens, do prazer e da conduta. (1999, p. 66)

O supracitado apontamento sobre a ideia de saúde que figura nas alegações a respeito dos prejuízos causados pela pornografia, bem como sobre a interligação entre a educação sexual escolar e os saberes médicos, desponta em coerência tanto com o processo de medicalização descrito por Foucault, quanto com a ideia de rede discursiva, na qual saberes variados (como o da pedagogia e o da medicina) encadeiam-se e encruzilham-se na constituição do sexo como objeto da verdade.

Foucault apresenta a ideia, então, de que a sexualidade não é um dado da natureza, mas um dispositivo histórico, esse emaranhado discursivo de poderes-saberes diversos, que serve para gerenciar e controlar a produção dos corpos e das subjetividades. Desde a descrição e análise do *dispositivo de sexualidade* realizada pelo autor, em 1976, houve, por certo, deslocamentos na discursivização em torno do sexo, mesmo no contexto escolar. Ainda assim, nos PCNs, os efeitos de produção de uma norma sexual – e de normatização dos corpos e das práticas – parece apenas vestir novas roupagens (encadear outras instâncias discursivas) em relação aos movimentos que os precederam:

> Quase um século depois das primeiras tentativas de organizar um programa de educação sexual nas escolas brasileiras, o "sexo bem educado" certamente não pertence mais ao universo positivista e eugenista das primeiras décadas do século XX. O novo "sexo bem educado" passou agora a ocupar territórios vizinhos, como a ideia de "sexo responsável", "sexo saudável" e "sexo seguro". Assim, podemos dizer que uma "epistemologia" da saúde, da responsabilidade e do binômio risco/segurança vem produzindo uma educação sexual definida por uma ideia específica sobre o "bem viver". No cenário educacional contemporâneo, e tendo por objetivo específico delimitar parâmetros sobre a vida e a felicidade, a educação sexual seguiu rumos epistemológicos diversos, como a psicologia do desenvolvimento, a sociologia das representações sociais e a própria fisiologia da saúde. (CÉSAR, 2009, p.44)

Essa aparente diversidade de rumos epistemológicos é sustentada, nada obstante, pela ciência da sexualidade e seu regime ordenado de saber, como evidenciam os próprios PCNs:

> Informações corretas do ponto de vista científico ou esclarecimentos sobre as questões trazidas pelos alunos são fundamentais para seu bem-estar e tranqüilidade, para uma maior consciência de seu próprio corpo, elevação de sua auto-estima e, portanto, melhores condições de prevenção das doenças sexualmente transmissíveis, gravidez indesejada e abuso sexual.
> (BRASIL, 1998, p.302)

> É sempre importante investigar o conhecimento prévio que os alunos têm sobre o assunto a ser tratado. [...]A explicitação dessas informações e fantasias relacionadas com as mudanças do corpo e com a reprodução possibilita tratar o assunto de modo claro, diminuir a ansiedade, e assimilar noções corretas do ponto de vista científico.
> (BRASIL, 1998, p.321)

> Na abordagem de cada item do programa, o coordenador deve ter clareza de sua função: problematizar e explicitar os valores plurais existentes em cada tema, além de oferecer informação correta do ponto de vista científico, mostrando o caráter dinâmico da evolução da ciência.
> (BRASIL, 1998, p.334)

A mediação dada pela cientificidade – ou seja, pelo compromisso com a verdade – que aparece como desejável e existente entre a educação sexual escolar e os saberes médicos, talvez, em uma primeira análise, pareça mesmo inconciliável com as pedagogias da sexualidade

exercidas pela pornografia. No entanto, a própria noção de pornografia, como a conhecemos, mantém laços estreitos com a modernidade e sua nova ciência.

> Embora o desejo, a sensualidade, o erotismo e até mesmo a representação explícita dos órgãos sexuais possam ser encontrados em muitos, senão em todos, tempos e lugares, a pornografia como categoria legal e artística parece ser um conceito tipicamente ocidental, com cronologia e geografia particulares. Em seu sentido moderno, o termo só foi definido e difundido no século XIX. (HUNT, 1999, p. 10)

Para Lynn Hunt e demais autoras e autores do livro *A Invenção da Pornografia – Obscenidades e as Origens da Modernidade, 1500-1800* (1999), embora a emergência da pornografia moderna tenha se dado a partir das novas e baratas tecnologias de impressão que surgiram no século XVI - possibilitando às massas o acesso à cultura impressa – é só na passagem do século XVIII para o XIX que a pornografia se consolida como uma categoria independente e distinta de literatura e de representação visual. Se entre os anos 1500 e 1800 os impressos pornográficos se apresentavam principalmente como um instrumento de crítica às autoridades políticas e religiosas, a partir do século XVIII a pornografia se torna um negócio comercial cujos objetivos são produzir excitação e prazer sexual, passando a ser controlada e regulamentada em nome da decência, não mais da religião e da política. Nesse sentido, em nota de rodapé, afirma Lynn Hunt: "[...] assim como a medicina, a loucura, a prisão e a sexualidade, a pornografia deve ser considerada produto das novas formas de regulamentação e dos novos desejos de saber" (1999, p. 11).

Todavia, quando localizada a discussão sobre o consumo de pornografia na facilidade de acesso gerada pela internet, deduz-se que é, em maior parte, à pornografia audiovisual que se faz referência[17]. Se dermos alguns passos atrás na história das imagens em movimento, veremos, contudo, que a *scientia sexualis,* quero apostar nisso, é tão constituinte do cinema pornográfico quanto o é da educação sexual medicalizada[18].

É a vontade de saber do século XIX que deflagra o surgimento do cinema. As experiências com fotografias sequenciais do médico e fisiologista Étienne-Jules Marey e as do

[17] De acordo com a listagem divulgada pelo Alexa Rank, serviço que registra dados e fornece classificações de audiência de *websites*, todos os dez portais de conteúdo pornô mais acessados no mundo são voltados à agregação de vídeos.

[18] A ideia de que a pornografia é um instrumento de pedagogia sexual está presente no livro *Testo Yonqui* (2008), de Preciado. Apesar do autor ser uma importante referência nas pesquisas sobre pornografia situadas no campo dos estudos de gênero e sexualidade – e que eu vá, eventualmente, dialogar com sua obra -, parece-me importante, neste ponto do trabalho, explicitar que minha aposta vai mais ao encontro da relação entre cinema pornô e o *dispositivo de sexualidade* (FOUCAULT, 1999) do que ao aspecto econômico e mercadológico da indústria pornográfica - que, no argumento de Preciado, ganha centralidade ao marcar uma terceira fase do capitalismo, intitulada pelo autor como "era farmacopornográfica".

engenheiro Eadweard Muybridge, usadas na investigação de corpos em movimento, são consideradas precursoras da cinematografia. Para comprovar cientificamente a tese de um magnata e antigo governador da Califórnia, Leland Stanford – de que, durante o galope, há momentos em que todos os cascos do cavalo ficam simultaneamente suspensos - Muybridge, em 1878, concebeu um mecanismo capaz de capturar fotos sequencialmente, possibilitando-o a decomposição e o congelamento de instantes da movimentação de um cavalo.

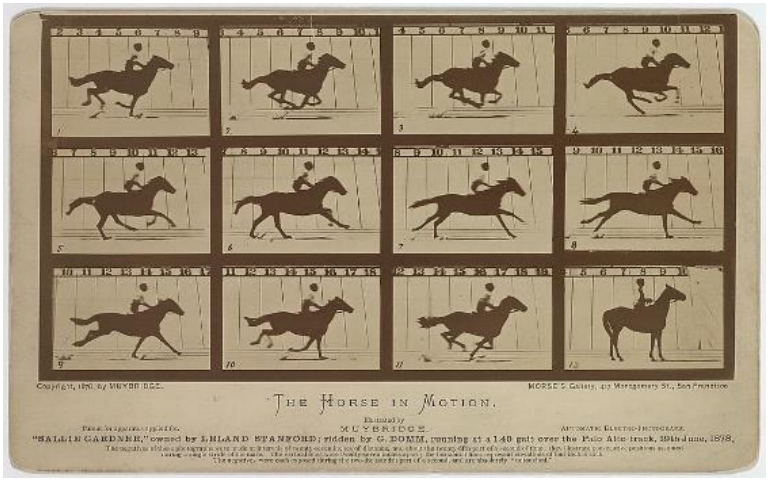


FIGURA 8: *The Horse in Motion* (MUYBRIDGE, 1878)

FIGURA 9: *Cheval Blanc Monté* (MAREY, 1886)

Sobre essas experiências, diz Arlindo Machado:

> Com o sucesso do empreendimento, Muybridge dedicou-se a um árduo trabalho de decomposição dos mais variados tipos de movimento: homens e mulheres, outros tipos de animais e até mesmo objetos móveis não-vivos, no sentido de estudar a dinâmica do deslocamento. Logo foi seguido pelo médico Marey, cujas pesquisas sobre a fisiologia do movimento animal o acabariam conduzindo de forma inesperada ao cinema. **Num primeiro momento, o objetivo era a análise, portanto a decomposição, dos mais variados tipos de movimento, unicamente para fins de estudo**, mas logo se lhes passou que se tinham em mãos todos os instantes que

> constituem um movimento, poderiam reconstitui-lo tal e qual novamente, através da projeção desses "instantes congelados" (fotogramas?) por intermédio de alguma máquina de síntese. O aparelho de síntese do movimento através da projeção rápida dos instantes congelados foi chamado por Muybridge de zoopraxiscópio, enquanto os de Marey se chamaram cronofotógrafo e fuzil fotográfico. (2015, p.20, grifo meu)

As origens do cinema, portanto, estão intimamente ligadas a "[...] uma ciência que se vale dos recursos cinematográficos (ou pré-cinematográficos) para investigações nos campos da medicina, física, engenharia etc [...]" (MACHADO, 2014, p. 21).

Em *Hard Core: Power, Pleasure and The Frenzy of The Visible* (1989), Linda Williams propõe que é dessa nova maneira de construir conhecimentos sobre o corpo – utilizando máquinas que "enxergam melhor do que o olho humano" para capturar e tornar visível a mecânica dos corpos - que emerge o cinema pornô. Analisando as séries que retratam os movimentos de mulheres e homens em *Animal Locomotion* (1887)[19], de Muybridge, Williams conclui que a invenção do cinema se desenvolve, em certa medida, a partir da vontade de naturalizar, mediante a criação de uma narrativa, o movimento dos corpos que aparecem nas imagens sequencialmente capturadas. Mas o que chama a atenção da autora é, precisamente, a diferença entre as sequências de imagens dos movimentos de homens e as de mulheres: "[...] when the male movements require props, these props are always simple, such as a saw and some wood for carpentry. But when the women require props or tools, these are not only more numerous but often do not even serve the activity being illustrated […]" (1989, p.40)[20].

Para ilustrar o apontamento da autora, seguem duas sequências de *Animal Locomotion* nas quais o mesmo movimento é retratado, primeiro ao ser realizado por uma mulher (fig. 10) e depois por um homem (fig. 11). Ambos os corpos estão nus, mas enquanto o homem simplesmente desce a escada, o movimento da mulher envolve também um pedaço de tecido sendo carregado e girado por ela mesma ao redor de seu corpo.

---

[19] Todos os onze volumes da publicação original de *Animal Locomotion* estão sendo, pouco a pouco, disponibilizados *online* pelo *Eadweard Muybridge Online Archive*, com o apoio da Biblioteca Pública de Boston. Até julho de 2016, já estavam disponíveis os volumes I, II, III, IV e VII – endereço eletrônico: <http://www.muybridge.org/>.

[20] "[...] quando os movimentos masculinos requerem adereços, estes adereços são sempre simples, como uma serra e algumas madeiras para carpintaria. Mas quando as mulheres precisam de adereços ou ferramentas, estas são não só mais numerosas, como muitas vezes nem sequer servem para a atividade que está sendo ilustrada […]" (WILLIAMS, 1989, p.40, tradução minha).

FIGURA 10: *Nude woman descending stairs* (MUYBRIDGE, 1887, plate 133).[21]

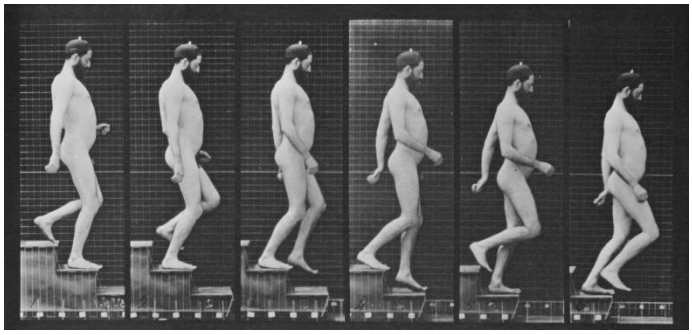


FIGURA 11: *Nude man descending stairs* (MUYBRIDGE, 1887, plate 127).[22]

Sobre as séries de Muybridge, Williams continua:

> Again and again the woman's body appears to be embedded in a mise-en-scene that places her in a more specific imaginary place and time. [...] In one such scene, a woman pours a bucket of water over a woman seated in a basin. In another, a woman pours water from a large jug into the mouth of a second woman. In a third, most enigmatic scene, a woman leans against the chair of another woman who is smoking a cigarette. In this last instance Muybridge has abandoned movement altogether for the highly charged emotional tone of what could only be called longing. (1989, p. 40)[23]

Cortinas transparentes, leques abanando, adereços e gestos supérfluos: as mulheres, nos experimentos de Muybridge, aparecem sempre compondo fantasias, encenações cheias de detalhes prescindíveis e erotizadores. O crucial no argumento de Williams é, portanto, como a criação de narrativas acaba por emergir do discurso ostensivamente científico a respeito dos

[21] Disponível em: https://www.1000museums.com/art_works/eadweard-muybridge-nude-man-descending-stairs-animal-locomotion-1887-plate-133 Acesso em: 07/04/2016.

[22] Disponível em: https://www.1000museums.com/art_works/eadweard-muybridge-nude-man-descending-stairs-animal-locomotion-1887-plate-127 Acesso em: 07/04/2016.

[23] "Repetidamente o corpo da mulher parece estar incorporado a uma mise-en-scène que a coloca em um tempo e em um lugar imaginário mais específico [...]. Em uma das cenas, uma mulher derrama um balde d'água em outra mulher, que está sentada em uma bacia. Em outra, uma mulher derrama a água de um grande jarro na boca de uma segunda mulher. Em uma terceira e mais enigmática cena, uma mulher inclina-se de encontro à cadeira de outra mulher, que está fumando um cigarro. Neste último caso, Muybridge abandonou por completo o movimento para dar lugar ao tom altamente emocional do que só poderia ser chamado de desejo" (WILLIAMS, 1989, p. 40, tradução minha).

corpos: “Thus what began as a scientific impulse to measure and record the "truth" of the human body, quickly became a powerful fantasization of the body of the woman [...]. This surplus of male generated erotic meaning denies the woman any meaning apart from her marks of difference from the male” (1981, p. 33)[24]. Além disso, é precisamente na diferença entre o feminino e o masculino que Nuno Cesar Abreu localiza “[...] o princípio motivador da narrativa pornô” (1996, p. 110).

Abreu explica que a especificidade do pornô enquanto gênero cinematográfico é a “[...] ação sexual *na* e *como* narrativa” (1996, p. 110), em que o sexo é tanto apresentado como problema/conflito desencadeador da trama, quanto como desenlace/solução da mesma. Sendo o desejo heterossexual a força eruptiva da narrativa, o autor afirma que é “[...] a relação/oposição entre os sexos que parece animar os conflitos, e como a natureza destes é sempre de ordem sexual, a solução se dá sempre através do sexo, figurada nas *performances”* (1996, p. 111).

Assim, se é a investigação científica a respeito da verdade dos corpos que suscita a produção de narrativas que naturalizem os movimentos retratados e se, por sua vez, essas narrativas configuram-se como marcadoras e marcadas pela relação de diferenciação/oposição entre o feminino e o masculino, temos, já nos experimentos de Muybridge, o que viria a ser o motor deflagrador das narrativas do cinema pornô.

Também nos PCNs as relações entre o feminino e o masculino merecem atenção. No documento, os *Blocos de Conteúdos* são divididos em três subitens: *Corpo: matriz da sexualidade*; *Relações de Gênero*; e *Prevenções as Doenças Sexualmente Transmissíveis/AIDS*. O texto sobre as relações de gênero se inicia da seguinte forma:

> Desde muito cedo, são transmitidos padrões de comportamento diferenciados para homens e mulheres. O conceito de gênero diz respeito ao conjunto das representações sociais e culturais construídas a partir da diferença biológica dos sexos. Enquanto o sexo diz respeito ao atributo anatômico, no conceito de gênero toma-se o desenvolvimento das noções de “masculino” e “feminino” como construção social. O uso desse conceito permite abandonar a explicação da natureza como a responsável pela grande diferença existente entre os comportamentos e lugares ocupados por homens e mulheres na sociedade. Essa diferença historicamente tem privilegiado os homens, na medida em que a sociedade não tem oferecido as mesmas oportunidades a ambos. Mesmo com a grande transformação dos costumes e valores que vêm ocorrendo nas últimas décadas ainda persistem muitas discriminações, por vezes encobertas, relacionadas ao gênero.
>
> Todas as diferenças existentes no comportamento de homens e mulheres refletem-se na vivência da sexualidade de cada um, nos relacionamentos a dois e nas relações humanas em geral.

(BRASIL, 1997, p.98 e 99)

[24] “Assim, o que começou como um impulso científico para medir e registrar a ‘verdade’ do corpo humano, rapidamente se tornou uma poderosa fantasiação do corpo da mulher [...]. Este excesso de significado erótico gerado pelo masculino nega à mulher qualquer significado para além de suas marcas de diferença em relação ao sexo masculino” (WILLIAMS, 1981, p. 33, tradução minha).

Como adverte Maria Rita César, "[...] apesar do texto tratar das relações desiguais entre homens e mulheres na perspectiva histórica, aquilo que se compreende por gênero no texto são os tais 'papéis sexuais' ou 'papéis de gênero'" (2009, p.46). Assim, o desenvolvimento do capítulo se dá todo em função da flexibilização dos papéis/características atribuídas a meninas e a meninos.

> Nessa perspectiva, trabalhar as relações de gênero significa apenas e tão somente demonstrar que meninos podem ser também meigos e sensíveis sem que isso possa "ferir" sua masculinidade, e que meninas podem ser agressivas e objetivas, além de gostarem de futebol, sem que essas características firam sua feminilidade. (CÉSAR, 2009, p.46).

A flexibilização dos padrões visa permitir a expressão de potencialidades existentes em cada ser humano que são dificultadas pelos estereótipos de gênero. Como exemplo comum pode-se lembrar a repressão das expressões de sensibilidade, intuição e meiguice nos meninos ou de objetividade e agressividade nas meninas. As diferenças não devem ficar aprisionadas em padrões preestabelecidos, mas podem e devem ser vividas a partir da singularidade de cada um, apontando para a eqüidade entre os sexos.
(BRASIL, 1997, p.99)

Mesmo que, aqui, relativize-se a natureza como determinante da diferença entre o feminino e o masculino, nesse gesto de tornar concebível e tolerável a presença de expressões de características tidas como masculinas em meninas, ou femininas em meninos, sem que isso comprometa suas existências enquanto meninas e enquanto meninos, remonta novamente à natureza como determinante do que se é e do que se pode ser. O gênero, construído historicamente pela cultura, seria, então, algo que se inscreve sobre o substrato irrevogável do sexo.

Por isso, mesmo que sob o título de *Relações de Gênero*, os alicerces que dão base a este capítulo estão, efetivamente, no sexo – ou, melhor dizendo, em um dos possíveis significados da palavra "sexo". E prevalece, na concepção do termo, a mesma binariedade e diferenciação/oposição que motiva a narrativa pornográfica.

O presente trabalho intenciona traçar, então, a partir de elementos relacionados ao período que vai dos anos 1920 aos anos 1990 – desembocando, no contexto brasileiro, nos PCNs -, uma espécie de genealogia da educação sexual. Inspirada em Foucault, ou seja, visando mostrar as continuidades e descontinuidades históricas que possibilitam um encontro, nos anos 1970, entre a pornografia e a educação sexual, esta pesquisa pretende colocar lado a lado o que, aparentemente, estava distante.

Essa aproximação se dá mediante a proposição do entendimento de que tanto a educação sexual escolar quanto os primórdios da pornografia audiovisual têm como

denominador comum o *dispositivo de sexualidade*, a *scientia sexualis* e - não apartada destes, como se demonstrará mais para frente – a produção de dois sexos. Disso tudo, por fim, resulta também uma perspectiva normatizadora do que é e de como deve se dar o ato sexual.

As três categorias que foram possíveis de serem presumidas, portanto, a partir dessa correspondência – e que são desdobráveis da própria constituição da terminologia "educação sexual" – serão, no **segundo ato** desta dissertação, as categorias organizadoras da análise do *corpus* de pesquisa: a) o sexo em seu encadeamento com o gênero e com o desejo; b) o sexo em sua dimensão de produtor e regulador da sexualidade; e c) o sexo como uma ideia específica de ato sexual.

1.3 Introduzindo (n)o(s) *corpus* de pesquisa

Para apresentar o *corpus* de pesquisa escolhido, parece-me, primeiro, necessário fazer uma breve pontuação de outros momentos - após os *stag films* do início do século XX e anteriores aos processos de produção industrial dos anos 1970 - também importantes no percurso da pornografia audiovisual. Como aponta Lynn Hunt, na introdução do livro *A Invenção da Pornografia – Obscenidades e as Origens da Modernidade, 1500-1800* (1999), a história da regulamentação da pornografia, dos esforços para controlá-la, ajudam-nos a defini-la. É a partir das tensões legais geradas pela produção e exibição de imagens em movimento dos corpos nus, bem como dos corpos em práticas entendidas como sexuais, que podemos traçar como o cinema pornô foi sendo constituído como tal.

Em 1930, o *Código Hays* – ou *Motion Picture Production Code* – é aprovado e implantado nos Estados Unidos[25], submetendo as produções cinematográficas a um regime de censura em que, dentre outras coisas, toda referência a interações sexuais é proibida. O código vigorou até 1968 e, além de acarretarem multas aos estúdios produtores, os filmes que não se adequavam a ele eram banidos da distribuição realizada pela *Motion Picture Association of*

[25] No ocidente, o cinema produzido nos Estados Unidos é uma das maiores indústrias de entretenimento já existentes. O cineasta estadunidense David Griffith, ainda no início do século XX, é apontado como o "pai da gramática cinematográfica", sendo a principal figura responsável pelo estabelecimento das convenções narrativas próprias do cinema clássico. *Hollywood*, polo de estúdios cinematográficos, estabeleceu-se desde os anos 1910 como capital de produção do cinema comercial – no Brasil e em boa parte dos países ocidentais, os filmes *hollywoodianos*, ainda hoje, são dominantes no mercado de distribuição e exibição, além de serem os principais líderes de bilheteria. É devido à importância dos Estados Unidos na produção industrial cinematográfica mundial como um todo – assim como, especificamente, na indústria cinematográfica pornográfica - que, neste texto, elementos da história do cinema estadunidense ganham centralidade.

America[26], relegando à marginalidade as produções de apelo erótico e/ou que tangenciavam a temática da sexualidade.

Durante esse período, surgem os *exploitation movies*. Esses filmes, apesar de ainda bastante conservadores, abordavam questões consideradas tabus e apelativas - como prostituição, doenças venéreas, gravidez indesejada e perigos decorrentes do uso de drogas. Apesar de terem um certo viés didático-científico e, por isso, de serem exibidos legalmente (na maioria das vezes, com sessões separadas exclusivamente para homens ou para mulheres), sua circulação, comparada à das produções dos grandes estúdios, era marginal, ficando restrita a cinemas negativamente estigmatizados. Em comparação aos filmes hegemônicos da época, os *exploitation*, mesmo que, geralmente, só exibindo nudez velada, exploravam mais – e com um olhar mais erotizador - os corpos femininos.

Em seu artigo *Of Hygiene and Hollywood: Origins of the exploitation film* (2004), Eric Schaefer chama de *the sex hygiene films* os filmes que, nos anos 1910 e 1920 (anteriores ao código Hays), precedem e originam os *exploitation*. Esses filmes surgem no contexto da Primeira Guerra Mundial - que impulsionou os movimentos eugênicos e nacionalistas (os mesmos que deflagraram as primeiras discussões sobre educação sexual escolar no Brasil) – e do surto de doenças como a sífilis e a gonorreia. Filmes como *Damaged Goods* (1913) e *A Victim of Sin* (1913), que iniciam esse movimento, enredavam histórias de rapazes ricos que, por descuido (uma bebedeira, por exemplo), relacionavam-se sexualmente com uma mulher de classe mais baixa e de conduta sexual libertina (como uma cortesã ou prostituta), contraindo uma doença venérea e infectando seus descendentes oriundos de relações legítimas (no caso, do casamento com mulheres ricas e "bem-comportadas").

Outro filme do período, *The Solitary Sin* (1919), conta a história de três vizinhos que, durante a infância, recebem diferentes instruções em termos de educação sexual – o pai de Bob não se opõe a explicar ao filho sobre as questões do sexo, chegando até a levá-lo ao hospital para conhecer os efeitos das doenças venéreas. Já os outros jovens, John e Edward, não recebem nenhum tipo de informação a respeito da higiene sexual. Na idade adulta, Bob se casa e é "feliz para sempre", enquanto John contrai sífilis e Edward é internado em um manicômio por ser obcecado pela masturbação.

No Brasil, durante a década de 1920, foram produzidos filmes similares - bastante alinhados aos pressupostos médicos, civilizatórios e higienistas das discussões sobre educação

[26] Entidade cujos membros são os maiores estúdios estadunidenses (como *Buena Vista Pictures, Sony Pictures, Paramount Pictures, Century Fox, Universal Studios, Warner Bros.*, entre outros).

sexual escolar que se desenrolavam no país na mesma época. O mais conhecido deles, *Vício e Beleza* (1926)[27], dirigido por Antonio Tibiriçá, conta a história de dois jovens: um deles, estudante de medicina, é atleta e se preocupa com seu corpo e sua saúde; o outro, em contraponto, frequenta cabarés e faz uso de drogas ilícitas. O filme, assim como os estadunidenses, alerta sobre os perigos das doenças venéreas e do vício em drogas. Outros títulos brasileiros na mesma linha são *Morfina* (1928), realizado pela União de Artistas Brasileiros, e *Absinto* (1931) - também intitulado *Mocidade Inconsciente* -, dirigido por Caetano Matanó.

FIGURA 12: fotografia do filme *Vício e Beleza* (1926)[28]

Passada a guerra e com a implementação do Código Hays, os *exploitation* dos anos 1930 e 1940 contornavam a censura explorando esses mesmos propósitos educativos. Um desses filmes, chamado *Mom and Dad* (1945)[29], dirigido por William Beaudine, traz, novamente como mote, uma discussão sobre a necessidade da educação sexual. O filme conta a história de uma adolescente que se apaixona por um piloto e que acaba tendo relações sexuais com ele. Após a morte do piloto, a menina descobre estar grávida. Como sua mãe se recusa a falar com ela sobre sexo, entendendo que essa não é uma temática para mulheres que ainda não se casaram, a menina, a fim de receber ajuda, recorre a um antigo professor – anteriormente demitido por ter dado aulas de educação sexual. Ao filme, então, são acrescentadas imagens de cunho médico-informativo, nas quais há explicações sobre ciclo menstrual, sistema reprodutor e, por fim, imagens de doenças venéreas e cenas de partos.

[27] É possível acessar informações sobre o filme – como ficha técnica, sinopse, locais e datas nas quais foi exibido - no *site* da Cinemateca Brasileira: <http://bases.cinemateca.gov.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/?IsisScript=iah/iah.xis&base=FILMOGRAFIA&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=ID=004257&format=detailed.pft>. Acesso em: 03/01/2017.

[28] Disponível em: <http://www.bcc.org.br/fotos/galeria/004257>. Acesso em: 03/01/2017.

[29] O filme está disponível no *Youtube*, sem legendas: <https://www.youtube.com/watch?v=NjBYCpx7ZwM> (Acesso em: 23/12/2016).

FIGURA 13: Cartazes do *exploitation "Mom and Dad"* (1945)

Pelos cartazes de *Mom and Dad*, é possível perceber o viés educativo, higiênico e cientificista ao qual o *exploitation* se vincula. "*Agora você pode ver o filme que ousa discutir e explicar o sexo como nunca antes visto e ouvido*", "*2 horas e 2 minutos de verdades ardentes*", "*Os pais estão completamente errados tentando manter os meninos e as meninas 'inocentes através da ignorância'! Isso não pode ser feito! Você verá verdades ardentes e ouvirá fatos surpreendentes!*", "*Novidades de higiene! Super comovente!*" são alguns dos *slogans* utilizados para divulgar o filme. A companhia produtora de *Mom and Dad*, inicialmente chamada *Hygienic Productions* (posteriormente *Hallmark Productions* e, por fim, *Hallmark Big-6*), especializou-se em filmes com abordagens médicas e de educação sexual. Outro sucesso da produtora, além de *Mom and Dad*, foi o filme *She shoulda say no!* (1949), no qual a personagem principal, até então uma "boa garota", acaba se envolvendo com o uso de drogas e adotando uma conduta "promíscua", o que a leva a ser internada e presa.

Na década de 1950, as autoridades judiciárias estadunidenses decidiram que a nudez, por si só, não era indecente, ofensiva e/ou obscena. Surgem, então, os *nudies*, filmes de naturismo em que homens, mulheres e crianças aparecem pelados – sem mostrar as genitálias - em paisagens não-urbanas. Essa maneira de apresentar imagens de nudez, sem, aparentemente, objetivar a erotização dos corpos, é bastante próxima à utilizada, anos mais tarde, pelas enciclopédias de educação sexual – o que, possivelmente, também as possibilitou não serem encaradas como obscenas. Mas, no audiovisual, tendo como marco o filme *The Immoral Mr. Teas* (1959), do diretor Russ Meyer, o *nudie* logo dá lugar ao *nudie-cutie*: filmes que retratam a nudez, mas, agora, com malícia – embora ainda sem ações sexuais.

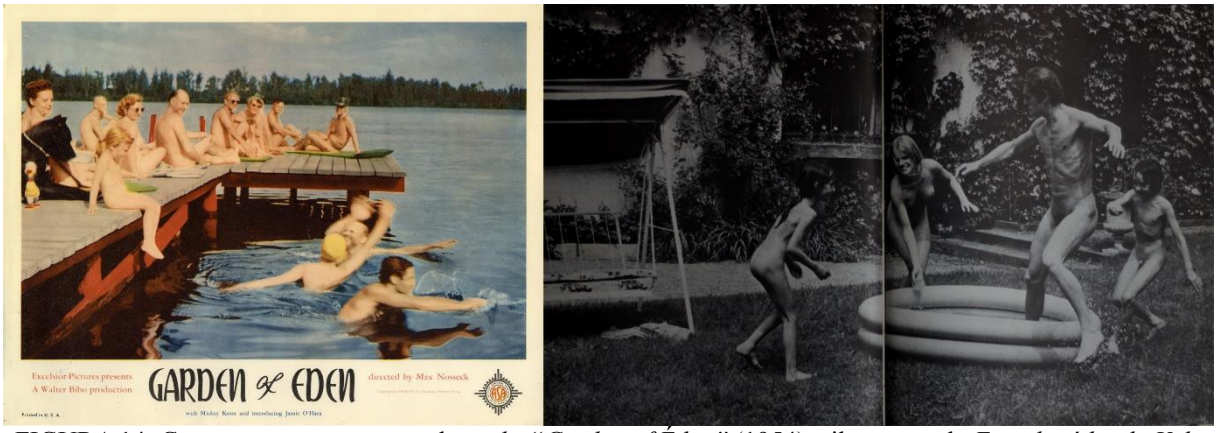


FIGURA 14: Comparação entre cartaz do *nudie* "*Garden of Éden"* (1954) e ilustração da *Enciclopédia da Vida Sexual* (COHEN, J. et al., 1975b, pg. 76-77)

Simultaneamente ao avanço do *nudie-cutie* e à contínua produção clandestina de *stags*, nos anos 1960, um outro tipo de filme passa a ser exibido em clubes masculinos, em casas de *peep show* e vendidos por encomenda postal: os *beaver*, ou *girlie movies* - filmes curtos (de cerca de 15 minutos) em que mulheres apareciam nuas, fazendo *striptease* e em poses sensuais. Gradativamente, esses filmes passam a acrescentar cenas de masturbação e simulações de atos sexuais às suas sequências – em especial o *cunnilingus*[30] entre mulheres[31] –, dando origem ao que foi chamado de *action beaver*. Embora na ilegalidade, algumas salas de cinema de São Francisco fizeram sessões regulares de *beavers,* tensionando os limites jurídicos no que se referia à censura de cenas de sexo explícito. A exibição em *looping* de diferentes *beavers* – gerando uma sessão de duração próxima à de um longa-metragem – foi percursora da produção pornográfica que se iniciaria na década seguinte.

Ao final dos anos 1960 – começando na região de São Francisco, mas logo se estendendo até mesmo para estados mais conservadores dos Estados Unidos -, os cinemas que exibiam filmes *beaver* também começaram a exibir curtas-metragens *hardcore,* dos quais faziam parte cenas explícitas de penetração pênis-vagina e de ejaculação. Em 1969 e 1970, após a legalização da produção pornográfica na Dinamarca, uma nova estratégia é adotada para a exibição de cenas de sexo explícito nos cinemas dos Estados Unidos: entram em cartaz filmes documentários sobre a liberação da pornografia escandinava. *Sexual Freedom in Denmark* (1970), dirigido pelo estadunidense John Lamb (também conhecido como Von Hellen), e *Pornography in Denmark: A New Approach* (1970) – também conhecido como *Censorship in*

[30] Prática de sexo oral em que o órgão estimulado é a vagina.
[31] Desde os *stags*, passando pelos *exploitation*, pelos *beaver*, bem como por toda a trajetória do pornô *hardcore*, as cenas de erotismo e de ação sexual entre mulheres são uma constante.

Denmark -, do diretor Alex de Renzy[32], são exemplos de documentários que se valeram da proposta de discutir a censura da pornografia para incorporar e exibir cenas de sexo explícito em seus próprios filmes, sem que fossem classificados – e, consequentemente, censurados – como pornográficos.

No cartaz de *Sexual Freedom in Denmark*, o alerta: "este é um filme de educação sexual!". Mediante essa justificativa, tornou-se possível contornar a censura e exibir nas salas de cinema um filme que tinha como sequência inicial um *close* de penetração pênis-vagina (e, no restante de seus 75 minutos, mais uma série de ações sexuais explícitas).

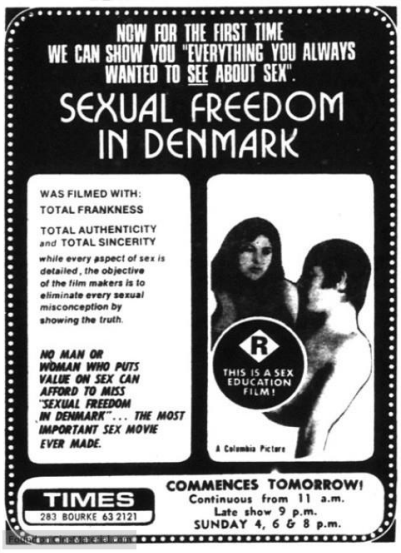


FIGURA 15: cartaz de divulgação do documentário *Sexual Freedom in Denmark* (1970)

FIGURA 16: *frames* da sequência inicial do documentário *Sexual Freedom in Denmark* (1970)

O fim da censura dinamarquesa não fez do país apenas um lugar convidativo para

[32] Alex de Renzy personifica, de certo modo, esse movimento fronteiriço entre o papel de documentarista e de pornógrafo. Além de *Censorship in Denmark*, também dirigiu o documentário *A History of the Blue Movie* (1970), no qual apresenta uma compilação de *stag films* produzidos entre 1915 e 1970. Nas décadas de 1970 e 80, De Renzy dirigiu diversos filmes pornôs, como *Babyface* (1977) e *Pretty Peachs* (1978). Nos anos 1990, passou a assinar seus trabalhos como Rex Borsky, tendo filmado mais de 200 vídeos adultos, principalmente voltados às sequências de sexo anal heterossexual.

cineastas, mobilizou toda uma série de iniciativas relacionadas à dita "revolução sexual" – incluindo, no mesmo ano (1970), a implementação de disciplinas de educação sexual no currículo escolar obrigatório. De acordo com Jack Stevenson, pesquisador da pornografia escandinava,

> [...] even academics were getting into the act, organizing bold debates and symposiums like the one held at the Compenhagen University student union in 1970 where over 700 students paid to observe various sexual acts. The bleachers were packed with so many curious observers jostling to get a peek that at one point a plank in the stands shattered. The next year a similar exhibition, featuring one lesbian and two heterossexual couples, was arranged for the students. This time spectators sat on the floor. (2010, p. 4)[33]

Também em Copenhagen, fora realizada a feira pornográfica *SEX 69 World's Fair of Sex*, evento que reuniu mais de cem mil espectadores, além de jornalistas e cineastas do mundo inteiro. A feira, realizada em outubro de 1969, tinha o objetivo de expandir a comercialização dos produtos pornográficos – agora legalmente produzidos – para os mercados estrangeiros. Algumas das cenas do documentário *Pornography in Denmark* foram filmadas nesta ocasião. Sobre os filmes que surgem, então, nos Estados Unidos, nessa fronteira entre o documentário e o pornô *hardcore*, afirma Linda Williams:

> Certainly the early films spawned by this confluence of forces - films such as *Case Histories from Krafft-Ebing* (Dakota Bros., 1971); compilation films like Alex de Renzy's *History of the Blue Movie* (1970), which turned a studious eye on the stag film; massage parlor "exposés" such as *Rabin's Revenge* (Mitchell Bros., 1971); or behind-thescenes "reports" on exploitation film directors like *The Casting Call* (Gentlemen II Prod., 1970) - could hardly be taken seriously as advancing scientific knowledge of sexual practices. Yet as these early titles suggest, there is in fact no separating "sex for sex's sake" from the quest for knowledge of sex being undertaken by investigators into the *scientia serualis* (1989, p. 98)[34]

Esses documentários, ao serem exibidos em salas de cinema que abarcavam públicos mais diversificados - não só os restritos frequentadores das salas de *beavers* - e ao receberem

---

[33] "até mesmo acadêmicos se envolveram nesse movimento, organizando debates e simpósios audaciosos como o realizado na união de estudantes da Universidade de Compenhagen, em 1970, onde mais de 700 estudantes pagaram para observar vários atos sexuais. As arquibancadas estavam tão cheias de observadores curiosos empurrando-se para dar uma espiada que, em determinado momento, uma das tábuas da arquibancada se estilhaçou. No ano seguinte, foi organizada para os alunos uma exibição semelhante, com a apresentação de um casal de lésbicas e dois casais heterossexuais. Desta vez, os espectadores se sentaram no chão." (STEVENSON, 2010, p.4, tradução minha).

[34] "Certamente os primeiros filmes gerados por essa confluência de forças – filmes como *Case Histories from Krafft-Ebing* (Dakota Bros., 1971); filmes de compilação como o de Alex de Renzy, *History of th Blue Movie* (1970), que deposita um olhar estudioso sobre os *stag films;* cenas de um salão de massagem, como os de *Rabin's Revenge* (Mitchell Bros., 1971); ou os bastidores dos *exploitation*, como *The Casting Call* (Gentlemen II Prod., 1970) – dificilmente poderiam ser levados a sério como avanços no conhecimento científico sobre as práticas sexuais. No entanto, como sugerem esses primeiros títulos, não há, de fato, "sexo pelo sexo" separado da busca pelo conhecimento do sexo feita pelos investigadores da *scientia sexualis*" (WILLIAMS, 1989, p. 98, tradução minha).

críticas positivas em jornais de grande circulação - como o *New York Times* -, foram também responsáveis pela popularização e expansão da demanda do pornô *hardcore*, tornando sua legalização nos Estados Unidos uma questão emergente.

Enfim, em 1972, após apenas seis dias de filmagem e com um módico orçamento de 25 mil dólares, estreava em Nova Iorque o filme escolhido para compor o *corpus* desta pesquisa: *Garganta Profunda* (*Deep Throath*), escrito e dirigido por Gerard Damiano, é considerado pela maioria das pesquisadoras e dos pesquisadores o primeiro longa-metragem colorido e sonoro a acrescentar cenas de sexo explícito à sua narrativa e, ainda assim – após sucessivas batalhas judicias -, ser exibido legalmente em salas de cinema.

Estima-se que o filme arrecadou cerca de 100 milhões de dólares (embora números mais altos, como 600 milhões, também já tenham sido estimados). A repercussão dos lucros, ainda que com valores incertos, renderam ao filme o posto de fundador da indústria do cinema pornô[35] – ou seja, de um sistema de realização e distribuição de filmes de sexo explícito que alcançam (e que são destinados a) grandes públicos -, desencadeando o surgimento de estúdios profissionais voltados às produções pornográficas[36], a abertura de salas destinadas exclusivamente à exibição legalizada de filmes do gênero, o aparecimento de um sistema de *porn star* semelhante aos moldes do estrelato hollywoodiano e, também, instaurando uma gramática própria na maneira de filmar e enquadrar os corpos e atos sexuais.

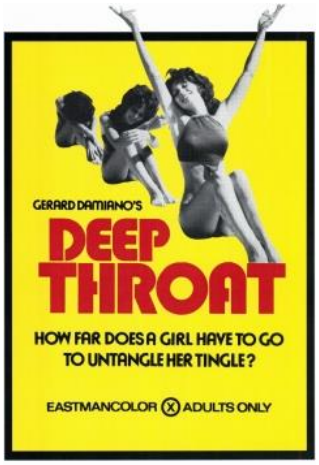


FIGURA 17: Pôster do filme *Garganta Profunda.*

[35] Outros dois filmes, talvez menos conhecidos do que *Garganta Profunda*, mas que também fazem parte desse momento de fundação da indústria do cinema pornô são: *O Diabo na Carne de Miss Jones* (*The Devil in Miss Jones*), também dirigido por Gerard Damiano, e *Atrás da Porta Verde* (*Behind The Green Door*), dirigido por Artie e Jim Mitchell. Os três filmes, conhecidos como "a santíssima trindade do pornô" (ABREU, 1996, p. 67), estrearam entre os anos de 1972 e de 1973.

[36] Os dois principais estúdios surgidos, nos Estados Unidos, na década de 1970, foram: *Caballero Home Video* e *VCA Pictures* – ambos ainda em atividade. No Brasil, atualmente, duas das maiores produtoras pornô são a *Sexxxy World* (surgida em 1988) e a *Brasileirinhas* (surgida em 1996).

O argumento central de *Garganta Profunda* é a busca da personagem principal, interpretada pela atriz homônima Linda Lovelace, por um orgasmo que a faça "ouvir sinos e explosões" ("*there should be bells ringing, dams busting, bombs going off*"[37]), não só "sentir formigamentos e arrepios" ("*little tingles*"). Na trama, Linda é jovem e diz gostar de sexo, já tentou várias práticas com vários parceiros, mas continua insatisfeita com a intensidade do prazer que experimenta. Depois de conversar com uma amiga, a protagonista resolve procurar o médico psiquiatra Dr. Young a fim de descobrir o motivo de seu problema. Constatado não ser um caso psicológico, Dr. Young a examina e descobre que o clitóris de Linda situa-se, ao invés de na vagina, na traqueia. A resolução para o seu descontentamento sexual é então revelada: encontrar um pênis grande o suficiente para penetrar em sua garganta e fazê-la gozar.

Filmado em 16mm e, posteriormente, ampliado para o formato 35mm (possibilitando sua exibição nas salas comerciais de cinema), o filme tem duração de 61 minutos[38], dos quais 28 minutos são destinados às relações sexuais, distribuídos em nove sequências. Apesar de simplório, *Garganta Profunda* tem um enredo que, além de disparar e congregar as ações sexuais, possui também elementos *non-sense* e de exagero, aproximando o filme do uso de estratégias comumente utilizadas em filmes de comédia. Para Linda Williams (2008, p. 131), o tom humorístico de *Garganta Profunda* foi também uma das razões pelas quais o filme pôde atingir e fazer sucesso com o grande público, tornando a pornografia palatável e fazendo com que, nas salas de cinema, a respiração ofegante desse lugar às risadas (ou fosse, ao menos, por elas disfarçada).

> What was memorable in *Deep Throat* was precisely what most people disparaged about it: its "threadbare," "poor excuse" for a plot. Yet in concentrating on this defect vis-à-vis other forms of narrative, critics missed the more important fact that the film had a plot at all, and a coherent one to boot, with the actions of characters more or less plausibly motivated. For the first time in hard-core cinematic pornography a feature-length film - not a documentary or a pseudodocumentary, not a single-reel, silent stag film or the genital show of beaver films -managed to integrate a variety of sexual numbers [...] into a narrative that was shown in a legitimate theater. (WILLIAMS, 1989, p. 99)[39]

---

[37]Os trechos em inglês de diálogos do filme *Garganta Profunda* foram retirados do *site* IMDb, quando nele disponíveis, ou transcritos por mim a partir do áudio original do filme. Os diálogos em português foram extraídos da legenda disponibilizada pelo *site Open Subtitles* e revisados mediante comparação com o áudio em inglês.

[38] Em alguns países, na ocasião de sua estreia, o filme foi apresentado com diferentes cortes. De acordo com o *site* IMDb, houveram as seguintes variações em relação à sua duração: 67 min. (versão exibida na Suécia), 50 min. (no Reino Unido) e 85 min. (na Itália). Apesar da duração mais longa, a versão italiana é assinalada como *softcore*, ou seja, com imagens que apenas sugerem os atos sexuais, sem exatamente mostrá-los.

[39] "O que foi memorável em *Garganta Profunda* é precisamente o que foi sobre ele depreciado pela maioria das pessoas: sua "desculpa pobre e esfarrapada" para um enredo. Entretanto, ao concentrar-se nesse defeito em comparação a outras formas de narrativa, os críticos deixaram escapar o fato mais importante, que o filme efetivamente tem um enredo, um enredo coerente o suficiente para arrancar – com motivações mais ou menos

O enredo de *Garganta Profunda*, no entanto, traz elementos não propriamente inéditos. Em 1970, o filme *Mona: The Virgin Nymph*, dirigido por Michael Benveniste e Howard Ziehm, antecipara algumas características da trama e dos elementos visuais de *Garganta Profunda*. Mona é uma jovem que prometeu à mãe que irá se casar virgem, no entanto pratica sexo oral com frequência (dizendo que "ama chupar pau") – não só com seu namorado, mas também com outros rapazes e, após ser seduzida e embebedada, também com uma moça. Seu namorado, depois de transar com a própria sogra, descobre a infidelidade de Mona e resolve puni-la, amarrando-a em uma cama e a obrigando a fazer e receber sexo oral dele mesmo e das três outras personagens com quem ela havia se relacionado anteriormente. A sequência, penúltima cena do filme, acaba se tornando uma suruba heterossexual.

FIGURA 18: *frames* do filme *Mona: The Virgin Nymph* (1970)

Apesar das semelhanças entre os dois filmes – que geram controvérsias sobre o pioneirismo de *Garganta Profunda*, uma vez que *Mona*, além de possuir um enredo, também fora ampliado para o formato 35mm e exibido em salas comerciais de cinema -, há, em *Garganta Profunda*, um elemento inexistente em *Mona* e que se tornaria, no decorrer das produções pornográficas seguintes, uma imagem indispensável para o pornô *mainstream*: a ejaculação peniana visível, ou seja, realizada fora de qualquer orifício penetrável. Conhecido como *money shot*, *meat shot* ou *come shot*, esse plano funciona, ao mesmo tempo, como clímax e encerramento da ação sexual, bem como evidência de que aquilo o que foi visto – o ato sexual – fora real, não uma representação ou encenação. Nesses termos, é possível afirmar que, se *Garganta Profunda* não foi o primeiro longa-metragem com sequências explícitas de atos sexuais a ser exibidos em cinemas comercias, foi, ao menos, o primeiro a finalizar essas sequências com a imagem em *close* do pênis ejaculando, o que o torna crucial no estabelecimento de uma iconografia pornô.

plausíveis – ações das personagens. Pela primeira vez na cinematografia pornográfica *hardcore*, um longa-metragem – não um documentário ou pseudodocumentário, não um único rolo de película, um *stag film* mudo ou um filme *beaver* com imagens de genitais – conseguiu integrar uma variedade de números sexuais [...] em uma narrativa e ser exibido em salas de cinema legítimas" (WILLIAMS, 1999, p. 99, tradução minha).

Apenas um ano após o lançamento de *Garganta Profunda*, em 1973, na França – mesmo ano em que se decide oficialmente pela inclusão da educação sexual nas escolas francesas (SAYÃO, 1997, p.107) -, a *Enciclopédia da Vida Sexual: da Fisiologia à Psicologia*, que constitui a segunda parte do *corpus* desta dissertação, foi originalmente publicada. A coleção divide-se em cinco volumes, cada um deles destinado a uma faixa etária, sendo elas: dos 7 aos 9 anos, dos 10 aos 13, dos 14 aos 16, dos 17 aos 18 e, por último, um volume destinado ao público adulto. Com exceção do último, que conta com a participação, também, de uma socióloga, são todos escritos por um mesmo grupo de profissionais da área da saúde, sendo: duas médicas ginecologistas, um médico ginecologista-obstetra e um médico ginecologista-pediatra.

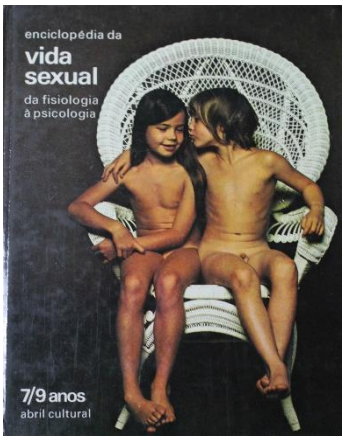
Os volumes da *Enciclopédia da Vida Sexual: da Fisiologia à Psicologia* lançam mão de diferentes estratégias de abordagem da temática sexual. O primeiro e o segundo, voltados às crianças mais novas, são como um livro infantil de história - utilizam personagens (nos dois casos, são personagens de uma mesma família: irmã e irmão, mãe e pai, uma tia ou prima grávida) e constroem uma narrativa capaz de abarcar diálogos que envolvam assuntos ligados à sexualidade (nos dois casos, um dos elementos disparadores é uma gravidez/a reprodução). As ilustrações do volume destinado às crianças de 7 a 9 anos são desenhos coloridos, já as do destinado às crianças de 10 a 13 anos são fotografias em preto e branco.

O terceiro volume, voltado a adolescentes de 14 a 16 anos, é organizado em capítulos/eixos temáticos: anatomia e fisiologia; as doenças; a menstruação; a relação sexual; o casal e a maternidade; a gravidez; a puberdade, e; a adolescência. Os capítulos se desenvolvem a partir de perguntas, feitas por crianças e adolescentes, a respeito de cada um dos assuntos tratados. As ilustrações são tanto fotografias (coloridas e em preto e branco), quanto desenhos esquemáticos do interior do corpo humano.

O quarto e o quinto volume, endereçados ao público com mais de 17 anos, organizam-se, também, em capítulos. São os livros que mais se aproximam do formato tradicional de enciclopédias, reunindo um vasto conteúdo sobre diversos vieses da vida sexual. A linguagem é menos informal e mais cientificista, as ilustrações englobam fotografias, desenhos esquemáticos e também obras de arte. As divisões capitulares não diferem muito das do volume anterior (14 a 16 anos), mas o aprofundamento nos temas – e a subdivisão dos mesmos - é maior.

A fim de melhor organizar e apresentar a enciclopédia, os **Quadros 1, 2, 3, 4 e 5**[40] condensam as já citadas e também outras informações a respeito de cada um dos cinco volumes:

Quadro 1: Apresentação do primeiro volume da *Enciclopédia da Vida Sexual – Da Fisiologia à Psicologia*.

<table>
<tr><td rowspan="2"> 
</td><td colspan="3">ENCICLOPÉDIA DA VIDA SEXUAL – DA FISIOLOGIA À PSICOLOGIA (7/9 anos)</td></tr>
<tr><td>Ano
1975</td><td>N° de páginas
44</td><td>Editora
Abril Cultural</td></tr>
<tr><td colspan="4">Referência

COHEN, Jean; KAHN-NATHAN, Jacqueline; TORDJMAN, Gilbert; VERDOUX, Christiane. (1973) Enciclopédia da Vida Sexual: da fisiologia à psicologia (7/9 anos). Trad. de Vera Cecilia Viotti de Campos Toledo. São Paulo: Abril S.A. Cultural e Industrial, 1975.</td></tr>
<tr><td colspan="2">Título Original</td><td>Ano</td><td>País</td></tr>
<tr><td colspan="2">Encyclopédie de la Vie Sexuelle – de la physiologie à la psychologie</td><td>1973</td><td>França</td></tr>
<tr><td colspan="4">Sobre as/os autoras/es</td></tr>
<tr><td>Dra. Christine Verdoux</td><td colspan="3">Médica ginecologista, ex-interna dos Hospitais de Paris.</td></tr>
<tr><td>Dr. Gilbert Tordjman</td><td colspan="3">Médico especialista em Psicossomática. Diplomado em Ginecologia e Pediatria. Membro da Sociedade Francesa de Psicossomática.</td></tr>
<tr><td>Dra. Jacqueline Kahn-Nathan</td><td colspan="3">Médica ginecologista. Ex-chefe da Clínica Ginecológica da Faculdade de Medicina de Paris.</td></tr>
<tr><td>Dr. Jean Cohen</td><td colspan="3">Médico ginecologista-obstetra. Ex-chefe da Clínica Ginecológica e Obstétrica da Faculdade de Medicina de Paris.</td></tr>
<tr><td>Público Alvo</td><td colspan="3">Estratégia de escrita</td></tr>
<tr><td rowspan="3">Crianças de 7 a 9 anos.</td><td colspan="3">O livro é escrito em forma de narrativa. Cristina e Ricardo são gêmeos de 7 anos, os caçulas de uma família composta por pai, mãe, um irmão mais velho (15 anos) e uma irmã mais velha (12 anos). A história se desenvolve a partir da visita da família ao tio Roberto e à tia Tereza, que está grávida.</td></tr>
<tr><td colspan="3">Tipos de ilustrações</td></tr>
<tr><td colspan="3">Desenhos estilizados e desenhos científico-esquemáticos coloridos.</td></tr>
<tr><td colspan="4">O que dispara a abordagem da “Educação Sexual”?</td></tr>
<tr><td colspan="4">Reprodução: “Você disse que o bebê da tia Tereza está na barriga dela. Como isso é possível? Não conseguimos compreender” (p. 10)
Produção de dois corpos: “E agora, sem mais demora, vamos comparar os homens com as mulheres, os meninos com as meninas” (p. 13)</td></tr>
</table>

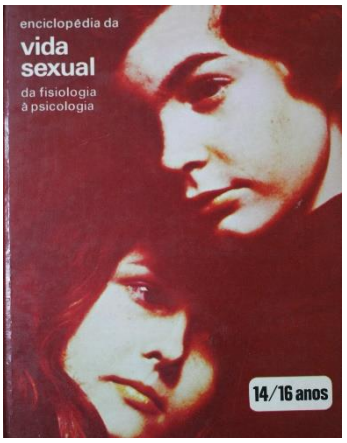
[40] Inspirei-me na organização feita por Jackson Ronie Sá da Silva, em sua tese *“ Homessexuais São...”: revisitando livros de medicina, psicologia e educação a partir da perspectiva queer* (2012), na qual o pesquisador trabalha com diversos volumes de livros e utiliza quadros para melhor apresentá-los.

Quadro 2: Apresentação do segundo volume da *Enciclopédia da Vida Sexual – Da Fisiologia à Psicologia*.

<table>
<tr><td rowspan="2">
</td><td colspan="3">ENCICLOPÉDIA DA VIDA SEXUAL – DA FISIOLOGIA À PSICOLOGIA (10/13 anos)</td></tr>
<tr><td>Ano
1975</td><td>N° de páginas
93</td><td>Editora
Abril Cultural</td></tr>
<tr><td colspan="4">Referência

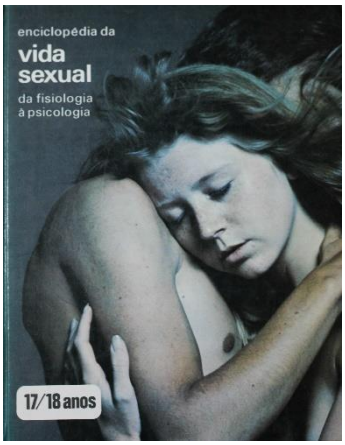
COHEN, Jean; KAHN-NATHAN, Jacqueline; TORDJMAN, Gilbert; VERDOUX, Christiane. (1973) Enciclopédia da Vida Sexual: da fisiologia à psicologia (10/13 anos). Trad. de Vera Cecilia Viotti de Campos Toledo. São Paulo: Abril S.A. Cultural e Industrial, 1975.</td></tr>
<tr><td colspan="2">Título Original</td><td>Ano</td><td>País</td></tr>
<tr><td colspan="2">Encyclopédie de la Vie Sexuelle – de la physiologie à la psychologie</td><td>1973</td><td>França</td></tr>
<tr><td colspan="4">Sobre as/os autoras/es</td></tr>
<tr><td>Dra. Christine Verdoux</td><td colspan="3">Médica ginecologista, ex-interna dos Hospitais de Paris.</td></tr>
<tr><td>Dr. Gilbert Tordjman</td><td colspan="3">Médico especialista em Psicossomática. Diplomado em Ginecologia e Pediatria. Membro da Sociedade Francesa de Psicossomática.</td></tr>
<tr><td>Dra. Jacqueline Kahn-Nathan</td><td colspan="3">Médica ginecologista. Ex-chefe da Clínica Ginecológica da Faculdade de Medicina de Paris.</td></tr>
<tr><td>Dr. Jean Cohen</td><td colspan="3">Médico ginecologista-obstetra. Ex-chefe da Clínica Ginecológica e Obstétrica da Faculdade de Medicina de Paris.</td></tr>
<tr><td>Público Alvo</td><td colspan="3">Estratégia de escrita</td></tr>
<tr><td rowspan="3">Crianças e adolescentes de 10 a 13 anos.</td><td colspan="3">O livro é escrito em forma de narrativa. Os irmãos João (11 anos) e Sílvia (9 anos) estão passando as férias na praia com seu pai, sua mãe e Márcia, prima da mãe que está grávida. Devido as dúvidas que as crianças começam a expor, seu pai decide apresentá-los um livro de Educação Sexual.</td></tr>
<tr><td colspan="3">Tipos de ilustrações</td></tr>
<tr><td colspan="3">Fotografias em preto e branco.</td></tr>
<tr><td colspan="4">O que dispara a abordagem da “Educação Sexual”?</td></tr>
<tr><td colspan="4">Produção de dois corpos: “Há um punhado de coisas que não compreendemos bem a respeito dos meninos e das meninas... Apenas não tínhamos coragem de falar sobre isso! […] Explique a Sílvia porque ela não é um menino!” (p. 9 e 10)</td></tr>
</table>

Quadro 3: Apresentação do terceiro volume da *Enciclopédia da Vida Sexual – Da Fisiologia à Psicologia*.

<table>
<tr><td rowspan="3"> 
</td><td colspan="3">ENCICLOPÉDIA DA VIDA SEXUAL – DA FISIOLOGIA À PSICOLOGIA (14/16 anos)</td></tr>
<tr><td>Ano
1977</td><td>N° de páginas
156</td><td>Editora
Abril Cultural com licença editorial para o Círculo do Livro</td></tr>
<tr><td colspan="3">Referência

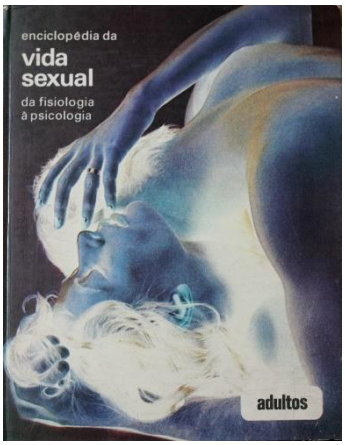
COHEN, Jean; KAHN-NATHAN, Jacqueline; TORDJMAN, Gilbert; VERDOUX, Christiane. (1977) Enciclopédia da Vida Sexual: da fisiologia à psicologia (14/16 anos). Trad. de Margarida Bulhões Pedreira Genevois. São Paulo: Círculo do Livro S.A., 1977.</td></tr>
<tr><td colspan="2">Título Original</td><td>Ano</td><td>País</td></tr>
<tr><td colspan="2">Encyclopédie de la Vie Sexuelle – de la physiologie à la psychologie</td><td>1977</td><td>França</td></tr>
<tr><td colspan="4">Sobre as/os autoras/es</td></tr>
<tr><td>Dra. Christine Verdoux</td><td colspan="3">Médica ginecologista, ex-interna dos Hospitais de Paris.</td></tr>
<tr><td>Dr. Gilbert Tordjman</td><td colspan="3">Médico especialista em Psicossomática. Diplomado em Ginecologia e Pediatria. Membro da Sociedade Francesa de Psicossomática.</td></tr>
<tr><td>Dra. Jacqueline Kahn-Nathan</td><td colspan="3">Médica ginecologista. Ex-chefe da Clínica Ginecológica da Faculdade de Medicina de Paris.</td></tr>
<tr><td>Dr. Jean Cohen</td><td colspan="3">Médico ginecologista-obstetra. Ex-chefe da Clínica Ginecológica e Obstétrica da Faculdade de Medicina de Paris.</td></tr>
<tr><td>Público Alvo</td><td colspan="3">Estratégia de escrita</td></tr>
<tr><td rowspan="3">Adolescentes de 14 a 16 anos.</td><td colspan="3">O livro é escrito em forma de perguntas e respostas. De acordo com os textos iniciais, as perguntas foram feitas por adolescentes durante reuniões de informação sexual.</td></tr>
<tr><td colspan="3">Tipos de ilustrações</td></tr>
<tr><td colspan="3">Fotografias coloridas e em preto e branco, desenhos científico-esquemáticos.</td></tr>
<tr><td colspan="4">Divisão capitular</td></tr>
<tr><td colspan="4">Prefácio: … aos adolescentes / … aos pais – da página 9 à p.11
Anatomia e fisiologia – da página 15 à p.38 (total: 23 páginas)
As doenças – da página 39 à p.42 (total: 3 páginas)
A menstruação – da página 43 à p.54 (total: 11 páginas)
A relação sexual – da página 55 à p.64 (total: 9 páginas)
O casal e a maternidade – da página 65 à p.86 (total: 21 páginas)
A gravidez – da página 87 à p.112 (total: 25 páginas)
A puberdade – da página 113 à p.132 (total: 19 páginas)
A adolescência – da página 132 à p.154 (total: 22 páginas)</td></tr>
</table>

Quadro 4: Apresentação do quarto volume da *Enciclopédia da Vida Sexual – Da Fisiologia à Psicologia*.

<table>
<tr><td rowspan="2"> 
</td><td colspan="3">ENCICLOPÉDIA DA VIDA SEXUAL – DA FISIOLOGIA À PSICOLOGIA (17/18 anos)</td></tr>
<tr><td>Ano
1977</td><td>N° de páginas
188</td><td>Editora
Abril Cultural com licença editorial para o Círculo do Livro</td></tr>
<tr><td colspan="4">Referência

COHEN, Jean; KAHN-NATHAN, Jacqueline; TORDJMAN, Gilbert; VERDOUX, Christiane. (1977) Enciclopédia da Vida Sexual: da fisiologia à psicologia (17/18 anos). Trad. de Dora Mariana Ribeiro Ferreira da Silva. São Paulo: Círculo do Livro S.A., 1977.</td></tr>
<tr><td colspan="2">Título Original</td><td>Ano</td><td>País</td></tr>
<tr><td colspan="2">Encyclopédie de la Vie Sexuelle – de la physiologie à la psychologie</td><td>1977</td><td>França</td></tr>
<tr><td colspan="4">Sobre as/os autoras/es</td></tr>
<tr><td>Dra. Christine Verdoux</td><td colspan="3">Médica ginecologista, ex-interna dos Hospitais de Paris.</td></tr>
<tr><td>Dr. Gilbert Tordjman</td><td colspan="3">Médico especialista em Psicossomática. Diplomado em Ginecologia e Pediatria. Membro da Sociedade Francesa de Psicossomática.</td></tr>
<tr><td>Dra. Jacqueline Kahn-Nathan</td><td colspan="3">Médica ginecologista. Ex-chefe da Clínica Ginecológica da Faculdade de Medicina de Paris.</td></tr>
<tr><td>Dr. Jean Cohen</td><td colspan="3">Médico ginecologista-obstetra. Ex-chefe da Clínica Ginecológica e Obstétrica da Faculdade de Medicina de Paris.</td></tr>
<tr><td>Público Alvo</td><td colspan="3">Estratégia de escrita</td></tr>
<tr><td rowspan="3">Adolescentes de 17 e 18 anos.</td><td colspan="3">O livro é composto por textos expositivos em formato enciclopédico tradicional.</td></tr>
<tr><td colspan="3">Tipos de ilustrações</td></tr>
<tr><td colspan="3">Fotografias coloridas e em preto e branco, desenhos científico-esquemáticos e obras de arte.</td></tr>
<tr><td colspan="4">Divisão capitular</td></tr>
<tr><td colspan="4">Prefácio – da página 8 à p.10; Generalidades sobre a reprodução e a divisão celular (A expressão própria da vida/ Os cromossomos/ Embriologia/ Caracteres sexuais secundários) – da página 11 à p.22 (total: 11 páginas); Anatomia (Generalidades da anatomia: bacia e períneo/ Órgãos genitais da mulher/ Órgãos genitais do homem) – da página 23 à p.36 (total: 13 páginas); Fisiologia feminina (A puberdade/ Período de atividade genital) – da página 37 à p.54 (total: 17 páginas); Fisiologia masculina (Puberdade masculina) – da página 55 à p.60 (total: 5 páginas); A relação sexual (O orgasmo feminino/ Perturbações do comportamento sexual) – da página 61 à p.74 (total: 13 páginas); A gravidez (Da fecundação à implantação/ O início da gravidez/ Permutas entre mãe e filho/ Os nove meses da gravidez/ O parto/ Partos difíceis/ O recém-nascido/ Amamentação) – da página 75 à p.110 (total: 35 páginas); O casal e a maternidade (Ser o dono da própria fecundidade/ Métodos anticoncepcionais/ O aborto/ A esterilidade) – da página 111 à p.136 (total: 25 páginas); Problemas afetivos da adolescência (Sexualidade infantil) – da página 137 à p.146 (total: 9 páginas); A puberdade e a adolescência (A crise da adolescência) – da página 147 à p.150 (total: 3 páginas); Os médicos e os jovens (A crise da puberdade/ As etapas para a maturidade/ O Problema da virgindade/ As relações sexuais/ As disposições repressivas do instinto/ As doenças venéreas/ As experiências pré-nupciais/ A lassidão sexual/ O prazer secxual, a frigidez, a inibição/ A homossexualidade do adolescente) – da página 151 à p.180 (total: 29 páginas); O adolescente e a sociedade (Os problemas da adolescência) – da página 181 à p.186 (total: 5 páginas).</td></tr>
</table>

Quadro 5: Apresentação do quinto volume da *Enciclopédia da Vida Sexual – Da Fisiologia à Psicologia*.

<table>
<tr><td rowspan="2"> 
</td><td colspan="3">ENCICLOPÉDIA DA VIDA SEXUAL – DA FISIOLOGIA À PSICOLOGIA (Adultos)</td></tr>
<tr><td>Ano
1977</td><td>N° de páginas
285</td><td>Editora
Abril Cultural com licença editorial para o Círculo do Livro</td></tr>
<tr><td colspan="4">Referência

COHEN, Jean; KAHN-NATHAN, Jacqueline; TORDJMAN, Gilbert; VERDOUX, Christiane. (1977) Enciclopédia da Vida Sexual: da fisiologia à psicologia (adultos). Trad. de Édson Araújo Cabral. São Paulo: Círculo do Livro S.A., 1977.</td></tr>
<tr><td colspan="2">Título Original</td><td>Ano</td><td>País</td></tr>
<tr><td colspan="2">Encyclopédie de la Vie Sexuelle – de la physiologie à la psychologie</td><td>1977</td><td>França</td></tr>
<tr><td colspan="4">Sobre as/os autoras/es</td></tr>
<tr><td>Dra. Christine Verdoux</td><td colspan="3">Médica ginecologista, ex-interna dos Hospitais de Paris.</td></tr>
<tr><td>Dr. Gilbert Tordjman</td><td colspan="3">Médico especialista em Psicossomática. Diplomado em Ginecologia e Pediatria. Membro da Sociedade Francesa de Psicossomática.</td></tr>
<tr><td>Dra. Jacqueline Kahn-Nathan</td><td colspan="3">Médica ginecologista. Ex-chefe da Clínica Ginecológica da Faculdade de Medicina de Paris.</td></tr>
<tr><td>Dr. Jean Cohen</td><td colspan="3">Médico ginecologista-obstetra. Ex-chefe da Clínica Ginecológica e Obstrética da Faculdade de Medicina de Paris.</td></tr>
<tr><td>Suzanne Masse</td><td colspan="3">Socióloga.</td></tr>
<tr><td>Público Alvo</td><td colspan="3">Estratégia de escrita</td></tr>
<tr><td rowspan="3">Adultos (pais e mães).</td><td colspan="3">O livro é composto por textos expositivos em formato enciclopédico tradicional.</td></tr>
<tr><td colspan="3">Tipos de ilustrações</td></tr>
<tr><td colspan="3">Fotografias coloridas e em preto e branco, desenhos científico-esquemáticos e obras de arte.</td></tr>
<tr><td colspan="4">Divisão capitular</td></tr>
<tr><td colspan="4">Prefácio – da página 8 à p.10; Anatomia do aparelho genital (Embriologia e Cromossomos/ Anatomia dos órgãos genitais da mulher/ Anatomia dos órgãos genitais do homem) – da página 11 à p.48 (total: 37 páginas); A puberdade da menina (Fisiologia feminina/ O ciclo menstrual/ A menopausa) – da página 49 à p.68 (total: 19 páginas); A puberdade do menino – da página 69 à p.76 (total: 7 páginas); A relação sexual (Os distúrbios do comportamento sexual/ Os pais e a relação sexual) – da página 77 à p.94 (total: 22 páginas); Os problemas psicológicos da sexualidade (A sexualidade infantil/ A adolescência/ A sexualidade do adolescente/ A sexualidade adulta/ As perversões sexuais) – da página 95 à p.166 (total: 71 páginas); A gravidez (Da fecundação à implantação/ O 1° trimestre da gravidez/ O 2° trimestre da gravidez/ O 3° trimestre da gravidez/ O parto/ Os partos difíceis/ O recém-nascido/ O aleitamento) – da página 167 à p.226 (total: 59 páginas); A maternidade voluntária (A anticoncepção/ Os pais face à anticoncepção/ A esterilização/ O aborto/ A esterilidade) – da página 227 à p.258 (total: 32 páginas); As doenças venéreas – da página 259 à p.262 (total: 3 páginas); As transformações das proibições sexuais – da página 263 à p.280 (total: 17 páginas).</td></tr>
</table>

Apesar de ambos os artefatos componentes deste *corpus* não terem sido produzidos originalmente no Brasil – sendo provenientes, respectivamente, do contexto estadunidense e do francês -, suas reproduções foram movimentadas e praticadas no cenário brasileiro - seja pela reprodução propriamente dita dos mesmos (a exibição e difusão do *Garganta Profunda*, a edição traduzida e comercializada da *Enciclopédia da Vida Sexual*), seja pelas produções (de saberes e de materialidades) incitadas e/ou possibilitadas por eles[41].

Considera-se ter sido a França o país berço das discussões ocidentais sobre educação sexual, sendo o combate à masturbação, no século XVIII, o estopim do debate – apontado como um dos percursores da pedagogia moderna, o filósofo Jean Jacques Rousseau fez severas advertências contra a prática masturbatória de crianças e adolescentes em seu livro *Emílio ou Da Educação* (1762). Quase um século depois, em 1853/1855, o conde Arthur de Gobineau publica, também na França, seu *Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas*, considerada uma das obras pioneiras do racismo moderno e das ciências eugênicas – que, no final do século XIX e início do século XX, desencadearam a retomada das discussões sobre a inserção da educação sexual no ambiente escolar (inclusive, como já visto, no Brasil).

Na contracapa dos dois primeiros volumes da edição brasileira da *Enciclopédia da Vida Sexual,* constam os seguintes comentários pertinentes à edição francesa:

> A simplicidade e clareza das exposições em nada comprometem sua qualidade científica. O texto é admiravelmente ilustrado e a transposição das cores confere às realidades um aspecto irreal. **Não conhecemos outra obra tão bem sucedida quanto essa, a respeito de um tema tão difícil e delicado**.
>
> André Lwoff
> Professor do Int. Pasteur
> Prêmio Nobel de Medicina
> Jacques Monod
> Diretor do Instituto Pasteur
> Prêmio Nobel de Medicina
>
> **No momento em que termina por fim, em nosso país, a longa noite de ignorância a respeito dos problemas da vida sexual**, a publicação de uma enciclopédia tão admirável é um acontecimento.
> A qualidade das ilustrações, a clareza das explicações, a abordagem inteligente, a exposição dos assuntos mais delicados ou difíceis de compreender, em linguagem acessível ao menos informado dos leitores, fazem destas obras um sucesso completo.
> ... E é uma homenagem merecidíssima que presto aos Doutores Jean Cohen, Jacqueline Kahn-Nathan, Gilbert

[41] A indústria cultural brasilera – ou seja, a produção cultural industrializada, voltada ao consumo massivo e promotora de um mercado de bens culturais – consolida-se entre a década de 1960 e 1970, tendo suas produções cinematográficas, fonográficas, editoriais e televisivas potencialmente expandidas nesse período. Esse processo, impulsionado pelo governo militar, relacionou-se à constituição de uma modernização do país inspirada nos moldes civilizatórios europeus (e, posteriormente, norte-americanos). No prefácio do livro *Gota D'Água* (1975), de Chico Buarque e Paulo Pontes, por exemplo, os autores denunciam os resultados do regime político autoritário e da implementação de um "capitalismo caboclo" nas produções artísticas e culturais da época, pontuando esse movimento como parte de um projeto colonizador que marginaliza a cultura popular nacional. Nesse sentido, a escolha de um *corpus* oriundo da Europa e dos Estados Unidos leva em conta também a conjuntura de produção cultural brasileira dos anos 1970, para a qual a importação de modos de produção europeus, ligados ao projeto moderno ocidental, estabeleceu-se como alternativa de desenvolvimento nacional.

Tordjman, Christiane Verdoux e ao editor.

Lucien Neuwirth

Esta bela enciclopédia... inscreve-se em seu tempo: nossos contemporâneos, já conscientes e instruídos a respeito de tudo o que modela tecnicamente seu ambiente, vão passar de objetos a sujeitos.
Com a *Enciclopédia da Vida Sexual* a escola e a família se beneficiam de um instrumento privilegiado para sua integração na sociedade, quaisquer que sejam as opções filosóficas. A formação profissional e a tradição cultural são vividas nesta obra sem conflito, em aspectos onde habitualmente a sexualidade suscita o silêncio dos tabus.
Essa dificuldade foi aqui superada, porquanto – com uma iconografia renovada em que a vivência se torna arte – os autores souberam, pela primeira vez e sem concessão, traduzir a sexualidade humana em sua tríplice realidade: médica, cultural e social.

Dr. Pierre Simon
Ginecologista-obstetra

Quando os jovens, até há pouco, queriam informar-se a respeito da sexualidade e da vida sexual, em função dos seus próprios problemas, tinham que procurar os elementos necessários, mais ou menos às escondidas, em algum dicionário sucinto ou livros duvidosos. Esta enciclopédia exaustiva, clara e admiravelmente apresentada, resolve, enfim – e pela primeira vez – esse duplo problema de insuficiência e clandestinidade.
Não se pode construir a verdadeira moral a não ser sobre a base do conhecimento, embora ela vise a outra coisa que não o saber...

Marc Oraison
Doutor em Medicina
Doutor em Teologia

Este livro parece-me dos mais úteis. No momento em que nosso país, com a fama passada de galanteria e a moderna reputação de ignorância, se interroga sobre a educação sexual, eis uma obra que ajudará tanto às famílias como aos educadores...
... Eis uma enciclopédia em que nenhum dos três componentes da sexualidade foi negligenciado: descrição e evolução orgânica, abordagem psicanalítica e relacional, ambiente sociológico com suas regras e suas explosões.

André Dumas
Professor de Moral na Faculdade de Teologia Protestante de Paris

O que mais aprecio nesta obra é a bela e sóbria apresentação tanto dos temas como das ilustrações. Numa época em que todo ser humano se preocupa, consciente ou inconscientemente, em definir o lugar da sexualidade em seu mundo pessoal e na sociedade, este notável trabalho oferece uma base à reflexão que se impõe, mais que nunca, nesse momento crucial de nossa civilização.

Dr. André Berge
Diretor do Centro Psicopedagógico Claude-Bernard

A enciclopédia da vida sexual tem três qualidades essenciais:
- uma forma narrativa, agradável e simples, que facilita a compreensão dos assuntos tratados na obra, evitando os erros que habitualmente se cometem nesse gênero de publicação;
- desenhos e esquemas precisos, sem ser chocantes nem feios;
- fotografias que valorizam o texto, bem diagramado; iconografia rica. O caráter da ilustração não é incompatível com uma busca estética e uma preocupação de beleza que respeita a sensibilidade do leitor ao mesmo tempo que o instrui.

Jean Gondonneau
Secretário Geral do Movimento Francês de Planejamento Familiar

(COHEN, J. et. al., 1975a, grifo meu)

Os trechos destacados ressaltam o aparente pioneirismo da publicação, bem como o posicionamento da educação sexual enquanto campo a ser explorado pela família, pela medicina e, também, pela escola – lembrando que a enciclopédia é contemporânea à inclusão da educação sexual no currículo escolar francês, o que justifica os comentários que fazem referência a uma "longa noite de ignorância" e um "problema de insuficiência e

clandestinidade" precedentes à obra.

A primeira edição brasileira é realizada apenas dois anos após a original, em 1975, contando ainda com mais duas edições: a segunda, em 1976, e a terceira, em 1977. Todas sob os direitos da editora Abril Cultural e, posteriormente, com licença editorial para a Editora Círculo do Livro.

Como visto anteriormente, nas **preliminares** desta dissertação, durante as décadas de 1970 e 1980, a designação da instituição familiar como a responsável pela educação sexual de crianças e adolescentes foi predominante no contexto brasileiro, tornando raras as iniciativas formais de inclusão do tema no currículo escolar. Nesse sentido, enciclopédias de educação sexual parecem ter servido como uma ferramenta de apoio a ser utilizada por mães e pais na educação de suas filhas e filhos. Assim, a coleção *Enciclopédia da Vida Sexual* antecede uma "febre editorial" que começa no final dos anos 1970 e se estabelece no Brasil durante a década de 1980, na qual fascículos numerados, de periodicidade semanal ou quinzenal, eram publicados e vendidos em bancas de jornais e revistas para, ao término dos números, tornarem-se juntos um volume enciclopédico de educação sexual (na maioria dos casos, uma edição traduzida de enciclopédias europeias). A própria Abril Cultural, em 1977 – paralelamente à terceira edição da *Enciclopedia da Vida Sexual* – lançou a coleção *Amar: a realidade sobre a vida sexual,* escrita pelos médicos ginecologistas Haruo Okawara e Rogério Barros Sawaya.

Amar foi dividida em dois volumes de 40 fascículos cada, abordando temas como: Masturbação; Menstruação; Orgasmo; Casamento; Disfunções Sexuais; Sexualidade na Infância; Educação Sexual; Adolescência; Aborto; Prostituição; dentre outros.

FIGURA 19: Fascículos da coleção *Amar*

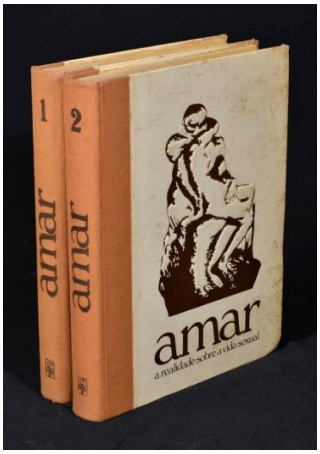


FIGURA 20: Volumes encadernados da coleção *Amar*

Outras enciclopédias fasciculares do período foram: *Vida Íntima: enciclopédia do*

amor e do sexo (1981), da Abril Cultural; *Arte de amar: orientação sexual para o jovem de hoje* (1982), da Editora Três, e; *Nós 2: amor e sexo* (1983), também da Abril Cultural. No formato coleção, aos moldes da *Enciclopédia da Vida Sexual*, a Abril Cultural publicou ainda: *ABC do amor e do sexo* (1980) e *Dicionário da Vida Sexual* (1981). Outras publicações populares da época foram: *Enciclopédia de Amor e Sexo* (1977), da Círculo do Livro; *Enciclopédia Nossa Vida Sexual* (1979), da Boa Leitura; *ABC Sexual – Enciclopédia Sexual Infantil* (1982), da Dinâmica Educacional, e; *Nova Enciclopédia de Amor e Sexo* (1986), da Nova Cultural.

Sobre essa intensa proliferação, diz o pesquisador Tito Sena[42]:

> A edição destas enciclopédias no Brasil não ocorreu por mero e único interesse mercadológico, pois se iniciou no período derradeiro da ditadura militar, ou seja, em finais da década de 70 e início de 80, com o processo de abertura política e democratização. Isto não significa que, em períodos precedentes, publicações ou reportagens sobre sexualidade tenham sido inéditas, mas sim, que fatores aglutinadores e suportes instrumentais possibilitaram uma divulgação mais explícita e insistente da temática. Primeiramente, fatores como o movimento de liberação sexual da década de 60 (e sua chegada defasada no Brasil), a eclosão dos movimentos feministas, a inclusão acentuada das mulheres nos meios profissional e acadêmico, a produção literária, cinematográfica e teatral explorando sexualidades, etc. Em segundo, fatores como o retomo dos anistiados e as falas de suas experiências no exterior, a americanização do Brasil a partir dos anos 70, através de invasão de produtos e slogans da moda, a intensificação de escudos sexológicos e sua divulgação mundial, dentre outros. Por último, fatores como a flexibilização de setores conservadores institucionais (sustentadores da censura prévia oficial ou religiosa), a maior industrialização do parque editorial e a melhoria do sistema de transportes, divulgação e distribuição de bens materiais e culturais que podem ser destacados paralelamente ao acirramento da utilização do sexo ou do corpo como apelo para o consumo. (2001, p. 2)

A produção cinematográfica brasileira do período é também – como não poderia deixar de ser – marcada pelo contexto acima descrito. Até meados dos anos 1960, seguindo os moldes internacionais de exibição, havia, no Brasil, sessões especiais "exclusivamente para cavalheiros", nas quais era possível assistir aos *exploitations* e aos *nudies* produzidos em outros países. Em 1968, com a promulgação do Ato Institucional Número Cinco (AI-5) e a militarização dos órgãos de censura, tanto as possibilidades de produção nacional, quanto também as de exibição de filmes estrangeiros, tornam-se limitadas. Surgem, então, na década

[42] Sua dissertação de mestrado, intitulada *Uma análise dos discursos sobre corpo e gênero contidos nas enciclopédias sexuais publicadas no Brasil nas décadas de 80 e 90* (2001), traz como *corpus* de pesquisa dez enciclopédias temáticas publicadas entre 1979 e 1999 no Brasil, sendo elas: as já citadas, *Amar: a realidade sobre a vida sexual* (1977); *Vida Íntima: enciclopédia do amor e do sexo* (1981); *Dicionário da Vida Sexual* (1981); *Nós 2: amor e sexo* (1983); *Nova Enciclopédia de Amor e Sexo* (1986); e ainda, *Viver o Amor* (1986); *Biblioteca Básica de Educação Sexual* (1986); *Guia Prático do Sexo* (1990); *Enciclopédia da Sexualidade – para o casal moderno* (1995), e; *Guia dos Amantes* (1996).

de 1970 - contemporaneamente à consolidação da indústria pornô nos Estados Unidos -, as *pornochanchadas*: filmes produzidos com poucos recursos, oriundos principalmente da região conhecida como Boca do Lixo, em São Paulo, e que uniam elementos da comédia popular urbana ao erotismo e à sensualidade.

As *pornochanchadas,* apesar do prefixo "pornô", não continham cenas de sexo explícito e lidavam com a sexualidade mais a partir do deboche[43], das piadas maliciosas, dos duplos sentidos e do erotismo implícito. Foram consideradas grosseiras, vulgares e apelativas, no entanto, alcançaram sucesso com o público – especialmente com as classes mais populares. Além de funcionarem como uma resposta mais amena ao clima de "liberdade sexual" que tomava conta de diversos países do ocidente, as rentáveis *pornochanchadas* movimentaram o circuito exibidor brasileiro no período em que, implantado pelo governo militar, um sistema de cotas anuais destinadas à exibição de filmes nacionais vigorava no país – sendo, por isso, considerada uma "época de ouro" para o mercado do cinema nacional.

Assim como a indústria pornô estadunidense, os filmes da Boca do Lixo lançaram sua própria espécie de *star system*. Atrizes como Vera Fischer – *A Super Fêmea* (1973) -, Helena Ramos – *Mulher, Mulher* (1979) -, Aldine Muller – *Clube dos Infiéis* (1974) -, Matilde Mastrangi – *Bacalhau* (1976) -, Zaira Bueno – *A Ilha do Desejo* (1975) -, dentre outras, foram algumas das responsáveis pelo sucesso de bilheteria das *pornochanchadas*.

[43] O contexto setentista brasileiro é marcado pelas alegorias, pela paródia e pelo deboche, não só no cinema, mas também na música, no teatro, na dança e em movimentos da contracultura (especialmente os de oposição ao regime militar). O *tropicalismo*, o *desbunde*, grupos como *Dzi Croquettes*, semanários como *O Pasquim*, dentre tantas outras iniciativas artístico-culturais que fizeram uso da linguagem da ironia e do sarcasmo, tiveram seu ápice entre o fim dos anos 1960 e os anos 1970. O filme *Tatuagem* (2013), do diretor Hilton Lacerda, explora esse cenário a partir do fictício coletivo de artistas que produz e apresenta performances na boate *Chão de Estrelas*. Como afirmam Jamil Cabral Sierra e Juslaine Abreu Nogueira, "[...] no filme [*Tatuagem*], o questionamento das convenções que nos encarceram, bem como o ensaio de constituição de uma vida-outra, de uma vida disposta a aceder criativamente à liberdade, vem na forma de riso, de escárnio, de piada – o corpo mesmo colocado a serviço do deboche, o corpo mesmo escancarado e dado a público como forma de escandalizar e liberar o que ainda, em muitos casos, é nossa grande cela: o cu!" (2016, p. 105). Embora as *pornochanchadas* tenham sido, majoritariamente, entendidas como obras sem engajamento político – ou, ainda, como um mecanismo de entretenimento que servia à ditadura militar a partir da lógica do "pão e circo" -, o documentário *Histórias que nosso cinema (não) contava* (2016), realizado por Fernanda Pessoa, reconta o período histórico da ditadura unicamente a partir de trechos de filmes da *pornochanchada*, lançando um outro olhar para esses filmes – e, para esse outro entendimento, a *pornochanchada* (ou parte dela, dada a diversidade de filmes que se agrupam sob o mesmo rótulo) estava, sim, ligada à denúncia (ainda que debochada) de questões políticas de sua própria atualidade.

FIGURA 21: Cartaz do filme *A Super Fêmea* (1973), com Vera Fischer

O esgotamento da *pornochanchada*, na década de 1980, está intimamente ligada à abertura política, ao declínio de censura militar e, assim sendo, também à demanda do público por filmes explicitamente pornográficos. Como antecipou Jean-Claude Bernardet, ainda em 1979, sobre a derrocada da *pornochanchada* e a invasão dos filmes pornôs *hardcore* estrangeiros no circuito exibidor brasileiro:

> A maior falha dessa pornochanchada não é ser pornô, mas ser muito pouco pornô. Preferível a todas estas sugestões, a esses lençóis medidos, é mostrar os órgãos sexuais masculinos e femininos fazendo o que podem fazer. Se bem não fizer, mal também não fará, e pelo menos num ponto será um bem: derrubar os múltiplos atos de censura que cerceiam esses filmes, que não são apenas os da censura federal e da burocracia, mas também os atos dos bem-pensantes retrógrados e dos bem-pensantes evoluídos. O gênero pornográfico é um gênero como outro qualquer, com suas particularidades, suas vedetes; vez ou outra, no meio de uma produção pra mim medíocre e fastidiosa, uma obra-prima. Como no meio da mediocridade do *bang-bang* ou do filme policial, vez ou outra, também, uma obra-prima. Questionar o gênero pornográfico leva a questionar todo o cinema comercial. (p. 107, *apud* ABREU, 1996, p. 81).

Filmes como *A Noite das Taras* (1980) e *A Fome de Sexo* (1981), marcam um período no qual as produções da Boca do Lixo arriscaram uma transição da *pornochanchada* para o pornô. Nesses filmes, há sequências de sexo explícito, mas filmadas de maneira ainda um pouco contidas em relação às produções estrangeiras – para as quais a inclusão do *money shot*, por exemplo, já se tornara imperativa.

FIGURA 22: *frames* de sequência de ação sexual do filme *A Noite das Taras* (1980)

FIGURA 23: *frames* de *closes* usados em sequência de ação sexual do filme *A Noite das Taras* (1980)

A produção que ficou conhecida como o "primeiro filme pornô brasileiro", *Coisas Eróticas,* dirigido por Rafaelle Rossi e Laente Calicchio, estreou em 1981 – quase dez anos após a estréia de *Garganta Profunda* - e levou quase 5 milhões de pessoas às salas de cinema, figurando até hoje no *ranking* de filmes brasileiros de maior bilheteria. O longa-metragem é dividido em três episódios de histórias independentes, com diferentes motivações para congregar variados números de ações sexuais: na primeira, o protagonista conhece casualmente a modelo que inspira sua masturbação, ela o leva para uma chácara, na qual também estão sua filha adolescente e uma amiga; no segundo, um casal adepto ao sadomasoquismo busca outro casal para a prática de *swing*; no terceiro, um jovem casal, colegas de faculdade, vai à chácara da família da moça passar as férias.

Exibido nas salas de cinema comercial por força de mandado judicial, o filme utilizou algumas das convenções iconográficas já estabelecidas pelo pornô estrangeiro, como os *closes* de genitálias durante ações sexuais, mas, ainda assim, boa parte das sequências parecem filmadas de maneira muito mais "tímida" – com planos mais abertos e distantes – do que a dos filmes estadunidenses.

FIGURA 24: *frames* de *Coisas Eróticas* (1981)

FIGURA 25: Comparação entre *frames* de planos utilizados para filmar ações de sexo oral nos filmes *Coisas Eróticas* (1981) e *Garganta Profunda* (1972), respectivamente.

Nos anos seguintes à estreia de *Coisas Eróticas*, surgiram cerca de 500 títulos pornográficos brasileiros (ABREU, 1996, p. 84), uma elevada produção para os parâmetros nacionais – chegando, em 1984, a representar mais da metade de toda a produção cinematográfica local. No entanto, mesmo após explorar subgêneros menos frequentes nos filmes estrangeiros – como a zoofilia, que obteve um pequeno ciclo de sucesso -, os filmes nacionais não sobreviveram à concorrência com os filmes importados. A partir de 1992, com a crise generalizada na produção cinematográfica nacional desencadeada pelo governo Collor, a produção de filmes pornôs chegava apenas a dois por ano – tendo culminado, em 1995, na marca de nenhum filme pornográfico dentre os 13 filmes produzidos no Brasil no período. A partir de então, com a já popularização do VHS, o consumo do pornô se desloca das salas do cinema (ou seja, da película) para o privativo espaço do lar (*videotapes*) – e, posteriormente, para a internet.

A escolha de *Garganta Profunda* e da *Enciclopédia da Vida Sexual: da fisiologia à psicologia* como *corpus* de pesquisa, enfim, constrói – a partir da investigação das movimentações que os precederam, que os originaram e que, ademais, foram também desencadeadas, (re)produzidas e sucedidas por eles – um trançar de informações pertinentes ao cinema pornográfico *mainstream* e à educação sexual que delimitam o objeto de pesquisa desta dissertação. A seguir, apresento a maneira como manuseei e analisei esses artefatos a fim de produzir os dados que constituirão o **segundo ato** deste texto.

1.4 Tramas e enredos teórico-metodológicos: estranhando o modo de pesquisar

> *Vou perguntando mas não espero respostas, quero continuar perguntando mas sabendo que não vou ouvir vozes, nem Daquele lá de cima que há muito viajou a caminho do Nada.*
>
> Hilda Hilst (*Cartas de um Sedutor*)

[...]
Pensei subidas onde não havia rastros.
Extasiada, fodo contigo
Ao invés de ganir diante do Nada.
Hilda Hilst (poema I, *Do Desejo*)

Pós-Moderna? Pós-Estruturalista? Pós-Crítica? A perspectiva através da qual se constrói este trabalho é a de seguir perguntando sem esperar produzir - muito menos encontrar - respostas definitivas. Não busco vozes às quais atribuir letras maiúsculas precedidas por artigos definidos no singular – a Resposta, a Verdade -, mas ouço e fodo (transo, tranço, traço), contudo, com algumas vozes: as daquelas e daqueles que, como eu, pensam subidas onde não havia rastros e viajam por caminhos inspirados pelos estudos foucaultianos e pelos pensamentos *queer*.

As pesquisas realizadas neste último campo, o *queer*, aparecem, nos anos 1980, como ligadas a "[...] compromissos intelectuais com as relações entre sexo, gênero e desejo sexual" (SPARGO, 2006, p.8) que, ao tecerem críticas às políticas de identidade, diferenciavam-se da proposta teórica dos movimentos *gay* e lésbico já existentes (LOURO, 2004). Mas se, a princípio, os pensamentos de inspiração *queer* se voltam aos processos de regulação e de disciplinarização do sexo, do gênero e do desejo, e à desconstrução de identidades fixas e estáveis, ao se ocuparem das produções discursivas do "natural", do "normal" e da "verdade", acabaram por se aplicar na problematização mesma dos procedimentos científicos tomados como válidos na Modernidade.

Em outros termos, para evidenciar os modos pelos quais corpos, sujeitos e práticas são classificados e hierarquizados, produzidos como normais ou anormais, bem como para desconstruir os próprios objetos de análise - desnaturalizando as verdades por eles produzidas -, há que se procurar modos de fazer pesquisa que não incorram nos mesmos padrões inflexíveis do fazer científico moderno – modos estes que produzem e estabilizam as verdades que os estudos e as pesquisas de inspiração *queer* pretendem estranhar.

Assim, estas pesquisas vêm acompanhadas pelas perguntas: como e quais métodos aplicar a fim de que a própria metodologia se constitua em um gesto *queerizador* da produção científica? Aqui, *queerizar*, como propõe Sierra (2013b), tem a ver com uma atitude, "[...] não é materializar empiricamente um modelo a ser seguido [...]" (p. 154), não é um adjetivo e, sim, um verbo. "Como verbo, *queer* (*queerizar-se*/*queering*) está mais para a prática que para a teoria ou qualidade: *queer* como aquilo que se pratica – uma ação entre corpos, uma atitude diante da vida" (SIEERA, 2013b, p. 157) e, por consequência, diante também da pesquisa

acadêmica. Mas como praticar uma atitude *queer* (*queerizada* e *queerizante*) na produção de saberes?

Uma resposta - todavia, não uma prescrição - tem sido ensaiada por autoras e autores que se embrenham neste campo teórico-conceitual. Trata-se da mistura de procedimentos já existentes, de permitir-se transformá-los, criar novos modos de abordar os objetos de pesquisa, construir uma bricolagem de concepções teóricas e de "modos de fazer" reunidos (REIS, 2012). Ou, como diz Jack Halberstam[44], recusar a exigência acadêmica de coerência entre disciplinas e combinar métodos – mesmo os que, a princípio, parecem contraditórios entre si (2008, p.35) – em função de um jeito próprio de fazer pesquisa que componha algo novo, não apenas a junção de fragmentos, e que sirva para o empreendimento específico com o qual se está lidando.

Esse convite para que façamos do pesquisar uma aventura do pensamento, deixando-nos atravessar por outras ideias e por outros acontecimentos (FISCHER, 2005), é o caminho no qual aposto para a realização deste trabalho. Na lida com meu material empírico, procurei construir uma metodologia *a partir do* e *no* próprio movimento investigativo, buscando entender quais procedimentos melhor responderiam às necessidades da pergunta proposta e do *corpus* de pesquisa escolhido, (in)definindo a pesquisa na medida em que ela mesma foi sendo realizada.

Partindo do entendimento de que "[...] o discurso nada mais é do que a reverberação de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos" (FOUCAULT, 2014, p.46), a análise foucaultiana do discurso foi uma das trilhas metodológicas percorridas na feitura desta dissertação. A noção de que os enunciados produzem as coisas das quais falam – e de que "[...] os discursos produzem uma forma de 'ver e dizer' o mundo" (ARAGÃO et al., 2005, p. 23) – levou-me a procurar em meu *corpus* de pesquisa, não algo que estaria "por trás" ou "abaixo" daquilo o que está sendo dito pela *Enciclopédia da Vida Sexual* e pelo *Garganta Profunda*, mas as tramas de poder-saber-verdade que possibilitaram, naquele momento, que esses discursos tenham sido produzidos e que seus conteúdos acerca do sexo tenham sido tomados como verdadeiros – bem como, por consequência, os saberes que estariam sendo (re)produzidos pela enciclopédia e pelo filme de modo a também condicionarem a possibilidade de emergência de outras instâncias discursivas e pedagógicas.

[44] Por se tratar de uma pessoa que se identifica como transgênera e que utiliza, atualmente, o nome "Jack", optei por colocar "HALBERSTAM, J." nas referências bibliográficas – contraindo, diferentemente da maneira utilizada para referenciar as obras de outras pessoas, o prenome feminino grafado na publicação do livro *Masculinidad feminina* (2008). O mesmo artifício foi utilizado nas referências de textos de Paul Preciado.

Alinho-me, então, de certa maneira, ao empreendimento genealógico de Foucault, aplicando-o em uma espécie de genealogia da educação sexual, ou, ainda, da produção e regulação do sexo educado. O autor descreve, em *A Ordem do Discurso* (2014), a genealogia como uma análise que se detém "[...] nas séries de formação efetiva do discurso: procura apreendê-lo em seu poder de afirmação e, por aí entendo não o poder de negar, mas o poder de constituir domínios de objetos, a propósito dos quais se poderia afirmar ou negar proposições verdadeiras ou falsas" (p. 65).

Em um primeiro momento desta trajetória, detive-me nos volumes da enciclopédia. Li-os e reli-os por diversas vezes, atentando-me às ideias e às imagens intensamente repetidas e retomadas por eles. Disto, foi-me possível traçar oito categorias sob as quais agrupar essas reiterações produtivas, sendo elas: *Compromisso com a cientificidade*; *Reprodução; Papéis familiares; Complementariedade entre os corpos*; *Produção da (a)normalidade*; *Feminino x Masculino*; *Pedagogização do ato sexual e do prazer*, e*; DST (doenças sexualmente transmissíveis)*[45]. Incluí uma nona categoria, a *Pornografia*, em função da minha pergunta de pesquisa, ainda que menções aos materiais pornográficos apareçam apenas brevemente em um único volume da enciclopédia (o destinado a adolescentes de 14 a 16 anos).

Selecionei, então, os trechos da enciclopédia que diziam respeito a cada uma das categorias[46], transcrevi-os para um mesmo arquivo digital e tabulei-os de acordo com as categorizações. Neste arquivo, descrevi e/ou fiz notas sobre as imagens que acompanhavam os trechos, deixando assinaladas as respectivas páginas para posterior digitalização.

A seguir, visando possibilitar uma melhor compreensão da seleção realizada, um quadro contendo as descrições que orientaram minhas categorizações.

Quadro 6: Apresentação das categorias e breve descrição dos materiais atribuídos a cada uma delas.

CATEGORIA	DESCRIÇÃO
Compromisso com a cientificidade	Trechos que ligam a educação sexual à biologia (a partir, especialmente, do ramo da fisiologia e da anatomia). A terminologia utilizada é bastante cientificista e os desenhos são, em sua maioria, ilustrações esquemáticas do funcionamento interno do corpo humano (indicação de órgãos, fluxos, sistemas).

[45] Atualmente, também designadas IST – Infecções sexualmente transmissíveis.

[46] Como é possível inferir pelo **Quadro 6**, as categorias se entrecruzam, fazendo com que, muitas vezes, um mesmo trecho possa ser categorizado por diferentes aspectos. Optei, ainda assim, por colocar cada um dos trechos em uma única categoria (a que me parecesse predominante), a fim de facilitar a organização e preparação do material para o momento de escrita da análise.

Reprodução	Trechos que discorrem, principalmente, sobre gravidez e métodos contraceptivos. Relaciona-se à categoria anterior (*compromisso com a cientificidade*), pois a abordagem da temática da reprodução se dá, muitas vezes, a partir da explanação acerca do funcionamento fisiológico dos corpos.
Papéis familiares	Trechos e imagens nas quais aparecem concepções em relação às formatações e papéis familiares (especialmente sobre a maternidade).
Complementariedade entre os corpos	Trechos e imagens nas quais a heterossexualidade se apresenta como compulsória em função, a partir da diferenciação corporal (fundada na ideia de dois sexos), de uma suposta complementariedade anatômica.
Produção da (a)normalidade	Trechos que delimitam o "normal" (margeando a normalidade com a delimitação do que seria "anormal").
Feminino x Masculino	Trechos e imagens que produzem a diferenciação binária do feminino e do masculino (da fêmea e do macho, da feminilidade e da masculinidade).
Pedagogização do ato sexual e do prazer	Trechos e imagens que apresentam as relações sexuais em etapas, circunscrevendo o que seria uma verdadeira e completa relação sexual.
Doenças sexualmente transmissíveis	Trechos que abordam as DST, explicando-as e discorrendo sobre métodos preventivos.
Pornografia	Trecho em que aparece a discussão sobre o consumo de materiais pornográficos.

Essas categorias foram, posteriormente, revistas e reagrupadas em função de outros três eixos analíticos, sendo eles: *cadeia sexo-gênero-desejo*; *sexualidade*; *ato sexual*. Esses três grandes grupos, que orientam a organização do próximo ato, reúnem as antigas categorias da seguinte maneira[47]:

Quadro 7: Apresentação dos eixos e das categorias de análise com as quais se relacionam.

EIXO ANALÍTICO	CATEGORIAS
Cadeia sexo-gênero-desejo	Compromisso com a cientificidade; Reprodução; Complementariedade entre os corpos; Feminino x Masculino.
Sexualidade	Compromisso com a cientificidade; Produção da (a)normalidade;

[47] As categorias *Papéis familiares* e *Doenças Sexualmente Transmissíveis*, propostas, a princípio, por relacionarem-se à divisão capitular do caderno dos *PCN – Orientação Sexual*, foram, em partes, diluídas junto às outras categorias e, em partes, abandonadas.

Ato sexual	Pedagogização do ato sexual e do prazer; Reprodução; Pornografia.

Concomitante aos procedimentos de transcrição e tabulação dos trechos da enciclopédia, dediquei-me a assistir várias vezes ao *Garganta Profunda*. A escolha de trabalhar, na medida do possível, simultaneamente com filme e enciclopédia, deu-se em função da "contaminação", por assim dizer, do olhar pelo qual fui constituindo um objeto pelo olhar com o qual fui constituindo o outro - assumidamente sem visar uma suposta neutralidade e/ou apreensão pura de cada um deles.

Produzir dados a partir de uma obra audiovisual, entretanto, traz um desafio: que ferramentas metodológicas empregar a fim de não reduzir o filme à sua narrativa (ao enredo, às personagens, aos diálogos), mas também comportando e contemplando os elementos que são próprios da linguagem cinematográfica (enquadramentos, planos, movimentos de câmera, montagem)?

Nesta pesquisa, inspirei-me tanto em procedimentos ligados às análises fílmicas realizadas no campo dos estudos do cinema, quanto nas realizadas nos estudos de gênero e sexualidade desenvolvidas no campo da educação.

Em *A Análise do Filme* (2012), Jacques Aumont e Michel Marie listam os três tipos de instrumentos mais utilizados nas análises fílmicas:

> a) instrumentos **descritivos**, destinados a atenuar a dificuldade [...] de apreensão e memorização do filme. [...] Tendo em conta o predomínio do filme narrativo, muitos desses instrumentos pretendem descrever as maiores (ou menores) unidades narrativas [...];
> b) instrumentos **citacionais**, que desempenham um pouco a mesma função dos anteriores (= realizar um estado intermediário entre o filme projectado [sic] e o seu exame analítico minucioso), mas conservando-se mais próximos da "letra" do filme;
> c) por fim, instrumentos **documentais**, que se distinguem dos precedentes por não descrever ou citar o próprio filme, mas juntar ao seu tema informações provenientes de fontes exteriores a ele. (p. 45)

Dentre os instrumentos **descritivos**, fiz uso, neste trabalho, dos de **decomposição** (AUMONT; MARIE, 2013, p.46)[48] e de **segmentação** (AUMONT; MARIE, 2013, p.54). A

[48] Os autores privilegiam, em *A Análise do Filme*, a decomposição plano a plano (ou planificação) como instrumento descritivo. Eu, contudo, não usei sempre o plano como unidade mínima de descrição, optando, na maior parte da *transcrição ilustrada*, por utilizar as cenas enquanto unidades dramáticas a serem descritas. Adiante, explicarei melhor minhas opções no que concerne à *transcrição ilustrada*.

partir de um arquivo digital de *Garganta Profunda* – e utilizando um *software* de edição de vídeo -, exportei[49] todos os *frames* do filme em formato JPEG[50], resultando em um total de 107.704 arquivos de imagem. Realizei, então, o que estou chamando nesta dissertação de *transcrição ilustrada* do filme: descrevi sucintamente as cenas, transcrevi os diálogos (em português e, quando consegui, também em inglês) e acrescentei *frames* de algum(s) plano(s) emblemático(s) de cada sequência.

GARGANTA PROFUNDA
Transcrição ilustrada

CENA 1 – INT.EXT/ CARRO DE LINDA E CIDADE - DIA

Linda dirige sozinha pela cidade até chegar em casa. Créditos iniciais do filme.

CENA 2 – INT. CASA DE LINDA - DIA
Linda entra em casa com algumas sacolas. Chama por sua amiga.

Linda: Helen?

Helen está na cozinha recebendo sexo oral de um rapaz.

Linda: Helen, cheguei! *(Helen, I'm home)*
Helen: Linda? Estou aqui, querida! *(Linda? I'm here, honey!)*

Linda vai até à porta da cozinha e vê Helen recebendo sexo oral de um rapaz. O rapaz vira o rosto em direção à porta para ver Linda, Helen puxa sua cabeça novamente em direção à sua vagina.

FIGURA 26: Exemplo de *transcrição ilustrada* do filme *Garganta Profunda.*

[49] Em programas de informática, "exportar" diz respeito a alterar o formato de um arquivo para que ele possa ser "aberto"/"lido" (ou seja, descodificado) em programas diferentes dos do qual o arquivo se origina.
[50] *Joint Photographics Experts Group* é um formato digital de compressão para arquivos de imagens, utilizado principalmente para fotos.

Nas cenas de sexo explícito/ação sexual - devido à importância das mesmas para o tema da pesquisa -, acrescentei *frames* de todos os planos da sequência e anotei algumas outras informações (tais como minutagem, duração da cena, número de planos, trilha musical, características dos enquadramentos):

Linda sai da cozinha. O rapaz continua fazendo sexo oral em Helen.

[**Sequência de sexo explícito nº 1**: depois da saída de Linda da cozinha, a cena tem 2 minutos e 15 segundos de duração, aproximadamente (minutagem: 5:50 – 08:05), em que a única ação é o sexo oral que o rapaz faz em Helen. Ao todo, são 6 planos (3 closes na vagina de Hellen e do rosto do rapaz "em ação" intercalados por 3 closes do rosto de Hellen "reagindo à ação"). Não há mais diálogos, ouvimos a música Bubbles, de Lion Warfield, como trilha não diegética. É possível ouvir também os gemidos de Helen, mas eles são muito mais baixos do que a música. A ação termina com Helen lançando para longe o cigarro que fumava.]

FIGURA 27: Exemplo de *transcrição ilustrada* de sequência de ação sexual do filme *Garganta Profunda*.

Pretendi, com a *transcrição ilustrada,* criar uma espécie de "mapa" do filme – um documento que pudesse ser utilizado para localizar caminhos analíticos, servir na instrumentalização da análise, não para ser, ele mesmo, analisado. Preocupada com uma possível transposição de materialidades, evitei o excesso descritivo - uma substituição do filme (enquanto áudio e imagem em movimento) pela narração verbal (palavras escritas) do que se vê e escuta nele - pois, como nos ensina Foucault, a materialidade discursiva

> [...] não é simplesmente princípio de variação, modificação dos critérios de reconhecimento, ou determinação de subconjuntos linguísticos. Ela é constitutiva do próprio enunciado: o enunciado precisa ter uma substância, um suporte, um lugar e uma data. Quando esses requisitos se modificam, ele próprio muda de identidade. (2008, p.114)

Neste sentido - e apesar da aproximação em decorrência da área e do aporte-teórico comum -, diferencio minha proposta metodológica da *etnografia de tela*[51] (BALESTRIN; SOARES, 2012), uma adaptação dos procedimentos oriundos das pesquisas antropológicas para a utilização dos mesmos nas análises de filmes e materiais televisivos. Sobre esse percurso metodológico, Patrícia Balestrin e Rosângela Soares destacam os seguintes procedimentos:

> [...] longo período de contato com o campo (neste caso, com a tela); observação sistemática e variada (assistir ao filme/programa de diferentes modos – sem interrupção, com pausas para registro, assistindo aos extras); registro em caderno de campo (tanto da descrição das cenas fílmicas e/ou televisivas, como de questões e pontos que parecem potencialmente interessantes para análise); escolha de cenas para a análise propriamente dita. (p. 93)

Ao tomarem a tela/o filme como um campo no qual imergir e ao qual "etnografar" – ou seja, dele fazer um registro descritivo[52] -, as autoras antepõem os conteúdos margeados pela tela à materialidade fílmica e sua ordem discursiva – na qual o gesto de "enquadrar", por exemplo, funciona como um controlador e organizador do que pode e do que não pode ser visto. Ainda que não os desconsiderem e que assinalem a relevância dos aspectos formais das cenas (como os planos, cenários e iluminações), as autoras se atentam mais aos significados produzidos pelas características e artifícios formais do que à relação entre a forma e os procedimentos de regulação discursiva.

Para esta pesquisa, todavia, e tomando como exemplo a sequência de ação sexual que aparece no fragmento da *transcrição ilustrada* anteriormente exposto (fig. 27), proponho-me a atentar tanto para o significado, o efeito sugerido pela alternância dos dois planos (o *close* na vagina recebendo *cunnilingus* e o *close* do rosto da personagem reagindo ao *cunnilingus*), quanto para a detecção dos "[...] princípios de ordenamento, de exclusão, de rarefação do discurso" (FOUCAULT, 2014, p. 65) e de produção afirmativa aos quais se vinculam as escolhas de mostrar e de esconder que são desencadeadoras e desencadeadas pelos enquadramentos utilizados na cena.

---

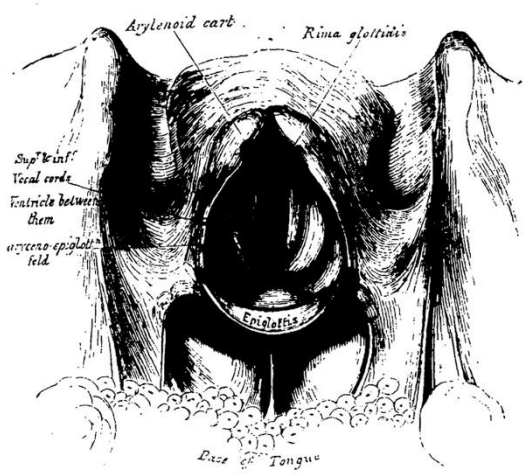
[51] Expressão utilizada, originalmente, pela jornalista e antropóloga Carmem Silva Rial, foi, posteriormente, sistematizada como aposta metodológica para pesquisas sobre gênero e sexualidade no campo da educação pelas pesquisadoras Patrícia Balestrin e Rosângela Soares (2012).

[52] Balestrin e Soares especificam ser a descrição detalhada de cenas um recurso fundamental da etnografia de tela (2012, p. 97).

Movimentar-se, assim, em direção à aproximação da linguagem cinematográfica e da materialidade fílmica, contudo, traz suas dificuldades: como "trazer" os trechos audiovisuais – como citá-los – em um arquivo digital de texto escrito que, futuramente, será impresso em folhas de papel? Diante das restrições impostas pela grafocentria, resta-nos a alusão: indicar a minutagem do trecho fílmico, ilustrar a análise pela reprodução de *frames,* – e, neste caso, sem muita escapatória – descrever os sons e as imagens aos quais nos referimos. Farei uso, neste texto, de todos esses instrumentos, mas, ainda assim, esperando não perder o filme de vista. Recomendo, portanto, às e aos possíveis leitoras e leitores, que assistam ao filme *Garganta Profunda*[53] para uma melhor compreensão da análise que, no próximo ato, aqui desenvolverei.

[53] Aproveitando-me dos recursos tecnológicos digitais, deixo aqui um *link* – infelizmente, sem legendas e com uma baixa qualidade de resolução – para uma versão *online* completa do filme: <http://www.pornodoido.com/video/filme-completo-de-garganta-profunda/>. Acesso em: 11/08/2016.

Primeiro



Plot Point

Ilustração do século XIX da abertura da laringe, semelhante à genitália externa feminina. Galeno demonstrou que a úvula, pedurada no fundo do palato – visão central quando se olha dentro da boca – oferece o mesmo tipo de proteção à garganta que o clitóris oferece ao útero. Em Lectures on the Science of Language, de Max Muller. (LAQUEUR, 2001, p.52)

Penetrando o segundo ato

Antes de dar início ao próximo capítulo, gostaria de fazer uma espécie de entreatos – que servirá, na construção do arco dramático desta dissertação, como um primeiro ponto de virada: uma passagem do *dispositivo de sexualidade*, enquanto conceito fundamental para a construção de meu problema de pesquisa – como apresentado no **primeiro ato** -, para as discussões sobre sexo, gênero e sexualidade, também dele desdobradas, na qualidade de diretrizes para a produção de dados e análise do material empírico.

Até aqui, espero que eu tenha conseguido oferecer a quem lê este trabalho, por meio das pistas históricas e dos diálogos estabelecidos com outras produções teóricas, as condições para a construção de um movimento de aproximação entre o cinema pornô e a educação sexual principiados, em síntese, pelos seguintes pontos:

- A *vontade de saber* do século XIX como condição de emergência da cinematografia;
- A produção de verdades sobre os corpos – consequentemente, sobre os sexos (em diferenciação e oposição) – como deflagradora da pornografia audiovisual;
- A medicalização dos corpos e das práticas – orientada pela cientificidade moderna, também fundada na *vontade de saber* – como constituinte da educação sexual escolar brasileira;
- O intrincamento entre educação e saberes médicos como oportunidade tanto da entrada da educação sexual nas escolas, quanto da flexibilização dos limites do filmável e do exibível, possibilitando o surgimento da indústria do cinema pornô.

Em continuidade, para que os próximos passos em direção à formulação do encontro entre *Garganta Profunda* e a *Enciclopédia da Vida Sexual* possam ser dados, faz-se também necessária uma breve revisão bibliográfica de como o *dispositivo de sexualidade* se articula à produção da diferença sexual, à instituição de um único e verdadeiro sexo para cada corpo e, como veremos mais adiante, ao *continuum* sexo-gênero-desejo, regulado pela heterossexualidade compulsória.

As noções de sexo, gênero e sexualidade

Thomas Laqueur, em *Inventando o Sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud* (2001), historiciza a produção da diferença sexual, nos termos de um modelo de dois sexos. O autor demonstra como o abandono do modelo de sexo único – predominante no ocidente desde a Antiguidade até o século XVIII – para a instituição, na modernidade, do modelo de dois sexos, mais do que de descobertas e progressos científicos, valeu-se de produções discursivas situacionais, contextualizadas por disputas de saber e poder.

No modelo de sexo único, herdado dos gregos e também denominado de isomorfismo sexual, no qual a mulher era entendida como um homem invertido, a diferença não se centrava em características intrinsicamente biológicas ou pautadas pela noção de natureza – ao contrário, entendia-se que os órgãos eram essencialmente iguais: a vagina, um pênis interno; os lábios vaginais, o prepúcio; o útero, o escroto; os ovários, os testículos. A diferença era tomada por graus de perfeição: o "calor vital" de um corpo defini-lo-ia como mais ou menos perfeito – respectivamente, como homem ou como mulher, de acordo com o calor ser ou não suficiente para externalizar os órgãos. Assim, apesar de se reduzir o sexo a um único padrão (o masculino), concebia-se dois gêneros cujos corpos correspondiam a patamares hierárquicos e verticais distintos.

> [...] nesses textos pré-Iluminismo, e mesmo em alguns textos posteriores, o *sexo*, ou o corpo, deve ser compreendido como o epifenômeno, enquanto que o *gênero*, que nós consideraríamos uma categoria cultural, era primário ou "real". O gênero – homem e mulher – era muito importante e fazia parte da ordem das coisas; o sexo era convencional, embora a terminologia moderna torne essa reordenação sem sentido. Pelo menos, o que nós chamamos de sexo e gênero existiam em um "modelo de sexo único" explicitamente ligados em um círculo de significados; escapar daí para um suposto substrato biológico – a estratégia do Iluminismo – era impossível. [...] Ser homem ou mulher era manter uma posição social, um lugar na sociedade, assumir um papel cultural, não *ser* organicamente um ou outro de dois sexos incomensuráveis. Em outras palavras, o sexo antes do século XVII era ainda uma categoria sociológica e não ontológica. (LAQUEUR, 2001, p. 19)

Laqueur aponta para como, na ordem dessa episteme pré-Iluminismo, mesmo os avanços renascentistas no campo da anatomia não foram suficientes para, por si só, abalar o modelo de sexo único, reforçando a tese do autor de que a invenção do modelo de dois sexos mais teve a ver com uma demanda política (fundamental para a formação da sociedade moderna) do que com avanços no campo da ciência:

> As descobertas e observações específicas [...] não conseguiram, mesmo juntas, abalar as crenças antigas tão profundamente arraigadas nos homens e nas mulheres a respeito da administração de seus corpos. E uma variedade de informações ou pretensas observações, quando interpretadas dentro dos limites do modelo, só faziam confirmar suas doutrinas. (2001, p. 130)

Entre o século XVIII e XIX, entretanto, uma nova conjuntura política e, também, epistemológica, propicia que os dois sexos, como os conhecemos, fossem inventados. Laqueur explica que, no âmbito político, especialmente no momento pós-revolucionário – com a derrubada de governos absolutistas do Antigo Regime -, uma série de disputas sobre a relações sociais tornaram cada vez menos razoável que se recorresse a uma ordem transcendental preexistente, cósmica, ou à tradição dos costumes seculares para endossar as relações de desigualdade. Nesse contexto, "[...] o campo de batalha do gênero mudou para a natureza, para o sexo biológico. A anatomia sexual distinta era citada para apoiar ou negar todas as formas de reinvindicações [...]" (LAQUEUR, 2001, p. 192).

A mudança epistêmica que perpassa a recusa ao modelo do sexo único emerge da revolução científica e do surgimento das ciências modernas – associadas ao baconianismo, ao mecanicismo cartesiano, à síntese newtoniana, ao empiricismo -, que, ao reduzirem o corpo a um plano único (o da natureza), solapam as concepções de isomorfismo entre homens e mulheres.

Ainda que não mais se recorresse às "[...] semelhanças entre corpos, e entre corpos e o cosmo [...]" (LAQUEUR, 2001, p.191) para validar as ordens hierárquicas do mundo, isso não significou a dissolução da assimetria social entre homens e mulheres: o dimorfismo sexual, ao tornar-se um fato cravado na matéria do corpo, serviu para que se correlacionasse uma inferioridade biológica do corpo feminino a uma posição social desprivilegiada. O corpo da mulher passa, então, a ser escrutinado, datando desse período as primeiras ilustrações de um esqueleto explicitamente feminino, bem como as distinções linguísticas para órgãos que, até então, estavam associados, como ovários e testículos.

Nesse contexto, não só os órgãos reprodutores ou os aspectos materiais visivelmente identificáveis, mas todo o corpo – mesmo em termos microscópicos - passa a ser marcado pela diferença e oposição sexual[54]. O entendimento de que o corpo do homem e o corpo da mulher possuíam características inatas, naturais, radicalmente diferentes e incomensuráveis acarreta também uma outra construção: a de que a cada corpo, ou seja, para cada pessoa, corresponderia

[54] Cabe relembrar, aqui, as experimentações com fotografias sequenciais de Muybridge.

apenas um único e verdadeiro sexo. Na *Enciclopédia da Vida Sexual,* como demonstram os trechos abaixo, estão arraigados esses mesmos pressupostos:

> ’E agora, sem mais demora, vamos comparar os homens com as mulheres, os meninos com as meninas...
> O homem é frequentemente maior do que a mulher. Seus ombros são mais largos. Quando está completamente nu, percebe-se que tem pelos no baixo ventre. Ricardo, que é um menino, ainda não tem pelos; mas já tem, como os homens, como Papai, um saco de pele contendo duas bolas chamadas testículos, e uma espécie de tubo, o pênis, que serve para fazer xixi.
> Os testículos e o pênis são apenas uma parte dos órgãos sexuais, como os ponteiros são apenas uma parte do relógio. O que veríamos se pudéssemos olhar o interior do corpo de Ricardo? Veríamos dois tubos recurvados, muito finos, partindo das pequenas bolas. Os dois tubos se encontram um pouco mais acima, na barriga, e se lançam em um outro tubo. É por aí que o xixi se escoa no pênis.
> O xixi é o único líquido que corre pelo pênis de um menino. Pelo pênis de um homem corre, algumas vezes, um outro líquido que não se mistura jamais com o xixi. Esse líquido vem dos testículos. Se vocês olhassem ao microscópio uma gota desse líquido, veriam agitar-se uma multidão de pequenas ‘larvas de rã’ com uma cabeça grande e uma longa cauda que se mexe incessantemente. Essas minúsculas células são chamadas espermatozoides (que nome complicado!) e são necessárias à fabricação dos bebês.
> Observemos, agora, uma mulher completamente nua. Um pouco menor e mais delicada que um homem, seus ombros são mais estreitos, mas, em compensação, seus quadris são mais largos. E seus seios não são apenas pequenos botões, como nos homens, mas uma intumescência. A mulher que vocês estão vendo na figura tem os braços cruzados sobre os seios; dir-se- ia que os quer esconder.
> No baixo ventre, a mulher tem pelos, como o homem, mas não tem pênis, nem testículos. Para ver seus órgãos sexuais, deveríamos olhar em seu ventre, tal como no relógio. Veríamos, aí, duas bolas chamadas ovários de onde partem dois tubos, mais grossos, mas mais curtos do que os do homem. Os tubos vão dar a um saco de paredes espessas, tendo a forma de uma pêra oca, o útero. Essa bolsa se estreita em baixo e torna-se um canal chamado vagina. O orifício da vagina fica entre as coxas da mulher, atrás de outro orifício por onde ela faz xixi.
> Observando os ovários ao microscópio, vocês descobririam um grande número de pontos minúsculos como cabeças de alfinetes. Essas bolinhas são os óvulos. Os óvulos amadurecem pouco a pouco, como os frutos. Todos os meses, um óvulo maduro sai do ovário para descer ao útero pelo tubinho.

(COHEN, J. et. al., 1975a, p. 12-19)

> Papai foi buscar um livro cheio de ilustrações e fotografias. João e Silvia tornaram-se sérios e atentos. ‘Explique a Silvia por que ela não é um menino!’ implora João.
> - Vistos de costas, vocês se parecem bastante! – diz Mamãe para implicar com ele.
> - Mas, de frente – acrescenta Papai, - há uma diferença essencial... É bem difícil não perceber que vocês dois têm órgãos sexuais diferentes: os de uma menina e os de um menino! Você, João, tem um tubo no seu baixo ventre que serve para fazer xixi. É o pênis.
> - Embaixo, tenho ainda uma outra coisa, uma espécie de saquinho – diz o menino cheio de coragem...
> - É o escroto. Esse saco contém as bolsas, duas bolinhas um pouco alongadas. São as glândulas chamadas ‘testículos’.
> Silvia suspira: ‘E eu que tenho apenas uma fenda! Nem pênis, nem testi... ora, como você disse...’.
> - Mas, você, minha querida, você também, tem órgãos sexuais escondidos dentro da sua barriga redondinha! Entre os ossos de seus quadris, há uma cavidade, a bacia e, nela, duas bolas.
> - Também duas bolas? Como ele?
> - São glândulas, como os testículos. Chamam-se ‘ovários’ – diz Papai divertido. – Mas a semelhança com João termina aí! Você jamais terá um pênis, somente um canal: a ‘vagina’.
> - Ah! Eu tenho uma vagina! diz Silvia muito contente consigo...
> - E a abertura da vagina é a fenda que você tem entre as duas pequenas almofadas de carne que chamamos ‘vulva’.
> - E você tem, também, dois orifícios – diz Mamãe. – Um pra fazer xixi e um outro, atrás, chamado, exatamente, ‘ânus’.
> As duas crianças encontram dificuldade em reter todas essas palavras novas. João reflete por um instante, exclamando, em seguida: ‘Já tínhamos tudo isso ao nascer? Vocês logo perceberam que eu era um menino e Silvia, uma menina?’.
> - Eu percebi imediatamente! – diz Mamãe, sorridente.

(COHEN, J. et. al., 1975b, p. 8-10)

Entre a infância e a idade adulta se situa uma idade intermediária, a adolescência, durante a qual as modificações da puberdade transformam o menino e a menina num ser completo.
Os adultos de ambos os sexos são diferentes tanto por seus órgãos genitais, que são seus caracteres sexuais *primários*, como por seus caracteres sexuais denominados *secundários*.
O homem é de maior estatura, seus ossos são mais consistentes e longos, sua bacia é mais estreita; seus ombros são mais largos, cheios de músculos salientes. Seu tórax se dilata na parte superior; nele se encontram os dois mamilos; no entanto, suas glândulas mamárias não são desenvolvidas. Seu tronco é às vezes coberto de certa pilosidade. A voz do homem é grave. Suas faces, a região que encima o lábio superior e o queixo são cobertos de barba. Enfim, os pelos que cobrem a parte inferior de seus abdome cercam os órgãos genitais externos e sobem em direção ao abdome, numa ponta alongada.
A mulher é menor, seus membros são mais finos, seus quadris, mais largos,guarnecidos de um pouco de tecido gorduroso; sua cintura é acentuada, seus seios mais ou menos desenvolvidos, arredondados, centrados pelo mamilo. Os pelos do púbis formam um tirângulo, cujo lado superior é horizontal. Sua voz é mais aguda. Seu rosto, liso, sem pilosidade.
(COHEN, J. et. al., 1977b, p.21)

Foucault, no prefácio do livro *Herculine Barbin: o diário de um hermafrodita* (1978), recuperando historicamente observações acerca do estatuto médico e jurídico de pessoas hermafroditas - nos contextos do ocidente medieval, renascentista e moderno -, aponta para como, com o passar dos séculos, as "[...] teorias biológicas da sexualidade, as concepções jurídicas do indivíduo, as formas de controle administrativo nos Estados Modernos [...]" (FOUCAULT, 1982 , p.2) resultaram na rejeição do entendimento de que um corpo poderia misturar os dois sexos e, por conseguinte, na prevalência da ideia de que, a cada corpo, destinar-se-ia uma identidade sexual determinada e determinante.

> Do ponto de vista médico, isto quer dizer que não se trata mais de reconhecer no hermafrodita a presença dos dois sexos justapostos ou misturados, nem de saber qual dos dois prevalece; trata-se, antes, de decifrar qual o verdadeiro sexo que se esconde sob aparências confusas; o médico terá que de certo modo despir as anatomias enganadoras, e reencontrar por detrás dos órgãos que podem ter encoberto as formas do sexo oposto, o único sexo verdadeiro. Para os que sabem olhar e examinar, as misturas de sexo são apenas disfarces da natureza [...]. (FOUCAULT, 1982, p.2)

Como ressalta Foucault, a "descoberta" do sexo verdadeiro não decorre de escolhas individuais ou impressões de predominância, dando-se mediante o exame e a investigação realizados por um olhar treinado, especializado, que não se deixa enganar por aparentes ambiguidades – um olhar forjado no interior da *scientia sexualis*. O investimento na invenção de um único e verdadeiro sexo, por certo, não se resumiria aos corpos que confundem e geram dúvidas, nem tampouco se restringe às técnicas de observação médico-científicas. O *dispositivo de sexualidade*, como vimos no **primeiro ato,** enreda (e prolifera) uma multiplicidade de discursos e formas de saber. Não só o sexo verdadeiro, nos termos da designação de uma identidade sexual, mas tudo o que perpassa a conduta sexual – os desejos, os prazeres, as práticas – é submetido à extração da verdade e, a partir da noção de "natureza" – funcionando

como critério e instância de legitimação -, instituído como normal ou anormal[55]. Nesse e desse aparato, resultam ainda as produções de sujeitos, de identidades, de normas e de práticas regulatórias.

A consolidação do sexo enquanto categoria ontológica, bem como restrita a duas únicas possibilidades (fêmea e macho), produziu também reverberações políticas e teóricas a respeito do entendimento dos gêneros (feminino e masculino). Considerada a *primeira onda do feminismo*, o movimento sufragista – bem como os movimentos de mulheres operárias, anarquistas e socialistas -, organizaram-se e mobilizaram-se, durante o final do século XIX e início do XX, em prol das reivindicações de direitos das mulheres, em especial o direito ao voto. Para esse primeiro momento, as concepções das categorias "mulheres" e "homens" eram tidas como expressões naturalmente determinadas pelos sexos, ou seja, fundadas na biologia dos corpos.

O livro *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir, publicado em 1949, é considerado um dos principais marcos da formulação de uma teoria feminista e aponta para a transição conceitual que culminará na *segunda onda* do feminismo. No livro, Beauvoir propõe a acepção de que o "ser mulher" é um constructo cultural, deslocando as assimetrias entre o feminino e o masculino do campo da biologia e localizando-as na cultura e na sociedade. A partir da década de 1960, as oposições entre natureza e cultura, desdobradas em *sexo x gênero*, ganham força e fundamentam as lutas dos movimentos feministas, em suas diferentes vertentes, pela promoção da igualdade de direitos mediante a desnaturalização dos papéis e características atribuídos aos gêneros, agora entendidos como construções sociais históricas[56].

Contemporâneos a esse processo, é possível notar na *Enciclopédia da Vida Sexual* e no *Garganta Profunda* a influência desses movimentos. Nos volumes da enciclopédia, no entanto, não parece haver um pleno alinhamento conceitual sobre o entendimento das questões de gênero – há, por um lado, um empreendimento em relativizar hierarquias entre homens e mulheres, apresentando algumas funções e características em seu sentido histórico e cultural; mas há também, por outro lado, uma naturalização de diferenças, promovendo uma essencialização do feminino e do masculino pautada na diferença sexual:

> - E, outro dia – notou Papai – por pouco você teria feito um drama por causa de uma historia de barco, lembra-se? Você ficou furiosa porque João a chamou de "menina"... Mas você não ignora isso, não é? Você já viu João, Mamãe e a mim todos nus. Sempre achamos que não devíamos esconder de vocês nossas diferenças físicas...

[55] No **segunto ato**, destinarei um tópico (2.2) ao aprofundamento das relações entre sexualidade e normalidade/anormalidade.

[56] A antropóloga feminista Gayle Rubin, no texto *The Traffic in Women: Notes on the "Political Economy" of Sex* (1975), estrutura essa conceituação e propõe a noção de *sistema sexo/gênero*.

- Está certo, mas, na realidade, não temos os mesmos direitos que os meninos! - diz Silvia, obstinada.
- Além das diferenças físicas, vocês não têm exatamente os mesmos gostos – intervém Mamãe. - Sua impressão de desigualdade, eu a experimentei também... Isso porque, em nosso país e em nossa civilização, a mulher foi tratada, durante muito tempo, como sendo inferior ao homem.
- E há países onde isso não acontece?
- Há, até mesmo, países onde acontece o contrário. Nos mares do Sul, em certos povos, são as mulheres que dirigem tudo: o comércio, a agricultura, a política e até o exército. O homem cuida da casa e vai para a cama, como se estivesse doente, quando sua mulher dá à luz...

Esse detalhe encantou Silvia que, tornando-se séria, pergunta: "Mas tudo isso vai mudando em nosso país, não é? Disseram-nos, na escola, que, em certa época, as mulheres não saíam sozinhas, não votavam, não tinham oportunidade de um trabalho interessante, não faziam os mesmos cursos que os homens... Agora, tudo isso é permitido, não?".

- É verdade, meu bem, a vida das mulheres evoluiu. Mas o que é, realmente, importante, o que muda, também, é a mentalidade das pessoas, suas ideias sobre o amor e a sexualidade. Há muito tempo, antes da era cristã, a terra era considerada como uma deusa, ora boa, ora má, conforme a importância das colheitas. Pois bem! A mulher era, então, honrada como uma terra fértil se tivesse muitos filhos e rejeitada pela sociedade se fosse estéril...
- Mas a mulher não é culpada de não ter filhos – indigna-se Silvia. - Não é uma terra, é uma pessoa! Mas não pode ela viver e trabalhar sem ter filhos?
- Claro, mas isso é uma ideia nova – responde Papai. – Há apenas um século, os homens não admitiam que mulheres pudessem ser grandes cientistas, advogadas, médicas, etc.
- Médicas? observa Silvia, sufocada, porque Mamãe se referiu a uma pediatra, a uma dentista e a uma ornitorrinolaringologista!
- Nessa época havia campeãs? - pergunta João, sempre seduzido pelas nadadoras e esquiadoras.
- Nos países anglo-saxões, talvez. Mas, nos países latinos, certamente que não!
- E você, Mamãe, teve dificuldade para estudar na Universidade?
- Não, querido. Mas, se tivesse nascido vinte anos mais cedo, não sei o que meus pais teriam pensado do meu pendor pelas Matemáticas! Teriam, sem dúvida, imaginado que eu era anormal... Quando sua avó foi ao meu primeiro local de trabalho, ficou muda de surpresa diante da fileira dos meus computadores!
- Vejam vocês que Mamãe venceu em algo difícil e, entretanto, indispensável... Soube conservar intacta sua feminilidade, embora exercendo uma profissão masculina. Trabalha tanto quanto eu, mas – acrescenta Papai com ternura – sabe preservar um lugar privilegiado para o amor e o prazer.

(COHEN, J. et. al., 1975b, p.80-82)

Por que os homens não são como as mulheres?

A criança de 10 anos conhece a diferença entre os sexos. Sabe que um menino e uma menina não são iguais em muitos pontos.

- Seus órgãos sexuais são diferentes, embora complementares, e contribuem para uma mesma função: a reprodução, o nascimento de um bebê.
- A família e a sociedade exigem do menino e da menina qualidades diferentes.

Eles diferem, pois, tanto pela anatomia como pelo comportamento psicológico. O menino, desde sua infância, se revela naturalmente mais agressivo, mais forte, atirado e ousado, enquanto a menina, mais meiga, mais paciente, dedica-se a trabalhos manuais (decoração, cozinha, ocupações diversas, etc.).

Na escola, se estatisticamente está provado que o menino é mais brilhante em matemática, a menina, em compensação, é muito mais atenta e se revela mais regular em seu empenho.

A criança, no seu esforço para comportar-se como um homem ou uma mulher, tem modelos privilegiados.

1. *O exemplo de seus pais*: por volta de 4 ou 5 anos, quando percebe a diferença entre os sexos e a intimidade existente entre seus pais, a criança deseja intensamente o seu progenitor de sexo oposto. Um médico austríaco, Freud, descreveu esse amor, denominando-o "complexo de Édipo": Édipo foi um personagem da Antiguidade que a fatalidade obrigou a matar o pai e casar-se com a mãe. Mas a criança é muito fraca e pequena para pretender tornar-se rival de seu pai ou de sua mãe. Só lhe resta tentar imitá-los o mais possível: tornar-se forte e empreendedor como o pai, e reproduzir a ternura, o encanto e a paciência da mãe. Todas estas qualidades lhe permitirão, mais tarde, ser amado por um parceiro do sexo oposto.
2. *Outros modelos lhe são propostos pela própria sociedade*. Em nosso século, no qual a televisão, os jornais, os livros e o cinema nos solicitam a cada instante, não faltam os modelos capazes de despertar nas crianças um desejo de imitação: elas vão dos deuses dos estádios aos ídolos da música, passando pelos grandes nomes do cinema. O rapaz procura reproduzir a atitude e o comportamento do herói do último bangue-bangue da televisão; a mocinha, os gestos da meiga e tímida heroína das telenovelas.
3. Enfim, *os encontros entre moças e rapazes*, nas famílias, na escola, na rua, são cada vez mais numerosos: eles proporcionam a uns e outros a oportunidade de melhor conhecer o outro sexo, mas, também, de assumir com maior firmeza sua própria originalidade. Se é verdade que, até mais ou menos a idade de 10 anos, meninos e

> meninas gostam de estar juntos, implicam uns com os outros, ficam de mal, se desprezam e se reúnem, às vezes, para procurar juntos a solução de um problema, não é menos verdade, no entanto, que seus jogos e distrações são muito diferentes: os meninos se refugiam nos seus jogos de bolas de gude, na luta, no box, no futebol, enquanto as meninas preferem a dança, a costura, a amarelinha ou brincar de "casinha". Assim, mesmo nas escolas mistas, meninos e meninas aprendem a distinguir as funções masculinas e femininas que, embora diferentes, são, no entanto, de igual importância. Não há, pois, pretensão válida de superioridade de um sexo em relação ao outro. (COHEN, J. et. al., 1977ª, p.113-118)

No enredo de *Garganta Profunda*, por sua vez, o que encontramos - também em um movimento pendular[57] – são ecos das disputas pela liberdade sexual feminina, pauta importante para algumas correntes feministas da época (e, também, de hoje). Linda - assim como as outras personagens femininas da trama - não parece ter amarras que a impeçam de se relacionar sexualmente com quantos homens quiser, porém, ao mesmo tempo, ela manifesta a insatisfação com a vida que leva e o desejo (mais profundo e verdadeiro do que o de transar com tantos homens) de se casar. O filme, dialogando com os códigos narrativos de outros gêneros cinematográficos, inclusive termina com um *happy ending*: Linda e Wilbur decidindo pelo matrimônio - o que inclui, no entanto, que ele opere o pênis a fim de aumentar o tamanho do órgão e ser capaz de fazê-la gozar. Em outras palavras: que o casamento se dê sem que Linda precise abdicar do direito ao prazer – configurando, de certo modo, um ruído no estereótipo de mulher que está sendo, em partes, reproduzido. Se, por um lado, reforça o casamento como final feliz; por outro, não vincula o casamento ao abandono da busca pela satisfação nas relações sexuais.

Apesar de não se conformar plenamente a alguns dos padrões machistas amplamente difundidos na construção de personagens e de enredos cinematográficos – o filme, por exemplo, passa no teste Bechdel[58] -, não me parece possível defender que o filme se alinhe a qualquer perspectiva mais igualitária entre gêneros. Podemos nos perguntar, dentre outras coisas, se até mesmo a suposta liberdade sexual feminina que aparece em *Garganta Profunda*, mais do que aludir ou promover uma igualdade sexual entre mulheres e homens, não estaria sendo capturada

[57] Aqui, circunscrevo a ideia de pendularidade ao filme enquanto produto final de uma produção. A discussão se torna mais complexa se levarmos em conta o extra-tela, uma vez que a atriz Linda Lovelace denunciou uma série de abusos ocorrida nos bastidores da filmagem – algo recorrente quando se fala em indústria pornográfica. De maneira alguma me interessa, neste trabalho, negar a dimensão misógina e violenta a qual atrizes pornô são comumente expostas, nem o contexto machista nos quais as produções pornográficas *mainstream* se inserem. Entretanto, devido ao recorte temático escolhido para esta pesquisa, não me debruçarei mais extensamente sobre a problemática de gênero no *making of* da pornografia, restringindo minhas análises ao artefato, ou seja, ao filme *Garganta Profunda*, sem recorrer a outras fontes documentais que forneçam informações a respeito de sua realização.

[58] A cartunista Alison Bechdel, em tirinha dos quadrinhos *Dykes To Watch Out* (1985), criou uma personagem que dizia só assistir a filmes que cumprissem com a seguinte regra: ter, no enredo, pelo menos duas personagens mulheres que conversem uma com a outra sobre algum assunto que não seja um homem. O teste de Bechdel, como ficou conhecido, apesar de suas limitações, tem sido entendido com um dos possíveis instrumentos a ser utilizado na identificação do machismo nas produções cinematográficas.

e relançada na subordinação de um gênero ao outro (já que, tradicionalmente, os filmes pornográficos são realizados por homens e para homens). De todo o modo, a presença dessa temática me parece apontar para como o filme, assim como a enciclopédia, constitui-se nos e através dos embates e disputas políticas que perpassam a instituição dos sexos e dos gêneros. Desse modo, o cinema pornográfico se tornou, principalmente para os próprios movimentos feministas, um campo de batalha política: durante os anos 1970 e, mais enfaticamente, 1980, esses movimentos se segmentaram em dois pólos – por um lado, as feministas anti-pornografia, por outro, as feministas anti-censura (também chamadas de "pró-sexo") -, culminando no que ficou conhecido como "guerras sexuais feministas".

> Por lo que respecta a la pornografía, las feministas se dividieron comúnmente em dos campos: aquellas para quienes la pornografía es por esencia heterosexista, medio privilegiado de la violencia hecha a las mujeres y que, por esa razón, debe ser prohibida; y aquellas para quienes la pornografía, precisamente en virtud de su status de medio privilegiado, a travé del cual certa verdad del sexo es producida y difundida, constituye un desafio de la subversión de las normas sexuales. En cierta medida ambas posiciones, por antagónicas que sean, no obstante comparten un postulado común: la pornografía supuestamente representa la "verdad del sexo". (DORLIN,2009, p. 113)

Apesar de considerar esse debate importante, especialmente no que concerne ao reconhecimento dos abusos e das violências de gênero que perpassam as produções e o consumo de materiais pornográficos, é o ponto de encontro entre esses dois posicionamentos (o anti-pornografia e o anti-censura) que, para as análises desenvolvidas nesta pesquisa, tomo como questão de maior interesse: o de que a pornografia é um aparato capaz de produzir e gerenciar identidades sexuais e de gênero. Assim, por mais relevante e indispensável que seja a discussão feminista travada nos anos 1980, nesta dissertação, "[...] el desafio no es tanto la condenación de la pornografía en cuanto violenta *por esencia*, como más bien la crítica del régimen de veridicción que instituye en materia de sexualidad" (DORLIN, 2009, p. 118).

Até a década de 1990, os movimentos intelectuais feministas – mesmo as autoras que buscaram traçar diálogos com a teoria foucaultiana, como Joan Scott (1995)[59] – centraram suas problemáticas nas relações homens-mulheres e, ainda que tenham promovido questionamentos e tensões nas teorias que universalizavam o sujeito mulher, não interrogaram a ideia mesma de dimorfismo sexual, fazendo com que o conceito de gênero continuasse a operar como um predicado inscrito sobre uma substância (estável e binária): o sexo.

[59] O texto a qual me refiro, *Gênero: uma categoria útil de análise histórica,* foi originalmente publicado em 1989 (em inglês: *Gender: a useful category of historical analyses*).

A filósofa Judith Butler, no livro *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity* (1990)[60], ao se perguntar sobre o sujeito do feminismo e a identidade "mulher", coloca sob suspeita o corpo sexuado. Na argumentação de Butler, o binarismo de gênero, em coerência com o binarismo sexual, aponta para o gênero como fundamento do sexo - e não ao contrário, como defendiam as feministas da *segunda onda*, para quem o sexo funcionava como substrato sobre o qual o gênero seria construído. Em outras palavras, Butler demonstrará que o sexo já nasce generificado e que é a ideia de gênero que materializará o corpo sexuado, perfurando a estabilidade do dimorfismo sexual[61].

A aposta teórica de Butler é de que o gênero é performativo, ou seja, um efeito de práticas reiterativas - de repetições e citações[62]. A contínua e constante repetição de atos, gestos e símbolos ganha densidade e torna inteligíveis os gêneros que produz devido às normas regulatórias que a ordenam – sendo, essas normas, socialmente compartilhadas. Para Butler, os gêneros são cópias das cópias, não têm um original anterior às normas pelas quais são forjados. A autora, então, retorna à diferença sexual para estabelecer um encadeamento de coerência e continuidade entre sexo, gênero e desejo, para o qual não seria a natureza dos sexos o princípio fundacional de arranjamento e disposição de cada uma dessas instâncias, mas a *heterossexualidade compulsória*[63] em seu caráter de regime político. Segundo Butler, é a matriz heterossexual que produz dois sexos, dois gêneros e o desejo entre eles:

> A instituição de uma heterossexualidade compulsória e naturalizada exige e regula o gênero como uma relação binária em que o termo masculino diferencia-se do feminino, realizando-se essa diferenciação por meio das práticas do desejo heterossexual. O ato de diferenciar os dois momentos oposicionais da estrutura binária resulta numa consolidação de cada um de seus termos, da coerência respectiva do sexo, do gênero, do desejo.
> O deslocamento estratégico em que ela se baseia pressupõe que a produção das categorias de feminino e masculino, mulher e homem, ocorra igualmente no interior da estrutura binária. (2013a, p. 45)

[60] Publicado pela primeira vez no Brasil em 2003, pela editora Civilização Brasileira, com o título *Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade.*

[61] O entendimento de Butler da materialidade – o corpo, o sexo - não como um dado, mas como um processo de materialização histórica, será mais bem explorado a seguir, no item 2.1 *Go straight to the throat: goela abaixo, a cadeia sexo – gênero – desejo.*.

[62] A teoria da *performatividade de gênero* tem por base tanto o conceito de *atos performativos,* de J. L. Austin, quanto de *citacionalidade*, de Jacques Derrida.

[63] A primeira autora a propor o conceito de *heterossexualidade compulsória* enquanto instituição política é Adrienne Rich, em *Compulsory Heterosexuality and* Lesbian Existence (1980). Butler também revisa e dialoga com as contribuições de Monique Wittig, que entende a heterossexualidade como *contrato social.*

A norma heterossexual, no entanto, está tão implicada na produção da normalidade, quanto resulta, também, nas experiências que tocam o seu limite – para Butler, as experiências *abjetas*[64]: aquelas que, ainda que igualmente constituídas no interior da mesma malha normativa, causam ruídos na cadeia sexo-gênero-desejo, circunscrevendo as experiências inteligíveis.

***

No próximo ato, **Oh Yeah! I'm coming**, desenvolverei a análise do material empírico amparada pelos operadores teórico-conceituais brevemente apresentados até aqui. No item 2.1, **Go straight to the throat**, colocarei em relação os enunciados que aparecem na *Enciclopédia da Vida Sexual* e no *Garganta Profunda* a partir da cadeia sexo-gênero-desejo e dos processos de materialização da matéria, aos modos de Butler. No item 2.2, **Come straight from the throat**, o *corpus* de pesquisa será analisado a partir da colocação em diálogo da ideia de produção da normalidade/anormalidade, como proposta por Foucault na conceituação do *dispositivo de sexualidade*, e as noções de abjeção e inteligibilidade, entendidas a partir de Butler. Finalizando o ato, no item 2.3, **Inside, outside, inside, outside**, recupero alguns dos elementos apresentados anteriormente e ensaio, a partir das sequências sexuais do filme e dos trechos enciclopédicos a respeito das relações sexuais (e do que esses discursos têm em comum), uma aproximação entre pornografia, educação sexual e a constituição performativa do ato sexual *verdadeiro*.

[64] A noção de *abjeção* será retomada e melhor explorada no item 2.2 *Come straight from the throat: goela afora, a sexualidade.*

Segundo

Ato

OH YEAH!

I'm coming

oh yeah: yeah!
I'm coming!
I'm coming!
oh yeah! yeah!

chupa minha buceta
chupa meu cu
esporreia na minha teta

oh yeah! yeah!
I'm coming!
I'm coming!
oh yeah! yeah!

fodo tua bucetinha
fodo teu cuzinho
esporreio na tua boquinha

oh yeah! yeah!
I'm coming!
I'm coming!
oh yeah! yeah!

Mike, ilumina a língua
Steve, zoom na porra!
Back, corta pro gozo!

(Sylvio Black, *cine privê)*[65]

[65] Retirado do livro *Antologia da Poesia Erótica Brasileira*, organizado por Eliane Robert Moraes (2015).

2.1 *Go straight to the throat*: goela abaixo, a cadeia sexo – gênero - desejo

FIGURA 28: *Frame* do filme *Garganta Profunda* (GARGANTA..., 1972, 24min)

> - É impressionante!
> - Se me disser que alguém esqueceu o relógio...
> - Não, não! É muito impressionante. Sra. Lovelace, a senhora não tem um!
> - Oi? Eu sou mulher, eu não deveria mesmo ter um.
> - Não, eu não quis dizer um daqueles! Você não tem clitóris. Não tem clitóris aqui![66]
> (GARGANTA..., 1972, 24min)

Em *Garganta Profunda*, encontramos os dois componentes que se tornaram paradigmáticos para a pornografia audiovisual: "[...] a exibição em *close* das genitálias em ação e a ejaculação masculina fora do orifício vaginal feita 'para a câmera' (o *money shot* ou *come shot*)" (ABREU, 1996, p.96). Nuno Cesar Abreu, no livro *O Olhar Pornô* (1996), atribui a esses elementos a evidência de verdade e o efeito de impressão de realidade (p. 65), importantes para o sucesso com o público. Porém, com inspiração no pensamento de Butler, podemos pensar os *closes* em genitálias, mais do que como indício de uma verdade, como produzidos em função de um regime de verdades: a heterossexualidade compulsória.

Como citado anteriormente, no capítulo destinado à construção do problema de pesquisa, Abreu localiza o princípio dinâmico motivador da narrativa pornô nas diferenças entre o masculino e o feminino (1996, p.110). Mas a quais diferenças ele se refere? Considerando a importância dos *closes* de genitálias, podemos assumir que essa diferenciação se pretende anunciada na matéria dos corpos em cena. No entanto, como nos lembra Laqueur:

> A noção tão poderosa, depois do século XVIII, de que teria de haver uma coisa fora, dentro e por todo o corpo que definisse o homem em oposição à mulher e que apresentasse o fundamento de uma atração dos opostos, é inteiramente ausente na medicina clássica ou renascentista. Em termos de tradições milenares da medicina ocidental, a genitália passou a ser importante como marca da oposição sexual na semana passada. (2001, p. 33)

[66]Excerto de diálogo do filme. Momento em que Dr. Young deposita um olhar em *close* na vagina de Linda a procura do clitóris.

Se fizermos, como nos convida Butler, "[...] um retorno à noção de matéria, não como local ou superfície, mas como *um processo de materialização que se estabiliza ao longo do tempo para produzir o efeito de fronteira, de fixidez e de superfície – daquilo que nós chamamos matéria*" (2013b, p. 163), chegaremos à questão: "[...] 'através de que normas regulatórias é o próprio sexo materializado?' E por que é que tratar a materialidade do sexo como um dado pressupõe e consolida as condições normativas de sua própria emergência?" (BUTLER, 2013b, p. 163).

Ainda que a diferença sexual seja comumente centrada em diferenças materiais, o "sexo" é, em outras palavras, um construto que se materializa – e que também produz a materialização - de normas regulatórias (BUTLER, 2013b, p. 153). Para a autora, essas normas "[...] trabalham de uma forma performativa para constituir a materialidade dos corpos e, mais especificamente, para materializar o sexo do corpo, para materializar a diferença sexual a serviço da consolidação do imperativo heterossexual" (2013b, p. 154).

À medida que os *closes* pornográficos mostram a unificação (hetero)sexual entre homem e mulher, também demarcam visualmente a cisão entre o que é homem (pênis) e o que é mulher (vagina), produzindo-os como corpos inteligíveis desde sua coerência e continuidade na cadeia - estabelecida pela própria heterossexualidade compulsória - entre sexo, gênero e desejo. Essa cadeia normativa exige que se produza dois corpos, dois sexos, dois gêneros e o desejo de um pelo o outro. Marcar a diferença sexual como um dado - está ali, na anatomia, na matéria – é uma tentativa de isolar e estabilizar as instâncias do feminino e do masculino para, por fim, naturalizar e valorar como "normal" o desejo e as práticas heterossexuais.

O empreendimento genealógico de Butler "de estabelecer las condiciones normativas en las que se enmarca y se forma la materialidad del cuerpo y, en particular, cómo se forma a través de categorías diferenciales de sexo" (2002, p. 40), direciona-se a mostrar que a diferença sexual opera na própria formulação da matéria – assim, evocar a materialidade significa evocar uma história, não uma instância inequívoca. Nesse sentido, no livro *Bodies That Matter – On The Discursive Limits Of "Sex"* (1993), Butler estabelece um diálogo com a leitura feita por Luce Irigaray, em seu ensaio *Une Mére de Glace* (1974), sobre a *chôra* da cosmogênese platônica[67].

[67]Na filosofia platônica, encontramos a divisão entre "mundo sensível" (dos fenômenos, acessível pelos sentidos) e "mundo inteligível" (o mundo das ideias, das essências imutáveis), onde o primeiro seria, grosso modo, uma espécie de cópia do segundo – no famoso Mito da Caverna, Platão alegoricamente representa essa divisão através da caverna (mundo sensível) e do lado de fora (mundo inteligível). Para a geração do mundo sensível, a *chôra* é indicada como um receptáculo - um meio espacial - no qual a cópia acontece. À tríade "mundo inteligível - *chôra* - mundo sensível", Platão atribui, metaforicamente, a relação "pai – mãe – filho", sendo: o filho, o mundo sensível,

Em Timeu, Platão escreve sobre a *chôra*: "[...] recebe sempre tudo, e nunca em circunstância alguma assume uma forma que seja semelhante a algo que nela entra" (50b-c). A palavra "assumir", aqui, aparece como tradução para o termo original grego *éilephen.* De suas demais possíveis traduções, Irigaray recorre ao significado "conceber", entendendo a proibição - no contexto de aproximação entre o receptáculo/*chôra*/mãe/feminino e Forma/pai/masculino -, como uma restrição à participação do feminino na reprodução do masculino (ou seja, na concepção da matéria/filho à semelhança da Forma/pai).

Butler, no entanto, propõe o uso de outra tradução para o termo *éilephen*: "ter ou tomar uma esposa". Assim, a proibição platônica seria, no contexto da tríade Forma-*chôra*-matéria, a garantia de ser sempre a *chôra* (a mãe/o feminino) a ser penetrada pela Forma (o pai/o masculino):

> Porque ella nunca se asemejará a - y por tanto, nunca entrará en - otra materialidad. Esto significa que él - recordemos que, en esta tríada, las Formas se vinculan con el padre - nunca será penetrado por ella o, en realidad, por nada. Porque él es el penetrador impenetrable y ella lo invariablemente penetrado. Y "él" nunca se diferenciaría de "ella" si no fuera por esta prohibición de semejanza que establece que las posiciones de ambos son recíprocamente excluyentes y, sin embargo, complementarias. (BUTLER, 2002, p. 88)

A matriz heterossexual, então, que estabelece que apenas a Forma (o masculino/ "ele") penetra e que apenas a *chôra* (o feminino/ "ela") é penetrada, necessita de uma lógica de diferenciação - "ela" x "ele" - e de não contradição – "ela nunca se assemelhará a ele" – para assegurar a estabilidade dessas posições generificadas. Butler continua:

> Podría interpretarse esta prohibición que asegura la impenetrabilidad de lo masculino como una especie de pánico, el pánico a llegar a "parecerse" a ella, a afeminarse o el pánico a lo que podría ocurrir si se autorizara una penetración masculina de lo masculino, o una penetración femenina de lo femenino o una penetración femenina de lo masculino o la reversibilidad de estas posiciones, para no mencionar la posibilidad de una confusión completa de lo que puede considerarse "penetración". (2002, p. 89)

O pânico, aqui, parece pressupor uma insegurança: algo não está garantido. Sem as regulações heteronormativas, a materialização da matéria evidenciar-se-ia instável e aberta a outras articulações que não as binariamente generificadas?

---

aquele que nasce na mãe, a *chôra,* e que é gerado à semelhança do pai, o mundo inteligível. No mundo inteligível, estariam as Formas (as ideias substanciais); no mundo sensível, os objetos materiais; e a *chôra*, por sua vez, é destituída de forma para que possa acolher todos os objetos. Ver em: PLATÃO (2011).

> ¿Conservarían los términos "masculino" y "femenino" una significación estable? ¿ O la relajación de los tabúes contra la penetración extraviada desestabilizaría gravemente estas posiciones generizadas? Si fuera posible tener una relación de penetración entre dos posiciones generizadas ostensiblemente como femeninas, ¿sería éste el tipo de semejanza que debe prohibirse para que la metafísica occidental pueda ponerse en marcha? (BUTLER, 2002, p. 89)

Lembremos que, o componente paradigmático dos filmes pornô não se resume ao *close* das genitálias, as genitálias precisam estar *em ação*. E o que seria o "em ação" de um filme pornô[68]?

> Basta una película porno para encontrar aquellos recursos que una y otra vez se repiten en todas las otras películas del género. Más allá de las pequeñas variaciones de cada relato, las secuencias narrativas son siempre las mismas: el superpoderoso pene que penetra lo que encuentra a su alcance; la mujer extasiada que – en las mil y una posiciones – abre su vagina, su boca y su ano para recibir gustosa al héroe falo; la infaltable proeza del mete-saca y la eyaculación como final. (MILANO, 2014, p. 37)

Nas nove sequências de atos sexuais que compõem *Garganta Profunda*, encontramos planos em *close* de: vagina durante *cunnilingus* (ou língua penetrando vagina), pênis durante felação (ou pênis penetrando boca), pênis penetrando vagina, pênis penetrando ânus, dedo penetrando vagina e dedo penetrando ânus. Como o título e a trama sugerem, desses, o tipo de ação que aparece em maior quantidade de planos, são as felações (seguidas, em segundo lugar, pela penetração de vagina por pênis).

O fato de que, em todos os casos, o penetrador seja um personagem masculino cisgênero[69] e a penetrada uma personagem feminina cisgênera, mesmo quando o orifício penetrado não é a vagina e/ou quando o órgão penetrador não é um pênis, demonstra a indissociabilidade defendida por Butler entre a matéria dos corpos e as normas regulatórias que governam sua materialização. Se é um dedo que penetra a vagina, por que o dedo não pode ser de uma mulher? Se é uma boca que é penetrada pelo pênis, por que a boca não pode ser de um homem? Se é um dedo que penetra o ânus, por que o ânus e o dedo não podem ser de mulheres, ou o dedo e o ânus de homens, ou o dedo de uma mulher e o ânus de um homem? Ou, ainda, por que é que a um corpo com pênis se designa indiscutivelmente o status de homem e, a um corpo com vagina, o de mulher?

---

[68] Este questionamento será retomado e melhor desenvolvido no subcapítulo 2.3, quando tratarei da noção de "ato sexual".

[69] A cisgeneridade refere-se a pessoas de quem o sexo e o gênero estão coerentemente alinhados na cadeia, regulada pela matriz heterossexual, sexo-gênero-desejo. Ou seja, por "personagem masculino cisgênero", refiro-me a personagens masculinos com pênis; por "personagem feminina cisgênera", refiro-me a personagens femininas com vagina. No contexto do filme *Garganta Profunda,* não há nenhum personagem que promova qualquer tipo de dissonância em relação à coerência sexo-gênero.

Deslocando a argumentação butleriana do contexto filosófico e aproximando-a da análise das sequências de sexo explícito presentes em *Garganta Profunda*, poderíamos considerar os *closes* de genitálias em (penetr)ação heterossexual, não só como instância de fixação da diferenciação sexual binária (produzida pelo e produtora do *continuum* sexo-gênero-desejo), mas também como estabilizadora da própria materialização da matéria (entendida como o sexo) dos corpos?

Em outras palavras: serviriam os *closes* de penetração não só para demarcar e consolidar que "tem vagina, logo é um corpo feminino, logo é uma mulher, logo deseja/transa com homem", ou "tem pênis, logo é um corpo masculino, logo é um homem, logo deseja/transa com mulher", como também para materializar o sexo, mesmo quando não houver um pênis e/ou uma vagina em *close*, através da regulação "penetra, logo é corpo masculino, logo é forma-pênis" e "é penetrada, logo é feminino, logo é receptáculo-vagina"? Se a uma penetração em *close* - na qual, por exemplo, o órgão penetrador é um dedo e o orifício penetrado é um ânus - não se pudesse ter certeza que o sexo do corpo penetrado corresponde a uma vagina e que o sexo do corpo penetrador corresponde a um pênis, conseguir-se-ia desencadear e solucionar um tipo de narrativa que se faz especificamente centrada no sexo?

Aqui, as diferentes acepções do termo "sexo", que também organizam parte deste **segundo ato**, fazem-se elucidativamente entrecruzadas: sexo enquanto ação sexual, sexo enquanto genitália e sexo enquanto superfície sobre a qual, em uma visão ontológica, inscrever-se-ia o gênero. A eleição dos *closes* de penetração como enquadramentos emblemáticos poderia ser explicada, portanto, a partir da noção de que o sexo, como ato, está invariavelmente atrelado ao sexo, como matéria/órgão genital, e que, por sua vez, a matéria/órgão tem sua materialização regulada pela matriz heterossexual – que estabelece a generificação, diferenciando excludentemente o feminino do masculino e atribuindo-lhes posições complementárias: ele penetra, ela é penetrada. Assim, faz-se da penetração, como veremos melhor mais adiante (em *Inside, outside, inside, outside*) o ato *sine qua non* da narrativa pornográfica e, consequentemente, de uma ideia de verdade a respeito da ação sexual.

Semelhantemente ao padrão conceptivo "Forma penetra *chôra* e gera a matéria", a penetração do feminino pelo masculino na relação sexual pornográfica também atende aos pressupostos reprodutivos, sendo a ejaculação masculina (explorada no *come shot*) o elemento que completa a tríade. Órgão genital ↔ órgão sexual ↔ órgão reprodutivo: também aqui a articulação de uma malha de terminologias se faz ilustrativa do completo comprometimento entre a iconografia pornográfica e a matriz heterossexual. O ritual "penetra, goza" (re)produz

um saber e uma norma que equivalem a ação sexual ao coito, à cópula. A esse respeito, afirma Laura Milano:

> En líneas generales, no hay mucha diferencia entre los documentales sobre la reprodución de animales selvajes y la muestra documental de la genitalidad entre los humanos que ofrece la pornografía. Los actos sexuales en pantalla deben mostrarse con la misma pretensión de realidad que un documental […]. La eyaculación es la evidencia de que lo que ha pasado entre los actores frente a cámara há sido verdadero, por ello es el signo distintivo de la discursividad pornográfica actual. El sexo allí representado por los actores no há sido una ficción, sino un hecho real. (2014, p.43)

A comparação entre pornografia e os documentários sobre a reprodução de animais selvagens é profícua ao apontar para a vinculação da sexualidade à ideia de natureza[70]. Foucault, na conceituação da sexualidade como um dispositivo, evidenciou o caráter artificial desse vínculo - onde o "natural", desde o século XIX, aparece como instância de legitimação e critério de normalidade para o que é pertinente ao sexo. Desse modo, a ejaculação, mais do que comprovar a verdade da relação sexual realizada em cena, parece também dizer do entendimento da Natureza como uma não-ficção: penetra-se e ejacula-se, o homem na mulher, porque esse é o natural e é essa a verdade do sexo – o homem tem um pênis, a mulher tem uma vagina, "ele" deseja "ela" (e vice-versa), os corpos são diferentes e complementares, o pênis penetra a vagina e, por fim, o pênis ejacula em resposta ao prazer da ação. Como resultado, o produto natural da verdade: o *come shot*, na pornografia, a reprodução da espécie, na natureza.

FIGURA 29: *Frame* do filme *Garganta Profunda* (GARGANTA..., 1972, 13min)

Essa matriz heterossexual e reprodutiva se faz, nos volumes da enciclopédia, ainda mais bem delimitada. Ser uma "mulher plena" ou um "homem verdadeiro" estaria, segundo nela consta, diretamente relacionado à capacidade reprodutiva:

[70] Esta relação será retomada e melhor desenvolvida no próximo subcapítulo, quando tratarei da noção de "sexualidade".

> “A menstruação é um fenômeno natural que confirma a capacidade procriadora da moça: abre-se para ela o caminho que a levará ao seu pleno desabrochar de mulher e de futura mãe”.

(COHEN, J. et al., 1977a, pg. 119)

> “[...], o adolescente tem frequentes poluções 'noturnas': por ocasião de certos sonhos ou emoções seu organismo se desfaz de espermatozóides que os testículos fabricam. O menino se torna um *verdadeiro homem”*.

(COHEN, J. et al., 1977a, pg. 120)

E, em continuidade, ao desejo heterossexual:

> “Ora, em nossa sociedade, para provar a si mesmo que é um homem, o adolescente não dispõe de outro meio além da conquista da mulher”.

(COHEN, J. et al., 1977a, pg. 150)

Nessa cadência, as genitálias, nas imagens que ilustram os volumes, são tão privilegiadas quanto no filme pornográfico. As autoras e os autores dedicam-se, em todos os livros, a descrever minuciosamente os funcionamentos e especificidades de cada parte do dito “sistema reprodutor” e, para isso, fazem uso de diversas ilustrações. Os órgãos genitais aparecem ora em destaque, ora recortados do restante do corpo; às vezes em fotografias ou desenhos realistas, às vezes em desenhos esquemáticos que buscam indicar suas camadas internas.

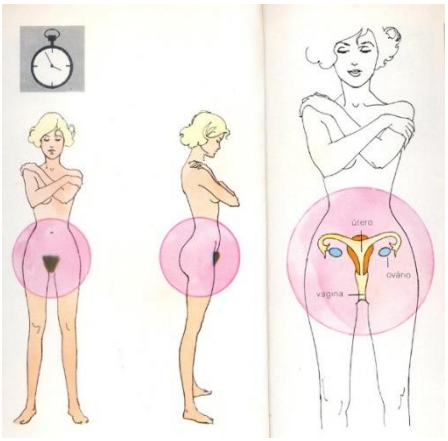


FIGURA 30: Ilustração da enciclopédia
(COHEN, J. et al., 1975a, p. 16-17)

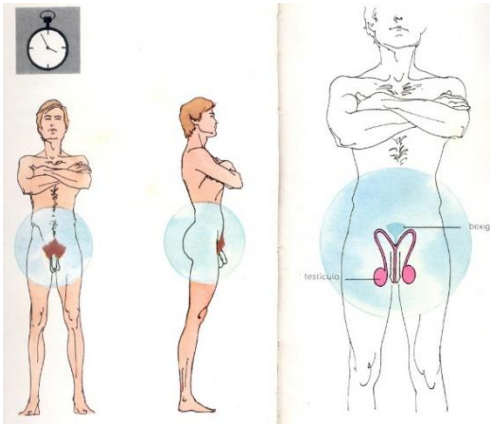


FIGURA 31: Ilustração da enciclopédia
(COHEN, J. et al., 1975a, p. 14-15)

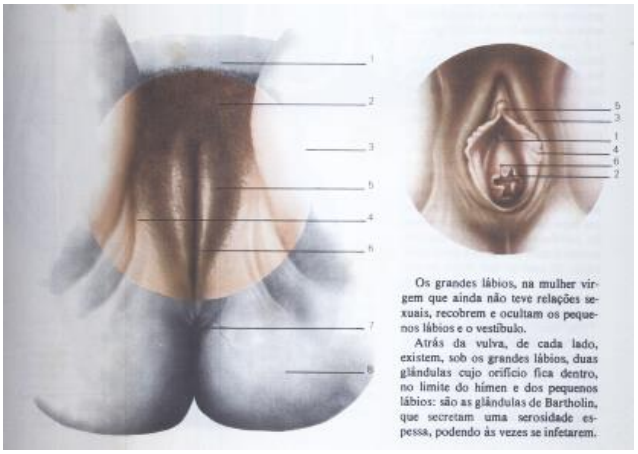


FIGURA 32: Ilustração da enciclopédia (COHEN, J. et al., 1977b, p.29)

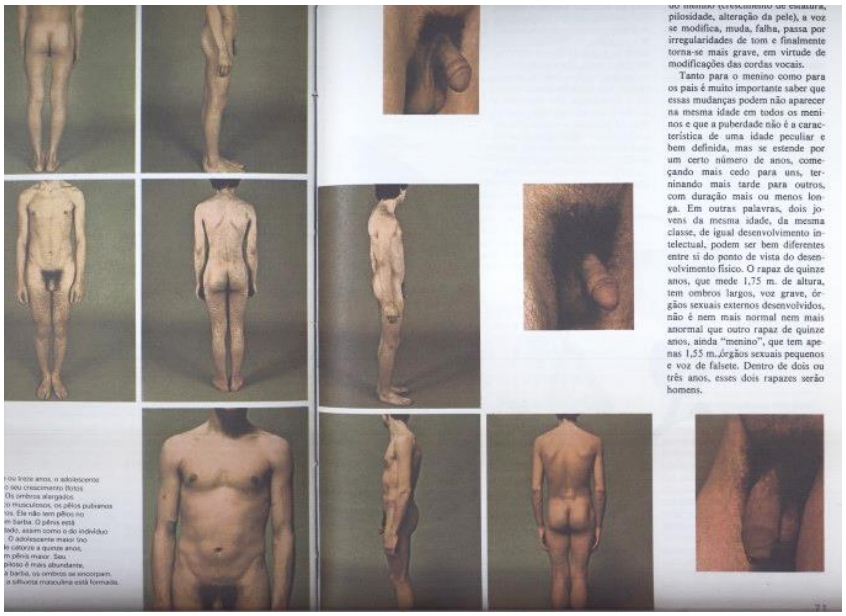


FIGURA 33: Ilustração da enciclopédia (COHEN, J. et al., 1977c, p. 70/71)

FIGURA 34: Ilustração da enciclopédia (COHEN, J. et al., 1977c, p. 25)

Muitas vezes - sejam nos planos "ginecológicos", sejam nas representações de ações sexuais -, os recortes e enquadramentos são bastante semelhantes aos de *Garganta Profunda*:

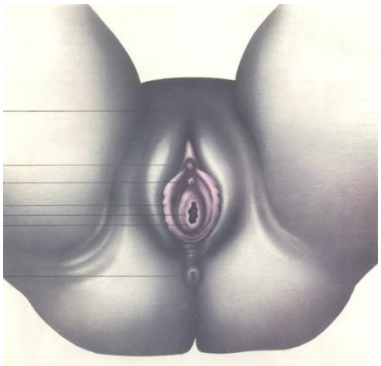


FIGURA 35: Ilustração da enciclopédia (COHEN, J. et al., 1977a, p. 34)

FIGURA 36: *Frame* do filme *Garganta Profunda* (GARGANTA..., 1972, 37min)

Abaixo, o desenho da enciclopédia praticamente corresponde a uma vista "por baixo da carne" dos corpos que figuram em planos do filme:

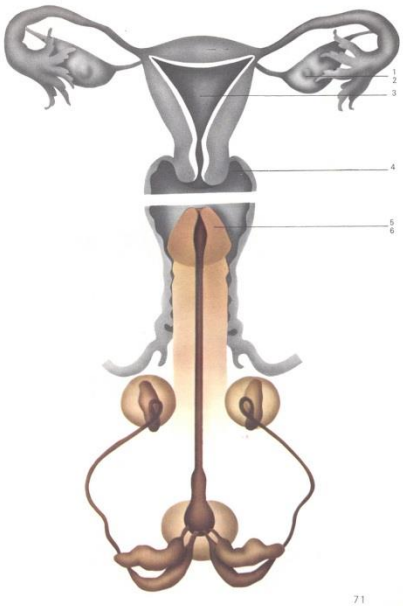


FIGURA 37: Ilustração da enciclopédia (COHEN, J. et al., 1977a, p. 71)

FIGURA 38: *Frame* do filme *Garganta Profunda* (GARGANTA..., 1972, 20min)

FIGURA 39: *Frame* do filme *Garganta Profunda* (GARGANTA..., 1972, 45min)

FIGURA 40: Sobreposição das figuras 37 e 38.

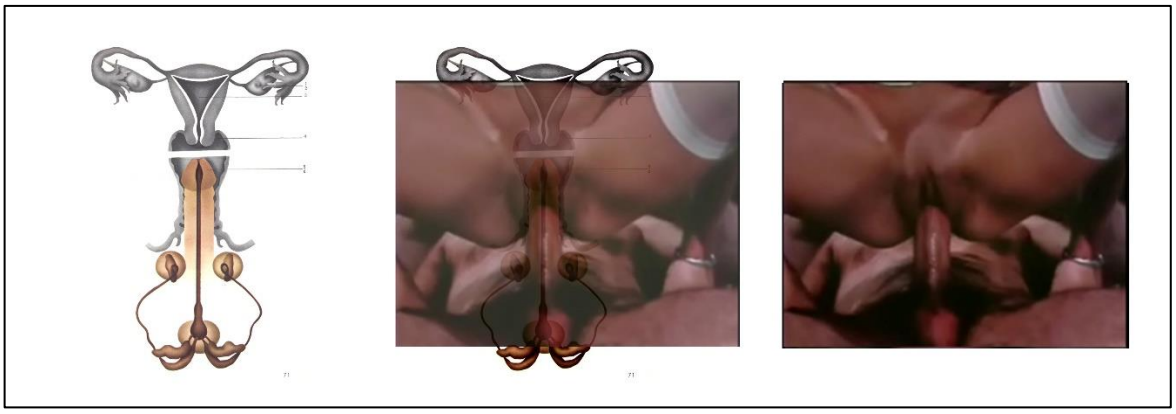


FIGURA 41: Sobreposição das figuras 37 e 39.

E a própria enciclopédia descreve os desdobramentos e equivalências compulsórias entre órgãos sexuais, órgão genitais e órgãos reprodutores; entre sexo e gênero; entre relações sexuais, reprodução e desejo/prática heterossexual:

O que chamamos de 'órgãos sexuais'?
Os órgãos são, em geral, partes do corpo que desempenham uma função, um papel bem determinado. Os órgãos sexuais exercem *dupla função*: na reprodução e na própria relação sexual.
Os órgãos sexuais *internos* estão situados na parte inferior do abdome, em uma bacia óssea que se chama pelve (ou pequena bacia), onde se encontram atrás da bexiga e na frente do reto.
Há também os órgãos sexuais *externos*, que são visíveis: ocupam a região situada entre as coxas, chamada períneo. É o seu aspecto que permite reconhecer, no momento do nascimento, a menina ou o menino.

> O aparelho genital compreende as glândulas, ovários e testículos (dos quais já falamos), e um conjunto de condutos que permitem aos espermatozóides ir ao encontro dos óvulos em função da reprodução. Eles são constituídos de tal forma que a relação sexual seja possível entre um homem e uma mulher. Assim é que o homem tem um órgão *em relevo*, o pênis, que pode ser introduzido num órgão *côncavo*, a vagina da mulher, durante as relações sexuais. Em todos os animais o encontro óvulo-espermatozóide tem como resultado a criação de um ovo. Mas as modalidades desse encontro são diferentes segundo as espécies.

(COHEN, J. et. al., 1977a, p. 18)

A comparação de Laura Milano, entre a pornografia e os documentários de reprodução da espécie, e a ideia de ação sexual – resumida a: penetra, goza – como sinônimo de coito/cópula, são levadas, na enciclopédia, às últimas consequências. Efetivamente se naturaliza as práticas sexuais a partir dos comparativos com a reprodução de outras espécies, utilizando descrições e imagens que aproximam as posições de corpos humanos, durante a relação sexual, ao de outros animais acasalando.

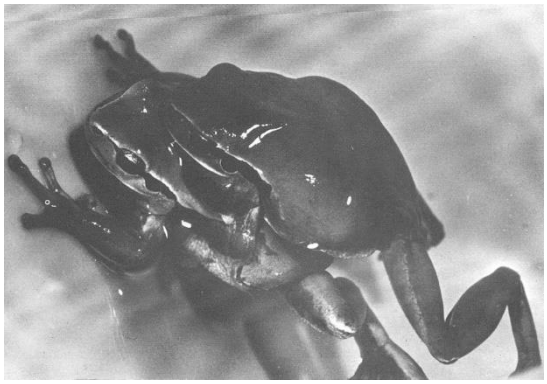


FIGURA 42: Ilustração da enciclopédia (COHEN, J. et al., 1977a, pg. 18)

> "Entre as rãs, por exemplo, os ovos são postos e recebem os espermatozóides durante sua postura: o macho se coloca sobre a fêmea para fecundá-los e eles se desenvolvem sozinhos na água".

(COHEN, J. et al., 1977a, pg. 19)

FIGURA 43: Ilustração da enciclopédia (COHEN, J. et al., 1975b, p. 52-53)

> “O homem deita-se sobre a mulher, introduzindo o pênis na sua vagina. É fácil, porque, tendo ela se tornado muito úmida, o pênis desliza, instintivamente, para o seu interior. Seus dois corpos são, agora, um apenas. O prazer que sentem é tão grande que o homem tem uma ejaculação. É o que se denomina gozo”.

(COHEN, J. et al., 1975b, pg. 51)

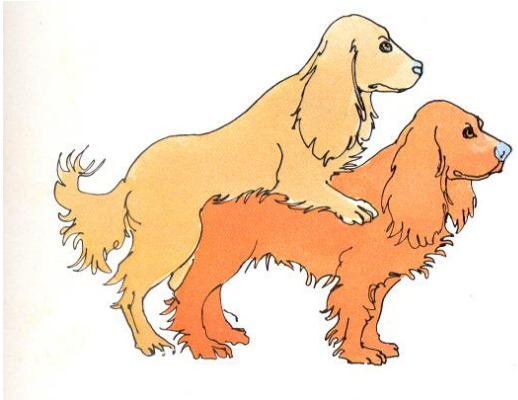


FIGURA 44: Ilustração da enciclopédia (COHEN, J. et al., 1975a, p. 41)

FIGURA 45: *Frame* do filme *Garganta Profunda* (GARGANTA..., 1972, 39min)

Nesse empreendimento de naturalização da heterossexualidade e da genitalização do desejo, recorre-se à ideia de uma complementariedade entre os corpos e, novamente, de diferenciação a partir do homem-penetrador e da mulher-penetrada:

> Anatomicamente, tudo concorre para facilitar a relação sexual. O pênis em ereção penetra na vagina, que o recobre como uma luva a um dedo. A lubrificação da vagina favorece a introdução e os movimentos do pênis. Também a natureza, no momento do ato sexual, favorece a fecundação. A parte superior da vagina forma um receptáculo para os espermatozoides e o colo secreta o muco que facilita sua subida.

(COHEN, J. et al., 1977c, pg. 83)

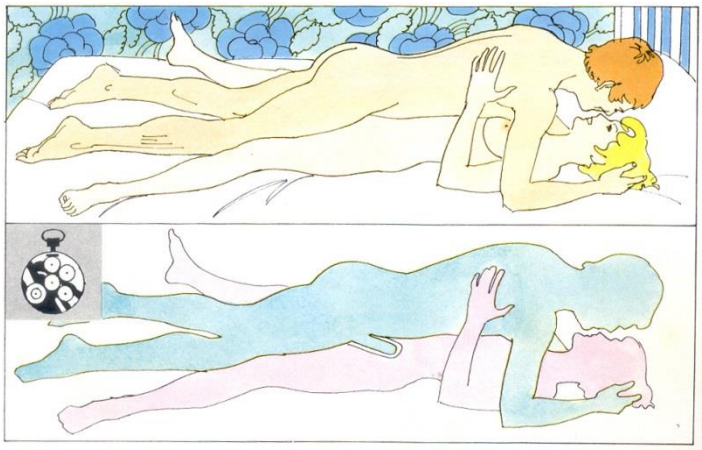


FIGURA 46: Ilustração da enciclopédia (COHEN, J. et al., 1975a, pg. 37)

A penetração heterossexual, assim como em *Garganta Profunda*, funcionando como definidora da verdade da "ação/relação sexual":

> "Não pode haver relação sexual sem a introdução do pênis na vagina. Portanto, somente a relação 'interna' é uma verdadeira relação sexual".

(COHEN, J. et al., 1977a, pg. 57)

O orgasmo é, também, pontuado como fim e finalidade da ação - tanto pela relação da ejaculação com a fecundação, quanto por não se propor um descolamento da ideia de prazer à ideia de gozo. O comprometimento estabelecido entre fecundação, ejaculação e prazer, assim, atuando na naturalização do desejo heterossexual e da prática genitalizada da penetração.

> "Rapazes e moças gostam de estar juntos. Passeiam, vão ao cinema, emprestam-se livros e discos, encontram-se durante as férias.
> E depois, um belo dia, um rapaz e uma moça descobrem que, como tia Tereza e tio Roberto outrora, gostam de ficar a sós.
> Quando estão sozinhos, gostam muito de conversar, mas têm, também, um grande prazer em se beijar.
> Anseiam por viver juntos e procurarão ficar sempre cada vez mais próximos um do outro. A proximidade de seus corpos e a troca de carícias constituirão uma grande felicidade. Um dia quererão unir-se integralmente e, estando mais próximos do que nunca, o rapaz introduzirá seu pênis na vagina da moça, experimentando um novo prazer. Tal prazer denomina-se prazer sexual.
> No momento em que o seu prazer é mais intenso, os espermatozoides saem do pênis do homem e entram pela vagina da mulher, percorrendo o tubinho. Algumas vezes, um deles encontra um óvulo em seu percurso. É dessa maneira que se pode, se assim se desejar, ter um bebê.
> Cristina e Ricardo sentem-se feliz por saber que nasceram de um tão grande prazer."

(COHEN, J. et. al, 1975ª, p. 36-38)

> "O orgasmo pode ser definido como 'o ápice do prazer sexual', que é sua meta'".

(COHEN, J. et al., 1977b, pg. 67)

As considerações feitas até aqui despejam e despejam-se na suspeita de que o sexo do

qual fala *Garganta Profunda* é o mesmo sexo falado, "da fisiologia à psicologia", pela *Enciclopédia da Vida Sexual*: dois sexos engendrados por dois gêneros e materializados pela norma heterossexual. Essa cadeia de coerência e continuidade é instância fundamental na produção da normalidade/anormalidade e da abjeção (noções importantes para o subcapítulo 2.2) e de uma ideia tida como verdadeira do que é/como deve ser o ato sexual (disparadora do subcapítulo 2.3).

2.2 *Come straight from the throat*: goela afora, a sexualidade

FIGURA 47: *Frame* do filme *Garganta Profunda* (GARGANTA..., 1972, 25min)

> - Sra. Lovelace, por favor... tente se recompor. Diga-me uma coisa... quando trepa, quando faz sexo com penetração... o que mais te excita?
> - Chupar pau.
> - Sério? Chupar pau? O que sente?
> - Sinto muito tesão.
> - Onde?
> - Você vai rir.
> - Não, sra. Lovelace, não vou rir.
> - Fico excitada aqui.
> - Sra. Lovelace, deixe-me examinar isso. Abra a boca.[71]
> (GARGANTA..., 1972, 25min)

No primeiro volume de *História da Sexualidade*, Foucault contestou a hipótese repressiva - que associa ao sexo apenas instâncias de interdição, silenciamento e desconhecimentos sistemáticos – propondo a noção da sexualidade tal como um dispositivo, ou seja, como campo privilegiado de exercício de relações de poder e de produção discursiva. No **primeiro ato** deste texto, tentei explorar o quanto o cinema pornográfico, assim como outras instâncias de educação sexual, seriam efeitos dessa "[...] explosão de discursividades distintas" (FOUCAULT, 1999, p.35) em torno do sexo. Aqui, retomando algumas das noções

[71] Excerto de diálogo do filme. Momento em que Dr. Young solicita as confissões de Linda.

anteriormente apresentadas – como a do procedimento de confissão enquanto instrumento de produção da verdade sexual -, quero mostrar, em uma espécie de movimento inverso, não só o quanto o cinema pornô é produzido no interior do *dispositivo de sexualidade* e inextricável dos saberes produzidos pelas demais discursividades que dele emergem, mas em como a pornografia também se apropria da incitação dessas práticas discursivas – e mesmo das próprias discursividades - para regurgitá-las de volta em formato de dramaturgia.

Duas das maneiras apresentadas por Foucault como modos de aplicar o ritual confessional em conformidade com os esquemas de regularidade científica do século XIX são a "codificação clínica do 'fazer falar'" (1999, p. 64) e a "medicalização dos efeitos de confissão" (1999, p. 66). A primeira, diz respeito à combinação entre o exame clínico e a fala da/do paciente sobre si; a segunda, da confissão sistematizada como operação terapêutica. A gerência do sexo, colocada no regime do normal e do patológico, faz da confissão tanto um procedimento diagnóstico quanto de tratamento e cura.

Em *Garganta Profunda*, a prática clínica do psiquiatra Dr. Young aparece como uma hipérbole dos processos descritos por Foucault. Ao ser atendida, Linda é convidada a investigar e a falar sobre seu sexo anormal. A narrar os prazeres que sente e os que não sente, mas deseja sentir.

FIGURA 48: *Frame* do filme *Garganta Profunda* (GARGANTA..., 1972, 22min)

- É uma coisa bem comum. Talvez tenha tido algum trauma na infância.
- Não, acho que não.
- Nada desagradável na infância que faça você rejeitar o sexo?
[...]
- Doutor, por favor. Não sinto desinteresse por sexo. Eu gosto. Na verdade, posso passar o resto da minha vida trepando.
- Então, qual o problema?
- Sei lá. Falta alguma coisa.
- Alguma coisa está faltando?
- Deve haver mais coisas além de pequenos arrepios.
- Arrepios?
- Quero ouvir sinos...
- Sinos?
- Bombas e fogos explodindo.

- Foguetes iluminando o céu.
- Bombas explodindo no ar. [...] Por favor, leve-me a sério.
- [...] Seu problema... então... quer mais coisa, não só arrepios.
- Sim, quero sinos e bombas.
- Já falou disso, sra. Lovelace. Será que é algo físico e não psicológico? Já fez um exame interno?
- Não, acho que não.
- Venha à outra sala. Quero te examinar. (GARGANTA..., 1972, 22min)[72]

Às confissões verbalizadas, junta-se o exame físico de seu corpo e, ao ser constatada a ausência do clitóris na vagina, Linda é questionada sobre onde – em que lugar da geografia corporal – ela mais se sente excitada durante as relações sexuais. Ao confessar, chorando e envergonhada, ser a garganta o ponto de maior exaltação, seu clitóris é encontrado em sua traqueia. Dr. Young, então, a indica uma terapia intensiva: começando pelo próprio médico, Linda deve aprender a colocar o pênis bem fundo em sua garganta durante o sexo oral, promovendo o encontro pênis-clitóris.

FIGURA 49: *Frame* do filme *Garganta Profunda* (GARGANTA..., 1972, 26min)

- Abra mais a boca. Mais, mais. Lá está seu botãozinho! Lá está!
- O quê?
- Seu clitóris. Está escondido no fundo da sua garganta.
[Linda chora compulsivamente]
- Não, sra. Lovelace... Ouça, ter o clitóris na garganta é melhor do que não ter.
- [chorando] Isso porque não é você. Queria que seu pau ficasse na sua orelha?
- Daí eu podia me ouvir gozando. [Linda chora mais alto] Por favor... Ouça, já detectamos o problema. O que temos a fazer agora... é descobrir a solução.
- [chorando] Como o quê?
- Como... como uma garganta profunda.
- Garganta o quê?
- Profunda. Já enfiou um pau até o fundo da sua garganta?
- Não. Tentei, mas engasguei.
- Bem, estou aqui. É questão de disciplina. Precisa aprender a relaxar os músculos. Sincronizar a respiração com o movimento da sua cabeça.
- Faz parecer tão fácil...
- É fácil! Tente. Vai gostar.
- E se não conseguir?

[72] Excerto de diálogo do filme. Início da consulta de Linda com o psiquiatra Dr. Young.

> - Vamos tentar uma vez. É todo seu. Relaxe os músculos. (GARGANTA..., 1972, 26min)[73]

Depois de alcançar o tão desejado orgasmo, Linda é convidada a ocupar um espaço híbrido de paciente-terapeuta na clínica de Dr. Young. Ao mesmo tempo em que ela continua seu tratamento (as sessões de felação), ela passa a atender homens que também procuram o médico para confessar e tratar suas irregularidades sexuais. Dentre eles, um paciente que só consegue sentir prazer se, no ato sexual, houver uma Coca-Cola para tomar, e outro que, para se sentir excitado, precisa encenar uma situação de assalto em que ele represente o papel de ladrão-estuprador[74].

Se, a princípio, pode parecer sem sentido que esses pacientes recorram a uma clínica médica – e não a uma casa de prostituição, por exemplo – para tratar suas sexualidades disparatadas praticando as mesmas – e não curando-as, extirpando-as -, é no uso que o Dr. Young faz desses casos que a denúncia do *dispositivo de sexualidade* e dos espirais de poder-saber-prazer se faz de maneira mais contundente: o psiquiatra, no seu exercício de poder sobre os anormais, não visa a aniquilação, mas o controle - ele grava relatórios sobre cada uma das anomalias que ali aparecem.

> - Caso 358, Albert Fenster. 25 anos, solteiro. Tem obsessão em achar que as coisas melhoram com Coca. (GARGANTA..., 1972, 36min)[75]
>
> - Caso 653, Jacob Maltz. 52 anos, viúvo, sem filhos. Não faz sexo desde que a sua esposa morreu, há 3 anos. Recusa-se a ir para a cama com alguém até se casar de novo. Desenvolveu sérias dores na virilha. Acredita que as dores sejam por falta de sexo. Mandei minha fisioterapeuta, Linda Lovelace, para aliviá-lo. (GARGANTA..., 1972, 39min)
>
> - Caso 218, Wilbur Wang, 26 anos. Herdeiro de uma fortuna. É muito tímido e retraído. Só se sente excitado quando consegue dominar a parceira. Assume a personalidade de um ladrão e gosta de imaginar estar estuprando a vítima. Linda Lovelace foi incumbida de tirá-lo desta paranoia. Se ela se sentir atraída por ele, juntos formarão um belo par. (GARGANTA..., 1972, 51min)

Foucault descreve a "implantação de perversões" como um efeito-instrumento (1999, p. 48) da proliferação discursiva em torno do sexo. Das incitações para que se confesse as

---

[73] Excerto de diálogo do filme. Momento em que Dr. Young descobre o clitóris de Linda na garganta e que ela tenta, pela primeira vez, utilizar a técnica de "garganta profunda" no sexo oral.

[74] Gostaria de chamar a atenção para o fato de, desde esse momento inicial da indústria do cinema pornô, o estupro/violação já aparecer pelas vias da "fantasia sexual". O cinema pornográfico vem sendo alvo de críticas feministas, desde as décadas de 1970 e 80 até hoje, por promover e naturalizar a violência sexual contra as mulheres. Entre as feministas anti-pornografia que deram mais ênfase à relação entre o cinema pornô e a violência sexual, encontram-se Catherinne MacKinnon e Andrea Dworkin- que escreveram juntas, em 1988, o livro *Pornography and Civil Rights- a new day for women's equality*.

[75] Os "casos" a seguir são diferentes excertos do filme *Garganta Profunda*, tratam-se das falas que compõem os relatórios sonoros que Dr. Young grava de suas/seus pacientes.

verdades sobre o desejo, emerge toda uma variedade de sexualidades disparatadas que, por sua vez, são exaustivamente examinadas, analisadas, descritas e, então, tornadas princípios classificativos a serem incorporados aos indivíduos. A organização de "espirais de poder e prazer" se dá, nas palavras de Foucault, pelo:

> [...] prazer em exercer um poder que questiona, fiscaliza, espreita, espia, investiga, apalpa, revela; e, por outro lado, prazer que se abrasa por ter que escapar a esse poder, fugir-lhe, enganá-lo ou travesti-lo. Poder que se deixa invadir pelo prazer que persegue e, diante dele, poder que se afirma no prazer de mostrar-se, escandalizar ou de resistir. (1999, p. 45)

Dr. Young, suas enfermeiras e seus pacientes corporificam esses prazeres: ao mesmo tempo em que o psiquiatra grava os relatórios, transa e goza com suas enfermeiras. Ao mesmo tempo em que a trata, transa e goza com Linda – que, por sua vez, também goza, assim como os outros pacientes, ao mostrar/viver seus prazeres escandalosos. O entrelaçamento entre o exercício do poder, a perseguição do prazer e a invasão de um pelo o outro pode ser alegoricamente ilustrada pela gravação/confissão que Dr. Young, ironicamente, acaba fazendo de seu próprio caso, no momento mesmo em que mantém uma relação sexual com sua enfermeira:

> - Caso 007, Dr. Young, isto é, o pobre Dr. Young. Tentando foder duas enfermeiras simultaneamente. Não dá para continuar. Quanto dessa garganta profunda eu aguento? Estou ultrapassando os limites e estou perto da morte. Puta merda! (GARGANTA..., 1972, 41min)

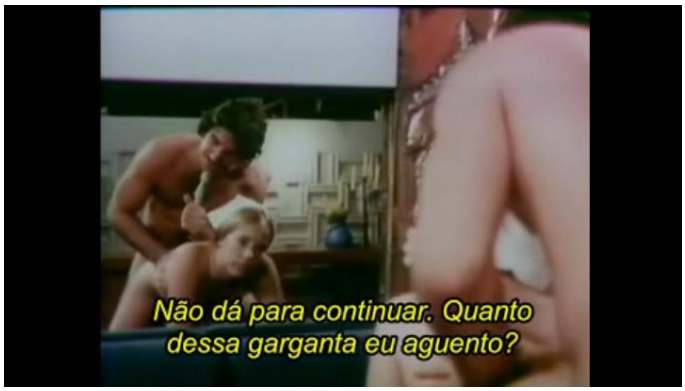


FIGURA 50: *Frame* do filme *Garganta Profunda* (GARGANTA..., 1972, 41min)

O psiquiatra numera seu caso de "007", código pelo qual é conhecido o fictício agente secreto James Bond. Talvez possamos entender que Dr. Young também se sabe um espião: um agente investigativo implicado na tarefa de inscrever o sexo em um "regime ordenado de saber" (FOUCAULT, 1999, p. 68). A amarração entre confessar seu próprio caso, examiná-lo e documentá-lo assim como faz com o de pacientes, precisamente no mesmo momento em que

se relaciona sexualmente com a enfermeira, aparece como uma maneira de espiralar o poder, o saber e o prazer em uma mesma economia, exatamente como o descreveu Foucault.

> Desde o século XVIII o sexo não cessou de provocar uma espécie de erotismo discursivo generalizado. E tais discursos sobre o sexo não se multiplicaram fora do poder ou contra ele, porém lá onde ele se exercia como meio para seu exercício; criaram-se em todo canto incitações a falar; em toda parte, dispositivos para ouvir e registrar, procedimentos para observar, interrogar e formular. Desenfurnam-no a uma existência discursiva. Do singular imperativo, que impõe a cada um fazer de sua sexualidade um discurso permanente, aos múltiplos mecanismos que, na ordem da economia, da pedagogia, da medicina e da justiça incitam, extraem, organizam e institucionalizam o discurso do sexo, foi imensa a prolixidade que nossa civilização exigiu e organizou. (FOUCAULT, 1999, p. 34)

O fomento ao sexo posto em palavras aparece na *Enciclopédia da Vida Sexual* sob três principais aspectos: incentivando adolescentes a falarem com médicas e médicos (assegurando-lhes a confidencialidade), mães e pais a falarem com suas filhas e filhos e, ainda, destacando como intuito da própria enciclopédia a facilitação do estabelecimento de falas sobre o tema.

aos adolescentes[76]
É por você que este livro foi escrito por dois homens e duas mulheres, todos eles médicos. Nele colocaram não só sua experiência de clínicos e de pais, mas, também, o conhecimento indispensável dos problemas do adolescente que adquiriram em contacto [*sic*] com os jovens.
Todas as perguntas aqui formuladas foram realmente feitas por rapazes e moças da sua idade, durante reuniões de informação sexual. [...]
Essas perguntas preciosas, numerosas, insidiosas, demonstram a profunda necessidade do adolescente de iniciar um diálogo com os mais velhos, em todos os campos que dizem respeito à vida sexual e afetiva. Esse diálogo é mais do que nunca importante nesse período difícil, em que a necessidade de agradar se acentua e a curiosidade sexual atinge seu ponto máximo.
Você encontrará aqui mais do que uma resposta às suas perguntas, a ocasião de esboçar esse diálogo que você deseja e poderá depois prosseguir com seus pais e amigos.
(COHEN, J. et al., 1977a, p. 9)

A insistência para que as crianças e adolescentes falem – ou para que, com elas, adultos falem – sobre sexo (que seria princípio fundante da própria enciclopédia), tem a ver com o que Foucault chamou de *pedagogização do sexo da criança*, um conjunto estratégico de produção de saberes e poderes.

> *Pedagogização do sexo da criança:* dupla afirmação, de que quase todas as crianças se dedicam ou são suscetíveis de se dedicar a uma atividade sexual; e de que tal atividade sexual, sendo indevida, ao mesmo tempo "natural" e "contra a natureza", traz consigo perigos físicos e morais, coletivos e individuais; as crianças são definidas como seres sexuais "liminares", ao mesmo tempo aquém e já no sexo, sobre uma perigosa linha de demarcação; os pais, as famílias, os educadores, os médicos e, mais tarde, os psicólogos, todos devem se encarregar continuamente desse germe sexual

[76] Trata-se do prefácio do volume destinado a adolescentes de 14 a 16 anos.

> precioso e arriscado, perigoso e em perigo; essa pedagogização se manifestou sobretudo na guerra contra o onanismo, que durou quase dois séculos no Ocidente. (FOUCAULT, 1999, p. 99)

Nos primeiros volumes da enciclopédia, dedicados às crianças mais novas, os "sexualmente anormais" são evocados de maneira a inscrever na sexualidade infantil essa noção pendular de algo que vai do perigoso ao em perigo. Na narrativa do livro voltado às crianças de 10 a 13 anos, o pai, ao explicar à filha e ao filho sobre "exibicionistas", promove um duplo movimento: busca proteger o sexo infantil, ao mesmo tempo em que ressalta terem, os desvios da normalidade, origens na infância.

João virou a página do 'livro do Papai' e Silvia exclama: 'Está quase no fim!'. Papai examina detidamente aqueles rostos tão jovens como se procurasse adivinhar alguma coisa. Acaba por fazer, tranquilamente, a pergunta que lhe está fazendo cócegas na língua: 'Vocês já encontraram um exibicionista?'.
- Um o quê?
- Um desses homens que rodeiam escolas primárias ou ginásios, por exemplo, e que mostram o sexo, afastando com vergonha e furtivamente seus sobretudos.
Silvia arregala os olhos, revelando uma incompreensão total. Mas João inclina a cabeça afirmativamente: 'Eu vi um no parque. Tive medo e olhei para outro lado. Estava sozinho e ele se tinha escondido antes de mostrar sua braguilha aberta. Isso é uma doença?'.
- Esses homens não são perigosos. Certamente tiveram problemas quando eram crianças, mas ninguém percebeu e procurou compreendê-los... Por isso sua sexualidade jamais atingiu um estágio normal. Procuram, mais tarde, vingar-se disso. Precisamente com crianças. O medo que você sentiu causou-lhe, certamente, um prazer. Só isso.
- Nunca viria me tocar?
Certamente que não. Mas existem outros doentes sexuais muito perigosos e, como vocês são ainda crianças, não podem reconhecê-los. São os 'sádicos', que sentem uma violenta necessidade de causar um grande mal às crianças pequenas. Falam com elas, oferecem-lhes presentes, balas, sorvetes, brinquedos, para atraí-las. Não se deve, nunca, acompanhar um desconhecido extremamente amável. É uma armadilha. Se insistir e os perseguir, gritem, peçam socorro. As pessoas compreenderão, imediatamente, sem que vocês sejam obrigados a explicar a situação. Aliás, esses homens são sempre muito covardes, fugindo ao primeiro grito.

(COHEN, J. et al., 1975b, pg. 88)

A personagem da criança onanista/masturbadora, que é descrita por Foucault como uma das figuras do domínio da anomalia na passagem do século XVIII para o XIX, é também acionada na fictícia conversa entre pai e filho, no mesmo volume:

- Papai, outro dia vi um menino do quarto ano ginasial escrevendo na porta do vestuário: *Viva o prazer solitário*. Isso provocou os risos de outros meninos da sua classe, mas eu não compreendi. Existe um prazer solitário?
- Existe. É o que chamamos masturbação. Esse menino do quarto ano descobriu o prazer proporcionado pelo seu próprio corpo, sem um parceiro. Por essa razão é que é 'solitário'.
- E o que é que se faz sozinho?
- Tocam-se os órgãos sexuais. No ginásio talvez você tenha ouvido outras expressões referentes a esse procedimento. Mas prefiro empregar o termo exato, masturbar-se.
- É verdade!
- É através desse procedimento que se obtém o prazer solitário. Penso, apenas, que a inscrição do aluno do quarto ano significa que ele é um menino infeliz, que não pode conversar com seu pai sobre os problemas levantados pela puberdade... Quando os pais recusam informar os filhos, responder a todas as perguntas sobre a sexualidade, estão assumindo uma grande responsabilidade. A criança perturbada torna-se inquieta, sente-se abandonada. Não

encontrando mais qualquer prazer em seu trabalho, isolar-se-á, cada vez mais. Acabará escrevendo na porta de um vestiário, por exemplo, simplesmente para protestar contra seu vazio sexual!
- A masturbação é proibida por ser perigosa?
- Não. A masturbação não é um vício, nem um perigo. Mas, se uma criança tomar gosto por ela, mais tarde ser-lhe-á mais difícil amar uma outra pessoa... E o prazer é melhor, quando compartilhado. É o prazer dobrado, você compreende?

(COHEN, J. et al., 1975b, p. 84)

Sobre o masturbador do século XIX, Foucault (2001, p. 74) elenca algumas características: seu aparecimento enquanto um indivíduo quase universal - a prática da masturbação como segredo por todo mundo compartilhado, mas por ninguém falado - e o surgimento de uma etiologia sexual - o sexo e a masturbação sendo vinculados às patologias dos mais diversificados tipos. Um século depois, os enunciados da enciclopédia parecem reproduzir a ideia da masturbação como segredo universal. Mas se, por um lado, parece haver um esforço em assentar a prática no campo da normalidade – sendo indicada, inclusive, como útil na fabricação da heterossexualidade -, nas dobras do discurso, vemos a prática ser relançada na seara dos perigos iminentes.

A masturbação acarreta consequências desagradáveis?
Ela deve ser considerada como uma etapa normal na evolução da sexualidade do adolescente. Entre 12 e 16 anos, cerca de 90% dos jovens recorrem à masturbação como meio de expressar seu instinto sexual que, conforme as estatísticas de Kinsey, é muito exigente nessa fase da vida, atingindo seu apogeu aos 15 anos.
Ora, nossa sociedade impõe ao adolescente tabus rigorosos: para satisfazer seu instinto ele não dispõe de outro meio, além de seu próprio corpo. Masturbar-se para fazer desaparecer a tensão sexual, que pode expressar-se através de dor testicular e tornar-se, aliás, particularmente imperiosa pelo fato de o adolescente não ter sido prevenido a respeito.
No prazer solitário, os jovens soltam as rédeas da imaginação: constroem um mundo de sonho a partir de seus encontros diários ou das impressões mais marcantes que lhe causam leituras ou filmes.
A masturbação, no caso da moça, se reduz essencialmente a um devaneio da imaginação que se desenvolve nos momentos que precedem o sono, embora muitas delas descubram, mais ou menos precocemente, o prazer que podem provocar as carícias clitoridianas.
Nos dois sexos, a masturbação é uma válvula de segurança que permite um relaxamento do instinto sexual.
Por que, então, sendo isto verdade, se cria tanto problema a propósito da masturbação?
Durante muitos séculos, ela foi considerada por cientistas honestos como um terrível vício. Dizia-se que era responsável pela tuberculose, pela loucura, pela paralisia.
Muitos pais, ainda hoje, apesar de não mais acreditarem em tais superstições, receiam que seus filhos tenham um atraso no crescimento ou dificuldades na escola por causa da masturbação.
A masturbação representa um perigo para a vida psicológica?
A masturbação não é perigosa se for apenas uma etapa na evolução sexual do adolescente.
Pode até ser útil, pois, graças a ela, o rapaz e a moça desenvolvem, no nível da imaginação, sua atração pelo outro sexo. Esta atração fantasiosa é um excelente prelúdio às relações sexuais posteriores.
A masturbação desaparece espontaneamente?
Ela deveria desaparecer, espontaneamente, por volta de 16 ou 17 anos.
Acontece, no entanto, que adolescentes com mais idade e mesmo homens adultos continuam a praticá-la. Em certos casos, é difícil abandonar hábitos adquiridos.
O adolescente, é verdade, recorre à masturbação para aliviar a tensão sexual: é normal. Mas pode acontecer que lance mão dela para tentar superar um momento difícil.
Se ele tem a impressão de não ser suficientemente amado em sua família, se se encontra num internato ou, com mais razão ainda, num orfanato, pode, então, sentir necessidade de ternura e carinho. 'Se ninguém me ama, eu mesmo me amarei, pensa ele; não tenho necessidade de ninguém que me cause prazer, pois encontro em meu corpo tudo o que é preciso para isto'.

Outras vezes, refugia-se no prazer solitário, procurando compensar com ele a angústia provocada por um mau resultado na escola ou um outro fracasso qualquer.
O perigo, então (pois perigo existe), é que ele adquira o hábito de refugiar-se em si mesmo sempre que surgir em seu caminho algo desagradável ou um obstáculo qualquer.
Inevitavelmente se fechará em si mesmo, tornando-se ainda mais tímido e não ousando mais enfrentar a presença de uma moça. Isolar-se-á em seu círculo de amigos, fugindo da realidade, o que nunca é bom e, mais cedo ou mais tarde, lhe poderá causar profundas nostalgias.
Convém, pois, ressaltar os seguintes pontos:
Os adolescentes, em geral, recorrem à masturbação como a uma válvula de segurança do instinto sexual. Todos sabem, certamente, que também seu amigo faz o mesmo. Não há, pois, motivo para julgar-se culpado ou anormal.
O verdadeiro perigo da masturbação reside, com efeito, nesse sentimento de culpa, com o qual alguns travam uma luta desesperada.
No entanto, quando persiste além dos 17 anos, a masturbação pode ser a expressão de dificuldades no relacionamento com os amigos, com os adultos do meio familiar, escolar ou profissional. Frequentemente, o outro sexo suscita uma reação de medo: os rapazes receiam defrontar-se com esses seres estranhos de sexo diferente, dos quais tudo parece separá-los. Preferem fechar-se em si mesmos.
Não deverão hesitar em pedir ajuda aos amigos, aos pais, ao médico. Somente o diálogo pode afastar a angústia.
Descobrirão que, por além das diferenças superficiais, existem afinidades muito profundas entre eles e as moças.
É preciso que se habituem à convivência com o outro sexo que é para eles, na realidade, o único meio seguro de não comprometer sua vida sexual futura.

(COHEN, J. et al., 1977a, pg. 128-130)

O masturbador se desloca da anormalidade – a masturbação sendo, então, delimitada como prática, até certo ponto, normal – e o anormal se torna aquele que não escapou do risco oferecido pela prática do "prazer solitário": o de não se habituar "à convivência com o outro sexo". Caracterizada como uma "[...] qualidade da sensibilidade sexual, uma certa maneira de interverter, em si mesmo, o masculino e o feminino" (FOUCAULT, 1999, p. 43), a homossexualidade, como produtora de um personagem – o homossexual –, foi inventada em 1870, em artigo científico do psiquiatra alemão Karl Westphal. Sobre a passagem da sodomia - uma prática - para a instauração do homossexual – um perverso -, diz Foucault:

> A sodomia – a dos antigos direitos civil ou canônico – era um tipo de ato interdito e o autor não passava de seu sujeito jurídico. O homossexual do século XIX torna-se uma personagem: um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida; também é morfologia, com uma anatomia indiscreta e, talvez, uma fisiologia misteriosa. Nada daquilo que ele é, no fim das contas, escapa à sua sexualidade. [...] A homossexualidade apareceu como uma das figuras da sexualidade quando foi transferida, da prática da sodomia, para uma espécie de androgenia interior, um hermafroditismo da alma. O sodomita era um reincidente, agora o homossexual é uma espécie. (1999, p. 43)

Na *Enciclopédia da Vida Sexual*, o tema da homossexualidade aparece nos três últimos volumes (destinados a adolescentes com 14 anos ou mais e a pessoas adultas). Já em sua primeira aparição, no volume destinado a adolescente de 14 a 16 anos, a questão é inscrevê-la ou não no campo da normalidade:

A homossexualidade é normal?
Esta pergunta é muito importante. A adolescência é uma encruzilhada a partir da qual as tendências sexuais vão se definir. Já dissemos que, ao explodir nesse período, depois de longo sono, o instinto sexual dispunha de várias alternativas para satisfazer-se:
- A masturbação, a qual recorre o adolescente com grande frequência.
- O namoro, que o obriga a controlar seu impulso sexual.
- As relações sexuais verdadeiras que, no entanto, são difíceis enquanto o adolescente não adquirir mais maturidade e o sentido de suas responsabilidades (nem sempre é fácil, também, encontrar nessa idade uma parceira que corresponda às suas exigências).
Por essa razão, lhe é muitas vezes mais cômodo afeiçoar-se a um amigo do mesmo sexo.
Essa fase, vivida por todo adolescente, é normal e mesmo desejável. A esse amigo ele confia suas ideias, sentimentos, dúvidas, ambições, num clima de permuta e abertura recíproca. Eles se ajudam a construir a personalidade. Embora normal e desejável, essa experiência representa apenas uma *fase transitória*.
Há, no entanto, rapazes e moças que, por motivos diversos, não ultrapassam esse estágio da amizade homossexual.
- Ora, têm medo do outro sexo e preferem não abordá-lo.
- Ora, se vêem afastados dele por circunstâncias particulares, como uma estada prolongada em internato.
- Outras vezes, simplesmente não encontraram em seus pais modelos válidos com os quais se identificar; por isto, o rapaz não aprendeu a comportar-se como um homem e nem a moça, como mulher.
Ora, este é o ponto fundamental: o ser humano atinge mais facilmente a felicidade precisamente na medida em que é capaz de comportar-se em conformidade com seu sexo.
Uma experiência homossexual, é claro, não é suficiente para comprometer o futuro, mas a adolescência é uma época cheia de armadilhas: certos adultos, cujo instinto sexual foi desviado anteriormente, o sabem muito bem. Tentam envolver esses jovens cuja sexualidade ainda não se definiu. Deve ser evitado, no entanto, todo contato com eles, não se hesitando em recusar-lhes os convites, mesmo que se mostrem bem educados e cultos. É importante ultrapassar logo a fase da amizade homossexual exclusiva e passar a conviver com o outro sexo.
Os exibicionistas ostentam seus órgãos genitais diante dos jovens, procurando, desta forma, provar a si mesmos sua virilidade. *Certos sádicos*, tentam atraí-los para satisfação de sua necessidade de crueldade.
Uma única regra em todos os casos: não aceitar a companhia de desconhecidos, não parar quando chamado, conservar-se calmo; se o desconhecido insistir, não hesitar em pedir ajuda a amigos, aos transeuntes, à polícia.
Há outros doentes sexuais que se podem encontrar ao acaso dos caminhos, dos parques ou em lugares públicos como um cinema.

(COHEN, J. et. al., 1977a, p. 153)

No volume seguinte, destinado a jovens de 17 e 18 anos, o item "*A homossexualidade do adolescente*" aparece como último tópico do capítulo intitulado "*Os médicos e os jovens*":

"É ao aproximar-se da puberdade, escreve Freud, que um ser toma partido a favor ou contra a homossexualidade."
No momento em que as exigências do instinto se revelam com máxima agudeza, o adolescente só pode assumir a sexualidade de duas maneiras, ambas culpabilizantes: a masturbação (que já estudamos) e a atração pelas mulheres que cercaram sua infância: mãe, irmãs, primas, sacralizadas pelo tabu do incesto.
Dessa forma, a homossexualidade apresenta-se a ele como um meio cômodo de escapar a essa alternativa. Naturalmente, o adolescente orienta seu desejo para um companheiro ou amigo.
Experiências recentes, realizadas na universidade de Indiana, confirmaram, como Stekel levantara a hipótese, a presença de tendências bissexuais em todo ser humano. Os comportamentos sexuais diferenciar-se-iam em sete graus: numa extremidade da escala situar-se-ia o comportamento heterossexual exclusivo; na outra, o comportamento homossexual puro; no meio, comportamentos mistos.
Essas tendências contraditórias se defrontam no decurso de nossa infância. Na maioria dos casos, as tendências heterossexuais acabam por dominar, quando o complexo de Édipo se resolve favoravelmente. Mas, às vezes, infelizmente, pode não ser assim, em certas condições particulares. Quais são elas?
Primeiro, as que obrigam à segregação dos sexos. Nas escolas, nos internatos (onde a convivência de meninos e meninas é considerada uma desgraça), as necessidades de afeição e de sensualidade tendem a se satisfazer junto aos colegas do mesmo sexo. Trocam-se bilhetinhos ternos. Há confissões mútuas. Tais relações nutrem-se habitualmente de sentimentos de desejo, de amor, de ternura, de ciúme. Mas podem também manifestar a sensualidade. É este o perigo: o adolescente corre o risco, com efeito, de ser condicionado pelo prazer homossexual.
A não resolução do complexo de Édipo.

> Há meninos que, desde o curso primário, têm uma aparência efeminada. São meigos, medrosos, mantêm-se à distância de todos os jogos violentos, adotando em suas atitudes, seus gestos, seu modo de falar, um maneirismo feminino. Trata-se, na maioria dos casos, de crianças que não tiveram modelos masculinos válidos, com os quais pudessem identificar-se. Às vezes a personalidade dominante da mãe, a fraqueza, frouxidão ou rejeição de um pai alcóolico modificaram o jogo de forças do casal. As tendências homossexuais podem então predominar e inverter o comportamento sexual do futuro adulto.
> Tais crianças devem poder logo contar, a fim de evitar a eventualidade apontada, com um substituto paterno: um tio, um parente ou um professor podem ser tomados *como modelos de identificação*.
> Não se deve hesitar, se for o caso, em recorrer a uma psicoterapia de grupo: a integração num outro grupo de rapazes, sob a direção de um educador masculino, pode remediar em muitos casos a insuficiência dos primeiros anos.
> *O narcisismo é um dos fatores importantes que favorecem as tendências homossexuais em detrimento das outras*. Ele atua na época da adolescência. O amigo é escolhido em função de afinidades eletivas. Ele representa aquilo que nos falta. Um rapaz efeminado, tímido, será subjugado pela virilidade, pela agressividade do outro. Uma jovem, ainda verde, sentir-se-á atraída pela desenvoltura, pelo encanto e pela feminilidade de uma companheira mais velha. Neste caso, trata-se principalmente da necessidade de completar a própria imagem.
> A homossexualidade não representa, em geral, senão uma etapa na evolução psicossexual do indivíduo. Porém, não é menos verdade que o adolescente continua sensível às solicitações dessa natureza. Os jovens deverão desconfiar de uma tal atração. Mas queremos frisar bem: não se trata de condenar a amizade, essa maravilhosa intimidade, que constitui um elemento necessário de nosso desenvolvimento afetivo. É importante, no entanto, resguardar-se das solicitações homossexuais, muito mais fáceis por serem fisiológicas, e que podem comprometer para sempre, por sua ressonância, a sexualidade "normal" do indivíduo.

(COHEN, J. et. al., 1977b, p. 178-179)

Por fim, no volume destinado ao público adulto, há, novamente, uma seção sobre *a homossexualidade do adolescente* (no item "*A sexualidade do adolescente*") e, no mesmo capítulo – intitulado "*Os problemas psicológicos da sexualidade*" -, *a homossexualidade* (imediatamente seguida por *os transexuais*) aparece como um dos tópicos do item "*As perversões sexuais*"[77]:

> **A homossexualidade do adolescente**
> A homossexualidade é uma das modalidades de descarga da pulsão sexual.
> Como escreve Freud, "é pela época da puberdade que um ser toma partido pró ou contra a homossexualidade."
> Enfrentando os tabus sociais e familiares que reprimem o ato heterossexual, a culpabilidade de seu amor edipiano e o medo do outro sexo, na verdade o adolescente pode não ter outra escolha senão esse caminho.
> Na imensa maioria dos casos, porém, as tendências homossexuais nada mais representam senão o esforço feito pelo adolescente no sentido de definir-se melhor no plano da masculinidade ou da feminilidade. Projeta no amigo particular o ideal de suas aspirações e a imagem do que gostaria de ser. Como o reconhecerá Freud, existe nessas escolhas homossexuais um *envolvimento narcisista*.
> Tratando-se de um rapaz ainda tímido, atemorizado com a aproximação do outro sexo, sentirá uma atração por um jovem temerário, cuja virilidade e sucesso com as moças ele inveja. A moça deixar-se-á cativar por uma professora ou uma colega de quem emana uma feminilidade que ela gostaria de assimilar.
> Desse modo, mesmo quando as tendências homossexuais assumem o aspecto de uma paixão exaltada, continuam

[77] Além da homossexualidade e da transexualidade, as outras "perversões sexuais" apresentadas no capítulo da enciclopédia são: *o auto-erotismo, o sadomasoquismo, o fetichismo, a zoofilia, voyeurismo ou scoptofilia, o exibicionismo* e *a prostituição.* As perversões, segundo o texto que abre o tópico, se agrupam sob o aspecto de que: "Toda vez que um indivíduo não tem a possibilidade de exprimir as suas pulsões sexuais num coito completo com um parceiro do sexo oposto, expõe-se a procurar ajustes entre suas tendências biológicas e as normas impostas pela sociedade em que vive. [...] No capítulo consagrado à infância, insistimos na multiplicidades dessas tendências parciais: narcisismo primário, pulsões de oralidade, gostos excrementícios, tendências sádicas, voyeurismo, fetichismo, etc. Normalmente, cada uma dessas tendências se integra na harmonia geral do coito. No entanto acontece que, devido a uma predisposição constitucional ou a erros de educação, cada uma dessas tendências pode desenvolver-se por conta própria." (COHEN, J. et. al., 1977c, p. 158).

a ser, no mais das vezes, uma etapa que leva, através de um processo de identificação, a uma melhor definição de si.
No entanto, não é sem perigo que se repetem experiências homossexuais, quando são sexualizadas. Implicam o risco de condicionar o adolescente ao prazer homossexual e de orientá-lo definitivamente no sentido da inversão. De tal modo, os pais deverão estar atentos a esse período ambivalente. Não deixarão de prestar atenção a uma solidão patológica do adolescente, a amizades homossexuais exclusivas e prolongadas, e a atividades que não condizem com o seu sexo.
A melhor prevenção, no entanto, consiste em que os pais possam oferecer aos filhos uma imagem viril e uma imagem feminina sem ambiguidade, abstendo-se cuidadosamente de qualquer atitude ou modo de falar suscetível de desenvolver neles o medo ou o ódio pelo sexo oposto.

(COHEN, J. et. al., 1977c, p. 148)

A homossexualidade
Essa perversão levanta um problema demasiado complexo e vasto para podermos ter a pretensão de resolvê-lo ou mesmo evoca-lo em algumas linhas. Abordamo-lo sobretudo nos livros de educação sexual destinados ao adolescente.
Digamos apenas, embora Freud não a considerasse como uma verdadeira perversão, que a conduta homossexual não nos parece uma sexualidade relacional. O mais das vezes, estabelece uma relação em espelho, isto é, o indivíduo se contempla no outro como num espelho. Além disso, o homossexual procura uma réplica de si, uma exaltação de seu próprio narcisismo.
Numerosas são as formas clínicas de homossexualismo descritas; dentre elas destacaremos:
- o homossexual ambíguo de Henri Ey, que busca no parceiro tão somente um decalque de si mesmo. Nesse caso, as relações sexuais são ausentes ou reduzidas a masturbações recíprocas;
- o homossexual polivalente que pode dirigir sua libido tanto para um parceiro homossexual, como para um heterossexual;
- o verdadeiro invertido, que se identifica completamente com o arquétipo feminino. O favorito de Henrique III, coberto de jóias, perfumado, maquilado, é um bom exemplo de homossexual;
- o homossexual "perverso polimorfo" que junta ao seu desvio outros como o voyeurismo e o sadismo;
- enfim, os homossexuais latentes que ignoram ou compensam bem suas tendências homossexuais. Certos celibatários empedernidos são bons exemplos desse tipo de homossexuais.
Podem-se assemelhar a eles os *travestis*, caracterizados pela tendência a vestir roupas do sexo oçosto. George Sand e o cavaleiro d'Eon, entre as mulheres; Sardanapalo e Calígula entre os homens, ilustraram de maneira pitoresca essa perversão. Nunca está ausente um componente homossexual. George Sand, cuja extensa série de amantes alimentou a crônica, não foi isenta de homossexualismo.

(COHEN, J. et. al, 1977c, p. 163-165)

Os transexuais
Esses não devem ser confundidos com os intersexuais ou hermafroditas e se caracterizam pela convicção de pertencer a um sexo diferente do seu próprio sexo.
Acreditam-se vítimas de um engano, e não têm sossego enquanto não obtêm do cirurgião uma intervenção castradora, e da sociedade, uma legalização de sua mudança de sexo.
Seus distúrbios neuróticos e psicóticos põem os clínicos diante de problemas médico-legais na maioria das vezes insolúveis.
Entre os fatores psicológicos que podem explicitar a homossexualidade, citam-se mais frequentemente:
- uma inversão da situação edipiana; é essa a hipótese que recorre Freud em "Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância". A ausência ou carência do pai acarreta o defeito de identificação com a imagem masculina;
- uma fixação a um narcisismo pré-edipiano. Uma relação má com a mãe obriga o filho a voltar-se para si mesmo. Daí por diante, o indivíduo somente procurará nos outros uma réplica de si mesmo;
- o complexo de castração, cuja ambiguidade e complexidade entrevimos no estágio edipiano.
Seja como for, os pais carregam uma pesada responsabilidade em relação à homossexualidade de seus filhos.
No estágio da educação infantil, um e outro deverá assumir o papel respectivo, masculino e feminino, que lhe cabe, no comportamento, na linguagem, nas atitudes. Nisso reside, sem dúvida, a melhor garantia para o filho de chegar a uma identificação bem sucedida com o progenitor do mesmo sexo.
As informações sexuais que transmitirem deverão abster-se de toda alusão misogínica ou misantrópica. O medo e o desprezo do outro sexo contribuem demasiadas vezes para reforçar as tendências homossexuais.
Em todos os casos, porém, a vigilância dos pais deverá ser exercida nesse período crucial da puberdade. Chegado ao entrecruzamento de suas tendências instintivas, o adolescente está à mercê de um sedutor insinuante, ou de circunstâncias fortuitas que o obriguem a uma segregação de fato em relação ao outro sexo. Os pais não devem

> ignorar isso. Devem tudo pôr em ação para favorecer a convivência dos sexos, que dissipa o medo do estranho, e prestar toda a atenção às amizades homossexuais exclusivas de seus filhos ou atividades que não se coadunam com o seu sexo.
> Efetivamente, o tratamento só tem possibilidades de sucesso, se for empreendido antes que o homossexual fique condicionado a seu prazer.

(COHEN, J. et. al, 1977c, p. 165)

Nos trechos, ainda que se fale sobre uma suposta fase normal e desejável de "amizade homossexual" na adolescência, prevalece a patologização da figura homossexual e a correspondência compulsória e indiscutível entre heterossexualidade e normalidade. Os ecos da ideia de "inversão sexual" parecem vinculados à cadeia sexo-gênero-desejo, estabelecendo que a produção da personagem homossexual não perpassa apenas e simplesmente o campo do desejo e das práticas sexuais, mas também a "conformidade com seu próprio sexo" e a identificação com os padrões de masculinidade e feminilidade (acarretando em uma certa indiferenciação, inclusive, entre a homossexualidade e a transexualidade – como se a segunda fosse uma espécie de subcategoria da primeira).

O homossexual é "o menino de aparência efeminada". O homossexual é "o menino meigo, medroso, que se mantem à distância de todos os jogos violentos, adotando em suas atitudes, seus gestos, seu modo de falar, um maneirismo feminino". O homossexual é "um rapaz ainda tímido, atemorizado com a aproximação do outro sexo". O homossexual – o sujeito homossexual – é uma produção desses (e de tantos outros) enunciados que antepõem, mediante as relações de poder por eles produzidos e que também os produzem, o normal e o anormal. O homossexual é "um dos doentes dos instintos sexuais" – pois a saúde dos instintos é a heterossexualidade. O homossexual é "um dos desviantes" – pois a orientação primeira é a heterossexual. Ou seja, o homossexual é tudo aquilo o que o heterossexual deixa de ser - e o heterossexual é o menino de aparência masculinizada, é o bruto, o corajoso, o violento, o de modos másculos, o confiante, o que é audacioso nas aproximações com o sexo oposto, etc. Em resumo: o heterossexual é aquele cujos sexo, gênero e desejo estão alinhados em coerência e continuidade.

Essa movimentação discursiva que delimita o hegemônico – o normal – como centro e, por sua vez, como excêntrico - ou seja, como margem daquilo mesmo o que não é - o a-normal, faz parte, para Butler, dos meios discursivos pelos quais o imperativo heterossexual possibilita identificações sexuadas:

> Esta matriz excludente pela qual os sujeitos são formados exige, pois, a produção simultânea de um domínio de seres abjetos [...]. O abjeto designa aqui, precisamente aquelas zonas "inóspitas" e "inabitáveis" da vida social, que são, não obstante,

> densamente povoadas por aqueles que não gozam do *status* de sujeito, mas cujo habitar sob o signo do "inabitável" é necessário para que o domínio do sujeito seja circunscrito. [...] Neste sentido, pois, o sujeito é constituído através da força da exclusão e da abjeção [...]. (BUTLER, 2013b, p. 155)

A possibilidade de centrifugar as figuras da abjeção, assim como a de centralizar as da normalidade (para Butler, da inteligibilidade), só é possível por serem, ambas, produzidas no interior de um mesmo mecanismo regulador. Nesses termos, o anormal não está fora das normas: está no limite das mesmas, circunscrevendo e contornando o normal.

> Em outras palavras, os espectros de descontinuidade e incoerência, eles próprios só concebíveis em relação a normas existentes de continuidade e coerência, são constantemente proibidos e produzidos pelas próprias leis que buscam estabelecer linhas causais ou expressivas de ligação entre o sexo biológico, o gênero culturalmente constituído e a "expressão" ou "efeito" de ambos na manifestação do desejo sexual por meio da prática sexual. (BUTLER, 2013a, p. 38)

Também no filme *Garganta Profunda,* a breve aparição de uma personagem presumivelmente homossexual enseja, pela via da exclusão, o reforço da qualificação das personagens heterossexuais como corpos viáveis. Após descobrir que Linda nunca havia tido um orgasmo, Helen sugere que elas recebam em casa vários homens com quem possam transar, assim, Linda poderia experimentar outras maneiras de fazer sexo e, talvez, gozar. Doze homens aparecem para consumar a proposta, eles transam com Linda por ordem de chegada - alguns, enquanto esperam chegar sua vez, transam também com Helen. Quando só restam os dois últimos homens da "fila", surge um terceiro, com trejeitos efeminados:

FIGURA 51: *Frames* do filme *Garganta Profunda* (GARGANTA..., 1972, 20min)

> - O que um cara lindo como você faz com uma garota como essa?
> - [*Helen, irritada*] Como entrou aqui?
> - Ouça, querida, quem me chamou foi você, não fui eu quem te chamei.
> - [*Helen, contrariada*] Há dias em que nada parece dar certo! (GARGANTA... 1972, 20min)

Na construção dramática do *Garganta Profunda*, essa rápida passagem – que não dura mais do que 30 segundos – não traz nenhuma informação relevante para o enredo, não diz das

motivações das personagens e nem movimenta ações subsequentes. Aparentemente, ela está lá só para fazer rir, como um respiro humorístico após a sequência mais longa de ações sexuais de todo o filme. A graça, no entanto, só poderia residir na inadequada presença do terceiro homem: ele, que parece desejar um dos outros homens, não deveria estar ali. Ao manifestar sua atração, ele faz com que as coisas não tenham dado certo. Sua presença, de forma relacional, tanto confere aos demais homens (os que transaram com as mulheres) o valor de "corretos", quanto assinala a instabilidade desse lugar-norma: você pode até ter sido convidado, mas a qualquer desvio (o desejo por um dos outros homens, quiçá), tornar-se-á um intruso.

> O fato de que essa reiteração seja necessária é um sinal de que a materialização não é nunca totalmente completa, que os corpos não se conformam, nunca, completamente, às normas pelas quais sua materialização é imposta. Na verdade, são as instabilidades, as possibilidades de rematerialização, abertas por esse processo, que marcam um domínio no qual a força da lei regulatória pode se voltar contra ela mesma para gerar rearticulações que colocam em questão a força hegemônica daquela mesma lei regulatória. (BUTLER, 2013b, p. 154)

Mesmo o humor de *Garganta Profunda* podendo ser entendido, em partes, como um deboche dos processos de medicalização do sexo (a partir da hiperbólica prática clínica de Dr. Young, principalmente), não me parece haver nele um aspecto subversivo desses mesmos procedimentos, uma vez que o filme se vale também do reforço das normas para delimitar o risível, o abjeto. Como afirma Butler, "a paródia não é subversiva em si mesma, e deve haver um meio de compreender o que torna certos tipos de repetição parodísticas efetivamente desruptivos, verdadeiramente perturbadores, e que repetições são domesticadas e redifundidas como instrumentos da hegemonia cultural" (2013a, p. 198).

O personagem homossexual é, por um lado, adicionado à cena por ser de antemão, na cultura heteronormativa, uma figura grotesca, capaz de provocar o riso – ou, em outros termos, o personagem homossexual é utilizado como um personagem risível porque o filme foi produzido em um contexto normativo para o qual tudo o que escapa à heterossexualidade é convencionalmente compreendido como zombável. Por outro lado, ao relançar essa figura nos mesmos moldes de escárnio e de anormalidade, o filme fortalece as normas de regulação do sexo e se torna, não só um produto dessa norma, mas também mais um dos discursos que atuam na fabricação do regime heterossexual – pois as normas, afinal, requerem contínua repetição.

Não é difícil apontar para uma fragilidade nesse argumento: ele diz respeito, a princípio, única e exclusivamente ao filme *Garganta Profunda*. Não são todos – talvez, nem sequer muitos – filmes pornôs *mainstream* que fazem esse mesmo uso (ou algum uso) da figura do homossexual no interior de suas narrativas. No entanto, em um desdobramento mais amplo,

podemos reconhecer a proliferação dos sujeitos da anormalidade na própria divisão do gênero pornográfico em subcategorias – e, ainda, em subcategorias das subcategorias – de acordo com as supostas preferências da audiência, ou seja, a partir da determinação de suas identidades sexuais.

O pornô heterossexual cisgênero, mantido no centro-normalidade, é circundado pelo pornô gay, pelo pornô lésbico, pelo pornô heterossexual com travestis e transexuais, bem como pelo pornô voltado a outras *figuras da perversão*, tal qual a pornografia BDSM (que envolve práticas de sadomasoquismo), a pornografia infantil (que envolve práticas de pedofilia), a pornografia fetichista (como, por exemplo, a *scat porn*, que inclui práticas com fezes), dentre tantas outras. Dessa maneira, poderíamos dizer que o *auto-erotismo*, o *sadomasoquismo*, o *fetichismo,* a *zoofilia,* o *voyeurismo,* o *exibicionismo,* a *prostituição,* a *homossexualidade*, os *transexuais*, digo, todas essas figuras que funcionam como categorias organizadoras do catálogo das perversões apresentado pela *Enciclopédia da Vida Sexual*, podem ser, igualmente, as segmentações para apresentação de subgêneros dos filmes pornográficos.

Sobre as pornografias do "sexo bizarro", Jorge Leite Jr. diz:

> Indo além de simplesmente apresentar o sexo, os filmes ou revistas pornôs envolvendo sadomasoquismo, fetiches e práticas incomuns, procuram a espetacularização do estranho e inusitado em matéria de prazeres sexuais. Desta maneira, tais "shows" são criados para apresentar um corpo "monstruoso" não apenas no contexto de malignidade ou doença, mas no sentido da Antigüidade: uma maravilha, um prodígio da natureza que tanto pode causar medo ou repulsa como pode provocar o riso ou a excitação. (2006, p. 214)

Como pontuado anteriormente, a colocação do sexo em discurso e a construção de uma ciência da sexualidade, à maneira proposta por Foucault, colocam o sexo sob gerenciamento mediante um jogo entre poder e prazer, em duplos movimentos: o de desejar e de perseguir, o de intensificar e de vigiar. Nesses termos, que a pornografia "abra espaço" para outras práticas, desejos e prazeres sexuais que não os *normais*, mais do que a ver com um escape às normas ou uma subversão das mesmas, parece se relacionar ao entrelaçamento entre poder-prazer e as redistribuições de um sobre o outro, fazendo com que o estímulo e a intensificação dos prazeres *anormais* multipliquem as sexualidades disparatadas e aumentem os campos de investigação e intervenção do poder. Nas palavras de Foucault:

> Diretamente: essa implantação das perversões múltiplas não é uma zombaria da sexualidade, a vingança contra um poder que lhe imponha uma lei por demais repressiva. Também não se trata de formas paradoxais de prazer que se voltem para o poder, investindo sobre ele na forma de "outro prazer a experimentar". A implantação das perversões é um efeito-instrumento: é através do isolamento, da intensificação e

> da consolidação das sexualidades periféricas que as relações do poder com o sexo e o prazer se ramificam e multiplicam, medem o corpo e penetram nas condutas. Proliferação das sexualidades por extensão do poder; majoração do poder ao qual cada uma dessas sexualidades regionais dá um campo de intervenção: essa conexão, sobretudo a partir do século XIX, é garantida e relançada pelos inumeráveis lucros econômicos que, por intermédio da medicina, da psiquiatria, da prostituição e da pornografia, vincularam-se ao mesmo tempo a essa concentração analítica do prazer e a essa majoração do poder que o controla. (1999, p. 48)

Isto posto, arrisco apostar, novamente, que tanto a *Enciclopédia da Vida Sexual* (e a educação sexual a qual ela se vincula) quanto o *Garganta Profunda* (bem como a pornografia audiovisual hegemônica) funcionam, mesmo que de maneira mais ou menos difusa, a serviço de um mesmo regime normativo. Até aqui, penso que dois elementos importantes para a construção dessa suspeita foram apresentados: como visto no tópico 2.1, o comprometimento com o estabelecimento da diferença sexual – encadeada pelo binarismo de gênero, produzida pela matriz heterossexual - pautada na matéria dos corpos (seja por meio do discurso médico-científico, seja pela genitalização das imagens); e, como apresentada nesta seção, a concordância, ao menos em partes, da produção dos sujeitos da normalidade circunscrita pela produção dos sujeitos da anormalidade – produções desencadeadas, não pela rarefação ou pelo cerceamento, mas pela incitação e multiplicação de desejos, prazeres e práticas sexuais.

2.3 *Inside, outside, inside, outside:* para dentro e para fora, o ato sexual

A única menção feita à pornografia, na *Enciclopédia da Vida Sexual*, aparece no volume destinado a adolescentes com idades entre os 14 e os 16 anos:

Do que têm medo os pais?
Muitas vezes, o caminho que conduz à independência e à liberdade é cheio de armadilhas; a tal ponto que os pais se vêem diante de um dilema: exercer sua autoridade para poupar aos seus filhos esses perigos que prevêem ou deixar que os enfrentem.
Tomemos como exemplo o problema da pornografia...
É justo que nossos pais nos proibam o acesso aos álbuns de fotografia eróticas e aos livros pornográficos que, às escondidas, circulam entre os jovens?
Em princípio, nos opomos a toda censura: de filmes, livros ou imprensa. Sabemos muito bem que, de uma época para outra, o rigor e os critérios da censura se modificam.
Nos séculos XVIII e XIX, por exemplo, ela dirigiu sua animosidade contra Voltaire, Diderot, Flaubert, Baudelaire e muitos outros ainda. Muitos filmes, também, foram julgados ousados em sua primeira apresentação. Entretanto, ninguém, hoje, apontaria neles algo de repreensível.
As Flores do Mal de Baudelaire, *A Religiosa* de Diderot, que deu origem a um filme, *As Ligações Perigosas* de Laclos são hoje verdadeiros clássicos que se encontram em qualquer livraria.
Por que, então, se preocupam os pais? É que essas obras que circulam entre os adolescentes exploram muitas vezes perversões sexuais que deturpam o ato sexual em sua beleza e plenitude. Esta razão, entretanto, não parece suficiente para justificar uma proibição.

> Os adolescentes, com efeito, que lêem esses livros ou contemplam esses nus eróticos, os fazem por três razões essenciais. Eles procuram:
> - satisfazer uma curiosidade pelos assuntos sexuais que não puderam manifestar na primeira infância;
> - ou, então, penetrar nos segredos dos adultos em matéria de sexualidade;
> - ou, ainda, estimular sua imaginação durante a prática da masturbação. Ora, cabe aos pais satisfazer a curiosidade manifestada pelos filhos em relação aos fenômenos sexuais. Não há praticamente segredo nesse campo que não devessem estar dispostos a revelar a seus filhos.

(COHEN, J. et. al., 1977a, p. 144-145)

A passagem "essas obras que circulam entre os adolescentes exploram muitas vezes perversões sexuais que deturpam o ato sexual em sua beleza e plenitude" é bastante próxima a alguns dos enunciados que, conforme apresentados no início desta dissertação, continuam sendo produzidos em relação aos perigos da pornografia.

A fim de diferenciar o conteúdo sexual de materiais pornográficos do "sexo real", por exemplo, a publicitária inglesa Cindy Gallop criou a página eletrônica *Make Love Not Porn*[78]. O texto de abertura do *site* diz: "*Things are pretty straightforward in the world of hard-core. Real live-sex – not so much. Check out what plays real world vs. porn world, and leave your own tips*"[79]. Em seguida, são apresentadas sequências de "universo pornô x mundo real", elencando aparentes diferenças entre o sexo de um e de outro. Abaixo, imagem de um dos quadros comparativos:

FIGURA 52: Universo pornô x Mundo real – o clitóris e o orgasmo das mulheres[80]

Como último movimento de aproximação entre a pornografia e a educação sexual científico-medicalizada a ser realizado nesta pesquisa, quero ensaiar dois passos: o primeiro, avesso ao quadro comparativo de Gallop, é apresentar as semelhanças entre a *ideia de ato sexual*

[78] "Faça amor, não pornô", em tradução livre. O endereço eletrônico de acesso é <http://makelovenotporn.com/>. Acesso em: 01/02/2017.

[79] "As coisas são bem diretas no mundo da pornografia. Sexo real ao vivo – mas nem tanto. Confira o que rola no mundo real versus o que rola no universo pornô e deixe seu próprio palpite" (tradução minha).

[80] No texto da imagem, lê-se: "Universo pornô: mulheres sempre têm orgasmos em posições nas quais nada está nem perto de entrar em contato com o clitóris. Mundo real: há de haver algum tipo de pressão rítmica, feita no clitóris da maneira certa, para que uma mulher tenha um orgasmo. Pode ser feita pelo osso púbico, pela língua, pelos dedos ou por qualquer outra coisa diferente. Mas tem que ser lá" (tradução minha).

apresentada na enciclopédia e as *ações sexuais* desempenhadas no *Garganta Profunda*; o segundo, mais abrangente, e em continuidade ao que foi proposto até aqui, é analisar o quão intrincadas à produção e regulação de uma *realidade* do ato sexual estão essas múltiplas discusividades – tanto o filme e a enciclopédia quanto, também, os quadros comparativos de *Make Love Not Porn* e demais enunciações a respeito da veracidade e/ou falsidade do sexo pornográfico.

Esbocei, na primeira parte deste segundo ato, algumas considerações prévias a respeito das ações sexuais que aparecem no filme *Garganta Profunda* – a prevalência da penetração (sendo realizada por membros que não só o pênis, mas sempre de personagens cis-masculinos, em orifícios que não só a vagina, mas sempre em personagens cis-femininas), a importância dos *closes* nas genitálias em (penetr)ação heterossexual e, por fim, a ejaculação peniana (codificado na imagem do *come shot*) como ápice e final da ação. Indiquei, igualmente, algumas similaridades entre essas performances – e, não menos importante, entre o sistemático modo de enquadrá-las – e as asserções sobre os corpos sexuados e suas funções (sexuais ↔ reprodutivas) enunciadas na/pela *Enciclopédia da Vida Sexual*. Mas o que diz a enciclopédia especificamente sobre a execução da atividade sexual? Os dois trechos subsequentes – respectivamente, do volume destinado a jovens de 17 e 18 anos e do volume destinado a pessoas adultas – correspondem aos capítulos intitulados "A Relação Sexual":

A RELAÇÃO SEXUAL

Sob um ponto de vista científico, ela consta de *quatro fases*. Essa divisão é um tanto artificial, mas cômoda para a compreensão do ato. Conservaremos, portanto, o esquema 'clássico'. Há:

1 – Uma fase de excitação, cuja duração é mais ou menos longa; sob a influência do desejo, o homem e a mulher se preparam para a relação sexual;

2 – uma fase em platô ou ativa, que começa pela união sexual e termina no orgasmo;

3 – o orgasmo, que pode falhar na mulher;

4 – um período de repouso, ou fase de resolução.

Fase de excitação

Ela é dominada pelo desejo, também chamado libido. É a fase do despertar do desejo tanto quanto do próprio desejo: através das carícias, os corpos buscam e aprendem a conhecer-se. Dessa forma se estabelece a intimidade amorosa do par que vai se unir.

Assim como as necessidades sexuais diferem muito de um indivíduo para outro, o desejo também varia conforme os casos, tanto em relação a suas causas como a seus objetos. Muitos fenômenos conscientes e inconscientes entram em jogo para desencadear o desejo, entre os quais figuram os fatores culturais e sociais, e a imaginação, que desempenham funções muito importantes.

Desde que Sigmund Freud mostrou a importância dos fenômenos inconscientes, sabe-se que dois fatores diversos motivam nossas pulsões sexuais: a emoção *amorosa*, feita de ternura e de afeição, e a impulsão *erótica*, feita de um impulso de prazer; essas duas componentes podem reforçar-se ou então contrair-se. Atualmente, cada vez mais existe, nos dois parceiros, a preocupação de satisfazerem o prazer um do outro. Enfim, o ato sexual tende a tornar-se independente da função de reprodução.

Sob a influência do desejo, o homem reage pela *ereção* do pênis: a mulher, pela *lubrificação das vias genitais*. Essas duas manifestações essenciais só diferem na aparência. A ereção é a consequência de um afluxo violento de sangue ao corpo esponjoso que cerca a uretra.

A ereção traduz-se por um fenômeno bem visível. Sabe-se que em seu estado de flacidez o comprimento e o diâmetro do pênis são muito variáveis de um indivíduo para outro e, no mesmo indivíduo, segundo as diferentes

condições de temperatura, por exemplo. Quando em ereção, porém, o comprimento do pênis é o mesmo em todos os rapazes. Isto poderá sossegar os jovens que se inquietam devido à pequenez de seus órgãos genitais: a 'virilidade' não está de forma alguma ligada ao comprimento do pênis.

Na mulher, também, ocorrem modificações das vias genitais que, por serem menos aparentes, nem por isso são menos importantes. A vagina produz um líquido que, lubrificando suas paredes, *facilita* o ato sexual. Acreditou-se muito tempo que eram o colo do útero e as glândulas de Bartholin os responsáveis pela lubrificação da vagina. Mas não é assim. A ablação cirúrgica do colo do útero, com efeito, não tem consequência alguma nesse processo, e o mesmo se dá com as glândulas de Bartholin, as quais secretam no máximo meio centímetro cúbico de muco espesso, que não pode desempenhar mais do que um papel acessório no momento da relação sexual.

Observa-se, porém, no período da excitação, uma verdadeira transudação nos dois terços superiores do canal vaginal: o líquido de lubrificação aparece nas paredes vaginais como gotas de orvalho nas flores, pela manhã. Essa transudação é o resultado de um afluxo sanguíneo às paredes vaginais, que se tornam muito mais escuras e congestionadas.

Assim pois, é o mesmo mecanismo – o afluxo de sangue e a vasodilatação consequente – que produz no homem a ereção e na mulher, a lubrificação das paredes vaginais.

Sob a influência dessa vasodilatação, o canal vaginal aumenta de volume, torna-se oval, fazendo dessa cavidade virtual um verdadeiro canal, pronto para receber o pênis.

A fase em platô

Começa com a introdução do pênis na vagina e termina com o orgasmo.

No homem: os testículos aumentam de volume, cerca de cinquenta por cento, e sobem dentro das bolsas escrotais, devido ao acolhimento do cordão espermático.

Nos dois parceiros, os mesmos fenômenos gerais podem ser verificados: rapidez da respiração, aceleração do pulso, elevação da tensão arterial. O rubor sexual é mais ou menos acentuado. Podem ocorrer contrações dos músculos, voluntárias e involuntárias, emprestando aos rostos expressões inesperadas.

Na mulher: observam-se uma elevação e retração do clitóris que fica então totalmente recoberto pelo capuz clitoridiano (que no estado normal recebe o clitóris só em parte). Isto explica a razão pela qual este último se torna menos aparente.

Processa-se também uma oclusão do terço inferior da vagina: a luz do canal se reduz pela metade, nesse nível. A vagina aperta então, literalmente, o pênis, ao passo que sua parte superior se dilata.

Orgasmo

O orgasmo pode ser definido como 'o ápice do prazer sexual, que é sua meta'.

No homem, ele se caracteriza, do ponto de vista fisiológico, por uma série de contrações rítmicas, separadas por intervalos de quatro quintos de segundo, e que tendem a tornar-se mais fortes e mais espaçadas. A ejaculação do esperma produz-se em pequenos jatos: primeiro, o líquido que provém diretamente dos testículos, rico em espermatozóides; depois, o líquido das diversas glândulas. A reprodução liga-se, pois, diretamente, ao orgasmo masculino, uma vez que a cada relação há emissão de espermatozóides (na mulher, prazer e fecundação podem ser nitidamente separados).

A mulher, com efeito, não pode ser fecundada em qualquer relação, mas somente nas que ocorrem perto da ovulação, isto é, uma vez por mês: entretanto, a impossibilidade de se determinar o momento exato da ovulação torna problemática a anticoncepção.

O orgasmo feminino se caracteriza por uma série de contrações rítmicas do terço inferior da vagina. Ele não é certo e pode não ocorrer nas primeiras relações. Geralmente, só aparece depois de uma certa iniciação e de uma adaptação progressiva à vida sexual.

A emoção amorosa predomina frequentemente na mulher, mais do que a satisfação do impulso erótico, o que marca a importância de tudo o que cerca o próprio ato. Mais do que o homem, a mulher é sensível à atmosfera do lugar, a um certo clima afetivo. O rapaz deve estar atento a esses prelúdios que têm tanta importância para ela e não apressar-se, vencendo a própria impaciência. A satisfação da mulher pode ser frustrada se o seu companheiro for desajeitado ou brusco. Compreender-se-á, então, se, excessiva inquietação, que ocorram dificuldades no começo da vida sexual.

Tanto no homem como na mulher observam-se as mesmas manifestações gerais: modificação da respiração, do pulso e da tensão arterial, que atingem o seu máximo no momento do orgasmo. A simultaneidade dos orgasmos será uma feliz coincidência. É mais frequente que não coincidam. Mas a ausência de simultaneidade não prejudica essencialmente o ato; isto nem é mesmo de estranhar-se. O principal é que os dois parceiros encontrem na relação a satisfação de seus desejos.

Fase de resolução

Ela marca o início do relaxamento das tensões musculares.

Essa fase se caracteriza, no homem, pela volta do pênis a seu tamanho habitual. Isto se dá em dois tempos: o primeiro, rápido, e o segundo, mais lento, que permite o retorno ao estado de flacidez.

É interessante observar, no decurso dessa fase de resolução, a existência de um *período refratário*, durante o qual o homem não pode mais ser excitado, nem chegar à ereção. Sua duração varia conforme a idade e tende a prolongar-se com ela.
Na mulher, como no homem, pode-se notar a normalização do pulso, da respiração e da tensão arterial. O desaparecimento do rubor sexual é muitas vezes acompanhado pela transpiração. Os órgãos genitais voltam à sua posição habitual: primeiro, o clitóris, depois a vagina e o útero. O colo, finalmente, desce e tende a dilatar-se.
Se o ato sexual, na mulher, não está vinculado à reprodução, é preciso notar assim mesmo que as modificações anatômicas observadas no decorrer da relação sexual facilitam a fecundação. Assim, se o terço externo da vagina se contrai, a parte superior se dilata, formando um receptáculo que favorece a retenção do esperma e o contacto dos espermatozóides com o colo, no momento em que o útero baixa e o colo se abre.
Não é de admirar-se que os dois terços superiores da vagina reajam de uma forma e o terço inferior, de outra, pois eles não têm a mesma origem embriológica.
A parte superior da vagina, o útero e as trompas, provêm dos canais de Müller, ao passo que o terço inferior e a vulva provêm de um bulbo anoretal, de origem ectodérmica. Daí sua extrema sensibilidade nervosa, comparável à da pele.
Para compreender a sexualidade feminina é preciso considerar duas descobertas recentes: uma concerne à unicidade do prazer sexual; a outra se refere à ausência de período refratário na mulher.

Orgasmo feminino

Desde Freud, admite-se que a mulher pode experimentar duas espécies de orgasmo: um superficial, externo, o prazer clitoridiano; outro, profundo, o prazer vaginal. O prazer clitoridiano foi durante muito tempo considerado 'infantil', ao passo que o prazer vaginal seria o único 'verdadeiro'... Estabeleceu-se dessa forma uma distinção lamentável entre um prazer externo, fácil de ser obtido, desprezível, e um prazer interno profundo, misterioso, único sinal da maturidade sexual da mulher; inúmeras mulheres clitoridianas alarmaram-se com o fato de nunca poderem alcançar a plenitude do prazer, sentindo-se assim 'frustradas'.
Para Freud, a masturbação das meninas permite-lhes descobrir o prazer clitoridiano, tornando no entanto mais difícil a transferência de sua relação sexual do clitóris para a vagina. Reintroduzindo assim uma noção de culpabilidade na sexualidade, Freud e seus discípulos contribuíram largamente para uma concepção da sexualidade feminina que deve ser completamente abandonada.
No decorrer da relação sexual, há normalmente uma excitação rítmica do clitóris pelo capuz que o recobre, o qual é, por sua vez, estimulado pelos movimentos rítmicos do pênis. Dessa forma, o clitóris sempre participa do ato sexual comum.
Não existe nem orgasmo puramente clitoridiano, nem orgasmo puramente vaginal; no plano *fisiológico* há um só orgasmo: o orgasmo sexual, do qual participam a vulva e o terço inferior da vagina.
O que é importante é atingir o orgasmo durante a relação sexual.

Vários orgasmos em seguida

A mulher é capaz de orgasmos repetidos. Kinsey já supusera esse fato, mas foi violentamente criticado; foram necessárias as experiências de Masters e Johnson para prova-lo, isto é, para mostrar que os orgasmos sucessivos são frequentemente mais satisfatórios do que o primeiro, mais fáceis de serem obtidos por auto-estimulação do que por excitação heterossexual, e que, contrariamente aos 14% de Kinsey, a multiorgasmicidade da mulher é habitual e não excepcional.

(COHEN, J. et. al, 1977b, p. 61-69)

a relação sexual

No homem, a relação sexual não está ligada unicamente à função de reprodução.
Sem dúvida, a relação assegura a continuidade da espécie, mas está no centro de inúmeros problemas. A ela se acrescenta a noção de prazer e a consciência do mesmo.
O ato sexual humano é um ato a dois. "O homem e a mulher são os únicos animais a fazerem o amor face a face." (R. Géraud)
Serão estudados aqui somente os aspectos fisiológicos da relação sexual. Os problemas psicológicos serão tratados posteriormente.
O estudo da sexualidade humana está apenas no começo. De fato, somente de uns vinte anos para cá é que se empreendeu o estudo do sexo, mediante pesquisas indiretas. Deve-se assim ressaltar o mérito de Alfred Kinsey, que, incansavelmente, durante catorze anos – de 1938 a 1952 – não parou de elaborar questionários e realizar pesquisas sobre a sexualidade. Kinsey não era médico, e sim, zoólogo. Foi isso, sem dúvida, o que lhe permitiu abordar o estudo da sexualidade de um ponto de vista técnico. Infelizmente, só teve oportunidade de conhecer os fatos através das pessoas interrogadas, o que é evidentemente uma fonte de erros, estes agravados ainda pela interpretação da pessoa encarregada da execução do questionário.
Apesar disso, Kinsey ensinou-nos um bom número de coisas sobre a sexualidade dos americanos: brevidade do ato sexual, frequência da homossexualidade e da masturbação, por exemplo.

As primeiras experiências de estudo direto da sexualidade humana, em laboratório, foram iniciadas em 1954 pelo Dr. Masters e pela Sra. Johnson, na universidade Saint Louis, Missouri, que tiveram a coragem de estudar em laboratório mais de 600 casais.
Esse estudo direto pode prestar-se a certas críticas. Pode-se pensar que as próprias condições das experiências contribuam para modificar-lhes os resultados; que, apesar dos esforços de seleção dos pesquisadores, os que se prestaram a esse tipo de experiências tinham motivações patológicas que tornam os resultados discutíveis. Não se pode, no entanto, negar a seriedade desse estudo, que se estende por mais de quinze anos e que já nos trouxe um certo número de aquisições fundamentais, mostrando em particular que nós vivíamos baseados em um bom número de idéias falsas.
Durante séculos vivemos baseados em contos de alcova transmitidos pelos homens, mais inclinados a afirmar suas proezas viris do que preocupados em satisfazer suas companheiras, e, por outro lado, em confidências de mulheres, vítimas passivas e resignadas com sua sorte. Um enfoque mais justo, mesmo contendo ainda uma certa percentagem de erros, somente nos pode ajudar a compreender melhor nossa sexualidade, a fim de chegarmos a satisfazer melhor às suas exigências.
A relação sexual desenrola-se em quatro fases:
- Uma *fase de excitação,* mais ou menos longa, em que, sob a influência do desejo, o homem e a mulher se preparam para a relação sexual;
- Uma *fase de platô* ou ativa, que principia no acoplamento e termina com o orgasmo;
- O *orgasmo,* que pode falhar na mulher;
- Enfim, o *período de relaxamento*.
Esta distinção em quatro fases não é, claro está, absoluta, mas a relação sexual desenrola-se sempre segundo essas quatro fases sucessivas, que orientarão a presente exposição.

A fase de excitação
Sob o influxo do desejo sexual, o homem e a mulher preparam-se para a relação.
O desejo, ou libido, muito variável em intensidade, em suas causas e objeto, de uma pessoa para a outra, é condicionado por fatores culturais externos à pessoa e por sua imaginação.
Duas ordens de fatores contribuem para a excitação: a emoção amorosa, feita de ternura e afeto, e o impulso erótico, feito de desejo do prazer. Esses dois componentes podem reforçar-se ou contrariar-se. Cada vez mais frequentemente, hoje em dia, a eles se acrescenta o desejo de reciprocidade do prazer, e o ato sexual torna-se independente da função reprodutora.
Sob o influxo do desejo, o homem reage pela *ereção* do pênis, a mulher, pela *lubrificação das vias genitais*.
Essas duas respostas somente em aparência diferem entre si. A ereção do pênis é a consequência de um forte afluxo de sangue ao corpo cavernoso e ao corpo esponjoso que cercam a uretra.
A ereção se traduz num fenômeno bem visível. Sabe-se que, no estado de flacidez, o comprimento e o diâmetro do pênis são muito variáveis de indivíduo para indivíduo, e até no mesmo indivíduo, em condições diferentes de temperatura, por exemplo. As medidas do pênis ereto são sensivelmente as mesmas em todos os indivíduos. Tal fato não deixará de tranquilizar um certo número de jovens, inquietos com a pequenez de seus órgãos genitais, numa idade em que voluntária e orgulhosamente se comparam os próprios órgãos com os dos companheiros, na piscina ou no ginásio, e em que se crê sem razão que a virilidade está ligada ao comprimento do pênis.
Na mulher, produz-se uma lubrificação das vias genitais perceptível somente por ela. Por muito tempo, atribuiu-se essa lubrificação à secreção do colo do útero e às glândulas de Bartholin.
No entanto, a ablação cirúrgica do colo do útero não altera a lubrificação da vagina, assim como não a modifica a das glândulas de Bartholin, que no máximo dão 0,5 centímetro cúbico de muco espesso que somente pode ter um papel acessório no momento da introdução do pênis na vagina.
Graças a uma experiência de introduzir um mandril transparente na vagina, Master e Johnson demonstraram que durante o período de excitação há uma verdadeira transudação nos dois terços superiores do canal vaginal. Viram aparecer nas paredes vaginais o líquido de lubrificação, como se vêem de manhã as gotas de orvalho sobre as flores. Essa transudação é o resultado de um afluxo sanquíneo às paredes vaginais, que ficam bem mais escuras e congestionadas.
Dessa maneira, é um mesmo mecanismo (afluxo sanguíneo e vasodilatação consequente) que produz no homem a ereção e na mulher a lubrificação das paredes vaginais.
Sob a influência dessa vasodilatação, o canal vaginal aumenta de volume, torna-se oval, fazendo dessa cavidade virtual um verdadeiro canal pronto para receber o pênis.

A fase de platô
Vai da introdução do pênis na vagina até ao orgasmo.
Nota-se pouca mudança no homem. O pênis está em plena ereção. Os testículos aumentam cerca da metade do seu volume e sobem para o alto das bolsas, em virtude de um encolhimento dos cordões espermáticos. Observam-se fenômenos gerais tanto no homem como na mulher: rapidez da respiração, aceleração do pulso, elevação da tensão

arterial. O rubor sexual é mais ou menos acentuado, bem como a contração dos músculos voluntários e involuntários, podendo dar origem a expressões inesperadas num ou outro parceiro.
Na mulher, observam-se uma elevação e retração do clitóris, que fica inteiramente coberto pelo capuz clitoridiano, enquanto no estado normal esse capuz somente o cobre pela metade. Isso explica o fato de o clitóris ficar menos visível.
Como fenômeno mais importante, assiste-se a um ingurgitamento do terço externo da vagina que tem por resultado a redução da luz do canal vaginal até à metade, ao nível do terço inferior. Então a vagina literalmente estreita o pênis. Dá-se a esse fenômeno o nome de plataforma orgástica.

O orgasmo
O *orgasmo masculino* caracteriza-se, do ponto de vista fisiológico, por uma série de contrações rítmicas separadas por intervalos de cerca de quatro quintos de segundo. Tendem a tornar-se mais fortes e mais espaçadas no decorrer do orgasmo. A ejaculação do esperma se faz em descargas intermitentes, primeiro do líquido prostático e seminal, em seguida, do líquido proveniente diretamente dos testículos, mais rico em espermatozoides. Assim, para o homem, cada relação sexual pode implicar uma fecundação, visto que estão nele indissoluvelmente ligadas as duas funções do aparelho genital, reprodução e prazer sexual, enquanto essas funções são nitidamente separadas na mulher, que somente pode ser fecundada uma vez por mês.
O *orgasmo feminino* caracteriza-se por uma série de contrações rítmicas da plataforma orgástica.
São acompanhadas de contrações rítmicas do útero que se eleva e do colo que se abre.
O orgasmo da mulher não é constante; pode falhar, particularmente nas primeiras relações, pois é necessária uma iniciação e sobretudo uma progressiva adaptação. Mais frágil do que no homem, a satisfação do impulso erótico é frequentemente suplantado pela emoção amorosa, donde a importância de todas as circunstâncias que acompanham o próprio ato. Assim, não deve haver muita preocupação com as dificuldades que podem sobrevir no início da vida sexual.
Tanto no homem como na mulher, as manifestações gerais (modificação da respiração, do pulso e da tensão arterial) atingem o máximo no momento do orgasmo. Rubor sexual e contrações involuntárias dos músculos atingem de preferência as extremidades.
A simultaneidade de respostas do homem e da mulher não é mais do que uma feliz coincidência. Não é de inquietar-se em caso contrário, pois a ausência habitual de simultaneidade nas reações não impede o sucesso do próprio ato.

O período de relaxamento
A fase conclusiva inicia o relaxamento das tensões musculares. No homem, caracteriza-se pelo retorno do pênis ao tamanho habitual. Isto se faz em dois tempos; um primeiro, rápido, e um segundo mais lento que permite um retorno ao estado de flacidez.
O que é próprio da fase conclusiva do homem é a existência de um *período refratário* durante o qual ele não pode mais ser excitado nem chegar a ereção. É variável a duração desse período. Dura em média dez minutos e tende a prolongar-se no indivíduo idoso.
Na mulher observa-se, como no homem, o retorno à normalidade da respiração, do pulso e da tensão arterial. O desaparecimento do rubor sexual vem com frequência acompanhado de uma transpiração. Os órgãos genitais retomam sua posição habitual, o clitóris primeiro, depois a vagina e o útero; o colo desce e tende a dilatar-se.
Embora o ato sexual e a reprodução estejam indissoluvelmente ligados no homem e só no homem, deve-se no entanto observar que na mulher as modificações anatômicas verificadas durante a relação sexual facilitam igualmente a fecundação. De fato, enquanto o terço externo da vagina se contrai, a parte superior se arredonda, formando um receptáculo que favorece a retenção do esperma e a permanência dos espermatozoides em contacto com o colo. Por outro lado, o útero se abaixa e o colo se abre.
Não é de causar admiração o fato de os dois terços superiores da vagina reagirem de uma maneira e o terço inferior de outra, pois as duas partes são de origem embiológica muito diferente.
A parte superior que provém, como as trompas e o útero, dos canais de Müller, é pobre em terminações nervosas, enquanto a parte inferior, que provém de um bulbo de origem cutânea, como a vulva, é particularmente sensível.
Para tentar compreender a fisiologia feminina, é preciso ter em conta duas descobertas recentes: a possibilidade de obter orgasmos sucessivos em virtude de ausência de período refratário, e a unicidade do prazer sexual.
A clássica distinção entre orgasmo vaginal e orgasmo clitoridiano já não deve ser mantida.

A multiorgasmicidade da mulher
A mulher é capaz de orgasmos repetidos após um primeiro orgasmo. Kinsey já havia suspeitado desse fato, mas havia sido violentamente criticado. Foram necessárias as experiências de Master e Johnson para prová-lo e mostrar que esses orgasmos iterativos são frequentemente mais satisfatórios do que o primeiro; que são mais fáceis de obter por auto-estimulação do que por relações heterossexuais e que, contrariamente aos 14% de Kinsey, a multiorgasmicidade da mulher é habitual e não excepcional.

O orgasmo feminino

A partir de Freud, sempre se admitiu que a mulher podia experimentar duas espécies de orgasmos: um superficial, externo, o prazer clitoridiano; outro profundo, o prazer vaginal. Durante mais de sessenta anos, admitiu-se com Freud e seus discípulos, em particular Helena Deutsch, que o prazer clitoridiano era um prazer imaturo, enquanto o prazer vaginal era o único verdadeiro prazer sexual.

Existiu, portanto, uma distinção entre um prazer menor, fácil de conseguir, porém desprezível, e um prazer interno, profundo, misterioso, único sinal da maturidade sexual da mulher.

Tais noções contribuíram largamente para inferiorizar um grande número de mulheres que se sentiram frustradas numa parte importante do prazer sexual.

Para Freud, a masturbação das meninas permite-lhes descobrir o prazer clitoridiano, mas torna mais difícil a transferência de sua reação sexual do clitóris para a vagina. Reintroduzindo, assim, uma noção de culpabilidade na sexualidade, Freud e seus discípulos contribuíram largamente para uma concepção da sexualidade feminina a ser completamente abandonada.

Durante a relação sexual, existe normalmente uma excitação rítmica do clitóris pelo capuz que o recobre e que é estimulado pelos movimentos rítmicos do pênis. Assim, o clitóris sempre participa do ato sexual ordinário.

As mulheres que se desesperam por não atingirem o orgasmo vaginal devem ser tranquilizadas.

Não existe nem orgasmo puramente clitoridiano, nem orgasmo puramente vaginal; no plano fisiológico há um só orgasmo: o orgasmo sexual, de que participam toda a vulva e o terço inferior da vagina.

O que é importante é chegar ao orgasmo no decorrer da relação sexual.

Assim, devemos rever nossas concepções sobre a sexualidade feminina. Seu estudo apenas está começando, do ponto de vista científico; tudo o que se pode dizer com certeza hoje em dia é que vivemos baseados em idéias falsas que devem ser rejeitadas. Ora, muitas vezes é mais difícil voltar atrás em idéias admitidas por todos do que aceitar novas aquisições científicas.

(COHEN, J. et. al., 1977c, p. 77-87)

Nesses textos, além do reforço ao entrelaçamento entre sexo e reprodução (por mais que se relativize e se institua duas funções diferentes e independentes para o sexo – a de obter prazer e a de procriar -, a descrição das reações corporais em função da facilitação da fecundação são, repetidamente, utilizadas para naturalizar uma prática sexual específica), das genitálias como zona corporal essencialmente relacionada ao ato sexual (praticamente não se cita nenhuma outra área do corpo que não o pênis, os testículos, o canal vaginal, o colo do útero e o clitóris), da diferença sexual como um dado natural e da penetração heterossexual pênis-vagina como prática central e inquestionável, há, ainda, a estipulação de quatro etapas componentes do ato sexual. Na roteirização feita pela enciclopédia, a completude de uma relação passa por quatro momentos: a excitação, a penetração do pênis na vagina, o orgasmo e o repouso.

Há, sem dúvidas, algumas diferenças nessa proposição e no sexo praticado nas cenas do *Garganta Profunda*. Como já discutido anteriormente, no filme, nem só o pênis é um órgão penetrante e nem tampouco a vagina o único orifício penetrável. O ânus, a boca, os dedos e a língua são também utilizados em penetrações, mas sempre em uma espécie de desdobramento da mesma lógica de diferenciação presente na norma "pênis penetra vagina": permanentemente, os homens são os penetradores, as mulheres são as penetradas. Além desse desdobramento, há,

também, o fator reiterante da própria penetração, que a estabelece – assim como na enciclopédia - como equivalente e indispensável à ação sexual[81].

FIGURA 53: *frame* do filme *Garganta Profunda* (GARGANTA..., 1972, 6min)

FIGURA 54: *frame* do filme *Garganta Profunda* (GARGANTA..., 1972, 17min)

FIGURA 55: *frame* do filme *Garganta Profunda* (GARGANTA..., 1972, 19min)

[81] Derivam dessa ideia de que "ato sexual = penetração", por exemplo, os entendimentos de que lésbicas não fazem sexo *de verdade* e de que *gouinage* (práticas sem penetração, mais comuns na cultura homoerótica, e nas quais não há posições de "passiva" e "ativa") não passa de "preliminares".

FIGURA 56: *frame* do filme *Garganta Profunda* (GARGANTA..., 1972, 44min)

FIGURA 57: *frame* do filme *Garganta Profunda* (GARGANTA..., 1972, 47min)

FIGURA 58: *frame* do filme *Garganta Profunda* (GARGANTA..., 1972, 45min)

Na enciclopédia, parece haver um *a priori* de que as relações sexuais não só se dão sempre entre pessoas de sexo e gênero distintos, como também sempre – e apenas – entre duas pessoas. No *Garganta Profunda*, entretanto, não só as personagens possuem múltiplas parcerias sexuais (embora sempre heterossexuais), quanto há, efetivamente, uma sequência na qual Helen transa com dois homens ao mesmo tempo. Ainda assim, o que vemos não são três pessoas se relacionando simultaneamente: cada um dos homens interage exclusivamente com Helen, sem que se acariciem, estimulem ou possuam qualquer tipo de interação entre si. Prevalece tanto a norma heterossexual, quanto as fixas posições de penetrante e penetrável, com o pequeno deslocamento de estarem, na prática, dois orifícios de uma mesma mulher (o ânus e a vagina) sendo penetrados por órgãos de dois homens diferentes (o pênis e a língua).

FIGURA 59: *frame* do filme *Garganta Profunda* (GARGANTA..., 1972, 18min)

A maneira como as sequências de ato sexual são filmadas e montadas priorizam, por certo, a "fase de platô", principalmente dando ênfase à penetração a partir dos *closes* das genitálias e/ou demais órgãos penetrantes e orifícios penetráveis durante o "entra e sai". A maioria das cenas possui elipses[82] que sugerem a interpretação de que, para os propósitos do filme, as fases de "excitação" e de "relaxamento" (nos termos da enciclopédia) não são narrativamente tão importantes quanto as fases das penetrações e dos orgasmos – na grande maioria das cenas em que as genitálias dos corpos estão aparentes, os pênis estão eretos (e talvez seja exatamente a fim de produzir essa ideia de virilidade, de "paus sempre a postos para meter", que não tenhamos tanta ênfase nos momentos em que precedem a ereção e nem nos posteriores ao orgasmo). A enciclopédia, por sua vez, imageticamente explora a passagem do pênis amolecido para o pênis enrijecido e vice-versa:

FIGURA 60: Ilustração da enciclopédia (COHEN, J. et al., 1977c, p.47)

FIGURA 61: Ilustração da enciclopédia (COHEN, J. et al.,1977b, p. 68)

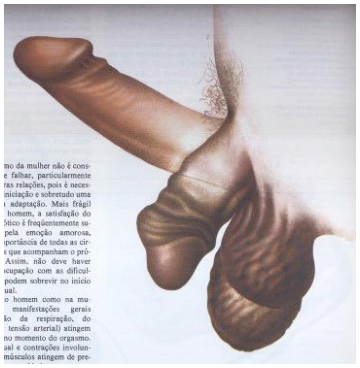


FIGURA 62: Ilustração da enciclopédia (COHEN, J. et. al., 1977c, p. 84)

[82] Elipses, na cinematografia, dizem respeito aos buracos temporais que não comprometem a linearidade da trama. É a supressão de conteúdos sem os quais o entendimento da sequência não é prejudicado (normalmente, por serem bastante presumíveis). Quando vemos, por exemplo, uma personagem colocando um prato de comida no micro-ondas e, em seguida, sentada à mesa comendo, mesmo que não tenhamos assistido a ela esperando a comida ser aquecida, retirando o prato do micro-ondas e sentando-se à mesa, pressupomos que tudo isso tenha acontecido. As elipses podem tanto ser relativas a pequenos espaços de tempo, como no exemplo, quanto a séculos ou milênios.

Mas também prioriza as ilustrações da “fase de platô” – especialmente as imagens esquemáticas do pênis no interior do canal vaginal (reforçando uma ideia de “complementariedade”, como se um órgão fosse o negativo do outro):

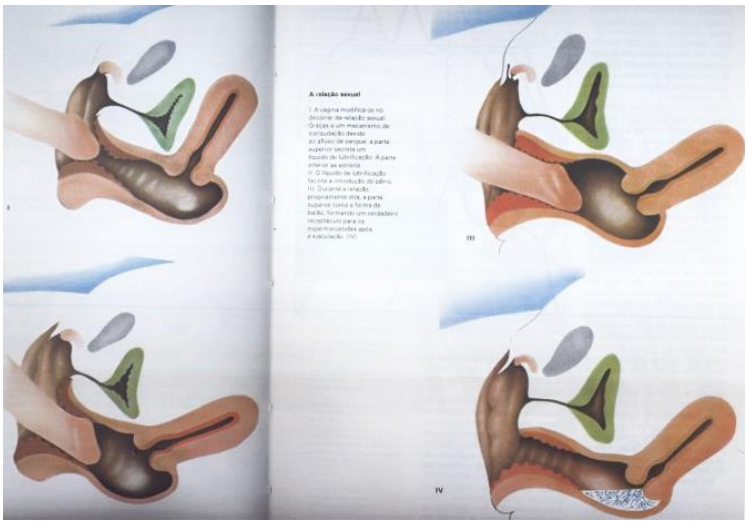


FIGURA 63: Ilustração da enciclopédia (COHEN, J. et. al., 1977c, p. 78)

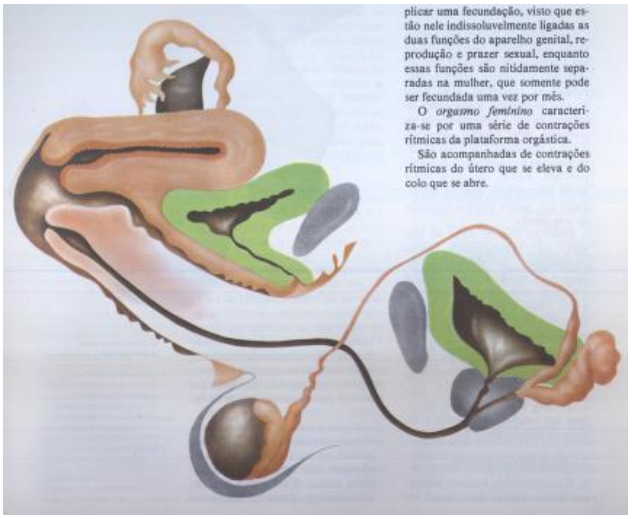


FIGURA 64: Ilustração da enciclopédia (COHEN, J. et. al., 1977c, p. 83)

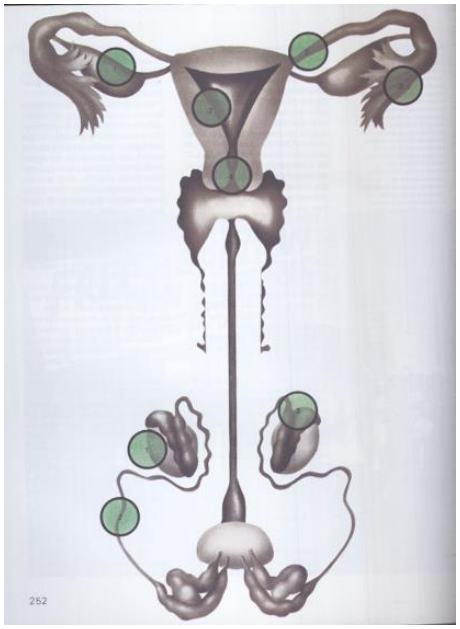


FIGURA 65: Ilustração da enciclopédia (COHEN, J. et. al., 1977c, p. 252)

Mesmo que apenas sugeridas ou, ainda, fragmentadas e espalhadas por cenas distintas, todas as fases descritas pela *Enciclopédia da Vida Sexual* integram também o filme. A sequência final de Linda e Wilbur é ordenada – mesmo contando com a elipse de um dia (sugerida pelo aumento peniano de Wilbur) – de maneira a contemplar as supostas quatro fases da relação sexual: Linda encena a fantasia de Wilbur para excitá-lo, Wilbur se prepara aumentando o tamanho do próprio pênis para satisfazê-la; o pênis de Wilbur penetra a boca de Linda, os dedos de Wilbur penetram a vagina de Linda, os corpos se contorcem (aparentemente, de prazer); Linda e Wilbur gozam (ele, na boca e no rosto dela – sendo-nos possível ver o sêmen; ela, devido à "invisibilidade" de seu orgasmo – ou, ao menos, à contestabilidade do que é possível de ser visto –, tem a aparição de imagens de um sino tocando, um foguete sendo lançado e fogos de artifício explodindo intercaladas ao *close* de seu rosto expressando satisfação); Linda e Wilbur, por fim, ficam deitados na cama - o pênis dele já não tão rijo, *close* no rosto de Linda sorrindo. *The end*.

FIGURA 66: sequência de *frames* do filme *Garganta Profunda* (GARGANTA..., 1972, 55min)

Às similitudes entre o sexo desempenhado em *Garganta Profunda* e o descrito na *Enciclopédia da Vida Sexual*, suponho, poderiam atribuir a qualidade de *verdades*, justificando a possibilidade de encontro entre artefatos tão, a princípio, inconciliáveis. Alguém ainda diria: "por certo que as relações sexuais enunciadas na enciclopédia e visíveis no filme têm correspondências, elas são iguais no que é indiscutivelmente *a verdade* do sexo" ou "as genitálias, a penetração e o orgasmo aparecem com centralidade nos dois artefatos porque é assim, *realmente*, que *o sexo é*". Comparações assim, ou como as do *Make Love Not Porn*, por exemplo - que colocam em questão o que a pornografia ensina de (in)compatível com o que se encontra na *realidade* -, acentuam uma perspectiva na qual as relações sexuais são entendidas como pré-culturais, a-históricas e pré-discursivas. Digo, como se houvesse qualquer coisa de factual, autêntico e inconteste em uma única maneira de praticar os corpos (em decorrência de um único desejo, em busca de um único prazer).

Será que as performances sexuais da pornografia são meras representações – ou, mais do que isso, meros registros – das verdadeiras relações sexuais? Será que os textos da enciclopédia são, nada mais nada menos, objetivas descrições científicas (logo, verídicas) da realidade dos atos sexuais?

Da mesma maneira como Foucault problematizou essa compreensão acerca da sexualidade e Butler acerca do sexo (e de seu encadeamento com o gênero), para a finalização deste ato, quero lançar apontamentos para o que há de *performativo* nas relações sexuais do cinema pornô e nas discursivizações enciclopédicas – em como, repetindo, recitando e

performando, em regularidade com determinadas normas, essas duas instâncias sedimentam a relação sexual normativa e a (re)produzem enquanto *verdade*.

Voltando à noção foucaultiana de *dispositivo de sexualidade* e o empreendimento da produção de verdades sexuais aparelhado pela prática da confissão, os próprios trechos da enciclopédia reconhecem que parte dos saberes articulados ali são oriundos de pesquisas confessionais (como as de Kinsey). Mas também a enciclopédia assinala a insuficiência e fragilidade, em relação ao rigor científico vigente, dos resultados por essas vias obtidos. Há que se testar, analisar e observar as relações sexuais *in loco* para que se apreenda a realidade objetiva do fenômeno (como os estudos da equipe formada pelo casal de cientistas Masters e Johnson).

Chamada por Alfredo Veiga Neto de "primado da visão" (2002), o estabelecimento do olhar - não qualquer olhar, mas o olhar atento, cauteloso, metódico - como possibilidade de revelar a realidade e as verdades do mundo está nas origens da racionalidade sistematizada pelas ciências modernas. Como citado anteriormente, mesmo o desenvolvimento de mecanismos óptico-químicos de observação (como as câmeras fotográficas e cinematográficas) estão ligados à busca por modos mais neutros e objetivos (não à toa, as lentes fotográficas são chamadas de "objetivas") de ver – ou produzir imagens – das coisas.

O cinema pornô, em sua intensa vontade de evidenciar que os atos sexuais postos em cena são reais (via *closes*, *come shots*, etc), faz uso dessa mesma racionalidade, para a qual a linguagem é descrição (no caso das palavras da enciclopédia) e/ou representação (no caso dos sons e imagens do cinema) da realidade.

Linda Williams (1989) tentou, inclusive, relacionar a pornografia ao dispositivo e à ciência da sexualidade entendendo que os filmes exibem uma confissão involuntária dos corpos (no caso, do elenco) e seus desejos e prazeres – qualificadas, pela autora, de *confessional frenzy*. Foi rebatida por Chloë Taylor, no artigo *Pornographic Confessions? Sex Work and Scientia Sexualis in Foucault and Linda Williams* (2009), a partir da argumentação de que, para Foucault, as confissões sexuais são realizadas voluntariamente, mediante a requisição da confissão – desenrolada em uma relação de poder (médica ou médico-paciente, pedagoga ou pedagogo-estudante, mães ou pais-filhas ou filhos, etc) -, e consistindo-se em "um ritual de discurso onde o sujeito que fala coincide com o sujeito do enunciado [...] onde a enunciação em si, independentemente de suas consequências externas, produz em quem a articula modificações intrínsecas: inocenta-o, resgata-o, purifica-o, livra-o de suas faltas, libera-o, promete-lhe a salvação" (FOUCAULT, 1999, P. 61). Para Taylor, nada disso pode ser atribuído à pornografia da maneira como propõe Linda Williams, argumentando que:

> First, the relation between actors and viewers in pornography is not an interpersonal one, and the acts involved are theatrical performances rather than discursive acts. Moreover, although this point requires more explanation, it does not seem to me that the actors are overcoming inhibitions in order to confess/perform pleasures which are subjectforming, constitutive of their identities, or individuating. (2009, p. 32)[83]

E completa:

> Most importantly, it seems to me that no one considers the majority of pornographic films to be confessions for the very simple reason that they are fictional and not autobiographies or documentaries. Pornography does not declare itself to be a truth-telling genre [...] We do not consider a pornographic sex scene to be particularly sincere, or to be any more confessional than a Hollywood sex scene, even though, unlike in Hollywood films, porn stars are having *real* sex, as demonstrated by the all important 'meat shots' and 'money shots' that characterize hard-core. Although the act or sex is *real*, it is not *true*: porn stars are not telling *the truth* of their sex or their *desire*. We see acts and maybe pleasures in porn, but we do not know (and, as I shall argue below, I do not think that we care) if we are seeing *desire*. (2009, p. 32)[84]

O que Chloë Taylor acaba por pontuar é que, nas considerações de Williams, há uma confusão entre *sexo real* e *a verdade da sexualidade de um indivíduo* – ou uma confusão entre *realidade* e *verdade* – sendo que, de acordo com a autora, para Foucault essa diferenciação seria crucial: das confissões sexuais, o menos importante seria o que a pessoa *realmente* faz, interessando o que a pessoa *verdadeiramente* deseja fazer.

Essa divergência, no entanto, parece ter a ver com uma tentativa de atribuir, à pornografia, uma instância de prática ou não da *scientia sexualis*. O que me interessa, no entanto, é desconfiar de que o cinema pornô – diferente de constituir, ele mesmo, a ciência da sexualidade – só pode emergir por ser produzido no interior dessa ciência. Primeiro porque, como explica o próprio Foucault, "além dos rituais probatórios, das cauções dadas pela autoridade da tradição, **e também dos procedimentos científicos de observação e de demonstração**, a confissão passou a ser, no Ocidente, uma das técnicas mais altamente valorizada para produzir a verdade" (1999, p. 58, grifo meu). Ou seja, mesmo que para a

---

[83] "Primeiro, a relação entre atores/atrizes e espectadores/espectadoras na pornografia não é uma relação interpessoal e os atos envolvidos são performances dramáticas, não atos discursivos. Além disso, embora esse ponto exija mais explicação, não me parece que os/as atores/atrizes estão vencendo inibições a fim de confessar/realizar prazeres que são subjetivações, constitutivos de suas identidades, ou individuações" (TAYLOR, 2009, p. 32, tradução minha).

[84] "Ainda mais importante, parece-me que ninguém considera a maioria dos filmes pornográficos como confissões pela simples razão de eles serem ficcionais, não documentários ou autobiografias. A pornografia não se declara como um gênero que conta a verdade [...]. Nós não consideramos que uma cena de sexo pornográfico é particularmente verdadeira, ou que seja mais confessional do que uma cena hollywoodiana de sexo, mesmo que, ao contrário dos filmes de Hollywood, as estrelas pornôs estejam fazendo sexo real, como demonstram todos os importantes "meat shots" e "money shots" que caracterizam o pornô hardcore. Embora o ato ou o sexo sejam reais, não são verdade: estrelas pornôs não estão dizendo a verdade de seu sexo ou de seu desejo. Vemos atos e talvez prazeres na pornografia, mas não sabemos (e, como argumentarei a seguir, eu não acho nem que nos importemos) se estamos vendo desejos" (TAYLOR, 2009, p. 32).

conceituação de Foucault os rituais de confissão sejam cruciais, ele mesmo destaca não serem esses rituais técnicas únicas e isoladas na produção de verdades – pontuando também os procedimentos científicos de observação.

Segundo porque, como a própria instituição da iconografia pornográfica vigente demonstra (ou, ainda, a existência de subcategorias como o pornô *gonzo*[85] e o pornô amador), mesmo que as pessoas em cena sejam profissionais atuando e que não possamos atribuir, aos desejos e prazeres que parecem expressar, o caráter de *verdadeiros*, há todo um investimento a fim de fazer parecer que o que assistimos é, sim, da ordem do confessional. O pênis ereto funciona como uma confissão de desejo e o gozo como uma confissão de prazer, por exemplo, a medida em que se estabelece que o sexo, mesmo que encenado, é real – quem goza, afinal, é o Dr. Young ou o Harry Reems?. Mesmo estratégias menos codificadas, como a de nomear a personagem com o mesmo nome da atriz (o caso de Linda Lovelace em *Garganta Profunda)*, podem ser entendidas como ferramentas que borram e confundem as fronteiras entre corpo-ficção e corpo-realidade.

Não se trata, concordo com Taylor, de atribuir à gravação de um filme pornô a qualidade de um ritual confessional, pelo menos não aos moldes descritos por Foucault. Porém, também não me parece ocasional que haja algum esforço em fazer parecer verdadeiros os desejos e prazeres filmados/exibidos na pornografia, menos ainda que muito desse "parecer verdadeiro" se dê a partir do que é observável, do que é tornado visível através dos corpos. Que as pessoas apenas respondessem aos questionários de Kinsey[86] confessando sobre seus desejos, prazeres e práticas, por exemplo, não foi tão decisivo, na produção de verdades sobre as relações sexuais, quanto o fora os relatórios de Masters e Johnson[87] – feitos a partir de experiências laboratoriais que investigavam reações fisiológicas e anatômicas nas quais, um dos instrumentos utilizados, foi o registro em filme de milhares de relações sexuais desempenhadas por pessoas voluntárias. Esses experimentos e os filmes pornôs, teriam, então, menos um

[85] Filmes nos quais a pessoa que opera a câmera/filma está, também, envolvida na cena e na ação sexual. Diz-se que o estilo *gonzo* é ainda mais realista do que os demais sub-gêneros pornográficos, sem envolver muitas preparações prévias e deixando que o tempo de duração da imagem seja mais próximo ao da duração das ações.

[86] O biólogo Alfred Kinsey é considerado um dos pais da sexologia. Entre os anos de 1938 e 1953, Kinsey e sua equipe desenvolveram um estudo envolvendo a participação de mais de 18 mil pessoas, as quais foram individual e presencialmente entrevistadas. O interrogatório se centrava na maneira como cada uma delas vivenciava a sexualidade, os resultados obtidos foram organizados estatisticamente e estão reunidos nos relatórios *Sexual Behavior in The Human Male* (1948) e *Sexual Behavior in The Human Female* (1953).

[87] O ginecologista William Masters e a psicóloga Virginia Johnson iniciaram, em 1954, uma pesquisa que visava preencher as lacunas deixadas pelos estudos de Kinsey nos campos da fisiologia e da psicologia. Para a realização dessa pesquisa, utilizaram, além dos procedimentos de entrevistas, processos laboratoriais de observação de relações sexuais entre seres humanos. Os resultados originaram os relatórios *Human Sexual Response* (1966) e *Human Sexual Inadequacy* (1970).

comprometimento com a produção da verdade sexual do sujeito (aqui, distanciando-se da confissão foucaultiana) e mais uma implicação na (re)produção das normas pelas quais os sujeitos da sexualidade são produzidos.

O que estou arriscando supor é que, ao invés das imagens, por exemplo, de um ator pornô excitado e/ou gozando servirem para produzir *a verdade* sexual do ator (produzir a verdade sobre seu desejo, sobre seu prazer), serviriam para reafirmar o corpo como campo de erupção do real e da verdade, a matéria como um dado empírico em evidência (sem uma história, sem um processo de materialização) e – assim como os procedimentos de Masters e Johnson –, por fim, estabilizar e fixar a diferença sexual (como apresentada no início deste **segundo ato**) e os ideais regulatórios dela derivados (em especial, o regime da heterossexualidade). Assim, como afirma Preciado (2008, p. 183), a caracterização da pornografia como "sexo real", assenta-se em um princípio *sexotranscendental* e institui um axioma que faz de pênis, vaginas e ânus objetos cujo valor de *verdade* não pode ser absorvido e transformado em performance. Porém,

> En la pornografía, el sexo es *performance*, es decir, representación pública y processo de repetición social y políticamente regulado. [...] Paralelamente a Butler, en los años ochenta, la actriz porno Annie Sprinkle introducirá un nuevo desplazamiento performativo en la comprensión de la identidad al definir esta vez no ya el género, sino la sexualidad em términos de *performance.* Para Sprinkle, la verdad de la sexualidad que la pornografía pretende capturar no es sino el efecto de un dispositivo de representación, de un conjunto de coreografias corporales reguladas por códigos de representasión bien precisos, semejantes a los que dominan la danza, la acción en la cinematografia clásica o el teatro. De ahí que para Sprinkle la pornografía carezca de un valor realista o documental más allá del que emerge de su voluntad de representación. (PRECIADO, 2008, p. 181)

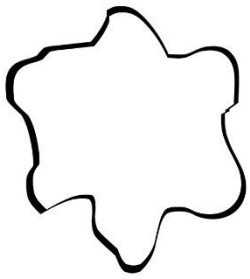
Para teorizar a performatividade de gênero, Butler (2013a) usou como exemplo as performances *drag*. No entendimento proposto pela autora, a imitação de gênero realizada por essas performances assinala o caráter imitativo do próprio gênero heterossexualizado. Em um exercício semelhante, entender os atos sexuais *reais* que compõem a pornografia como representações, como performances, aponta-nos para a inexistência de um ato sexual original anterior. "La pornografía dice la verdad de la sexualidad, no porque sea el grado cero de la representación, sino porque revela que la sexualidad *es* siempre y en todo caso *performance*, representación, puesta en enscena [...]" (PRECIADO, 2008, p. 183).

Quero dizer, com isso, que a pornografia atua performativamente à medida em que a realidade sexual que pretende exibir é fabricada e sustentada por outros meios discursivos – como o da própria enciclopédia, da educação sexual e de tantas outras instâncias da ciência da

sexualidade. E que, por sua vez, a própria noção de “ato sexual verdadeiro” é resultado dessas práticas discursivas e/ou político-visuais.

Negar a possibilidade de que se deseje o que é entendido como sexo oposto? Que se obtenha prazer das práticas penetrativas e genitalizadas? Descolar completamente prazer e orgasmo (como se o segundo não pudesse ser uma manifestação do primeiro)? Rejeitar que haja, em termos anatômicos e fisiológicos, quatro fases pelas quais os corpos podem passar durante determinada prática (quer ela seja ou não reconhecida como sexual)? Não, não se trata disso. Mas também não se trata de aceitar como natural, espontâneo ou verdadeiro qualquer desejo, qualquer prazer, qualquer prática ou mesmo qualquer corpo. Desacomodar essas verdades sem que se ofereça uma nova certeza – apenas dúvidas e desconfianças -, penso eu, é terminar este ato com um convite à experimentação.

Segundo



Plot Point

Difrações para o terceiro ato

CENA 2 – INT. TEATRO HARMONY – NOITE

O palco se parece com um *set* de filmagem, vemos alguns refletores estrategicamente posicionados a fim de iluminar uma cama. O cenário se parece com um quarto burlesco, há tecidos com *animal print*, plumas e paetês. Ao centro, sentada em uma cadeira, está uma famosa ATRIZ pornô. Ela veste *lingeries*, meias sete oitavos, cinta-liga, sapatos de salto fino e um xale. A atriz, então, dirige-se à PLATEIA.

ATRIZ
Vocês sabem o que é e com o que se parece o colo do útero, certo? Bem, pro caso de alguém não saber, eu trouxe esse desenhinho do sistema reprodutor feminino.

A atriz tira de trás de sua cadeira um cartaz no qual é possível ver um desenho esquemático do sistema reprodutor feminino. A plateia ri. Apontando para as respectivas partes do desenho, a atriz explica os órgãos ali ilustrados.

ATRIZ
Esse é o canal vaginal. Vamos todos dizer isso juntos: canal vaginaaal.
Esse é o útero. [*sinalizando para a plateia repetir junto*] Úteeero.
E essa é a minha parte preferida! Essas são as trompas de fa-ló-pio. [*sinalizando, mais uma vez, para a plateia dizer junto*] Trompas de falópio.
Muito bem!
E é aqui que fica o colo do útero, entre o útero e o canal vaginal.

A atriz exibe um segundo desenho, no qual vemos um círculo com um pontinho em seu centro.

ATRIZ
E quando você olha pro colo do útero, é com isso que ele se parece [*apontando para o desenho*].

A plateia ri. A atriz, então, abre as próprias pernas e coloca em sua vagina um espéculo ginecológico, fazendo com que as paredes vaginais fiquem afastadas. Ela pede para que a plateia faça uma fila em frente ao palco. Uma a uma, as pessoas do público se aproximam, recebem uma lanterna do ASSISTENTE DE PALCO e são convidadas a olhar para o fundo do canal vaginal da atriz, a fim de visualizar o colo do útero. Uma a uma, elas o fazem.

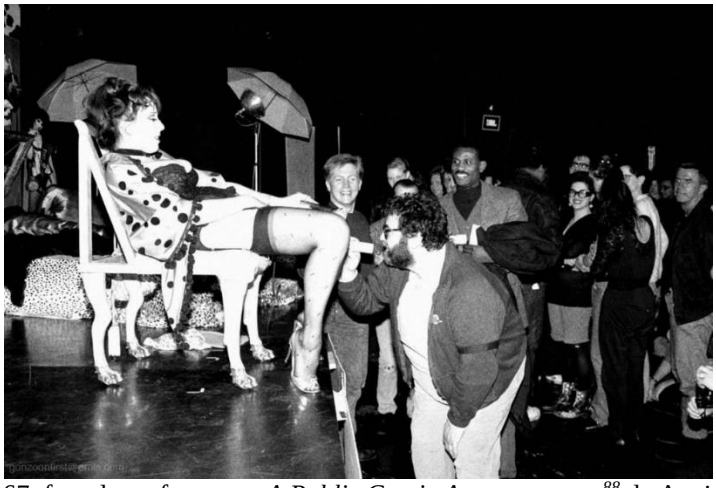


FIGURA 67: foto da performance *A Public Cervix Announcement*[88] de Annie Sprinkle

FIGURA 68: foto da performance *A Public Cervix Announcement* de Annie Sprinkle

[88] A performance *A Public Cervix Announcemente*, aqui re-roteirizada, foi realizada por Annie Sprinkle como parte do espetáculo *Post Porn Modernist Show*, no qual a performer narrava sua auto-biografia, especialmente os aspectos ligados à carreira na indústria do sexo (como prostituta e atriz pornô). O show foi realizado de 1989 a 1996 e, atualmente, tem seu roteiro ilustrado disponibilizado *online* na página: <https://anniesprinkle.org/ppm-bobsart/script.html>. O trecho aqui anunciado pode ser assistido em: <https://vimeo.com/184135882>. Acesso em: 07/02/2017.

As políticas pós-pornográficas

> My first brush with the law, was when I was an eighteen-year-old hippie in Tucson, Arizona. I got a job selling popcorn at a theater that was showing a new movie called Deep Throat. [...] After several prosperous months, the theater where I worked was shut down and the film confiscated by police. An obscenity trial ensued. I was subpoenaed as a witness for the prosecution and was ordered to hang out in the witness room for two weeks with Linda Lovelace and the film's director Gerard Damiano (a handsome and charming 46 year old Italian gentleman). Waiting around to be called to the stand was a bit dull so to pass the time, Damiano gave me 'deep throat lessons'. [...] Fortunately, lawyer Louis Nizer won this important case for freedom of expression, and Damiano and I won each other's hearts.[89]
> *Annie Sprinkle*[90]

Annie Sprinkle, a atriz da cena anterior, entrou no ramo da pornografia a partir de seu relacionamento com Gerard Damiano. Ela roteirizou, dirigiu, fez cenários e, principalmente, atuou em filmes pornôs dos anos 1970 e 1980. Também trabalhou como *stripper*, prostituta e como editora de revistas pornográficas. Em 1986, graduou-se em fotografia e, em 1992, doutorou-se em sexualidade humana – considerando-se, atualmente, dentre outras coisas, uma educadora sexual.

Embora o termo *post porn* tenha sido cunhado pelo fotógrafo erótico holandês Wink Van Kempen, designando uma maneira de representar o sexo e a sexualidade "[...] que não poderia ser reduzida aos discursos que dominam a sua codificação visual no Ocidente: a anatomia médica (como espaço de produção de um saber público sobre o corpo e de gestão do normal e do patológico) e a pornografia (como técnica visual masturbatória direcionada a construir o olhar masculino)" (PRECIADO, 2017), é a partir da nomeação do espetáculo de Sprinkle - *Post Porn Modernist Show* (1989) – que a pós-pornografia ganha uma ampla dimensão artística e política. A performance *A Public Cervix Announcement*, nesse contexto, torna-se um ícone desse movimento, ao debochar, simultaneamente, da iconografia pornô (com seus *closes* genitais) e dos códigos visuais de investigação médica (com o espéculo ginecológico e os gráficos do sistema reprodutor).

---

[89] "Meu primeiro conflito com a lei foi quando eu era uma hippie de dezoito anos de idade em Tucson, Arizona. Consegui um trabalho como vendedora de pipoca em um cinema que estava exibindo um filme novo chamado Garganta Profunda. [...] Depois de vários meses de sucesso, o cinema no qual eu trabalhava foi fechado e o filme confiscado pela polícia. Um processo de obscenidade foi instaurado. Eu fui intimada como testemunha da acusação e ordenada a permanecer na sala de testemunhas durante duas semanas, junto com Linda Lovelace e o diretor do filme, Gerard Damiano (um cavalheiro italiano bonito e charmoso de 46 anos de idade). Esperar ser chamada para testemunhar era entediante, então, para passar o tempo, Damiano me deu "lições de garganta profunda". [...] Felizmente, o advogado Louis Nizer venceu esse importante caso para a liberdade de expressão e Damiano e eu ganhamos um o coração do outro" (tradução minha).

[90] Disponível em: <http://anniesprinkle.org/my-brushes-and-crushes-with-the-law/>. Acesso em: 07/02/2017.

A emergência dessa reapropriação da tecnologia pornográfica está ligada aos debates entre feministas anti-pornografia e feministas anti-censura, bem como às formulações *queer* de crítica às identidades. Ao invés de apostar na extinção do pornô, o movimento pós-pornográfico reivindica outros usos desse mesmo aparato - usos que, ao invés de naturalizar corpos, desejos, prazeres e práticas, sirvam para resistir aos processos de normalização e de pedagogização exercidos pela pornografia *mainstream*. Essas investidas não se unificam a partir do estabelecimento de um código estético, mas do empreendimento em rebentar e expor os mecanismos mesmos de produção do sexo, do gênero e da sexualidade.

As experimentações pós-pornográficas nos campos da performance, do cinema, das artes visuais, da literatura e mesmo das produções acadêmicas, espalharam-se como modo de atuação estético-política das dissidências sexuais e de gênero especialmente no início dos anos 2000. Os corpos que, até então, eram produzidos como *anormais* ou subalternos, passam a ativamente se reconstruir mediante a subversão de algumas das tecnologias e dos códigos que os marginalizavam. Parte importante desta movimentação se deu na cidade espanhola de Barcelona, na qual atuavam coletivos como *Girls Who Like Porno, PostOp, Go Fist Foundation, Quimera Rosa* e a performer *Diana Torres*, também conhecida como *Diana Pornoterrorista*[91]. Ainda no contexto europeu, outros nomes importantes são Virginie Despentes – tanto pela produção cinematográfica quanto literária e teórica, com destaque para os filmes *Baise-moi* (2000), *Mutantes (Féminisme Porno Punk)* (2009) e o livro *Teoria King Kong* (2016) -, Preciado – tanto pela organização do seminário *Feminismo Porno Punk* (2008), um dos primeiros eventos voltados à investigação e às produções pós-pornográficas, quanto por sua produção teórica, especialmente o livro *Manifesto Contrassexual* (2014) – e Marie-Hélène/Sam Bourcier, cujo livro *Queer Zones 1: Politique des identités sexuelles et des savoirs* (2011) é um dos marcos da legitimação acadêmica do conceito "pós-pornográfico".

Na América Latina, a *Iª Muestra de Arte Pospornografico de Buenos Aires*, realizada em 2012 pelo coletivo argentino *garpa!*, foi a primeira iniciativa ligada à exibição de conteúdos nomeados pósporno. Aqui, no entanto, a pós-pornografia é reinventada e transformada em "[...] um projeto político descolonizador, localizado geográfica e politicamente – um *pós-porno situado*, que como tal não deve se limitar a subverter apenas as normas de gênero e sexualidade, mas também as de classe, raça, etnia e nacionalidade" (SARMET, 2014, p.268). Isto é, o

[91] Em 2011, a artista independente Lucía Engaña Rojas realizou o documentário *Mi sexualidad es uma creación artística*, na qual são entrevistadas algumas das principais pessoas envolvidas com pós-pornografia na Espanha, além da própria Annie Sprinkle. O documentário está disponível em: <http://zoiahorn.anarchaserver.org/misexualidad/la-pelicula/>. Acesso em: 15/02/2017.

deslocamento do pósporno latino-americano em relação à pornografia hegemônica, diferente das experiências europeias ou norte-americanas, não se dá apenas em relação à incorporação de dissidências sexuais e de gênero, à subversão da produção da normalidade e da anormalidade, nem tampouco do escape aos moldes de produção, distribuição e de consumo industriais. Em igual medida, as práticas pós-pornográficas *sudakas*[92] posicionam-se também frente à dominação cultural eurocêntrica e estadunidense, propondo uma descolonização dos espaços de produção e de difusão pósporno.

> A sabiendas de que gran parte de la producción pornográfica que consumimos viene de los grandes centros de producción, como Europa o Estados Unidos, podríamos caer en la misma dominación cultural a través de las pospornografía si no pensamos una producción y una reflexión sobre la misma. Por ello, es importante problematizar el espacio de la pospornografía a nível local y latinoamericano. Olvidar esto nos llevaría a consumir el discurso pospornográfico anglosajón como un mero producto de importación, sin tener una reflexión crítica sobre las condiciones de producción en las que fue configurado y las condiciones de recepción en las que es consumido en América Latina. (MILANO, 2014, p.111)

La Fulminante (Colômbia), *Felipe Rivas San Martín* (Chile), *Hija de Perra* (Chile), *Leche de Virgen Trimegisto* (México), *Leonor Silvestri* (Argentina), *Cuerpo Puerco* (Argentina), *Frau Diamanda* (Peru), *Katia Sepúlveda* (Chile), *La Congelada de Uva* (México), *Acento Frenético* (Argentina), *Aily Habibi* (Colombia), *Edgar de Santo* (Argentina) e *Subporno* (Chile), de diferentes países, e *Coletivo Coiote, Putinhas Aborteiras, Solange, tô aberta!, Algodão Choque, Casa Selvática, K-Trina Erratika, Miro Spinelli, Kleper Reis, AnarcoFunk* e *Antropofagia Icamiaba,* no Brasil, são alguns dos nomes – de coletivos, de artistas, de ativistas, de projetos - que remetem a expressões estético-políticas ligadas à pós-pornografia. Os festivais e mostras *PorNo PorSi PerformanSex, Festival de Arte Pospornográfico de Chiapas, 21nilla, Sexuantes, Pornífero, Circuito Posporno, El Deleite de Los Cuerpos, Muestra Marrana, Monstruosas – Subpolíticas e Descolonialidades, (R)Existentes* e *Atos de Fala,* por sua vez, são alguns dos espaços de encontro e de circulação de criações pósporno em nosso continente.

Na esteira dessas propostas, tem-se procurado fazer - inclusive no campo das pesquisas acadêmicas - um resgate, uma recriação de memórias, de experiências sul-americanas ligadas às dissidências e subculturas. A frase de Pêdra Costa (do projeto *Solange, tô aberta!*) e de

[92] Termo utilizado, principalmente na Espanha, para se referir pejorativamente às pessoas sul-americanas e centro-americanas, mais comumente quando essas possuem traços identificados como indígenas. Atualmente, em uma torção semelhante à ocorrida com a palavra *queer*, o termo vem sendo pirateado e reutilizado pelas próprias *sudakas*, de modo a não mais significar um insulto e, sim, uma contestação, um marco em oposição ao colonialismo, ao eurocentrismo, ao racismo e à etnofobia.

Fernanda Nogueira, "a (nossa) pós-pornografia não nasceu com Annie Sprinkle!"[93], aponta para a resistência ao esquecimento e ao apagamento das práticas artístico-políticas vinculadas ao corpo realizadas tanto no Brasil quanto na América Latina. Em consonância, afirma Érica Sarmet:

> [...] podemos resgatar na história da própria América Latina movimentos de subversão dos imaginários sexuais e políticos que, ao meu ver, não significam que "nós já pensávamos nisso antes", mas sim que a existência de movimentos como o movimento de arte pornô, as performances queer e a pós-pornografia são indícios históricos de um esgotamento da pornografia como *ficção fundacional da sexualidade*, definidora de quais corpos devem ou não ser sexualizados, desejados e desejantes, e perpetuadora de normas pedagogizantes e coercitivas do sexo, da sexualidade, do gênero e do prazer. (2014, p. 274)

Embora esta dissertação não tenha se embrenhado pelos caminhos de traçar uma genealogia das práticas dissidentes, já que estive mais atenta aos processos de captura e de controle dos corpos que constituem e são constituídos pelo cinema pornô e pela educação sexual do que às forças de resistência que neles se apoiam – mesmo reconhecendo que onde há poder, há também resistência (FOUCAULT, 1999) -, existe nesta pesquisa uma inspiração pós-pornográfica. Ou, ainda, a emergência desta dissertação, enquanto prática discursiva, foi também condicionada e possibilitada pelas experimentações pósporno e pós-coloniais - que, ao criticarem os discursos hegemônicos, suscitam a interrogação das práticas e dos saberes aos quais se atribui o estatuto de verdade, bem como das normas regulatórias que produzem e/ou são reproduzidas por essas práticas. Nesse sentido, a opção por um *corpus* de pesquisa formado por artefatos oriundos da França (a enciclopédia) e dos Estados Unidos (o filme) considera tanto suas atuações na colonização de corpos, desejos e prazeres – no que centrei a análise desenvolvida no **segundo ato** -, quanto o povoamento da produção e circulação de saberes, práticas e materialidades por eles oportunizadas no contexto brasileiro – como busquei pontuar no **primeiro ato**. Por fim, para terminar este texto em abertura, o **terceiro ato** excita provocações e experimentos que coloquem sob suspeita, a partir do e no campo do audiovisual, os processos de produção e regulação dos corpos aos quais a pornografia e a educação sexual se vinculam[94].

---

[93] O texto *Da pornochanchada ao Pós-Porno-Terrorismo no Brasil: d'As Cangaceiras Eróticas ao Coletivo Coiote* está disponível em: <https://medium.com/revista-rosa-5/da-pornochanchada-ao-pos-porno-terrorismo-no-brasil-das-cangaceiras-eroticas-ao-coletivo-coiote-f0f4ab92836#.k7345ie23>. Acesso em: 15/02/2017.

[94] De maneira inicial, mas como desdobramento dessas mesmas inquietações, ensaiamos parte desta proposta em artigo publicado na Revista Textura (ULBRA), intitulado *Paris still burning? – sobre o que a noção de performatividade de gênero ainda pode dizer a um cinema queer* (SIERRA; NOGUEIRA; MIKOS, 2016), que pode ser acessado em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/2231/1957>. Acesso em: 17/02/2017.

Terceiro Ato

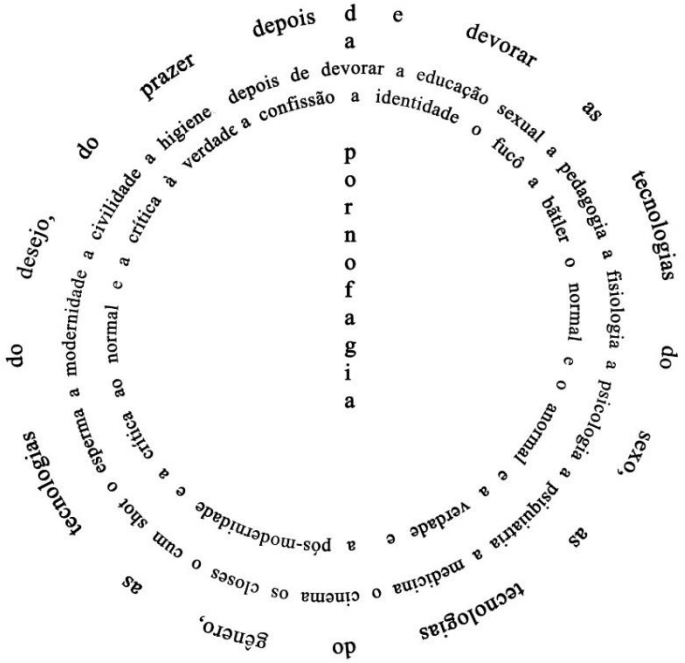
PORNOEMESIA[95]

penetro o dedo na garganta
p r o f u n d a

(entro e saio entro e saio)

enfio apalpo cutuco
a úvula - e - ou - o - clitóris

d
e
p
o
i
s



ela [não] goza.
ela vomita.

[95] **ê.me.se** (grego *émeses*) s.f. [Medicina] Ato ou efeito de vomitar. (ÊMESE. In: DICIO Dicionário Online de Português. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/emese/>. Acesso em: 03/03/2017.

Nesta dissertação, especialmente em ***Go straight to the throat*** e em ***Inside, outside, inside, outside***, apresentei alguns elementos formais dos filmes pornográficos (como os *closes* de genitálias e os *come shots*) e suas implicações no compromisso de mostrar – ou em "fazer parecer que mostra" - o sexo *real*. Também pontuei, nas ***Preliminares*** e no final do **segundo ato**, como a história da fotografia sequencial - e, consequentemente, da cinematografia – é decorrente da *vontade de saber* do século XIX. Nesse contexto, tanto os experimentos de Muybridge, por exemplo, quanto, posteriormente, os *closes* pornográficos, ligam-se a uma noção de que o registro da imagem em movimento mediado por mecanismos óptico-químicos se dá tal qual uma gênese automática e neutra, possibilitando a observação e apreensão da *realidade* dos corpos e tornando-se um instrumento privilegiado para a produção de verdades no interior das ciências modernas (SIERRA; NOGUEIRA; MIKOS, 2016).

Parece-me que muitas esferas do cinema, não só o gênero pornográfico, vinculam-se a esse entendimento de que reside sob o material bruto de um filme (ou seja, nas imagens e sons registrados, anteriores aos processos de edição e montagem) algo da ordem do real puro, algo possível de ser codificado em convenções de linguagem que se assemelhem à *realidade* e façam parecer que o que assistimos – mesmo que saibamos se tratar de representação – possui *realismo*, isto é, que pareça real.

> Assim como Muybridge perseguiu a decomposição seguida pela recomposição dos movimentos, grande parte das realizações cinematográficas– especialmente as que se encaixam naquilo que convencionou-se chamar de cinema narrativo clássico – operam de maneira a tentar fazer "parecer verdadeiro", de reconstituir - por meio da tentativa de invisibilizar a estrutura de representação adotada, ou seja, de tentar tornar transparente o próprio artifício cinematográfico - o que seria uma reprodução fiel da realidade. Em outras palavras, organiza-se os elementos do filme de maneira a fazer parecer que não houve organização, que as imagens e sons se encadeiam naturalmente, produzindo uma "impressão de realidade". (SIERRA; NOGUEIRA; MIKOS, 2016, p. 21-22)

Esses processos não são absolutos, mas, em linhas gerais, se assistimos a um filme de *live action*[96] – mesmo que o saibamos uma ficção – acreditamos que há qualquer coisa de real nos corpos que aparecem em cena. Aceitamos que aqueles corpos existem – mesmo que nem sempre exatamente da maneira como o vemos na tela - e que, em algum momento, estiveram diante de uma câmera para serem filmados. Para que os movimentos desses corpos reais também possam parecer críveis, no contexto da decupagem[97] e da montagem clássicas, não só

[96] O termo "*live action"* diz respeito a filmes que utilizam pessoas ou seres reais no elenco, diferentemente dos desenhos animados e de outros tipos de cinema de animação.

[97] A decupagem cinematográfica diz respeito à fragmentação das cenas em planos e a previsão de como esses planos se ligarão uns aos outros – ou seja, refere-se à posição e à movimentação da câmera, à disposição de

o registro e a projeção da imagem devem obedecer a um determinado número de *frames* por segundo (de maneira a gerar a ilusão naturalista de movimento), como uma série de outras convenções que reconstroem a continuidade espaço-temporal costumam ser adotadas a fim de gerar na tela uma espécie de "duplo" do mundo real:

> Dentro desta moldura narrativa, o interesse segundo o qual, em cada detalhe, tudo pareça real torna obrigatórios os cuidados ligados à coerência na evolução dos movimentos em sua dimensão puramente física. Se há um corte em meio a um gesto de uma personagem, toma-se todo o cuidado para que o momento do gesto correspondente ao fim do primeiro plano seja o instante inicial do segundo, resultando na tela uma apresentação contínua da ação. Todos os objetos e as posições dos vários elementos presentes serão rigorosamente observados para que uma compatibilidade precisa seja mantida na sequência. As entradas e saídas (de quadro) das personagens serão reguladas de modo a que haja lógica nos seus movimentos e o espectador possa mentalmente construir uma imagem do espaço da representação em suas coordenadas básicas mesmo que nenhum plano ofereça a totalidade do espaço numa única imagem. [...] Dentro desta orientação, a decupagem será feita de modo a que os diversos pontos de vista respeitem determinadas regras de equilíbrio e compatibilidade, em termos de denotação de um espaço semelhante ao real, produzindo a impressão de que a ação desenvolveu-se por si mesma e o trabalho da câmera foi "captá-la". (XAVIER, 2005, p. 33)

Parece-me que o esforço em evitar estranhamentos e opacidades no desenrolar das ações e movimentos desempenhados pelos corpos cinematográficos – ou seja, o esforço em fazer parecer que aquilo o que vemos é independente e anterior ao próprio gesto de enquadrar, filmar e ordenar as imagens sequencialmente - acaba também por forjar e estabilizar materialidades e noções de naturalidade e realidade. Em um paralelismo à formulação de Butler sobre a preformatividade de gênero - na qual ela assinala, tomando por exemplo as performances *drag*, que as imitações performáticas de gênero manifestam o caráter imitativo e performático do próprio gênero heterossexualizado -, talvez possamos pensar as relações entre cinema e realidade a partir de uma instância performativa. Se um cinema reitera e cita códigos, em função de uma impressão de realidade, ao filmar e exibir corpos em ação – assim como a *drag* o faz em relação a uma performance de gênero -, esse cinema não estaria também apontando para a própria realidade dos corpos e de suas ações – assim como o gênero - enquanto efeito, produção, sem uma *verdade* apriorística? E ainda, "[...] se uma paródia de gênero pode ser subversiva, implicar na repetição de normas não para fortificá-las, mas para apresentar possibilidades de contestação das mesmas [...]" (SIERRA; NOGUEIRA; MIKOS, 2016, p.24), poder-se-ia utilizar a capacidade cinematográfica de parodiar a impressão de realidade e naturalidade dos corpos e de suas ações para desestabilizar a noção mesma dos corpos enquanto

personagens, de objetos e de cenários na tela, ao enquadramento utilizado para o registro (e, posteriormente, a exibição) de determinado trecho da ação desenvolvida em cena. É uma espécie de "roteiro técnico" do filme.

pré-discursivos, anteriores e exteriores às tramas de poder-saber e inextricáveis às noções de natureza e de real?

Outras pornografias, nos termos de uma reinvenção do imaginário pornô, têm sido ensaiadas, como vimos no **segundo plot point**, mediante a apropriação (ou a fagocitação) da tecnologia pornográfica por outros corpos que não os hegemônicos e/ou explorando práticas, desejos e prazeres que não os normativos. O que eu gostaria de propor aqui, por sua vez, é uma explosão formal da pornografia audiovisual, uma regurgitação de sons e imagens pornográficas mastigadas, trituradas, decompostas, ou o esboço de um

EXPERIMENTO PORNOEMÉSICO,
ou um **PORNO-EXPERIMENTO ICONOCLASTA,** para o qual:

Não há uma imagem original ou uma originalidade na imagem, assim como não há um corpo original ou uma originalidade no corpo. Corpos-imagens e imagens-corpos são *possíveis por* e *passíveis de* pirataria, hackeamento e cópia da cópia da cópia da cópia da cópia.

O *close* é uma prótese, um enxerto. O *close* é um artifício naturalizante de territórios corporais. O *close* forma, reforma e deforma a imagem normal e verdadeira do corpo porque só há normalidade e verdade em um corpo mediante a formação, a reformação e a deformação da imagem que se produz do corpo.

A pornoemesia não produz necessariamente outros corpos-pornográficos ou outras práticas-pornográficas alternativas ao que há de pornograficamente já instituído. A pornoemesia draga as imagens e os códigos pornográficos para (re)expeli-los em fragmentos, em desmontagem, em decomposição.

A pornoemesia pornografa a pornografia. Explicita-a, desnuda-a, fode com ela. É simultaneamente forma penetrante e orifício penetrável. É entra-e-sai, deglutição e vômito, *feed-back* de um circuito.

A pornoemesia deve ser filmicamente experimentada: CLIQUE AQUI[98].

[98] Ou acesse através do endereço *online*: <https://drive.google.com/file/d/0B7pmZqpmy8LaTVFGWWRPV1hxbDA/view?usp=sharing>.

The End

IS NOT A

COME

SHOT

Propus, nesta dissertação, um encontro entre pornografia audiovisual e educação sexual. Ensaiei entendimentos acerca do filme *Garganta Profunda* e da *Enciclopédia da Vida Sexual* capazes de constituir, instrumentados pelos estudos foucaultianos e pelas discussões sobre sexo, gênero e sexualidade de aporte teórico pós-estruturalista, uma aproximação entre as condições de emergência e os saberes (re)produzidos pelo filme e pela enciclopédia. Lancei perguntas e forjei rastros para perseguí-las, para transformá-las, para incorporá-las e corporificá-las neste corpo-texto e em um corpo-filme.

A finalização deste trabalho, todavia, não será conclusiva como um *come shot*, não ganhará as dimensões orgásmicas de um *grand finale*, nem tampouco se desenlaçará em um *happy end*. A força motriz deste encerramento – assim como o foi do principiamento e, também, de tudo o que se estendeu entre um momento e o outro - é, precisamente, a insatisfação. Não a insatisfação produzida pelos circuitos pornográficos em seus mecanismos de excitação-frustração-excitação, como descreve Preciado (2008), mas a inquietude que se agita até mesmo frente à ideia de que há de se concluir, de se estancar, de se produzir um deleite ou um fechamento transcendental ao final de um processo (seja ele uma relação sexual, um filme, uma dissertação). Ou, ainda, de que é a marcação de uma finalidade (seja ela o gozo, a reprodução, a descoberta de uma verdade ou a confirmação de uma hipótese) que institui o fim – e, por consequência, valida os meios – pelos quais determinada prática passa a ser tomada como prática verdadeira e inequívoca (seja a penetração enquanto ato sexual, sejam as metodologias e os métodos modernos enquanto fazer científico). Aqui, parafraseando a frase que suscitou esta pesquisa: parece-me que temos aprendido a fazer ciência vendo filme pornô.

Esboçando outras rotas, o que mobilizou esta pesquisa é a insatisfação que não quer ser saciada ou concluída[99] e que, como tal, não pode ser encerrada em considerações teleológicas. Como, ainda assim, este texto, em seu convite à leitura linear, estabelece que um parágrafo que não é seguido por outro(s) parágrafo(s) é, portanto, o parágrafo final, desafio-me a terminar esta escrita de maneira a escancarar sua evanescência, sua dissipação. P(r)onto. Agora escrevo: dentro-fora desta dissertação, tudo o que pode ser, tudo o que será, tudo o que poderia ter sido e tudo o que não foi. Que ela se impulsione – para quem, dela, isso o quiser fazer – enquanto uma experiência aberta à reinvenção.

[99] Inspiro-me em Guacira Lopes Louro e em sua frase: "[...] *queer* representa claramente a diferença que não quer ser assimilada ou tolerada" (2004, p. 38).

REFERÊNCIAS

ABREU, Nuno Cesar. **O Olhar Pornô**: A representação do obsceno no cinema e no vídeo. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

ALEGRIA, João; DUARTE, Rosália. **Formação Estética Audiovisual: um outro olhar para o cinema a partir da educação**. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, v. 33, n.1, p. 59-80, jan./jun. 2008.

ALTMANN, Helena. **Orientação Sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais**. *Revista Estudos Feministas*, 2001, vol.9, n.2, pg.575-585.

ARAGÃO, Elisabeth Maria; BARROS, Maria Elisabeth Barros de; OLIVEIRA, Sonia Pinto de. **Falando de metodologia de pesquisa**. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*. Rio de Janeiro, v.5, n.2, p. 18-28, dez. 2005.

ATRÁS da Porta Verde. Direção: Artie Mitchell e Jim Mitchell. Jartech. São Francisco, Califórnia, EUA. 1972. 72 min. Son., color., 16mm.

AUMONT, Jacques; MARIE, Michel. **A análise do filme.** 3. ed. Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2013.

BALLESTRIN, Patrícia Abel; SOARES, Rosângela. **"Etnografia de Tela": uma aposta metodológica**. In: *Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação*. Dagmar Estermann Meyer e Marlucy Alves Paraíso (org.). Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. p. 87-109.

BASSALO, Lucélia de Moraes Braga. **A Educação sexual na primeira metade do século XX no Brasil**. In: *GT .23 – Gênero , Sexualidade e Educação. Anais da 33ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED,* 2010, Caxambu, Minas Gerais. Disponível em: <http://33reuniao.anped.org.br/33encontro/app/webroot/files/file/Trabalhos%20em%20PDF/GT23-6673--Int.pdf>. Acesso em 13 dez. 2016.

BOURCIER, Marie-Hélène. **Queer Zones 1:** Politique des identités sexuelles et des savoirs. 3ed. Paris: Editions Amsterdam, 2011.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero:** feminismo e subversão da identidade. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013a.

_____. **Corpos que pesam**: sobre os limites discursivos do sexo. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. – 3ªed. - In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013b. p. 151-172.

_____. **Cuerpos que importan**: sobre los límites materiales y discursivos del "sexo". 1 ed. Buenos Aires: Paidós, 2002.

BRASIL. **Portaria n°678, de 14 de maio de 1991**. Diário Oficial da União, Brasilia, DF, 15 mai. 1991. Seção I, p. 12-13.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Projetos Educacionais Especiais. **Diretrizes para uma política educacional em sexualidade**. Brasilia: MEC/SEPESPE, 1994.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: primeiro e segundo ciclos: **Orientação Sexual**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: **Orientação Sexual**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CÉSAR, Maria Rita de Assis. **Gênero, sexualidade e educação: notas para uma "epistemologia"**. *Educar em Revista*, n.35, p.37-51. Curitiba: Editora UFPR, 2009.

COHEN, Jean; KAHN-NATHAN, Jacqueline; TORDJMAN, Gilbert; VERDOUX, Christiane. (1973) **Enciclopédia da Vida Sexual: da fisiologia à psicologia (7/9 anos)**. Trad. de Vera Cecilia Viotti de Campos Toledo. São Paulo: Abril S.A. Cultural e Industrial, 1975a.

_____. (1973) **Enciclopédia da Vida Sexual: da fisiologia à psicologia (10/13 anos)**. Trad. de Vera Cecilia Viotti de Campos Toledo. São Paulo: Abril S.A. Cultural e Industrial, 1975b.

_____. (1977) **Enciclopédia da Vida Sexual: da fisiologia à psicologia (14/16 anos)**. Trad. de Margarida Bulhões Pedreira Genevois. São Paulo: Círculo do Livro S.A., 1977a.

_____. (1977) **Enciclopédia da Vida Sexual: da fisiologia à psicologia (17/18 anos)**. Trad. de Dora Mariana Ribeiro Ferreira da Silva. São Paulo: Círculo do Livro S.A., 1977b.

_____. (1977) **Enciclopédia da Vida Sexual: da fisiologia à psicologia (adultos)**. Trad. de Édson Araújo Cabral. São Paulo: Círculo do Livro S.A., 1977c.

CORAZZA, Sandra Mara. **Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos**. In: COSTA, Marisa Vorraber. (Org.) *Caminhos investigativos*: novos olhares na pesquisa em educação. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 105-131

COSTA, Flávia Cesarino. **Primeiro Cinema**. In: MASCARELLO, Fernando (Org.). *História do Cinema Mundial*. Campinas, SP: Papirus, 2006.

DESPENTES, Virginie. **Teoria King Kong**. São Paulo: n-1 edições, 2016.

DIABO na Carne de Miss Jones, O. Direção: Gerard Damiano. Pierre Productions. Nova Iorque, EUA, 1973. 67 min. Son., color., 35mm.

DUARTE, Rosália. **Cinema & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. - 2. ed.

FABRIS, Elí Henn. **Cinema e Educação: um caminho metodológico**. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, v. 33, n.1, p. 117-134, jan./jun. 2008.

FABRIS, Mariarosaria. **Neo-Realismo Italiano**. In: MASCARELLO, Fernando (Org.). *História do Cinema Mundial*. Campinas, SP: Papirus, 2006.

FELICIO, Leandro Alves. **Um projeto de Educação sexual para o Brasil: O Circulo Brasileiro de Educação Sexual (1933 -1945)**. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*, 2011, São Paulo. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300919582_ARQUIVO_TrabalhoparaAnpuh(primeiraversao).pdf>. Acesso em 14 dez. 2016.

_____. **A moralização do sexo: os debates sobre a educação sexual para o Projeto de Nação Brasileira na I Conferência Nacional de Educação, 1927**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2012. 155 f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde, Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2012.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Escrita acadêmica:** arte de assinar o que se lê. In: COSTA, Marisa Vorraber; BUJES, Maria Isabel Edelweiss (Org.). *Caminhos Investigativos III: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

_____; MARCELLO, Fabiana de Amorim. **Tópicos para Pensar a Pesquisa em Cinema e Educação**. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 505-519, maio/ago. 2011.

FOUCAULT, Michel. **Herculine Barbin**: o diário de um hermafrodita. Rio de Janeiro: F. Alves, 1982.

_____. **História da Sexualidade I**: a vontade de saber. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

_____. **Os anormais**: Curso no Collège de France (1974-1975). São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **A Arqueologia do Saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FURLANI, Jimena. **O Bicho Vai Pegar!** – um olhar pós-estruturalista à Educação Sexual a partir de livros paradidáticos infantis. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação. Porto Alegre: PPG Edu/UFRGS. 2005.

GARGANTA Profunda. Direção: Gerard Damiano. Gerard Damiano Film Productions. Miami, Flórida, EUA, 1972. 61 min. Son., color., 16mm.

HALBERSTAM, J. **Masculinidad femenina.** Barcelona: Egales, 2008.

HILST, Hilda. **Do Desejo**. Campinas: Editora Pontes, 1992.

_____. **Pornô Chic**. São Paulo: Globo, 2014.

HUNT, Lynn. **A Invenção da Pornografia:** Obscenidade e as Origens da Modernidade, 1500-1800. São Paulo: Hedra, 1999.

IMMORAL Mr. Teas, The. Direção: Russ Meyer. Pad-Ram Enterprises. Los Angeles, Califórnia, EUA, 1959. 63 min. Son., color., 16mm.

LAQUEUR, Thomas. **Inventando o Sexo:** Corpo e gênero dos gregos a Freud. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LEITE JR., Jorge. **Das maravilhas e prodígios sexuais:** a pornografia "bizarra" como entretenimento. São Paulo: Annablume, 2006.

LOURO, Guacira Lopes. **O Cinema Como Pedagogia**. In: LOPES, Eliana e outros (Org.). *500 Anos de Educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica: 2000.

_____. **Um corpo estranho:** ensaios sobre sexualidade e teoria *queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. **Cinema & Sexualidade**. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, v. 33, n.1, p. 81-98, jan./jun. 2008.

LLOPIS, Maria. **El Postporno Era Eso**. Barcelona: Melusina, 2010.

MACHADO, Arlindo. **O Cinema Científico**. *Significação: Revista de Cultura Audiovisual*, Brasil, v. 41, n. 42, p. 15-29, mar. 2015.

MANEVY, Alfredo. **Nouvelle Vague**. In: MASCARELLO, Fernando (Org.). *História do Cinema Mundial*. Campinas, SP: Papirus, 2006.

MARREY, Étienne-Jules. **Cheval blan monté** (fot.), 1886.

MILANO, Laura. **Usina Posporno**: disidencia sexual, arte y autogestión en la pospornografía. 1ed. Buenos Aires: Título, 2014.

MOM and Dad. Direção: William Beaudine. Hallmark Produtcions. EUA, 1945. 97 min. Son., b&p, 35mm. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NjBYCpx7ZwM>. Acessado em: 28 de julho de 2016.

MORAES, Eliane Robert (org.). **Antologia da Poesia Erótica Brasileira**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2015.

MUYBRIDGE, Eadweard. **The Horse in Motion** (fot.), 1878.

_____. **Animal Locomotion**: an electrographic investigation of consecutive phases of animal movements, 1872–1885. Philadelphia, EUA: University of Pennsylvania: 1887. Vol. I - XI.

OLIVEIRA, Cristiane. **"Libertar o brasileiro de seu captiveiro moral": Identidade nacional, educação sexual e família no Brasil da década de 1930**. *Psicologia & Sociedade*. 2012; vol. 24, n. 3, p. 507-516.

PADILHA, Celina. **Sobre a educação sexual**. In: COSTA, Maria José Franco Ferreira da; SHENA, Denilson Roberto; SCHMIDT, Maria Auxiliadora. (Org.). *I Conferência Nacional de Educação – Curitiba, 1927*. Brasilia: INEP, 1997. p. 428-433.

PINHEIRO, Vandira Maria dos Santos. **História Recente da Educação Sexual na Escola e da Sexualidade no Contexto da Realidade Brasileira**. *Revista DST*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 4-7, 1997.

PLATÃO. **Timeu**. Tradução de Rodolfo Lopes. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2011.

PRECIADO, B. **Testo Yonqui**. Madrid: Espasa Calpe, 2008.

_____. **Manifesto Contrassexual**. São Paulo: n-1 edições, 2014.

PRECIADO, Paul B. "**Cartografias 'Queer**': O 'Flâneur' Perverso, A Lésbica Topofóbica e A Puta Multicartográfica, Ou Como Fazer uma Cartografia 'Zorra' com Annie Sprinkle". *eRevista Performatus*, Inhumas, ano 5, n. 17, jan. 2017.

REIS, Cristina D'Ávila. **O uso da metodologia queer em pesquisa no campo do currículo**. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (Org.). *Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

RUBIN, Gayle. **The Traffic in Women**: Notes on the "Political Economy" of Sex. In: REITER, Rayna R. *Toward an anthropology of women.* Nova Iorque: Monthly Review Press, 1975. p.157-210.

_____. **Pensando o Sexo**: Notas para uma Teoria Radical das Políticas da Sexualidade. *Cadernos Pagu*, Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, n. 21, p.1-88, 2003.

SARMET, Érica. **Pós-pornô, dissidência sexual e a situación cuir latino-americana:** pontos de partida para o debate. *Revista Periódicus*, Salvador: Grupo de Pesquisa CUS, v. 1, n. 1, p. 258-276, 2014.

SAYÃO, Yara. **Orientação sexual na escola: os territórios possíveis e necessários**. In: AQUINO, Julio Groppa. (Org.). *Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1997, p. 107-117.

SCHAEFER, Eric. **Of Hygiene and Hollywood**: Origins of the esploitation film. In: SCHATZ, Thomas (Ed.). *Hollywood: Critical concepts in Media and Cultural Studies*, Vol. I, 2004, p.161-180.

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul/dez. 1995. p.71-99.

SENA, Tito**. Uma análise dos discursos sobre corpo e gênero contidos nas enciclopédias sexuais publicadas no Brasil nas décadas de 80 e 90**. Dissertação (Mestrado em Psicologia)

– Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Florianópolis, 2001.

SIERRA, Jamil Cabral. **Corpo, sexualidade e poder:** a homossexualidade na mídia e as biopolíticas de prevenção contra a AIDS. *Revista Textura*, ULBRA. Canoas, n. 28, maio/ago. 2013a. p. 111 – 128.

_____. **Marcos da vida viável, marcas da vida vivível:** o governamento da diversidade sexual e o desafio de uma ética/estética pós-identitária para a teorização político educacional LGBT. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Programa de Pós-Graduação em Educação. Curitiba, 2013b.

SIERRA, Jamil Cabral; NOGUEIRA, Juslaine Abreu. **Notas sobre posteridades da parresia cínica no cinema brasileiro contemporâneo**: sexualidade e loucura em cena. In: LESNOVSKI, Ana; WOSNIAK, Cristiane (Org.). *Olhares: audiovisualidades contemporâneas brasileiras.* Campo Mourão: Fecilcam, 2016, p. 99 – 120.

SIERRA, Jamil Cabral; NOGUEIRA, Juslaine Abreu; MIKOS, Camila Macedo Ferreira. ***Paris still burning?*** – sobre o que a noção de performatividade de gênero ainda pode dizer a um cinema *queer*. *Revista Textura,* ULBRA. Canoas, v. 18, n. 38, set./dez. 2016. p. 26 – 49.

SILVA, Jackson Ronie Sá da. **"Homossexuais são...":** revisitando livros de medicina, psicologia e educação a partir da perspectiva *queer*. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Vale do Rio do Sinos, Programa de Pós-Graduação em Educação. São Leopoldo, 2012.

SPARGO, Tamsim. **Foucault e a Teoria *Queer***. Rio de Janeiro: Pazulin; Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2006.

STEVENSON, Jack. **Scandinavian Blue:** The Erotic Cinema of Sweden and Denmark in the 1960s and 1970s. Jefferson, North Carolina and London: McFarland & Company, 2010.

TAYLOR, Chloë. **Pornographic Confessions?** Sex Work and Scientia Sexualis in Foucault and Linda Williams. *Foucault Studies*, N. 7, p. 18-44, set. 2009.

TORRES, Diana J. **Pornoterrorismo**. Oaxaca de Juárez: Surplus ediciones, 2013.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Olhares...**. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). *Caminhos Investigativos: novos olhares na pesquisa em educação*. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p.23-38.

XAVIER, Ismail. **O discurso cinematográfico**: a opacidade e a transparência. 3 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

WILLIAMS, Linda. **Hard Core**: Power, pleasure, and the "frenzy of the visible". Los Angeles, University of California Press, 1989.

_____. **Film Body:** An Implantation of Perversions. *Ciné-Tracts: A Journal of Film and Culture Studies,* v. 3, n. 4, p.19-35 ,winter 1981.

_____. **Screening Sex.** Durham e Londres: Duke University Press, 2008.